

ACADÊMICA

Série

Waldecir Gonzaga
Lúcia Pedrosa-Pádua
Organizadores

CAMINHOS DA ANTROPOLOGIA TEOLÓGICA INTEGRADA

**Homenagem a Alfonso García Rubio
em seus 90 anos**

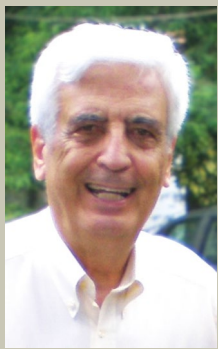
LETRACAPITAL

Quem de nós não se debruçou nessa obra fundamental para a antropologia teológica, *Unidade na Pluralidade*, alimentando-se intelectual, existencial e espiritualmente?

Quantas e quantas pessoas, por esse Brasil afora e mesmo no exterior, não se deliciaram com a clareza teológica e com a metodologia temperada de humor, referindo-se a avós, umbigos e lenços, só para ficar aqui restrito aos famosos recursos pedagógicos, por certo, antropológicamente fundamentados?

É impossível não reconhecer o esforço por transmitir o conhecimento acadêmico em linguagem pastoralmente acessível, como é o caso do livro *Elementos de Antropologia Teológica. Salvação cristã: salvos de quê e para quê?*, no qual, em formato de diálogo, nosso teólogo se apresenta como o Velho a conversar com amigos a respeito das inquietações antropológicas.

Porque antropologia e cristologia se encontram e se iluminam mutuamente, o livro *O encontro com Jesus Cristo vivo* recebeu inúmeras edições, alimentando cursos, retiros e, é claro, leituras pessoais.”



(...) A própria vida de Alfonso García Rubio é a sua melhor apresentação. Seus livros e artigos, a comunidade do Anil, as pessoas que participam de seus cursos e assessorias, bem como as pessoas que deixam neste livro seus testemunhos e suas reflexões, todas, é claro, aprendidas com o

homenageado, são a melhor apresentação.

Este livro contém um relato biográfico, reflexões exatamente sobre a antropologia integrada e testemunhos de pessoas para quem a presença de Alfonso García Rubio, como amigo e mestre, foi decisiva. São, como saborearemos, textos que articulam mente e coração, fala agradecida com estilo de pesquisa acadêmica, amizade e discipulado.

Dom Joel Portella Amado



Com alegria e gratidão o Departamento de Teologia vê sair à luz esta obra em homenagem ao Pe. Alfonso García Rubio, professor emérito da PUC-Rio, por ocasião dos seus 90 anos de idade.

Colaborador na fundação do Departamento de Teologia (1968) e no reconhecimento da Faculdade Eclesiástica de Teologia da PUC-Rio – graduação e pós-graduação (1972). Incansável na formação teológico-pastoral de inúmeras gerações, até os dias de hoje. São milhares de cristãos e cristãos espalhados pelas comunidades de todo o Brasil, e mesmo fora, tocados por suas obras, cursos e bem-humorada convivialidade.

Vários autores e autoras contribuíram, com prazer, na realização desta justa e merecida homenagem. A eles, o nosso agradecimento.

Os organizadores:

Waldecir Gonzaga

Lúcia Pedrosa-Pádua

Waldecir Gonzaga
Lúcia Pedrosa-Pádua
Organizadores

CAMINHOS DA ANTROPOLOGIA
TEOLÓGICA INTEGRADA
*Homenagem a Alfonso García Rubio
em seus 90 anos*

LETRACAPITAL

Copyright © Waldecir Gonzaga e Lúcia Pedrosa-Pádua (Orgs.), 2024

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida,
sejam quais forem os meios empregados, sem a autorização
prévia e expressa do autor.

EDITOR

João Baptista Pinto

CAPA

Luiz Guimarães

PROJETO GRÁFICO/EDITORAÇÃO

Luiz Guimarães

PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS E REVISÃO

Bia Gross

Reimpressão - Setembro 2025

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C191

Caminhos da antropologia teológica integrada [recurso eletrônico] : homenagem aAlfonso García Rubio em seus 90 anos / organização Waldecir Gonzaga, Lúcia Pedrosa-Pádua. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Letra Capital, 2026.

Recurso digital ; 5 MB

Formato: epdf

Requisitos do sistema: adobe acrobat reader

Modo de acesso: world wide web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5252-329-7 (recurso eletrônico)

1. Rubio, A. G (Alfonso García), 1934-. 2. Antropologia teológica. 3. Livros eletrônicos. I. Gonzaga, Waldecir. II. Pedrosa-Pádua, Lúcia

26-105030.0

CDD: 233

CDU: 2-18

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

07/05/2026 08/05/2026

<http://dx.doi.org/10.56257/lcbk.978-65-5252-329-7>

LETRA CAPITAL EDITORA
Tels. (21) 3553-2236 / 2215-3781
www.letracapital.com.br

Conselho Editorial

Série Letra Capital Acadêmica

Ana Elizabeth Lole dos Santos (PUC-Rio)
Beatriz Anselmo Olinto (Unicentro-PR)
Carlos Roberto dos Anjos Candeiro (UFTM)
Claudio Cezar Henriques (UERJ)
Ezilda Maciel da Silva (UNIFESSPA)
João Luiz Pereira Domingues (UFF)
João Medeiros Filho (UCL)
Leonardo Agostini Fernandes (PUC-Rio)
Leonardo Santana da Silva (UFRJ)
Lina Boff (PUC-Rio)
Luciana Marino do Nascimento (UFRJ)
Maria Luiza Bustamante Pereira de Sá (UERJ)
Michela Rosa di Candia (UFRJ)
Olavo Luppi Silva (UFABC)
Orlando Alves dos Santos Junior (UFRJ)
Pierre Alves Costa (Unicentro-PR)
Rafael Soares Gonçalves (PUC-RIO)
Robert Segal (UFRJ)
Roberto Acízelo Quelhas de Souza (UERJ)
Sandro Ornellas (UFBA)
Sergio Azevedo (UENF)
Sérgio Tadeu Gonçalves Muniz (UTFPR)
Waldecir Gonzaga (PUC-Rio)

Sumário

Prólogo	9
<i>Waldecir Gonzaga</i>	
<i>Lúcia Pedrosa-Pádua</i>	
Apresentação.....	11
<i>Dom Joel Portella Amado</i>	
Parte I. Caminhos integrados de uma vida	19
Breve memória biográfica	21
<i>Alfonso García Rubio</i>	
Um novo clima da teologia conciliar: Pe. Alfonso García Rubio Memória do Departamento de Teologia da PUC-Rio	26
<i>Mons. Gilson Silveira</i>	
Vida e atuação acadêmica do Prof. Dr. Pe. Alfonso García Rubio..	29
<i>Waldecir Gonzaga</i>	
Dimensão pastoral da reflexão teológica de Alfonso García Rubio...	43
<i>Solange Martins Jordão</i>	
Círculo do Rio: um legado acadêmico-pastoral de Alfonso García Rubio.....	61
<i>Lúcia Pedrosa-Pádua</i>	
<i>Celso Pinto Carias</i>	
<i>Maria Carmen Castanheira Avelar</i>	
Parte II. Caminhos da antropologia teológica integrada	75
1. Deus na Universidade	77
<i>Mario de França Miranda</i>	
2. Cuidar da casa comum, que sofre, geme e chora, à luz da Teologia Bíblica da <i>Laudato Sí'</i> e Rm 2,28	94
<i>Waldecir Gonzaga</i>	
3. Antropologia teológica integrada e sua dimensão cósmica. Diálogos entre A. García Rubio e A. Gesché.....	114
<i>Lúcia Pedrosa-Pádua</i>	

4. Reino de Deus e discipulado hoje: uma Igreja em saída “Abre-te, vê e caminha”	137
<i>Marcos Antonio de Santana</i>	
5. Mujeres e Iglesia – Aportes desde la antropología feminista ...	161
<i>Olga Consuelo Vélez</i>	
6. Como a teologia de Alfonso García Rubio me ajudou na formulação do <i>princípio pluralista</i>	181
<i>Claudio de Oliveira Ribeiro</i>	
7. Sexualidade e salvação: realidades opostas?	204
<i>Maria Joaquina Fernandes Pinto</i>	
8. Reflexões sobre o perdão: inspirações teológicas a partir de uma experiência vivida em sala de aula.....	226
<i>Marco Antonio G. Bonelli</i>	
9. No altar da vida: santidade é vocação de todos	247
<i>Maria Carmen Castanheira Avelar</i>	
10. Vida e morte: dois lados da mesma moeda.....	265
<i>Celso Pinto Carias</i>	
11. Uma Igreja em Kénose O lugar da humildade como condição para o diálogo com o pensamento evolucionista	281
<i>Ana Maria Tepedino</i>	
Parte III. Depoimentos	301
1. Décadas de dedicação ao ensino e ao despertar da fé de tantas pessoas e comunidades	302
<i>Dom Zanoni Demettino Castro</i>	
2. Caríssimo professor Pe. Dr. Alfonso García Rubio!	305
<i>Dom José Roberto Fortes Palau</i>	
3. El privilegio de contar con el Padre Alfonso García Rubio	307
<i>Fábio Antunes do Nascimento</i>	

4. Carta de agradecimento da Comunidade da Capela de São Pedro ao amigo especial Alfonso García Rubio	308
<i>Comunidade da Capela de São Pedro, por ocasião da Eucaristia em Ação de Graças pelos 90 anos do Pe. Alfonso</i>	
5. A importância de Pe. Alfonso na comunidade de São Pedro do Canal do Anil	311
<i>Isabel Maria Fernandes da Silva</i>	
6. Uma nova caminhada.....	313
<i>Sadi Herculano Filho</i>	
7. Alfonso García: um amigo indescritível e presença teologal no Povo de Deus	315
<i>Medoro de Oliveira Souza Neto</i>	
8. Testimonio sobre el Prof. Alfonso García Rubio	318
<i>Orlando Oscar Espín</i>	
9. Meu encontro com Alfonso García Rubio	321
<i>Cesar Kuzma</i>	
10. Uma estrela na minha vida.....	323
<i>Ivana Bartl</i>	
11. Ao mestre, toda a minha gratidão!	325
<i>Jari Furtado</i>	
12. O encontro que mudou minha vida	327
<i>Sonia Maria Marques de Souza Cosentino</i>	
13. Um grande amigo.....	330
<i>Lúcia Alcoforado</i>	
14. Alfonso García Rubio: humano integrado	332
<i>Bruno da Silveira Albuquerque</i>	
15. Mestre e comunicador, pastor, amava as gentes das comunidades	334
<i>Jonathan Bahia</i>	

16. García Rubio, o teólogo da antropologia de integração.....	337
<i>Júlio da Costa Santa Bárbara</i>	
17. Mais do que uma referência, uma inspiração.....	340
<i>Joel Sávio</i>	
18. O legado ecumênico da vida e obra de	
Alfonso García Rubio	342
<i>Carlos André Mariano de Oliveira</i>	

Prólogo

Com grande alegria o Departamento de Teologia vê sair à luz esta obra em homenagem ao Pe. Alfonso García Rubio, professor emérito da PUC-Rio, por ocasião dos seus 90 anos de idade.

Expressamos nossa gratidão a esse professor cuja ação foi muito importante na fundação do Departamento de Teologia da PUC-Rio (1968) e no reconhecimento da Faculdade Eclesiástica de Teologia da PUC-Rio – graduação e pós-graduação (1972). Atuou como professor e diretor do Departamento, criou grupos acadêmicos como o Círculo do Rio, contribuiu com a manutenção da elevada qualidade do curso de teologia. Incansável no trabalho de formação teológica em pequenos grupos e minicursos ministrados fora do espaço da Universidade. Tudo isso ao longo de mais de sessenta anos de dedicação à teologia, sempre articulada com o trabalho pastoral.

A grande contribuição teológico-pastoral do Pe. Alfonso García Rubio é difícil de ser sintetizada em poucas palavras. Leitores e leitoras poderão conhecer e saborear algo dela nas páginas deste livro. Os frutos da vida do Pe. Alfonso são visíveis em suas obras publicadas, algumas das quais se tornaram referência, especialmente nas áreas da Cristologia e da Antropologia Teológica – uma Antropologia Teológica integrada. Os frutos igualmente se manifestam no trabalho de milhares de pessoas que, de alguma forma, entraram em contato com ele. Cristãs e cristãos espalhados pelas comunidades de todo o Brasil, e mesmo fora dele, atuando em diversos ministérios eclesiais.

Este livro é apenas um sinal da contribuição do Pe. Alfonso García Rubio e da gratidão a este bem recebido.

Os organizadores:
Waldecir Gonzaga
Lúcia Pedrosa-Pádua

Apresentação

Apresentação de uma vida que dispensa apresentações

Falar de Alfonso García Rubio nos remete necessariamente ao final da década de 1950, período em que pelo menos três acontecimentos nos ajudam a entender a vida que, com esta obra, desejamos celebrar.

Em 1958, o jovem filho de El Berro, Espanha, era ordenado sacerdote. Um ano antes, em 1957, Karl Rahner indicava que a reflexão teológica de então, embora tivesse o ser humano entre os seus objetos de estudo, não possuía uma reflexão orgânica sobre ele. Em 1959, o jovem padre desembarcava no Rio de Janeiro, para colocar em prática o sonho de um ambiente cultural e eclesial aberto a novos horizontes. Alguns meses mais tarde, em janeiro de 1961, o papa João XXIII convocava um concílio para refletir sobre os caminhos da Igreja no mundo contemporâneo. É, portanto, de se perguntar ao próprio Alfonso García Rubio até que ponto ele tinha clareza de que sua vida, como homem, padre e teólogo, estaria ligada à confluência desses acontecimentos.

Convidado a vir para o Brasil, o jovem padre e teólogo aceitou a tarefa de fazer o Vaticano II conhecido e aplicado entre nós. Para isso, daria aulas no Seminário do Rio de Janeiro e prestaria ajuda teológica ao então arcebispo, cardeal Jaime de Barros Câmara. Era necessário estudar, ler, resumir, discernir e, é claro, preparar as aulas, para que elas não fossem apenas a reiteração teológica do que até então era refletido e repassado. Como narra em sua biografia, o jovem padre participa do salto de levar o curso de teologia das aulas no seminário arquidiocesano para a universidade, inserindo-o nas dinâmicas da convivialidade e da abertura à interdisciplinaridade. Não se tratava de perder a identidade da teologia, mas de vivê-la em diálogo com as interpelações daquele tempo e dos outros que viriam. Tampouco se tratava de apenas mudar o local das aulas de teologia. Como bem lembra Mons. Gilson Silveira em seu testemunho, era necessário dar uma resposta a um tempo “bastante convulsionado e interrogante”, tendo ao redor e à frente um contexto “bem mais plural”.

Com certeza, uma das maiores dificuldades, no campo da antropologia teológica, vinha do próprio Vaticano II, que não apresentou uma reflexão sistemática sobre o ser humano. A chave de interpretação, contudo, estava na *Gaudium et spes*, que, em seu número 22, fincava um princípio que marcou a vida pessoal e teológica de Alfonso García Rubio: “o mistério do ser humano só se torna claro verdadeiramente no mistério do Verbo Encarnado”. A cristologia, desse modo, se solidificava critério de discernimento para toda a teologia e chave de compreensão para a identidade do ser humano.

E, assim, se iniciou uma trajetória que ininterruptamente vem até nossos dias. O jovem padre e teólogo descobria cada vez mais a impossibilidade de pensar teologicamente Jesus Cristo se de tal reflexão não se tirassem consequências para o ser e o agir de homens e mulheres de nosso tempo. Descobria igualmente que o avanço na reflexão sobre o ser humano ajudava cada vez mais a compreender o mistério de Jesus Cristo, sem dualismos nem oposições.

Desse entroncamento, surgiria uma vida tão marcada pelo serviço à teologia, seu estudo e sua transmissão, que, embora visitando exaustivamente os buscadores mais conhecidos da internet, não encontramos uma biografia de Alfonso García Rubio, mas sim uma lista, uma longa lista, de seus livros e artigos. São, de fato, inúmeras publicações, principalmente nos campos da antropologia teológica e da cristologia, com destaque para a obra *Unidade na Pluralidade. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*, publicada em 1989, com muitas edições até hoje, sempre atualizadas pelo diligente teólogo. Quem de nós não se debruçou nessa obra fundamental para a antropologia teológica, alimentando-se intelectual, existencial e espiritualmente? Quantas e quantas pessoas, por esse Brasil afora e mesmo no exterior, não se deliciaram com a clareza teológica e com a metodologia temperada de humor, referindo-se a avós, umbigos e lenços, só para ficar aqui restrito aos famosos recursos pedagógicos, por certo, antropológicamente fundamentados? É impossível não reconhecer o esforço por transmitir o conhecimento acadêmico em linguagem pastoralmente acessível, como é o caso do livro *Elementos de Antropologia Teológica. Salvação cristã: salvos de quê e para quê?*, no qual, em formato de diálogo, nosso teólogo se apresenta como o Velho a conversar com amigos a respeito das inquietações antropológicas. Porque antropologia e cristologia se encontram e se iluminam mutuamente, o livro *O encontro*

com Jesus Cristo vivo recebeu inúmeras edições, alimentando cursos, retiros e, é claro, leituras pessoais.

Uma trajetória como essa nos leva a perguntar pelos motivos de tamanha importância dada à antropologia teológica, buscando entender em que sentido a reflexão de Alfonso García Rubio foi decisiva. Até o período pós-conciliar, como destacou Karl Rahner, a teologia falava sobre o ser humano afirmando a radical gratuidade do amor de Deus, a resposta humana marcada pelo pecado e a redenção em Jesus Cristo. Faltava, porém, a aplicação desse núcleo teológico às grandes questões humanas que, na segunda metade do século XX, tornavam-se cada vez mais agudas. Haverá ou não uma palavra da fé para a afetividade, o trabalho, as relações com a natureza, a sexualidade, a política e tantos outros aspectos?

Era, desse modo, necessário dialogar com as inquietações do tempo presente, estabelecendo pontes entre elas e os dados da fé, mostrando acima de tudo que a palavra da antropologia teológica, exatamente por ser antropológica, não fica restrita aos bancos de nossas faculdades de teologia, nem muito menos às nossas sacristias. Ao contrário, pensar e fazer antropologia teológica, assim como pensar e fazer teologia, é dialogar com o hoje de pessoas e povos, escutando suas alegrias e angústias, apontando luzes, ajudando a discernir caminhos. Afinal, “ninguém acende uma lâmpada para, em seguida, a colocar sob um caixote” (Mt 5,15).

O encontro do dado de fé com a indagação antropológica pode ser traduzido em uma expressão tão querida ao nosso homenageado: “subjetividade aberta”. Para além de todos os tempos e espaços, em meio à variedade de culturas, o princípio permanece: o ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, é chamado a estabelecer relações profundas, gratuitas e ininterruptas com os outros seres humanos, com a criação, consigo mesmo e com Deus. Criado à imagem e semelhança do Deus-Trindade, Deus-Amor, Deus-Relação, o ser humano, que recebe o dom de assim ser constituído, percebe-se diante da tarefa de avançar na história como uma subjetividade aberta, ou seja, amiga, fraterna, dialogal, relacional. É exatamente em razão do oposto, ou seja, da subjetividade fechada, autorreferencial, narcisística, ensimesmada, prepotente, que encontramos as mais variadas formas de agressão à vida, incluindo a vida do próprio planeta.

É por isso que aquele entroncamento histórico do final da década de 1950 não se tornou obsoleto, mas, ao contrário, se torna cada vez mais atualizado. Afinal, vivemos um tempo de “globalização da indiferença”,

como indicou o papa Francisco em 2013, na ilha mediterrânea de Lampedusa, expressão que ele depois consolidou em sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (EG n. 54), uma espécie de bússola para a Igreja do nosso tempo.

De fato, celebramos os 90 anos de Alfonso García Rubio em um tempo repleto de perplexidades, um tempo em que há pobres, excluídos, marginalizados, vítimas da fome e da guerra, dos abusos de todo tipo, do aborto, da ganância e do satânico comércio de armas, drogas e pessoas; tempo em que experimentamos as sequelas da corrupção, das polarizações, do uso do nome de Deus como fonte de lucro e, enfim, tantas outras mazelas bem conhecidas nossas. O bom é que também experimentamos a alegria do encontro, a presença dos amigos, a fortaleza que vem de uma história de resiliência sobre resiliência, de esperança em esperança.

Quando há cerca de 30 anos, nosso homenageado ratificou seu caminhar pastoral com a comunidade S. Pedro do Anil, região periférica do bairro carioca de Jacarepaguá, encontrou uma pequena capela resistindo ao tempo e à fragilidade do terreno, apoiada em estacas de madeira e em uma comunidade afetuosa e batalhadora. Daquele encontro, surgiu não apenas um prédio bonito, acolhedor, preparado para a vida pastoral da igreja do pós-concílio, mas, acima de tudo, uma comunidade muito mais fortalecida exatamente na subjetividade aberta, relacional, fecunda, envolvente. Talvez alguém diga que os pobres não estão interessados em subjetividades abertas ou fechadas e que isso é coisa de gabinete teológico. Que tal pessoa visite a comunidade S. Pedro do Anil e entenda melhor os próprios pobres, a teologia e a antropologia.

Essa é a razão pela qual me alegro em cumprir a tarefa de apresentar esta obra. É, como sabemos, uma tarefa desnecessária, pois, afinal, a própria vida de Alfonso García Rubio é a sua melhor apresentação. Seus livros e artigos, a comunidade do Anil, as pessoas que participam de seus cursos e assessorias, bem como as pessoas que deixam neste livro seus testemunhos e suas reflexões, todas, é claro, aprendidas com o homenageado, são a melhor apresentação.

Este livro contém um relato biográfico, reflexões exatamente sobre a antropologia integrada e testemunhos de pessoas para quem a presença de Alfonso García Rubio, como amigo e mestre, foi decisiva. São, como saborearemos, textos que articulam mente e coração, fala agradecida com estilo de pesquisa acadêmica, amizade e disciplinado.

Solange Jordão nos ajuda a fazer a passagem do relato biográfico que nosso homenageado nos apresenta. Em seu texto, a autora indica, por exemplo, as diversas facetas que aquele sonho tão alimentado e fortalecido na década de 1950 acabou por gerar: aulas, cursos, retiros, comunidade, formação e incontáveis amizades. Seu relato abre portas para os demais textos, todos marcados pelo fio condutor desta obra: o legado antropológico e por isso mesmo acadêmico e existencial de Alfonso García Rubio.

É um legado com pelo menos duas características: a pesquisa e a convivialidade. É fato que pesquisar, fazer ciência possui alguns momentos de solidão no sentido de que o pesquisador e a pesquisadora são convocados a se debruçarem sobre seus objetos de estudo para discernir caminhos e identificar conclusões. Mas esta é apenas uma etapa, pois, em rígidos termos antropológicos, o autêntico saber sempre impulsiona ao encontro, ao diálogo, ao convívio.

Por isso, Celso Pinto Carias, Lúcia Pedrosa-Pádua e Maria Carmen Avelar apresentam o Círculo do Rio como experiência relevante, capaz de permitir a permanência no estudo e, até quando foi possível, na produção acadêmica em comum. Será muito interessante comparar o relato sobre o Círculo do Rio com as vivências da Comunidade do Anil, com seus retiros, suas reuniões quinzenais e seus processos de discernimento. É a mesma circularidade antropológica a ocorrer em contextos diferentes. É a certeza de que a antropologia teológica ensinada por Alfonso García Rubio não se restringe a um aspecto da vida nem a um ambiente sociocultural. Por ser antropologia, é humana e diz respeito a todos e todas.

Essa é a linha de continuidade com a qual acolhemos o texto de Lúcia Pedrosa-Pádua, que nos recorda o caráter indispensável da conexão entre o estritamente humano e o restante da criação. Ao nos recordar o aspecto ecológico da antropologia de nosso homenageado, a autora mantém abertos nossos horizontes para as relações entre o ser humano, a natureza, a história, a filosofia e as novas ciências. A partir de seu texto, reconhecemos a importância de nos indagarmos se as diversas crises especificamente ligadas a cada um dos aspectos destacados não são, na verdade, todas elas crises antropológicas, facetas de uma única e grande crise antropológica própria de mudanças de época como a vivida atualmente.

Por tudo isso, há de se pensar que o caminho pastoral para uma antropologia que se queira verdadeiramente integral é o que Marcos Antônio Santana, em seu texto, recorda, a partir do papa Francisco, com a expres-

vão “Igreja em saída”. Se há um dado indispensável a se pensar a respeito do ser humano e de toda a ação evangelizadora, esse dado é a *alteridade*. Na medida em que o ser humano foi criado pela e para a Alteridade Radical, não há como pensar a ação evangelizadora se não for em chave de alteridade, superando as propostas de vida e pastoral marcadas pela autorreferencialidade, contemplação do “próprio umbigo”, como nosso homenageado insiste em detalhar ao longo de suas aulas e palestras.

É por isso que, em seu texto, Maria Joaquina Fernandes nos recorda o sentido autêntico de sexualidade como impulso ao encontro interpessoal profundo e gratuito. Ser Igreja em saída é trabalhar por uma nova ordem amorosa, como condição irrenunciável para qualquer projeto que se queira humano e global.

Na medida em que somos capazes de concretizar o encontro interpessoal, experimentamos o fecundo esvaziamento do nosso eu, não, porém, como negação de nós mesmos, mas como condição para o encontro que realiza, fortalece o sentido e abre para o mais além. É um esvaziamento para o encontro. É um abrir espaço a ser preenchido pela presença do outro, da outra, dos outros, das outras, do Outro Radical. Isso acontece, bem sabemos, até o último suspiro, quando então seremos acolhidos pela Alteridade que nos criou à sua imagem e semelhança. Foi isso que Ana Maria Tepedino sonhou, viveu, ensinou, transmitiu e hoje, na saudade, continua a fazê-lo.

A lembrança saudosa de Ana Maria Tepedino nos coloca diante do desafio da morte, enfrentado no artigo de Celso Pinto Carias. À luz da articulação entre antropologia e escatologia, o autor nos recorda que, dentre as questões mais humanas, a morte é inegavelmente uma delas, cabendo à ação evangelizadora o desafio de transformar o pavor diante de um monstro desconcertante em fascínio pelo encontro com o Outro Radical, fonte e meta de toda alteridade.

Por certo, não é fácil viver a alteridade. Conhecemos por experiência própria os desafios e entraves a serem vencidos, a começar por nossa própria ambiguidade. O texto de Olga Consuelo, ao refletir sobre a mulher e sua missão na Igreja recorda a dimensão dos desafios, tão agudos nesses tempos de sinodalidade. O importante, porém, nos recorda Cláudio de Oliveira Ribeiro, é a manutenção do diálogo com o mundo que aí está, buscando manter viva a relação entre teologia e pastoral, superando dualismos (nunca é demais recordar!!!), em busca de uma

espiritualidade que seja integrada e integradora. Nosso tempo põe às claras a pluralidade de situações, visões e possibilidades de existência. Importa, como intitulado na obra maior de nosso homenageado, viver sempre a “unidade na pluralidade”.

É isso que os diversos testemunhos ratificam. Eles são expressões que emergem do discipulado que se tornou admiração, que se tornou amizade. O professor cativante, o padre preocupado com o crescimento de cada pessoa, o pedagogo em sala de aula e na missa falou às mentes e aos corações de líderes comunitários e executivos. Tem falado a padres, bispos e pastores, a homens afastados da vida de fé e a mulheres que, no convívio, se descobriram transformadas pela fé. “Viver é, por essência, aventurar” nos diz um dos testemunhos. E aventurar não é um ato a esmo, mas, ao contrário, possui uma direção bem específica: a da alteridade. Afinal, alteridade não tem limites. Se não é radicalmente aberta ao encontro intersubjetivo, é falácia, ainda que os discursos sobre ela possam até primar pela eloquência. Essa é a razão de, junto a textos de vertente mais acadêmica, encontrarmos também testemunhos. O que os textos explicam os testemunhos ratificam e vice-versa.

E, se, ao final da leitura, alguém se esquecer do legado especificamente acadêmico de Alfonso García Rubio, os artigos de Waldecir Gonzaga e Mario de França Miranda nos recolocam no eixo de toda essa obra. O primeiro artigo, baseado especificamente na Plataforma Lattes, apresenta o que podemos chamar de currículo oficial do nosso homenageado. Como sabemos, a Plataforma Lattes é um sistema utilizado no Brasil para o registro e a divulgação de informações sobre atividades acadêmicas e científicas de pesquisadores, professores, estudantes de pós-graduação e instituições de pesquisa. Alimentada por cada pesquisador, esta Plataforma é o instrumento oficial para a compreensão da vida acadêmica em nossos país.

No caso de nosso homenageado, os números impressionam, ainda que, nas palavras de Mario de França Miranda, a tarefa confiada aos teólogos que labutam na universidade seja “enorme, complexa e difícil”. Isso acontece porque não se trata de pensar a teologia voltada apenas para si mesma. Possuidora de uma identidade científica própria, a teologia, no entanto, não resiste por muito tempo se caminha pelas sendas da autocontemplação. Para ser efetivamente teologia, precisa ser um discurso sobre Deus enquanto Ele se revela na história da salvação, en-

quanto, recorda Mario de França Miranda, é “Deus voltado para nós”. Por isso, é tão importante que a teologia esteja na universidade, em diálogo ininterrupto com os demais ramos do saber, buscando contínuas pontes entre a fé e a razão, entre a especificidade e as interpelações cotidianas de pessoas, grupos e povos, ou seja, teologia em chave de alteridade.

Por tudo isso, estamos diante de uma obra que, antes de ser acadêmica em sentido estrito do termo, é biográfica. Pergunto-me, entretanto, se podemos realmente distanciar tanto academia de biografia sem cair no dualismo tão criticado por nosso homenageado. Não deve a academia se preocupar com tudo que diz respeito à vida de pessoas e povos? Não é exatamente da vida que a academia tira sua seiva, a qual, alimentada pela graça de Deus, produz incontáveis frutos?

São textos diferentes nos enfoques e no estilo. E não poderia ser de outra maneira. Afinal, são um convite para olharmos, a partir da vida e da obra de Alfonso García Rubio, a beleza do encontro interpessoal com a criação e, mais ainda, com o Outro Radical. A leitura dos artigos pode ser feita obedecendo à sequência com que estão dispostos ao longo do livro ou realizada de modo aleatório, pois em cada artigo, ainda que de forma diferente, é possível encontrar a presença antropológica de nosso homenageado.

Em tempos de *alterofobia*, como nos lembra o texto-base da Campanha da Fraternidade deste ano, campanha que é expressão de uma Igreja altamente comprometida com a vida e as dores de todas as pessoas, o texto que aqui nos é oferecido se apresenta como uma grande chance para ratificarmos em nós, em nossas comunidades e na sociedade como um todo que vale a pena sair de si e migrar rumo ao encontro com as outras pessoas, cada uma das quais imagem e semelhança do Deus-Amor.

Dom Joel Portella Amado
Bispo Diocesano de Petrópolis

PARTE I
Caminhos integrados de uma vida

Breve memória biográfica

Alfonso García Rubio¹

Começarei com alguns dados biográficos. Nasci em 1934, numa aldeia – El Berro – situada na encosta de um morro que faz parte do maciço de Sierra Espuña (Alhama de Murcia – Espanha). Meus pais, Miguel e Adoración, moravam, na ocasião, em Madri, mas decidiram que para o meu nascimento o melhor era trasladar-se para a casa dos avós maternos (e paternos) residentes em El Berro. Ainda bebê fui levado para Madri, onde ficamos pouco tempo, pois logo estourou a trágica Guerra Civil Espanhola (1936-1939). O apartamento em que moravam foi destruído pelos bombardeios e meus pais, com minha irmã Josefina e eu, nos refugiamos na casa dos avós, na montanha.

Finalizada a guerra, fomos morar perto da cidade de Orihuela (Alicante), num pequeno distrito chamado Hurchillo. É lá que fui iniciado nas primeiras letras e na catequese infantil. Com sete anos de idade, fiz a Primeira Eucaristia. Reconheço que não foi uma experiência marcante. Acho que era criança demais (7 anos) para perceber o significado do sacramento.

Na opinião do meu pai, e na minha também, o professor da escola pública de Hurchillo não era grande coisa como docente. E, assim, meu pai procurou matricular-me em outro distrito próximo chamado Arneva, a um quilômetro e meio de distância. De fato, o professor da escola em Arneva, de nome Rogelio, era um excelente educador. Foi ele quem me ajudou no desenvolvimento do meu gosto pela leitura e pela procura do conhecimento, em geral. A estrada que unia Hurchillo a Arneva, de um quilômetro e meio, era de terra naquele tempo. Toda manhã, de segunda a sexta, percorria, alegremente, a distância entre os dois distritos, carregando numa mochilinha o livro e os cadernos, bem como a merenda-almoço. Digo alegremente porque eu gostava muito da escola. O período era integral e a escola não tinha como oferecer a alimentação dos alunos. Eram tempos difíceis, no imediato pós-guerra.

¹ Nota dos organizadores: texto extraído da Introdução à obra *A caminho do futuro – Um itinerário teológico-pastoral na Igreja do Brasil*, de Alfonso García Rubio, ainda não publicada quando da edição deste livro em sua homenagem.

Os três anos que passei frequentando essa escola foram decisivos para o meu futuro.

Com 12 anos de idade, em 1946, ingressei no Seminário Menor da diocese de Orihuela (Alicante – Espanha). A preparação com o professor Rogelio tinha sido tão boa que, no primeiro ano, obtive matrícula de honor em todas as matérias. Cursei nesse estabelecimento de ensino os cinco anos de Humanidades, como então era chamado o curso secundário. O Seminário era de estilo tridentino. Muitas normas e muita disciplina. Com pouca espiritualidade autêntica. Muita reza, mas o encontro vivo com Jesus Cristo deficiente. E a dimensão afetiva, muito descuidada.

Os três anos de Filosofia (1950-1953) foram cursados, já no Seminário Maior, também em Orihuela. A orientação era tipicamente neoescolástica, com uma notável exceção: o professor de Cosmologia, homem inquieto e aberto ao que acontecia no mundo, que nos introduziu no universo novo da física atômica. Era o ano de 1952. O estudo da composição do átomo me fascinou. Foi o início da minha curiosidade e do meu desejo de aprofundar um pouco no conhecimento científico.

No terceiro ano de Filosofia, atendendo ao apelo do papa Pio XII, que pedia insistentemente às nações católicas da Europa o envio de sacerdotes para América Latina, apresentei-me como voluntário. Foi uma decisão motivada, quero crer, pelo desejo de colaborar na tarefa evangelizadora nos países de além-mar, mas, em não menor medida, pelo desejo de fugir de uma estrutura eclesial fechada, que começava a me oprimir.

E assim, em 1954, fui cursar a teologia no Seminário Teológico Hispano-americano, criado pelo Episcopado Espanhol precisamente para preparar sacerdotes que desejavam exercer seu ministério em terras da AL e dos USA. O Seminário, que fazia parte da OCSHA (Obra de Cooperação Sacerdotal Hispano-americana), estava situado no interior do campus da Universidade Central de Madri (hoje, Universidade Complutense).

A mudança foi uma bênção para mim e para os outros colegas que participaram da experiência. O ambiente cultural e eclesial bastante acanhado, próprio das dioceses de origem, foi substituído por uma abertura estimulante a novos horizontes. O reitor do Seminário Teológico Hispano-americano, Dr. Melquiades Andrés, soube reunir um grupo competente de professores e formadores, provenientes de várias universidades europeias, especialmente alemãs e francesas, que representavam, na época, o universo mais atualizado da reflexão bíblica e teológica. No estudo teológico

e na formação humano-cristã, já pudemos vivenciar, na segunda metade da década de 50, as orientações que seriam assumidas pouco tempo depois pelo Concílio Vaticano II. De maneira especial, a formação procurava orientar para uma vivência do significado da teologia da encarnação. Em consequência, a abertura à realidade, sem preconceitos, era estimulada como elemento básico de toda a formação. Seguindo essa orientação, fiz em 1957, se não me lembro mal, um pequeno estágio na Bélgica para ficar por dentro do dinamismo desenvolvido pelos grupos da JOC (Juventude Operária Católica), especialmente com o método Ver, Julgar e Agir.

É enorme a minha gratidão àquele grupo de excelentes professores e formadores do Seminário Teológico Hispano-americano.

Os estudantes do Seminário Teológico Hispano-americano não escolhiam o país de destino na AL. Parece que, a princípio, eu estava designado para ir a Cuba. Entretanto, já bem adiantado em meu estudo teológico, chegou à OCSHA o pedido do cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, arcebispo do Rio de Janeiro, solicitando o envio de um sacerdote para ajudar a Mons. Penido, que se encontrava doente, a ministrar as aulas de teologia no Seminário Arquidiocesano de S. José, Rio de Janeiro. Eu fui escolhido para esse trabalho.

Fui ordenado presbítero em 20 de setembro de 1958. Uma experiência serena, sem exaltação e sem nenhum tipo de arroubos místicos. Durante uns meses, fiquei na minha diocese de origem, cuidando de uma pequena paróquia rural, enquanto preparava a documentação necessária para a minha vinda ao Brasil.

Desembarquei no porto do Rio de Janeiro em 30 de novembro de 1959, às cinco da tarde, num dia especialmente quente. Fui morar na casa paroquial de S. Pedro do Encantado. Lá tive o primeiro contato pastoral com o povo do Rio de Janeiro. Me senti muito bem acolhido.

Minhas aulas de teologia, no Seminário S. José, começaram em 1960, no início do mês de março. O tratado da Graça foi o primeiro que lecionei. Como resultava bastante incômodo ir e voltar, diariamente, ao Rio Comprido desde o bairro de Encantado, fui morar no Seminário em 21 de abril de 1960, dia da inauguração de Brasília.

Os longos anos vividos no Seminário S. José (aproximadamente 22 anos) como professor e formador foram de grande riqueza para mim. Fui bem acolhido tanto pelos colegas formadores e professores quanto pelos estudantes teólogos, em torno de 80, pertencentes a várias dioceses do

Brasil. Especialmente marcante para mim foi o convívio com Mons. Pe-nido, bom teólogo e professor, que ministrava todas as aulas de teologia sistemática, sacerdote íntegro e pessoa humana madura. Muito fui ajudado por ele nos primeiros anos da minha docência teológica.

E logo chegou o grande acontecimento do Concílio Vaticano II. No Seminário S. José, estávamos numa situação privilegiada, pois além de seguirmos com todo interesse as notícias vindas de Roma, dispúnhamos de informações pessoais, transmitidas pelos numerosos padres conciliares e peritos que se hospedavam no Seminário na ida para Roma e na volta ao Brasil, entre as sessões conciliares. Foram anos de uma efervescência extraordinária.

Em sintonia com o espírito dos documentos conciliares, especialmente os que se referiam à formação dos candidatos ao sacerdócio, nós, os formadores do teologado nos empenhamos, animados, numa revisão e reforma da vida e das estruturas do Seminário. Uma das dificuldades básicas com que nos deparamos era o ambiente bastante fechado em que viviam os estudantes de teologia, com todos os problemas decorrentes.

Foi, então, já em 1966, que o Pe. A. Benkő SJ procurou os responsáveis pela formação do Seminário S. José solicitando a nossa colaboração para fundar uma Faculdade de Teologia na PUC-Rio. O Pe. A. Benkő SJ, diretor da então Faculdade de Filosofia e criador do Departamento de Psicologia da PUC/Rio, percebeu o quanto era necessária a existência de um Curso de Teologia (graduação e pós-graduação), no âmbito universitário. Houve vários encontros dele com os formadores do Seminário, durante 1966 e 1967, para viabilizar a criação do curso de Teologia na PUC-Rio. Junto com o Pe. Benkő, no projeto de implantação desse curso, também participaram, por parte do Seminário, o Pe. Gilson da Silveira, Pe. Castro Pinto e Pe. Celso Pinto (estes dois nomeados bispos, posteriormente) e eu mesmo, todos nós então professores e formadores no teologado do Seminário Arquidiocesano do Rio de Janeiro.

O Curso de graduação em Teologia na PUC/Rio começou a funcionar em 1968, com a primeira turma composta, em grande parte, pelos estudantes de teologia do Seminário S. José. A abertura e o diálogo com o mundo, preconizados pelo concílio, estavam em andamento.

O Curso de graduação e pós-graduação em Teologia da PUC-Rio foi reconhecido pela Santa Sé, em 1972, como Faculdade Eclesiástica. Lembro que, nesse mesmo ano, acompanhei o Pe. Benkő, ao Vaticano, na

visita oficial feita ao cardeal Garrone, então responsável pelas Universidades Católicas, para agradecer esse reconhecimento. O cardeal mostrou-se bom conhecedor da realidade brasileira. Nessa entrevista, muito cordial, ele enfatizou que uma finalidade fundamental da Faculdade de Teologia deveria ser o estudo das realidades da Igreja e da sociedade brasileiras, bem como o desenvolvimento de uma presença viva da reflexão teológica no âmbito da Universidade.

Professor de teologia na PUC-Rio a partir do segundo semestre de 1968, procurei articular o ensino da teologia com a orientação espiritual e pastoral dos seminaristas teólogos do Seminário S. José (Rio de Janeiro), ao mesmo tempo em que apostava decididamente na sua formação humana, especialmente psicoafetiva. As orientações do Vaticano II estiveram muito presentes nessa tarefa.

As minhas prioridades teológico-pastorais, mesmo depois de deixar a missão de formador do teólogo do Seminário do Rio de Janeiro, foram sempre guiadas pelo desejo de unir intimamente a reflexão teológica e a orientação espiritual e pastoral das comunidades eclesiais e dos grupos de vivência que tive o privilégio de acompanhar até hoje. A teologia da encarnação, interiorizada desde os anos fecundos de minha formação no Seminário Teológico Hispano-americano (Madri), me levou rapidamente a prestar muita atenção à realidade eclesial, política, cultural e econômica do Brasil. Mas, isto, me leva já à primeira parte da presente obra.

Um novo clima da teologia conciliar: Pe. Alfonso García Rubio

Memória do Departamento de Teologia da PUC-Rio

Mons. Gilson Silveira²

1. Serei quase telegráfico no que irei dizer sobre o significado da fundação do Curso de Teologia da PUC-Rio no tocante à formação dos futuros padres da Arquidiocese do Rio de Janeiro.³

1968: Com o Concílio Vaticano II (encerrado em 1965) a Igreja abriu portas e janelas.

1968: No Basil, a revolução fechava o ambiente.

Poderia resumir, de maneira pitoresca, na frase pichada num muro da cidade: “Tá tudo muito certinho, mas... Que tá esquisito, tá!”

2. Com o término do Concílio em 1965, percebíamos que “a terra se movia!”.

No seminário, vivemos intensamente o passo a passo de um Concílio, para nós, cheio de surpresas.

As repercussões tinham que ser profundas no seminário, o “coração da diocese”, no dizer do arcebispo Dom Jaime Câmara.

Para nós “formadores”, se havia alguma coisa que julgávamos firme e inexpugnável era a “identidade sacerdotal”: sabíamos “de cor e salteado” o “que é” e “como” deveria ser um padre... “Dos sapatos ao chapéu”, por dentro e por fora! Era, de fato, uma doce ilusão que o Concílio pôs em xeque!

Até mesmo as novas expressões da vida sacerdotal e da sua “identidade” que surgiram aqui e ali, há algum tempo (“padres operários” etc.) causavam entusiasmo em alguns, enquanto outros as consideravam, no máximo, como plantas até que bonitas, mas um tanto exóticas.

² Doutor em Teologia pela PUG-Roma.

³ Nota dos organizadores: este texto foi publicado originalmente com o título Memória do Departamento de Teologia da PUC-Rio em: TEPEDINO, Ana Maria (org.). *Memória, Identidade, Missão*. Teologia da PUC-Rio - 45 anos. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2013, p. 55-57. O título foi adaptado para a publicação em homenagem aos 90 anos do Pe. Alfonso García Rubio.

3. Os próprios textos de filosofia e teologia ainda eram os “manuais em latim” da Universidade Gregoriana (Roma).

Obs.: Monsenhor Penido (Maurilio Teixeira Leite), ao ser convidado, anos antes, para ser professor de teologia no seminário, foi o primeiro a romper com a língua latina. Dizia, com a autoridade que tinha, ser o “maior teólogo brasileiro” pré-conciliar, e com sua eterna fina ironia: “estes meninos pouco entendem de teologia em português, quanto mais em latim!”.

Neste período, chega-nos, como substituto de Mons. Penido, um jovem professor, a convite de Dom Jaime – era um novo clima da teologia conciliar –: Pe. Alfonso García Rubio.

Os textos teológicos começavam a ser os documentos conciliares. Estes colocavam, de modo exemplar, os verdadeiros paradigmas do ministério presbiteral: serviço e amor pastoral, mas isto só é compreendido a partir da fé em Jesus Cristo!

4. Nesta época, choviam pesquisas sobre “vida sacerdotal”, formação, seminários, espiritualidade etc.

- No seminário, as repercussões eram grandes e imediatas.
- Não havia, nem mais podia haver, “temas tabus”.
- Seminários tradicionais chegaram a fechar suas portas ou ameaçavam fazê-lo. Lembro-me de que numa conversa com Dom Eugênio Sales, então cardeal arcebispo, ele disse: “O seminário do Rio não fechará, nem que eu tenha de lá ficar como porteiro!”.

É neste clima bastante convulsionado e interrogante para todos, clima bem mais plural na própria formação do presbítero, que surgiam o Curso e a Faculdade de Teologia na PUC.

5. A “Teologia na PUC” veio como um *caminho providencial*, era indispensável que os jovens seminaristas enfrentassem a nova etapa da vida e do povo brasileiro com uma *formação mais universalista*, em ambiente mais plural, capaz de refletir, bem melhor que no seminário, a realidade do *mundo novo* que se afirmava no Brasil em áreas decisivas: social, política, religiosa e cultural (com efeitos diretos na concepção de sexo, família etc.).

6. O Concílio foi o grande *kairós* da Igreja, mas sabemos que só um processo continuado e não apenas um “evento pontual” geraria as mudanças para o novo estilo de “ser Igreja” e, conseqüentemente, de alguém “ser padre” neste mundo que surgia. Um evento só vinga se for integrado num processo, e foi aí que a Teologia da PUC surgiu como grande ocasião de luz da graça de Deus na formação dos padres do Rio como padres do Vaticano II.

Vida e atuação acadêmica do Prof. Dr. Pe. Alfonso García Rubio

Waldecir Gonzaga⁴

Os dados aqui apresentados, acerca da vida acadêmica do Prof. Dr. Pe. Alfonso García Rubio, em sua grande maioria, têm como fonte o Sistema Currículo Lattes, pelas informações fornecidas por ele em seu CV: <http://lattes.cnpq.br/9995659363482583>, acessado no dia 19 de novembro de 2023, às 9:14:01.

O Pe. García é espanhol: nasceu em 16 de janeiro de 1934, na cidade de Alhama de Murcia, Espanha; foi ordenado sacerdote em 20 de setembro de 1958, em Murcia, Espanha. Em novembro de 1959, veio para o Brasil, a pedido do cardeal Jaime de Barros Câmara, e aqui está radicado e incardinado na Arquidiocese do Rio de Janeiro, Brasil. Dom Jaime precisava de um professor de teologia para ajudar Mons. Penido, que estava doente, com a doença de Parkinson. Em 1960, o Pe. García iniciou o ensino da teologia com o Tratado da Graça. Em seguida, continuou seus estudos de pós-graduação. Possui mestrado em Teologia (1968) e doutorado em Teologia Sistemática (1973), ambos pela Pontifícia Universidade Gregoriana em Roma, Itália.

Em 1968, teve relevante atuação na criação do Departamento de Teologia e na fundação da Faculdade Eclesiástica de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), sendo um dos pioneiros no então recém-formado Departamento de Teologia da PUC-Rio, ao lado do Pe. Antonius Benkő, sacerdote jesuíta, e do Pe. Emanuel Bouzon, sacerdote diocesano. Por muitos anos, atuou na formação do clero da Arquidiocese do Rio de Janeiro, sendo igualmente professor no Seminário Arquidiocesano de São Sebastião do Rio de Janeiro.

No Departamento de Teologia da PUC-Rio, ele ministrou disciplinas de Teologia na graduação e na pós-graduação, especialmente no âmbito da

⁴ Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana. Pós-Doutorado pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE-BH). Diretor e professor do Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Brasil). Criador e líder do Grupo de Estudos Análise Retórica Bíblica Semítica, credenciado junto ao CNPq.

crisologia e da antropologia teológica, com diversas publicações nessas áreas. Na década de 1990, também teve importante atuação na criação do Curso de Teologia a Distância (Curso de Iniciação Teológica), no qual atuou como professor de Crisologia e de Antropologia, com textos-guias próprios, como se pode conferir entre suas publicações neste documento. Foi professor titular do mesmo departamento e, em 2009, recebeu o título de Professor Emérito, permanecendo sempre atuante. Tem vasta experiência na área de Teologia, com ênfase em Teologia Sistemática, com foco, sobretudo, em temas de: antropologia teológica, crisologia, diálogo fé cristã e Modernidade/Pós-modernidade e diálogo fé e ciência.

Em seu Lattes, infelizmente, não encontramos informações acerca de sua vasta atuação e inserção social, nem de sua produção técnica, de suas orientações de monografias (TCCs) e de Pibics, e de supervisões de estágios de pós-doutorado. Porém, sabemos que ele atuou em todas essas áreas. O que se pode presumir é que ele não tenha registrado tais atuações, aliás, como muitos também não o fazem. Isso nos alerta ainda mais para o valor de registrar o máximo de nossa atuação junto ao Lattes e, hoje, mais valorizado ainda com o Orcid, tendo em vista as publicações internacionais. Não obstante isso, sem dúvida, é possível afirmar que seu labor teológico e sua pesquisa sempre estiveram vinculados ao trabalho pastoral, sobretudo em ambientes populares. Por exemplo, ele sempre ministrou cursos intensivos de atualização teológica, prestou assessorias a instituições e orientou retiros para sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos, no Brasil e fora do Brasil, especialmente em outros países da América Latina.

A partir de seu Lattes, do que conhecemos e dos muitos testemunhos, seu intenso magistério teológico destaca-se pela orientação de numerosas dissertações de mestrado (32) e teses doutorais (20). Pe. García investiu bastante em livros (15), artigos (20) e capítulos de livros (8). Alguns de seus livros foram reimpressos várias vezes e têm servido como texto-base para muitos cursos de Teologia e Ciências da Religião, tanto na graduação, como na pós-graduação. Aliás, não apenas se tornaram verdadeiros “manuais” de ensino acadêmico, mas também passaram a fazer parte de editais, vestibulares, Enem, Enade etc. Reconhecidamente, trata-se de um homem que muito colaborou e tem ajudado na reflexão no campo da antropologia teológica e no diálogo entre fé e ciência, escrevendo livros e artigos sobre temas ligados à teologia, e, mais recentemente, sobre psicanálise e pensamento evolucionista em sua relação com a fé cristã.

Enfim, as suas muitas orientações de mestrado e de doutorado indicam o interesse pelas linhas de pesquisa e projetos do Pe. García, formando escola e deixando um grande legado, nacional e internacionalmente falando, de amplo serviço às Igrejas e à sociedade como um todo. Neste sentido, é importante realçar que ele formou muitos que hoje atuam como professores, assessores, reitores, padres, pastores e bispos, dentro e fora do Brasil.

Formação, vínculo institucional e atuação profissional

1969-1973: Doutorado em Teologia Sistemática, pela Pontifícia Universidade Gregoriana.

Título (1973): *Evangelio y Liberación. La teología política latinoamericana (1960-1971)*.

Orientador: Alejandro Félix Pastor.

1967-1968: Mestrado em Teologia, pela Pontifícia Universidade Gregoriana.

Título (1968): *De munere B. M. V. in opere salutis secundum Concilium Vaticanum II*. Orientador: Domenico Grasso.

1954-1958: Graduação em Teologia no Seminário Teológico Hispano-americano Ciudad Universitária (Madrid, Espanha).

1952-1954: Graduação em Filosofia no Seminário Diocesano de Orihuela (Alicante, Espanha).

Idiomas: espanhol, português, francês, italiano, inglês e alemão.

Áreas de atuação: Grande Área: Ciências Humanas; Área: Teologia; Subárea: Teologia Sistemática (Área 44 da Capes: Ciência da Religião e Teologia)

Membro de corpo editorial: 2004-2012: Periódico: *Atualidade teológica*

1968-2009: Vínculo: Professor Titular. Regime de 40h, com dedicação exclusiva no Departamento de Teologia de PUC-Rio, per-

tencentente ao Centro de Teologia e Ciências Humanas (CTCH). Em 2009, ele recebeu o título de Professor Emérito da PUC-Rio.

Disciplinas ministradas na pós-graduação: Questões Atuais de Antropologia Teológica I; Questões Atuais de Antropologia Teológica II; Questões Atuais de Cristologia I; Questões Atuais de Cristologia II; Teologia e Novos Paradigmas.

Disciplinas ministradas na graduação: Antropologia Teológica; Cristologia; Eclesiologia; Introdução aos Sacramentos; Matrimônio; Síntese Teológica.

1976-1978: Coordenador do Curso de Graduação em Teologia.

1979-1983: Diretor do Departamento de Teologia.

1992-1994: Coordenador do Curso de Pós-graduação em Teologia.

Linhas de pesquisa

1. Religião e modernidade

Objetivo: Esta linha aglutina e desenvolve projetos de pesquisa na área de Teologia Sistemático-Pastoral que digam respeito às interações que a modernidade e sua crise fazem à fé, à religião, ao pensamento e discurso teológicos, destacadamente no que diz respeito às concepções de Deus e do ser humano, dialogando, para isso, com outras áreas do saber (a Filosofia, a Literatura e as Ciências) e com outras tradições religiosas (notadamente as monoteístas). Esta linha de pesquisa está sendo desenvolvida desde de 2005. Palavras-chave: Modernidade/Pós-modernidade; Teologia; Deus; Humanização; Religião; Ciência-Fé.

2. A visão cristã do ser humano no contexto da modernidade/pós-modernidade

Objetivo: Em diálogo crítico com a modernidade/pós-modernidade, esta linha de pesquisa pretende repensar, de maneira ecumênica, os temas básicos tradicionais da antropologia cristã e os temas a ela correlatos que estão sendo desenvolvidos recentemente. Esta linha de pesquisa foi desativada em 2005. Palavras-chave: Modernidade/Pós-modernidade; Antropologia cristã; Salvação-libertação; Humanização; Dualismo antropológico; Ciência-Fé.

Projetos de pesquisa

2006 - atual: Fé cristã e humanização

Descrição: Suposta a crítica feita por autores modernos à fé cristã vista como alienação, como inimiga da liberdade e do processo de humanização, o projeto visa retomar essa crítica, focalizando, por um lado, os elementos de desumanização que podem ter existido na vivência histórica da fé cristã e apresentando, por outro lado, a dimensão humanizadora de uma experiência cristã amadurecida, em conformidade com a proposta apresentada e vivida por Jesus de Nazaré.

2006 - atual: Crítica freudiana da religião e antropologia cristã

Descrição: Fundamentado no pensamento do psicanalista e teólogo espanhol C. D. Morano, o projeto visa estudar as implicações para a antropologia cristã da crítica freudiana da religião.

2002-2006: O mal e o sofrimento na proposta cristã de humanização

Descrição: O projeto procura, a partir dos desafios dos humanismos modernos, investigar as imagens de Deus e do ser humano implicadas na cruz de Jesus Cristo, repensando, ao mesmo tempo, o sentido do mal e do sofrimento na proposta cristã de humanização/salvação.

2002-2006: Evangelização humanizadora

Descrição: O projeto visa investigar a dimensão humanizadora da experiência adulta do Deus cristão e da práxis dela decorrente, para confrontá-la com a pregação e com a prática pastoral das distintas Igrejas e denominações cristãs.

2002-2006: A humanização conforme Jesus Cristo

Descrição: O projeto investiga os fundamentos cristológicos da visão cristã do ser humano. O retorno à cristologia tem como objetivo superar a tematização da antropologia teológica clássica, repensando a relevância, para o nosso mundo atual, da proposta cristã de humanização e utilizando para isso, de maneira crítica, mediações culturais surgidas no interior da modernidade.

2002-2006: Psicanálise e maturidade cristã

Descrição: Investiga-se, neste projeto, em que sentido a crítica freudiana da religião pode ajudar no processo de superação de uma fé religiosa infantil e de amadurecimento da fé e da experiência cristã.

Artigos completos publicados em periódicos

1. GARCIA RUBIO, A. O mistério de Maria no mistério da Igreja. *Limiar*, n.9, p. 37-44, 1965.
2. GARCIA RUBIO, A. Die lateinamerikanische Theologie der Befreiung (I). *Communio* (Paris), München - Alemanha, v. IV, p. 400-423, 1973.
3. GARCIA RUBIO, A. A experiência da gratuidade na vida cristã. *Síntese*, Belo Horizonte, v. X, n. 4, p. 81-102, 1975.
4. GARCIA RUBIO, A. Evangelização e sociedade pluralista. *Convergência*, Rio de Janeiro, v. IX, n.89, p. 5-24, 1976.
5. GARCIA RUBIO, A. Fé adulta ou infantilismo religioso? *Fato e Razão*, n. 2, p. 22-27, 1977.
6. GARCIA RUBIO, A. La Teología Política Latinoamericana. *Nuevamerica*, v. III, n. 8, p. 25-42, 1978.
7. GARCIA RUBIO, A. O ser humano à luz da fé cristã e a racionalidade moderna. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. XXII, n. 56, p. 31-53, 1990.
8. GARCIA RUBIO, A. Espiritualidade Cristã, Evangelização e Maturidade Afetiva. *Grande Sinal*, Petrópolis, v. XLIX, n. 3, p. 269-279, 1995.
9. GARCIA RUBIO, A. O novo paradigma civilizatório e o conceito cristão de pessoa. *REB – Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 56, n. 222, p. 275-307, 1996.
10. GARCIA RUBIO, A. Crisis ecológica, fé cristiana y derechos de la naturaleza. *Corintios XIII*, Madrid, n. 88, p. 267-295, 1998.
11. GARCIA RUBIO, A. O Cristianismo: uma Religião de Sofrimento e Morte? *Atualidade Teológica – PUC-Rio*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 19-52, 1998.
12. GARCIA RUBIO, A. Da sombra à verdade que liberta. *Atualidade Teológica – PUC-Rio*, Rio de Janeiro, v. IV, n. 6-7, p. 13-47, 2000.
13. GARCIA RUBIO, A.; TORRES QUEIRUGA, Andrés. Repensar a Cristologia. Sondagens para um novo paradigma. *Atualidade Teológica – PUC-Rio*, Rio de Janeiro, v. VI, n. 10, p. 130-134, 2002.
14. GARCIA RUBIO, A. Superação do infantilismo religioso. *Atua-*

idade Teológica – PUC-Rio, Rio de Janeiro, v. VI, n. 12, p. 303-328, 2002.

15. GARCIA RUBIO, A. A fé cristã em Deus Pai e a crítica freudiana da religião. *Atualidade Teológica* – PUC-Rio, Rio de Janeiro, v. VII, n. 15, p. 296-322, 2003.

16. GARCIA RUBIO, A. Antropologia cristã. Diálogo interdisciplinar, de Dom Valfredo Tepe. *Atualidade Teológica* – PUC-Rio, Rio de Janeiro, v. VIII, n. 16, p. 91-95, 2004.

17. GARCIA RUBIO, A. O desafio do mal-violência e a experiência cristã comunitária. *Atualidade Teológica* – PUC-Rio, Rio de Janeiro, v. VII, n. 18, p. 287-312, 2004.

18. GARCIA RUBIO, A. Pressupostos antropológicos do amor cristão. *Vida Pastoral*, São Paulo, v. XLVI, n. 242, p. 3-9, 2005.

19. GARCIA RUBIO, A. Prioridade do perdão sobre a culpa. *Atualidade Teológica* – PUC-Rio, Rio de Janeiro, v. IX, n. 21, p. 249-273, 2005.

20. GARCIA RUBIO, A. Em direção à V Conferência do Episcopado da AL e do Caribe: fidelidade ao legado de Medellín. *Atualidade Teológica* – PUC-Rio, v. XI, n. 25, p. 9-42, 2007.

Livros publicados/organizados e edições

1. GARCIA RUBIO, A. *Evangelio y Liberación*. Características de la Teología Política latinoamericana (1960=1971). Elche: Hispania, 1973.

2. GARCIA RUBIO, A. *Teologia da Libertação: Política ou Profetismo?* Visão Panorâmica e Crítica da Teologia Política Latino-Americana. São Paulo: Loyola, 197 (com duas edições: 1977 e 1981).

3. GARCIA RUBIO, A. *Unidade na Pluralidade*. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. 6.ed. São Paulo: Paulus, 1979. (com seis edições: 1989, 1991, 2001, 2006, 2009 e 2012).

4. GARCIA RUBIO, A. G. *Nova Evangelização e Maturidade Afetiva*. São Paulo: Paulinas, 1993.

5. GARCIA RUBIO, A. *Dominad la tierra?* Aportaciones teológicas al problema ecológico. Barcelona: Cristianismo y Justicia, 1993 (no mesmo ano, este livro foi traduzido e publicado em idioma catalão:

GARCÍA RUBIO, A. *Domineu la terra?* Aportacions teològiques al problema ecològic. Barcelona: Cristianisme i Justícia, 1993).

6. GARCIA RUBIO, A. *Evangelização e maturidade afetiva*. São Paulo: Paulinas, 1993 (com três edições: 1993, 1994 e 2006).

7. GARCIA RUBIO, A. *O encontro com Jesus Cristo vivo*. Um ensaio de cristologia para nossos dias. São Paulo: Paulus, 1994 (com quinze edições, sendo as anteriores com Paulinas: 1994, 1995, 1996, 1997, 1999, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2007, 2008, 2009, 2010, 2012).

8. GARCIA RUBIO, A. *Cristologia*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 1997 (texto-guia: Curso de Teologia a Distância do Departamento de Teologia da PUC-Rio) (com duas edições: 1997 e 1999).

9. GARCIA RUBIO, A. *O projeto de Deus sobre o ser humano* (Antropologia teológica e escatologia). Curso de Teologia a Distância. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 1998 (texto-guia: Antropologia teológica e escatologia. Curso de Teologia a Distância do Departamento de Teologia da PUC-Rio) (com duas edições: 1998 e 1999).

10. GARCIA RUBIO, A. *Elementos de Antropologia Teológica*. Salvação cristã: Salvos de quê e para quê? Petrópolis: Vozes, 2003 (com seis edições: 2003, 2004, 2005 e 2007).

11. GARCIA RUBIO, A. *O chamado do Deus da vida*. Doutrina Social da Igreja. Rio de Janeiro: Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro, 2005.

12. GARCIA RUBIO, A. *O Humano Integrado*. Abordagens de Antropologia Teológica. Petrópolis: Vozes, 2007 (com duas edições no mesmo ano: 2007).

13. GARCIA RUBIO, A. *A caminho da maturidade na experiência de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2008.

14. GARCIA RUBIO, A.; AMADO, J. P. (orgs.). *Espiritualidade cristã em tempos de mudança*. Petrópolis: Vozes, 2009.

15. GARCIA RUBIO, A.; AMADO, J. P. (orgs.). *Fé Cristã e pensamento evolucionista*. Aproximações teológico-pastorais a um tema desafiador. São Paulo: Paulinas, 2012.

Capítulos de livros publicados

1. GARCIA RUBIO, A. A teologia da criação desafiada pela visão evolucionista da vida e do cosmo. *In: GARCIA RUBIO, A.; AMADO, J. P. (orgs.). Fé cristã e pensamento evolucionista. Aproximações teológico-pastorais a um tema desafiador.* São Paulo: Paulinas, 2012. p. 15-54.
2. GARCIA RUBIO, A. Sou feliz sozinho? A importância do outro na minha vida. *In: GARCIA RUBIO, A.; AMADO, J. P. (orgs.). Espiritualidade cristã em tempos de mudança.* Petrópolis: Vozes, 2009. p. 75-95.
3. GARCIA RUBIO, A. Antropologia Vocacional: a pessoa humana no contexto sociopolítico-cultural e eclesial. *In: CNBB-Brasília. (org.). “Ide também vós para a minha vinha”.* Temática do 2 Congresso Vocacional. São Paulo: Paulus, 2005. p. 7-18.
4. GARCIA RUBIO, A. Superação do dualismo entre criação e salvação. *In: MÜLLER, I. (org.). Perspectivas para uma nova Teologia da Criação.* Petrópolis: Vozes, 2003. p. 211-227.
5. GARCIA RUBIO, A. Orientações atuais na cristologia. *In: MIRANDA, M. de F. (org.). A pessoa e a mensagem de Jesus.* São Paulo: Loyola, 2002. p. 33-67.
6. GARCIA RUBIO, A. Novos rumos da antropologia teológica cristã. *In: GARCIA RUBIO, A. (org.). O Humano Integrado. Abordagens de Antropologia Teológica.* Petrópolis: Vozes, 2007. p. 261-295.
7. GARCIA RUBIO, A. Prática da Teologia em Novos Paradigmas. Adequação Aos Tempos Atuais. *In: ANJOS, M. F. (org.). Teologia aberta ao futuro.* São Paulo: SOTER - Loyola, 1997. p. 223-261.
8. GARCIA RUBIO, A. Crise ambiental e projeto bíblico de humanização integral. *In: MOURA, L. D. (org.). Reflexão Cristã sobre o meio ambiente.* São Paulo: Loyola, 1992. p. 7-28.

Trabalho completo publicado em Anais de Congresso

GARCIA RUBIO, A. Antropologia Vocacional: a pessoa humana no contexto sociopolítico-cultural e eclesial. *In: 2 CONGRESSO VOCACIONAL DA CNBB, 2005, Itaici - São Paulo. Ide vós também para a minha vinha (Mt 20,4).* Temática do 2 Congresso Vocacional. Anais... São Paulo: Paulus, 2005. p. 7-18.

Resumo publicado em Anais de Congresso

GARCIA RUBIO, A. O Significado Esposal do Corpo. In: Atti del Congresso Internazionale, 1998, Rio de Janeiro - RJ. *La Famiglia: Dono e impegno speranza dell'umanità*. Città del Vaticano, 1998. p. 157-160.

Prefácio, posfácio e apresentação

1. PINTO, M. C. C.; GARCIA RUBIO, A. A dimensão política da mulher. São Paulo, 1992.
2. VELEZ, O. C.; GARCIA RUBIO, A. El Método Teológico. Bernard Lonergan y la Teología de la Liberación. Bogotá, 2000.
3. GOMES, P. R.; GARCIA RUBIO, A. O Deus Im-potente: o sofrimento e o mal em confronto com a cruz. Niterói, 2005.
4. TEPEDINO, A. M. A. L.; GARCIA RUBIO, A. Amor e Discernimento. Experiência e razão no horizonte pneumatológico das Igrejas. São Paulo, 2007.
5. GARCIA RUBIO, A. O Humano Integrado. Abordagens de antropologia teológica. Petrópolis, 2007.

Orientações de dissertação de mestrado em Teologia junto à PUC-Rio

1. José Martins Carvalho (1982). Tema: *Convém resgatar. A concepção cristã de Deus e da pessoa humana em J. L. Segundo*.
2. Ignácio Neutzling (1982). Tema: *Fé e Política: uma leitura teológica da mudança da igreja no Brasil (1960-1980)*.
3. Laudelino José Neto (1986). Tema: *A Pastoral do Negro no Brasil após o Vaticano II*.
4. Ana Maria de Azeredo Lopes Tepedino (1987). Tema: *Discipulado de iguais. Estudo sistemático-pastoral sobre mulheres discípulas nos Evangelhos*.
5. Margarida Luiza Ribeiro Brandão (1988). Tema: *Rosto a rosto. Uma introdução ao pensamento ético-teológico de Enrique Dussel*.
6. Carmencita de Araújo Costa Seffrin (1988). Tema: *Catequese e comunidade. Estudo teológico-pastoral da prática catequética pós-conciliar no Brasil*.

7. Fernanda Theóphilo da Costa Moura (1988). Tema: *O Homem Novo em São Paulo. Um estudo sistemático-pastoral em vista da Igreja hoje na América Latina.*
8. Mozart João de Noronha Melo (1989). Tema: *Ecumenismo como prática de libertação.*
9. Pedro Nunes de Almeida (1989). Tema: *O amor e suas mediações. Uma reflexão teológico-pastoral sobre o pensamento de J. L. Segundo.*
10. Helena Teresinha Rech (1992). Tema: *A Trindade e a libertação. Um enfoque da espiritualidade latino-americana pós-Puebla.*
11. Marcos Antônio de Santana (1993). Tema: *O pensamento teológico de Gustavo Gutiérrez: gestação, gênese e sedimentação de uma reflexão.*
12. Celso Pinto Carias (1993). Tema: *Deus e o sofrimento. Traços de uma teologia do sofrimento a partir da obra de Jon Sobrino.*
13. Maria Carmen Castanheira Avelar (1993). Tema: *Reflexão teológica sobre a pedagogia de Teresa de Jesús no Caminho da Perfeição.*
14. Ione Borges Ferreira Vicente (1993). Tema: *A mulher sujeito e objeto de reflexão teológica na América Latina.*
15. Cláudio de Oliveira Ribeiro (1994). *A Provisoriedade da Igreja. Uma contribuição da eclesiologia de K. Barth ao protestantismo brasileiro.*
16. Helena Célia Vianna do Nascimento (1994). Tema: *Jesus Cristo e o homem de hoje. Estudo sobre a cristologia de José Ignacio González Faus.*
17. Theófilo da Rocha Mattos (1995). Tema: *O Reino de Deus. Sua centralidade na obra teológica de Jon Sobrino.*
18. Lúcia Pedrosa-Pádua (1995). Tema: *Eminentemente humana e toda de Deus. Uma leitura antropológica do Castelo Interior ou Moradas de Teresa de Jesus.*
19. Maria de Fátima Braz Barbosa (1996). Tema: *Pessoa e Pastoral da Juventude. Estudo da visão integrada ou dicotômica da pessoa subjacente à Pastoral da Juventude da Diocese de Nova Iguaçu.*
20. Carlos Antonio Pereira (1996). Tema: *A relação Fé e Cultura.*

Um estudo da inculturação como abertura dialógica do novo paradigma da evangelização.

21. Maria Joaquina Fernandes Pinto (1996). Tema: *De volta ao começo. Estudo sobre a bondade da sexualidade humana e suas implicações para o exercício da alteridade a partir da obra de E. Fuchs.*

22. Zanoni Demettino Castro (1998). Tema: *A Redenção em Anselmo de Cantuária e Walter Kasper. Comparação e implicações pastorais.*

23. Lindenberg Freitas Muniz (2001). Tema: *O anúncio de Cristo aos militares: perspectiva teológico-pastoral.*

24. Marco Antonio Gusmão Bonelli (2002). Tema: *Libertação da lei pela adesão ao Espírito: a liberdade cristã no De Spirito et Littera de Santo Agostinho.*

25. André da Conceição da Rocha Botelho (2002). Tema: *Juan Luis Segundo: a teologia pedagógica do aprender a aprender.*

26. Carlos Henrique Menditti (2003). Tema: *Deus e o ser humano: rivalidade ou companheirismo?*

27. Leandro Frederico da Silva Marques (2003). Tema: *Um Deus preocupado com a humanidade. A experiência de Deus em Jesus em face do narcisismo presente na nova religiosidade contemporânea.*

28. Paulo Roberto Moraes de Mendonça (2004). Tema: *Agraciados por Deus para a fraternidade. Uma abordagem crítico-teológica do individualismo narcísico contemporâneo à luz do pensamento de J. I. González Faus.*

29. Marivani de Oliveira de Aquino Pereira (2005). Tema: *Que Deus? Reflexão teológico-pastoral acerca da fé adulta no Deus de Jesus em contraposição à fé no Deus da onipotência infantil, conforme C. D. Morano.*

30. Rita Romio (2006). Tema: *A pessoa humana integrada e a opção por Jesus Cristo. Visão antropológica contida nas cartas de Enrique de Ossó e sua relevância hoje.*

31. Jovir Alceu Zanuzzo (2007). Tema: *A busca por referenciais comportamentais diante das constantes transformações que atingem o ser humano pós-moderno.*

32. Maria Jandira Cortês de Novais Lima (2008). Tema: *Uma Mística*

militante: reflexão sobre as possíveis contribuições de D. Bonhoeffer para uma teologia e pastoral de integração na Igreja Batista Brasileira.

Orientações de tese de doutorado em Teologia junto à PUC-Rio

1. Orlando Oscar Espin Prado (1984). Tema: *Evangelização e religiões negras. Proposta de modelo de evangelização para a pastoral na República Dominicana.*
2. Maria Conceição Correa Pinto (1988). Tema: *Para a vida do mundo. Um estudo teológico da dimensão política da mulher.*
3. Ana Maria de Azeredo Lopes Tepedino (1993). Tema: *Espiritualidade e Ética. Jesus Cristo e a História da Comunidade Joanina.*
4. Alberto Victor Manuel Gazzo Baca (1994). Tema: *A Reconciliação, Chave Hermenêutica Para Uma Nova Teologia.*
5. Paulo Roberto Hottz (1997). Tema: *O Espírito Santo Faz e Refaz o Perfil da Igreja. Leitura Crítico-Teológica e Pastoral da Avaliação Sócio-Pastoral da Diocese de Barra do Pirai-Volta Redonda-RJ, A Partir do Vaticano II.*
6. Olga Consuelo Vélez Caro (1998). Tema: *O Método Teológico. Uma contribuição de Bernard Lonergan ao método da Teologia da Libertação.*
7. Maria Carmen Castanheira Avelar (1998). Tema: *Experiência, Mística e Comunicação Teológica – Estudo Sobre O Estilo Pedagógico da Teologia de Teresa de Jesus, na Vida, no Caminho e no Castelo Interior.*
8. Celso Pinto Carias (1998). Tema: *Serva de Deus e Protetora da Vida – Construção de Uma Teologia Espiritual da Libertação A Partir do Debate Metodológico da Teologia Latino-Americana.*
9. Joel Portella Amado (1999). Tema: *Deus e a Cidade. Chances e desafios para a experiência cristã de Deus em contexto urbano condominial.*
10. Cláudio de Oliveira Ribeiro (2000). Tema: *Quando a fé se torna idolatria. Atualidade da relação entre Reino de Deus e história em Paul Tillich.*
11. Lúcia Pedrosa-Pádua (2001). Tema: *O Mistério de Deus em Santa Teresa. Experiência do Mistério Trinitário na obra de Teresa de Jesus.*

12. Francisco Morás (2001). Tema: *Evangelização das Classes Médias e Solidariedade com os Pobres. Impostações sociológicas, reflexão teológica e perspectivas pastorais.*
13. Maria Joaquina Fernandes Pinto (2001). Tema: *Sexualidade e salvação. Reflexão antropológica-teológica sobre a importância da sexualidade no processo salvífico, vivido na alteridade, à luz dos pensamentos de Emmanuel Lévinas, Eric Fuchs e Enrique Dussel.*
14. Paulo Roberto Gomes (2003). Tema: *O Deus Im-potente. O sofrimento e o mal em confronto com a Cruz.*
15. Marcos Antônio de Santana (2003). Tema: *Verdadeiro Homem – Verdadeiro Deus. Fundamentos cristológicos da Antropologia cristã na reflexão de Wolfhart Pannenberg.*
16. Aldir Crocoli (2004). Tema: *Dado e nascido por nós à beira do caminho. A solidariedade na visão cristológica de São Francisco de Assis.*
17. José Roberto Fortes Palau (2007). Tema: *A força salvífica da mortificação.*
18. André da Conceição da Rocha Botelho (2007). Tema: *Teologia na Complexidade. Do Racionalismo Teológico ao desafio transdisciplinar.*
19. Marco Antonio Gusmão Bonelli (2008). Tema: *A Liberdade Cristã em Santo Agostinho e Juan Luís Segundo. Confronto entre duas visões da liberdade e suas implicações para a vida cristã nos dias de hoje.*
20. Carlos Henrique Menditti (2009). Tema: *Cristianismo em diálogo com o ateísmo. As críticas do ateísmo humanista, suas interpelações e a fundamentação da fé cristã como afirmação e desenvolvimento integral do humano.*
21. Lúcio Flávio Ribeiro Cirne (2009). Tema: *O espaço da coexistência. Estudo interdisciplinar sobre ética socioambiental à luz da teologia da criação-salvação, articulada criticamente com o paradigma ecológico e com o conceito geográfico de espaço.*
22. Cassia Quelho Tavares (2011). Tema: *Sexualidade humana: Educação para o amor.*

Dimensão pastoral da reflexão teológica de Alfonso García Rubio

Solange Martins Jordão⁵

Dualismo: sempre essa pedra no sapato

Quase 30 anos se passaram desde que ouvi, pela primeira vez, do meu professor, padre e amigo Alfonso, que a nossa conversão não era apenas um processo espiritual, mas integral, total. Foram muitas informações a respeito da “nossa pessoa”, da pessoa humana, não ser um corpo que se juntara a uma alma em um determinado momento, mas ser, sim, uma rede intrincada e complexa de dimensões totalmente articuladas e dependentes entre si, desde sempre. No início, foram somente informações, pois era algo tão inusitado, tão arrebatador, que ficava vagando pela mente sem penetrar no interior, sem ser assumido pessoalmente. E levou um bom tempo para que as tais “informações” se tornassem uma verdade aceita, assumida e trabalhada dentro de mim. Eu poderia falar no plural porque foi assim mesmo que se deu em muitas pessoas: alunas e alunos, ouvintes e participantes da comunidade religiosa sob a orientação do Pe. Alfonso. Foram necessários muitos mergulhos para dentro do nosso interior para que toda essa novidade antropológica passasse a fazer parte da rotina nas meditações e reflexões pessoais. Viver a vida sob a perspectiva de uma visão integrada do ser humano, em que todas as nossas dimensões são igualmente consideradas, não é tarefa fácil para quem está acostumado a (se) ver-ser dividido, interiormente travando, muitas vezes, batalhas difíceis e desconfortos generalizados em seu íntimo. Prof. Alfonso nos mostra, em todas as oportunidades, que a visão dualista que aplicamos no nosso modo de ver o mundo e a nós mesmos (e não vou, aqui, explicar o que venha a ser o dualismo) acarreta um prejuízo enorme na vivência da salvação oferecida por Deus. Mas nosso mestre é um especialista nessa questão e toda a sua pedagogia, pregação e orientação estão sempre per-

⁵ Solange M. Jordão tem 70 anos, é mãe de 4 filhos e avó de 5 netos. Artesã, trabalha com patchwork e costura criativa. Possui bacharelado e licenciatura em Filosofia e Teologia pela PUC-Rio e mestrado em Teologia Sistemático-pastoral pela mesma universidade.

passadas por esta antropologia que inclui, junta, agrega todas as nossas dimensões constitutivas e articula nosso modo de ser e existir e agir nesse mundo. Segundo nosso mestre, não há felicidade possível para um ser humano que se vê repartido, dividido ou iludido acerca de si mesmo. Somos únicos, inteiros (nada de metade da laranja), apesar de incompletos e inacabados. Muito se precisa lutar contra o dualismo e suas consequências. É um trabalho árduo e corajoso que está sempre à frente dos que ousam conhecer suas limitações, podridões e excelências e virtudes. E as mudanças que vão acontecendo nesse caminho são bem significativas e eficazes nos relacionamentos e na vida comunitária. Todos aqueles que estão ao lado do Pe. Alfonso podem testemunhar essa realidade.

Eu não estaria escrevendo, agora, essas linhas se tais mudanças não tivessem sido provocadas, sugeridas e incentivadas a acontecer nesses quase 30 anos de aprendizado na companhia do meu mestre. Enfatizo que esse não será um texto acadêmico por excelência, mas sim um relato de vida, um testemunho de quem fez e faz parte de quase todas as atividades que o Pe. Alfonso exerce na sua vida ministerial (até hoje eu não havia reparado nisso). Insisto nisso porque os leitores não verão notas de rodapé, bibliografia utilizada ou mesmo citações de outros autores. Aos poucos, durante a passagem do texto, os leitores poderão entender melhor que a dinâmica da vida acadêmico-pastoral vivida pelo professor Pe. Alfonso, e aqui testemunhada, tem sua fundamentação no Evangelho de Jesus Cristo segundo qualquer um dos evangelistas, sem necessidade de notas explicativas.

Conheci o professor Pe. Alfonso García Rubio, mais conhecido como padre García, naquele momento, em 1994. O pároco da Paróquia Nossa Senhora de Loreto, que eu frequentava, Pe. Sebastião, já cansado de minhas inúmeras perguntas e dúvidas sobre muitas questões acerca da doutrina católica e da Bíblia, indicou um curso de teologia para leigos, que seria realizado no Centro Loyola de Fé e Cultura. Era longe de casa, mas lá fomos nós, a família toda; eu, meu marido, duas filhas e mais dois casais que, juntamente conosco, faziam parte dos “questionadores da fé” – e que, depois de fazerem todos os cursos que o Vicariato suburbano oferecia, se mostraram interessados no curso de teologia.

No primeiro módulo, fomos apresentados a uma nova forma de ler e compreender o Antigo Testamento, sobre a ótica da teologia do Frei Isidoro Mazzarolo. Tivemos a primeira crise de fé. O mundo religioso virara

de cabeça para baixo fazendo-se urgente uma reorganização dos conceitos e sobre a forma de ler e entender a mensagem bíblica. Ao final de cada aula, na volta pra casa, íamos conversando animados e mexidos com tudo o que acabáramos de ouvir e havia, da parte de todos nós, uma sensação de desconforto curioso, e muita, muita vontade de ir desbravando esse horizonte tão novo, mas tão libertador. Hoje percebo como era necessária e pedagógica essa primeira “crise”, pois a segunda seria bem mais profunda.

No semestre seguinte, chega a vez do estudo da cristologia e surge à nossa frente um professor-padre muito bem-humorado, de fala fácil e com uma didática nunca vista dentro da Igreja, por nenhum aluno presente na sala; e éramos cerca de 120 alunos. Todos de “boca aberta”, estupefatos com o que escutavam e começando a duvidar de tudo o que achavam que sabiam, entre gargalhadas e vontade de chorar. Esse era o sentimento de todos os que realmente tinham vontade de aprofundar a sua fé e de crescer como pessoas a partir do comprometimento com o seguimento de Jesus. À medida que o curso caminhava, percebíamos que estivemos, até então, na superficialidade do entendimento da mensagem evangélica tendo Jesus tão somente como um Deus distante que exigia virtudes e merecimentos que jamais conseguíamos obter para alcançar a salvação. Professor Alfonso nos apresentava a Boa Nova: um Jesus humano, homem capaz de sentir tudo o que sentíamos: dor, saudade, compaixão, raiva, medo, agonia, tristeza e até dor de barriga. Era tão devastador para quem pensava num deus-super-homem! Como entender tudo isso, todas essas mudanças que se davam no que pensávamos ser Deus e que parecia ser contrário ao que era sempre apresentado nos folhetos das missas, nas homilias dos padres e nos “santinhos” que traziam no verso a oração que deveria ser lida e rezada para fazer a conexão com o santo de cada devoção pessoal? Orações prontas, imagem de Deus descrita por sua Onipotência, Onisciência e Onipresença. Repetíamos esses conceitos sem saber o que isso significava. Todos ali, naquela sala de aula, tinham o seu primeiro contato com a cristologia. Uma ciência que desejava tão somente apresentar Jesus tal como ele era: 100% homem e 100% Deus. Sem divisão e sem confusão. Para muitos de nós, essa era uma novidade tão desconcertante que parecia impossível compreendê-la. Não que jamais tivéssemos ouvido isso antes nas igrejas. Mas, pela primeira vez, tornava-se possível entender o que isso significava e quais eram as implicações para a fé pessoal e da Igreja. Mas para que toda essa onda gigantesca de novidades e verdades da

fê cumprisse seu objetivo pedagógico, era preciso aceitar o convite feito pelo Prof. Alfonso e ir caminhando junto com Jesus, comendo poeira com Ele e com seus amigos. Lentamente, passinho a passinho, como dizia ele. Foi preciso coragem para embarcar nessa aventura. Uma observação: toda essa pedagogia carregou comigo até hoje. Minha prática docente, como professora na PUC-Rio, foi construída por esse fio instigante e corajoso que meu mestre me mostrou e que eu usaria mais tarde, também, nos cursos de Teologia a Distância, tutorando os estudos dos módulos escritos por ele, de antropologia teológica e cristologia, durante mais de 20 anos.

Virando a vida de ponta-cabeça

Depois de dois anos seguidos participando desses cursos no Centro Loyola, fui convidada pelo Pe. Alfonso a assistir a uma palestra que ele daria sobre “Nova Era”, no Campus da PUC-Rio. Eu perturbava o professor com mil perguntas sobre esse tema e então veio o convite para me informar mais sobre o assunto e conhecer o ambiente da Universidade. No evento, conheci muitos alunos e alunas de teologia do Prof. Alfonso. Tive o grande prazer de conhecer a coordenadora da graduação em teologia, Prof^a Irmã Maria Laura (mais tarde seria minha profa. de Novo Testamento), para quem o professor Alfonso disse que eu queria estudar teologia na PUC. Fiquei paralisada ao ouvir, da própria Ir. Laura, que deveria comparecer no dia seguinte ao Departamento de Teologia com uma carta de apresentação do padre da minha paróquia. Assim, em 1996, começou minha vida universitária como bolsista na PUC-Rio, graças ao professor Alfonso. Vale lembrar que, a partir desse dia, a Nova Era não era mais um assunto desconhecido para mim. Durante os quase 5 anos como aluna de filosofia e teologia vivi um verdadeiro tsunami religioso. A minha fé, um pouco infantil e fantasiosa, aos poucos, foi sendo reformada, dando lugar a uma fé mais madura, mais saudável e eficaz.

Toda a prática da docência em teologia do Pe. Alfonso sempre foi embalada pelo senso de humor. Os alunos sempre foram levados e enxergar a si mesmos como criaturas ambíguas, limitadas, carentes e tremendamente frágeis. Confesso que essa é uma realidade humana nada fácil de aceitar. Para a maioria dos alunos, que vinham de igrejas tradicionais onde o ser católico era sinônimo de ser puro, casto, santo, em seu sentido literal, aceitar-se ambíguo, e sempre pecador, era uma verdade de difícil digestão.

Pensar num Deus que nos ama e aceita como somos e que nos oferece seu amor incondicionalmente é a tradução do Deus apresentado por Jesus Cristo nas aulas de cristologia do professor Alfonso. Pensar o papel da imagem de Deus para reflexão pessoal e eclesial, entre muitas outras questões, sempre fez parte do conteúdo proposto pelo nosso mestre nas suas aulas de cristologia. Guardo ainda hoje, 28 anos depois dessas primeiras aulas, meus cadernos de cristologia e antropologia com anotações pessoais de quase tudo que esse professor ensinava e falava nas aulas. Como jogar fora um baú recheado de sabedoria, fé e clareza a respeito da mensagem de Jesus? Muitas vezes, recorri ao tal caderno enquanto preparava minhas aulas ou palestras. Joia rara!!!! Um baú de surpresas salvadoras de um Deus encarnado no humano Jesus. Foi um fantástico trabalho teológico-pastoral que o professor Alfonso realizou, e ainda realiza, através das suas aulas, em mim e em todos os alunos que desejavam e se abriam a essa experiência racional-espiritual.

A teologia somente é possível a partir da fé. No entanto, havia os alunos que se prendiam aos conceitos filosóficos, ao que tinha sido afirmado nos concílios etc. – o que somente lhes acrescentava algo novo, na dimensão racional, ao conhecimento. A fé, assim, não era alimentada, fortalecida pelo que se ouvia e interiorizava. Mas havia também, e acredito que a grande maioria, aqueles que se deixavam penetrar pela luz que o aprendizado da teologia provoca, fazendo surgir uma fé mais adulta e um amadurecimento pessoal visíveis. Gostaria de lembrar que estávamos num ambiente acadêmico e, portanto, nada de catequese católica etc. Muitos pastores protestantes, de diferentes denominações, cursaram antropologia teológica e cristologia na Faculdade de Teologia da PUC, como também foram orientados na pós-graduação pelo professor Alfonso. A simplicidade na forma de ser, uma didática surpreendente (inspirada em Paulo Freire) combinada a uma convicção sólida, somadas a uma pedagogia incrível e a seu senso de humor único: tudo isso possibilitava, através da disciplina de antropologia teológica, com ênfase na integração das dimensões humanas, uma nova visão da nossa própria pessoa aos olhos de Deus e o constante esforço que devemos ter para a superação do dualismo herdado da filosofia grega e assumido pela cultura ocidental, que causa, ainda, tanto prejuízo à vida humana e à vida da Igreja. Toda essa “boa nova” teológica, que deveria ir sendo assumida por cada um, sempre foi um ponto marcante, insistentemente afirmado pelo nosso professor Alfon-

so nos últimos 30 anos. Até hoje, nos cursos de Antropologia ministrados por ele, não há uma ocasião sequer em que ele deixe passar a possibilidade de trazer à tona essa problemática: o dualismo no qual fomos educados e que nos constitui internamente, bem como as consequências desse tipo de pensamento presentes nas escolhas e decisões que tomamos todos os dias.

Não somente com as temáticas da antropologia teológica, mas também da cristologia, nos surpreendíamos a cada aula. Para a maioria dos alunos, tudo era novo, surpreendente e desafiador. Tudo causava uma sensação que poderíamos chamar de espanto-alegria. Espanto porque nosso mestre nos afirmava que Deus não precisa que sejamos, em nada, diferentes do que somos para sermos amados por Ele. Que somos amados como somos realmente e que esse amor é totalmente gratuito! A abertura e acolhida a esse AMOR é que vai nos modificando e nos tornando mais humanos. Deus nos quer sempre melhores, mais amigos, solidários, honestos, competentes e felizes. O amor é exigente! Mas isso não é uma condição para que sejamos amados por Ele! Mas é a consequência do acolhimento do amor oferecido! Uma estupenda novidade para muitos, que achavam que teriam que se tornar pessoas melhores para merecer esse amor!!! Ninguém merece o amor de ninguém. Amor de verdade é sempre gratuito, porque é dom de Deus! São muitos anos ouvindo isso e experimentando esse amor, cada dia mais um pouquinho e tendo o coração agradecido a esse mestre por ter mostrado a tantos e tantas esse amor humanizante e, por isso, salvador!

Teologia a Distância para leigos: projeto revolucionário

Ainda na faculdade, no ano de 1998, fui chamada a fazer parte de um projeto do Departamento de Teologia da PUC: Curso de Teologia a Distância para leigos. Um projeto fantástico e revolucionário, de tutoria presencial, composto por 9 módulos, com duração de dois anos e meio. Prof. Alfonso, também mentor do curso, foi o autor de dois módulos: antropologia teológica e cristologia. Os outros módulos eram: Antigo Testamento, Novo Testamento, Eclesiologia, Revelação, Trindade, Ética cristã e Sacramentos. Ao início e final de cada módulo, o professor-autor oferecia um seminário de apresentação e conclusão dos conteúdos propostos nos módulos. Os seminários do professor Alfonso eram concorridíssimos. As salas ficavam lotadas e as suas apresentações eram divertidas, esclare-

cedoras e, acima de tudo, instigadoras e encorajadoras. Havia uma atmosfera de descortinamento progressivo da mensagem de Jesus. Os alunos iam percebendo que valia a pena estudar, conhecer Jesus e conhecer a si mesmos, sem *neura*. O autoconhecimento não tinha o objetivo de causar dramas e complexos de inferioridade, afirmava o professor: “Calminha”, dizia ele; “toma maracujá e vai admitindo suas ambiguidades sem arrastar correntes”. Aprendíamos, com ele, que podemos nos saber fracos em alguns pontos, fortes em outros, mas nunca perfeitos. Sem problemas. Que todos nós somos farinha do mesmo saco: ambíguos, carentes, frágeis. Somos tremendamente amados por Deus assim mesmo. O pecado nunca foi empecilho para o amor de Deus. Somos amados de GRAÇA! Sempre a mesma verdade dita de mil maneiras diferentes. Nosso mestre dizia sempre: “Não merecemos o amor de ninguém. Não podemos merecer Amor! Se for AMOR, é gratuito!!! E se for negociado e trocado por isso ou por aquilo, é comércio. Não é amor!!! Deus ama gratuitamente porque Ele é Amor!!!” Essa verdade acerca de Jesus sempre foi dita (às vezes, aos berros!!!!) pelo nosso professor. Muitos seminários eram feitos nas paróquias que aderiam ao curso e, muitas vezes, os padres assistiam aos seminários. Reafirmo, aqui, minha admiração pelos que se mostravam surpresos pelas “novidades” teológicas apresentadas pelo padre e professor Alfonso. Eles conversavam, em outras ocasiões, conosco, os tutores, sobre o conteúdo do curso e participaram, diversas vezes, dos encontros semanais junto com os paroquianos. Nós, tutores, tínhamos que estudar muito, pois acompanhávamos os alunos em todas as nove disciplinas.

Por mais ou menos dois anos, substituí o professor Alfonso, a pedido dele, nos seminários inicial e final dos cursos, que ganhavam a adesão de vários vicariatos. Nunca tinha passado pela minha cabeça tal façanha, mas eu já não era aquela pessoa insegura e de baixa autoestima e, portanto, lá fui eu fazer do meu jeito, que não deixava de ser um jeito “alfonsiano” de fazer teologia. Sem conseguir ou querer imitá-lo (acho que essa última parte é mentira), os alunos percebiam que eu era, claramente, uma discípula do Prof. Alfonso García. Pela coragem com que afirmava certas verdades, pela forma tranquila com que falava dos meus defeitos e, sem modéstia alguma, das minhas qualidades, eu só poderia ter aprendido essa minha versão com aquele mestre único na sua forma de ensinar. Uma honra para mim. Participei como tutora, por quase 16 anos, do Curso de Teologia a Distância para leigos e foi uma verdadeira escola em muitos sentidos.

Capela velha – Capela nova

Antes de conhecer o Pe. Alfonso, eu frequentava a Paróquia Nossa Senhora de Loreto, da Freguesia de Jacarepaguá, e a Capela de São Pedro do Canal do Anil foi entregue aos cuidados do padre Alfonso quando estive na paróquia oferecendo sua ajuda no serviço pastoral. Pe. Sebastião ofereceu a ele a capela, que precisava de uma atenção especial.

Nessa ocasião, fui eu que recebi Pe. Alfonso na paróquia, porque Pe. Sebastião havia pedido que desse atenção a ele até que voltasse de seu compromisso. Fiz o que me foi solicitado e ali estava aquele que seria meu mestre e amigo pela vida inteira, sem que eu pudesse me dar conta disso naquele momento. Eu lhe ofereci um café e ele, sem me dar confiança, apenas disse: eu não tomo café. Saí de fininho e logo Pe. Sebastião chegou e, então, conversaram bastante. Fui informada de que aquele padre, a partir daquele momento (1994) cuidaria da capela do Anil. Que capela? Aquela mesmo que estava tombando para um lado e cuja mesa do altar ficava em desnível fazendo com que, durante as missas, o cálice fosse escorregando para um dos lados tendo que ser amparado... Chovia dentro da capela e a lama tomava conta de tudo. Presente de grego. E que povo sortudo!

Nesse meio tempo, em 1996, houve uma enchente em Jacarepaguá e o Canal do Anil (sub-bairro de Jacarepaguá) quase desapareceu debaixo d'água. Muitas casas foram destruídas e o povo de lá precisou de toda ajuda possível. A tal capela tinha sido colocada no chão para dar lugar à construção de uma nova capela e, enquanto a construção seguia seu curso, as atividades pastorais como a catequese e a missa passaram a ser realizadas na laje da casa de uma família que se ofereceu para que a comunidade não ficasse sem as principais atividades. As famílias frequentavam as missas e eram encorajadas à reconstrução das casas e da vida. Padre Alfonso animava a comunidade no meio daquela tragédia que havia devastado a comunidade. Paralelamente à reconstrução dos estragos feitos pela enchente, uma linda capela foi surgindo com a ajuda de recursos que chegavam através de seus familiares e amigos e amigas que acreditavam no seu trabalho evangelizador e quiseram ajudar na construção da nova capela, e também, por muitos amigos e alunas que passaram a frequentar a comunidade. Os amigos “de fora” eram alunas, ex-alunas e frequentadores do MFC orientados pelo Pe. Alfonso, e ajudavam nos trabalhos

pastorais, organizavam grupos de partilha, atuavam como engenheiros da obra da nova capela etc. Aos poucos, vimos surgir uma igreja bonita, bem alicerçada e capaz de abrigar todas as atividades desenvolvidas pela comunidade. Até uma ONG foi criada e pedi a uma integrante desse grupo e membro atuante da nossa comunidade até hoje que me desse seu parecer a respeito da importância do Pe. Alfonso na criação dessa ONG. Ela me relatou que o apoio e incentivo dele foram essenciais. Entre os trabalhos realizados na época, havia o curso de formação para agentes de saúde, assistência médica, vacinação, distribuição de alimentos, roupas. Esse trabalho foi tão importante e necessário que um grupo de pessoas que estava na liderança se organizou para fundar uma ONG para que o trabalho pudesse continuar.

Foi nesse tempo que cheguei na comunidade de São Pedro, então com Pe. Alfonso como vigário, onde criei raízes e estou até hoje. Lá estão meus amigos, compadres, comadres e meus irmãos e irmãs. Quando da enchente, eu levava leite e pão para as pessoas que estavam desabrigadas e também para os que estavam lá ajudando a separar e destinar toda sorte de donativos que chegavam para toda aquela região afetada pelas chuvas. Eu já estudava na PUC, era aluna do professor Alfonso, mas ainda frequentava a igreja do Loreto. Um dia, Pe. Alfonso me convidou para assistir a missa lá na comunidade. E fui ficando. Nos primeiros anos, eu não tinha um trabalho pastoral definido. Fazia o que ia aparecendo até que, durante um retiro, nasceu a ideia de começarmos um grupo de oração. Incentivados pelo nosso pastor, demos início ao grupo que perdurou por mais de 10 anos. Sempre fomos poucos. Nada de grandeza, ou qualquer coisa que destoasse da simplicidade da proposta do grupo: rezar juntos, rezar em comum pelos apelos da comunidade. Oferecer orações nas casas de nossos irmãos doentes. Cantávamos juntos e impúnhamos as mãos uns sobre os outros sem esquecer nossos rezadores especiais que benziam a todos que pediam. Padre Alfonso sempre incentivou os rezadores e benzedeiros pelo simples fato de reconhecer neles a presença do amor e do respeito aos dons e talentos oferecidos a todos na Igreja. Sempre preocupado com a articulação das dimensões mística e profética da fé cristã, padre Alfonso sempre orientou a comunidade no intuito de mostrar que uma dimensão mais social e dinâmica como a pastoral da Ação Social complementa uma outra ação mais contemplativa e orante como o grupo de oração. Nunca são opostas e sempre devem

andar juntas, lado a lado. Sempre exemplificou com acontecimentos da vida comum, cotidiana, o quanto é importante alimentarmos o corpo e o espírito igualmente para que sejamos fortes por inteiro.

Catequese e retiros

A catequese foi sempre uma preocupação do Pe. Alfonso no trabalho pastoral desenvolvido na capela. No meu modo de entender, a orientação que a maioria dos livros didáticos oferece para essa prática nunca foi a mais adequada, segundo as suas orientações. Sempre foi desejo do nosso pastor que as crianças e os jovens fossem evangelizados antes de serem catequizados. Era preciso fazer com que eles, os catequizandos, conhecessem Jesus, seu caminhar, suas opções e seu modo de agir para que, num segundo momento, viessem a conhecer a Igreja dos que querem segui-lo tomando para si mesmos seu exemplo de vida e de amor, integrando-se como membros dessa comunidade de irmãos. As catequistas da comunidade sempre contaram com formação adequada feita por uma teóloga e, também, com a oferta de materiais que dessem, ao seu trabalho evangelizador, leveza, graça e, ao mesmo tempo, profundidade e verdade.

Inúmeros retiros realizados pela Capela de São Pedro, a cada ano, abertos a toda comunidade, sempre foram realizados com temas cuidadosamente escolhidos por todos, em assembleia, visando um maior aprofundamento e entendimento para uma participação mais efetiva no trabalho pastoral. A comunidade toda sempre foi ouvida para que se pudesse atender a verdadeira necessidade pastoral do momento. Também nesses momentos especiais de retiro, nosso pastor procurava ajudar àqueles que não acreditavam em suas próprias capacidades. Aproveitando momentos em que estávamos em menor número, quase “em família”, ele distribuía, entre esses membros mais tímidos, tarefas e textos a serem compreendidos, interpretados e explicados aos demais participantes dos retiros. Isso aproximava os grupos, e as pessoas se descobriam capazes de desempenhar um papel significativo na realização do retiro e na vida comunitária. Surgiram muitos talentos. Há algumas pessoas que nem reconhecemos mais como aquelas que mal falavam por timidez ou vergonha. Os temas, em torno dos quais aconteciam os retiros, sempre foram amplamente explorados pelos membros da comunidade. Nunca se chamou ninguém de fora dela para dar palestras ou aprofundamentos. Um cronograma dos

dias de retiro era feito e dele constavam reflexões em grupo, pequenas apresentações feitas por membros da comunidade, momentos de louvor e adoração, mas sem esquecer de que era preciso ficar sozinho para refletir consigo mesmo sobre o que foi partilhado e conversado. Esse também é um tema (da antropologia teológica) que padre Alfonso cuidou com especial atenção. Muito lentamente, foi introduzindo essa prática nos retiros para que a comunidade fosse aprendendo e experimentando a autorreflexão como instrumento de autoconhecimento e libertação. Ele intencionava mostrar a cada pessoa que o encontro com o Deus de Jesus Cristo se dá primeiramente no interior de cada pessoa. Que o “ficar sozinho” é tão importante quanto o “estar junto”. Que só podemos ver Jesus no outro se pudermos reconhecê-lo em nós mesmos. Que o silêncio é imprescindível para o encontro com nós mesmos e é onde a verdade do que somos se encontra. Lá estará Ele, sempre à nossa espera. Para visitarmos nosso interior, onde mora a verdade de quem somos, é preciso silenciar – e para muitos membros da comunidade, isso sempre foi muito difícil. A cada retiro, padre Alfonso punha em prática essa medida para ir proporcionando às pessoas um maior contato consigo mesmo e, conseqüentemente, aumentando as chances de um verdadeiro encontro com Deus. E esses momentos não ficavam perdidos ou soltos. Pelo contrário, tinham as suas pontas bem amarradas nas conversas em pequenos grupos onde aconteciam as mais incríveis partilhas de descobertas vindas do coração e um maior discernimento promovendo, muitas vezes, a dissolução de angústias, apaziguamento entre pessoas, aceitação da necessidade de pedir e/ou dar perdão e o crescimento e amadurecimento da fé num Deus que só quer que sejamos felizes.

Ainda falando nos retiros anuais, nosso mentor sempre nos orientou para que déssemos início aos trabalhos depois de um momento de entrega e oração. Durante esses momentos de oração e adoração, a comunidade sempre agradece a oportunidade que está sendo oferecida e apresenta algum propósito comunitário ou há a oferta pessoal de alguém, e todo mundo acolhe todos os propósitos. A missa final, sempre preparada por um grupo, é uma experiência de estar mais perto ou de ter avançado alguns passos na caminhada em direção a Jesus. Há uma entrega de tudo o que foi vivido nos dias de retiro em reconhecimento à ação do Espírito Santo, que nos possibilita, a cada oportunidade, tanta fartura de momentos de felicidade e amor. Não poderia deixar de afirmar que os retiros foram e são

um ponto alto do trabalho pastoral do padre Alfonso junto à comunidade de São Pedro do Canal do Anil. De todos os retiros realizados em mais de 20 anos sempre resultaram propostas e projetos que a comunidade foi exercitando, realizando, vivendo.

Comer junto faz amigos

A comensalidade, como os que conhecem o padre Alfonso sabem muito bem, também tem um valor enorme na sua pedagogia evangelizadora. Comer junto promove a intimidade e faz amigos! Ele sempre incentivou que em todos os momentos de encontros, retiros, realizações de assembleias e reuniões preparatórias um saboroso lanche fosse preparado, comunitariamente. Sempre foram e, ainda são momentos de confraternização e alegria partilhados por todos. Nos retiros, especialmente, a hora das refeições é recheada de conversas e descontração. Para Jesus, o comer junto com as pessoas e partilhar a mesa com elas revela que as consideramos dignas de todo respeito. Por isso, no meu modesto modo de entender o meu amigo, o ato de incentivo à partilha das refeições ou de um mero lanche aponta para o fato de que somos todos igualmente dignos de respeito. Na comunidade, sempre foi um ponto alto porque nos iguala todos, sem exceção.

Aliás, esse era um ponto extremamente valorizado no projeto de orientação pastoral do Pe. Alfonso. Ele nunca se colocou – ou se coloca – como sendo superior às outras pessoas da comunidade por ser o padre. A sinodalidade sempre foi condição do modelo de Igreja proposto por ele. Em todos os terceiros domingos de cada mês, temos a reunião do Conselho Comunitário. Reunimo-nos para tomar decisões, aparar arestas, resolver problemas, discutir soluções ou sugerir mudanças. Tudo que é feito na comunidade sempre foi discutido por todos e Pe. Alfonso é um membro desse conselho e sempre acatou a decisão da maioria.

Grupo Amigos de Jesus

Entre as atividades pastorais, o grupo “Amigos de Jesus” tem lugar especial no coração do nosso amigo. A cada 15 dias, o grupo se reúne para ler junto com Pe. Alfonso os livros de Antonio Pagola. O grupo tem o objetivo de aprofundar o conhecimento interpelando o amadurecimento

da fé como, também, o amadurecimento pessoal. Não houve, para mim, oportunidade de participar desse grupo por agenda incompatível, mas ouço todos na comunidade, e segue abaixo um pequeno relato de uma participante:

O objetivo dos encontros que acontecem aos domingos à tarde, de quinze em quinze dias, é de ajudar na aproximação afetiva junto a Jesus, de ajudar a comunidade a se apaixonar pela pessoa dele e estreitar os laços de amizade com os irmãos e irmãs da comunidade. Os encontros são dirigidos pelo nosso amigo Pe. Alfonso García Rubio que faz questão de deixar bem claro que não se trata de estudo ou curso. O primeiro livro usado para a meditação do grupo foi *Jesus, uma aproximação histórica* de Antonio Pagola. A dinâmica do grupo é a seguinte: damos início às reuniões saudando Jesus e cantando. Logo em seguida, é feita a leitura de um pequeno resumo do capítulo anterior. Fazemos, depois, pausadamente, a leitura do capítulo a ser meditado. Cada participante, então, faz a releitura do texto de forma meditativa, silenciosamente, e aponta a parte do texto que mais lhe tocou. Abre-se espaço para que cada pessoa possa expor sua opinião e seus sentimentos e o grupo procura pensar numa forma de colocar em prática no dia a dia de cada um tudo que foi refletido e meditado, seguindo os ensinamentos e o caminho de Jesus. Terminada a conversa, a meditação e as reflexões fazemos orações espontâneas, rezamos o Pai Nosso e terminamos o encontro com um delicioso lanche coletivo em que todos participam e cooperam.

Em abril de 2019, passamos a meditar com a ajuda de outro livro do mesmo autor: *O caminho aberto por Jesus*. Em março de 2020, nos vimos obrigados a interromper as reuniões presenciais devido à pandemia da Covid-19. Optamos por realizar os encontros virtualmente, o que não deu um bom resultado, pois nem todos os participantes tinham meios de acompanhar. Mesmo assim, demos continuidade aos encontros virtuais, pedindo a Deus o término da pandemia, pois estávamos sentindo falta da presença dos amigos e do calor humano. Passada a pandemia, voltamos a nos reunir presencialmente em 2022. Hoje, já no final de 2023, estamos nos reunindo na Capela, aos domingos, de quinze em quinze dias, às 17h. Contamos com um grupo pequeno, mas assíduo. Durante as celebrações da eucaristia, aos domingos, é feito sempre o convite para que mais pessoas aceitem participar dos encontros – lembrando que o grupo é aberto a toda comunidade. Participar dos encontros dos Amigos de Jesus tem me ajudado a aumentar a minha fé mixuruca e a ter um olhar mais compassivo com meus irmãos, me tornando um ser humano um pouco melhor. Tudo isso, “passinho a passinho”, como tão bem nos lembra o nosso amigo Alfonso.

Eu poderia trazer aqui muitos testemunhos, ou mesmo escrever um livro somente para contê-los todos, mas fica aqui a palavra da Nicéia representando todos os que fazem parte ou que passaram pelo grupo dos Amigos de Jesus.

Celebração da eucaristia: ponto alto na fé e na pedagogia do Pe. Alfonso

As missas da comunidade de São Pedro do Canal do Anil acontecem sempre às 9 horas de todos os domingos. Nem todos os membros da comunidade são letrados ou frequentaram a escola por muito tempo. O folheto oficial da missa não foi elaborado pensando nessas pessoas, mas nosso padre sempre foi muito cuidadoso com isso. Se uma parte da comunidade lê algo que a outra parte sequer entende, a celebração fica confusa e ininteligível para muitos. Por isso, Pe. Alfonso vem “traduzindo” o folheto faz tempo. E traduz substituindo palavras, expressões, nomes que em nada ajudam na compreensão da mensagem do texto bíblico. Há certas palavras que fazem efeito contrário por serem totalmente incompreensíveis no atual contexto. No meu ponto de vista, há um descuido da Igreja ao manter uma linguagem que não comunica mais o que o texto dos folhetos quer afirmar, porque as palavras ou caíram em desuso ou seu sentido não é mais capaz de se impor nos dias de hoje. Nossa assembleia é constituída, na sua maioria, por pessoas simples, e nosso padre Alfonso entende que elas precisam entender o que se diz e o que se faz na missa para que a celebração faça sentido para todos.

As celebrações presididas pelo Pe. Alfonso, na comunidade de São Pedro, têm sempre clareza na interpretação da Palavra do Evangelho. A comunidade toda tem o direito de participar desse momento, porque, segundo o Pe. Alfonso, o Espírito Santo é livre e sopra onde quer e, assim, todo e qualquer membro da Igreja deve ser ouvido e acolhido. Num primeiro momento, nosso pastor esmiúça a mensagem evangélica e as leituras próprias daquele domingo, traduz palavras e contextualiza o que foi lido para que a comunidade possa entender, porque aparecem os hábitos e o uso de palavras e expressões tão diferentes dos de hoje. Depois, essa mensagem é traduzida para nossa vida pessoal, dentro do nosso próprio contexto de vida, no nosso tempo e no lugar onde nos encontramos. Ele ressalta o que Jesus está querendo dizer, a NÓS, HOJE! Ele sempre coloca

um quadro-negro posicionado à frente de todos e ao lado do altar, onde escreve um preciso resumo do que é a mensagem de Jesus para toda a Igreja, hoje. E faz a gente repetir muitas vezes para que a essência da mensagem fique ressoando nos nossos ouvidos durante toda a semana que se inicia. O pessoal todo tira fotos do quadro, envia para os amigos e, principalmente, para os que não puderam estar presentes no dia.

Num segundo momento, a palavra é oferecida a quem quiser comentar, acrescentar ou perguntar algo. A partilha é sempre uma riqueza a mais. Os que mal abriam a boca, em tempos atrás, hoje dão testemunhos, falam de suas dificuldades, mencionam seus progressos e manifestam solidariedade aos irmãos. Há, durante essas partilhas, momentos divertidíssimos de aprendizado e reflexão pessoal. Já comentei que toda a pedagogia do Pe. Alfonso sempre foi, e ainda é, regada de muito bom humor. Não é diferente nas missas, batizados, primeira eucaristia ou casamentos realizados na comunidade.

Liturgia a serviço da fé

A liturgia sempre foi defendida pelo Pe. Alfonso como uma expressão da fé da comunidade. Ele sempre insiste, uma e outra vez, na necessidade de haver um maior esclarecimento entre o que é a fé e o que é a “expressão cultural da fé”. Um exemplo excelente desse cuidado pode ser observado na celebração dos ritos da Semana Santa. O povo esteve muito acostumado a ir à Igreja, nesses dias, como cumprimento de um preceito, “comungar, pelo menos, pela Páscoa da Ressurreição!”. E junto com esse hábito, muitos outros faziam com que a maioria celebrasse esses ritos riquíssimos de significado sem perceber o que estava fazendo. Na missa da Quinta-feira Santa, é preparada uma procissão de entrada com pessoas da comunidade representando os doze discípulos e fazendo referência à Campanha da Fraternidade do ano litúrgico que se inicia. Padre Alfonso ressalta a importância do lava-pés como sendo essencial para os que querem seguir Jesus, e toda a liturgia desse dia é voltada para o sacerdócio de todos os cristãos. O lava-pés é o centro da celebração dessa eucaristia, que mostra que essas duas ações nunca podem andar separadas: eucaristia e serviço concreto aos irmãos são duas faces de uma mesma moeda.

Na tarde da Sexta-feira, toda a Igreja celebra a paixão do Senhor. Em muitas paróquias, ainda se coloca um esquife com uma estátua de

Jesus morto, coberto de panos roxos e que vai, a certa altura do dia, em procissão, encontrar-se com Nossa Senhora. Isso não é essencial da fé cristã, mas apenas uma expressão cultural da fé em Jesus. O essencial não é exaltado aí. Não fica claro o AMOR de Jesus que o fez deixar-se matar para que tivéssemos, como verdade, a sua Palavra. Não fica claro que poderíamos ter evitado essa morte porque ela não estava nos planos de Deus. Jesus veio para implantar o Reino e nós, os seres humanos, optamos por matá-lo. Ele foi assassinado! Essa é a fé cristã: Deus não quer a morte do seu filho e de ninguém. O nosso Deus é o Deus da VIDA!! Deus NÃO enviou seu Filho amado para morrer no meu lugar!!! Deus enviou seu Filho amado para inaugurar o Reino onde o amor sempre vence e a justiça prevalece. A comunidade faz a adoração da CRUZ, sim! Mas o que adoramos é o amor salvador de Jesus. Não é a cruz pela cruz. Essa é uma maldição! É o amor que salva e não o sofrimento de Jesus na crucificação. Deus não quer o sofrimento para nenhum de seus filhos e enquanto Jesus está sofrendo, na cruz, o Pai está com ele. Do mesmo modo, está com qualquer um de nós, em nossos piores momentos. Esses são pontos centrais e essenciais da fé cristã em que o Pe. Alfonso insiste, a cada ano, nas celebrações da Sexta-Feira Santa.

No Sábado Santo, a reflexão se volta para a escuridão e a luz. Esse binômio luz-trevas dá o tom da homilia e da conversa nesse Sábado de Aleluia. Após o fogo santo iluminar toda a igreja, quando, animados, vamos acendendo nossas velas no Círio Pascal e cantamos o Glória, algumas leituras são feitas e o Evangelho é proclamado. E embora o tema do Evangelho seja a ressurreição de Jesus, Pe. Alfonso adia para o Domingo de Páscoa essa maravilhosa notícia e se detém no binômio trevas-luz. Fala dessa simbologia, da escuridão e da luz, dos que estão nas trevas e, por isso, têm medo da luz, e nos incentiva a encarar as nossas próprias trevas para que possamos ir ao encontro da luz que é Jesus. Com muita simplicidade, nos fala do homem velho e da mulher velha de que fala S. Paulo, e nos mostra que podemos transitar entre esses dois modos de vida durante a vida toda. Incentiva a tomar de Jesus a confiança e ir deixando pra trás o homem e a mulher velhos, ranzinzas, fazendo com que se sintam “pálidos, fracos”, e cuidemos de nossos homens e mulheres novos, alimentando-os com a força da graça, coragem, generosidade e alegria fazendo com que se sintam confiantes, disponíveis e comprometidos com os irmãos. A comunidade toda é chamada, nessa noite, a rever posições “velhas” e é animada a adquirir “novas” posturas.

Espiritualidade em casa

Dos grupos de espiritualidade que se reúnem nas casas também faço parte. Dois deles se reúnem na casa do Pe. Alfonso, em dois dias da semana, outros se reúnem na casa dos participantes dos grupos. Esses grupos são importantíssimos para as famílias. Tendo um número menor de participantes, há uma maior proximidade entre as pessoas, estreitando os laços e a confiança se faz mais forte também. A reflexão, nesses encontros semanais, se direciona mais para a revisão de posicionamentos, escolhas, atitudes, pois a orientação do Pe. Alfonso está sempre voltada para o amadurecimento da experiência de Deus e nas ações concretas que essa fé, uma vez mais amadurecida, venha “obrigar”. Sempre questionando nossa capacidade de fazer silêncio interior em vista de um verdadeiro encontro com Deus, nosso mestre nos confronta com a nossa possível fuga do serviço aos mais pobres e deixados de lado pela sociedade. Ele sempre, sempre e sempre bate nesta tecla: “se você não tiver uma atitude concreta em defesa dos mais pobres não diga que é cristão!”.

Na orientação dos grupos de espiritualidade, Pe. Alfonso faz uso de material de outros autores, além de seus próprios livros. Sua teologia pastoral nos grupos funciona mais ou menos assim: o grupo faz uma leitura atenta do texto em conjunto e, após uns minutos de silêncio para uma reflexão pessoal, o espaço fica aberto para comentários, dúvidas, testemunhos e vivência dos participantes. Além de algum comentário no meio da conversa, Pe. Alfonso sempre faz um fechamento chamando a atenção para um determinado ponto que ele considera mais importante. As trocas de experiências, a ajuda dos irmãos em momentos difíceis e angustiantes, as orações pedidas, as alegrias repartidas renovam a esperança e nos dão a certeza de que esses grupos são verdadeiras igrejas domésticas, porque o centro é Jesus e seu Reino e estamos todos reunidos em seu nome.

Ao final de cada ano, em tempo de Advento, fazemos nossa celebração para agradecer pelo ano em que estivemos juntos, por tudo que nos foi permitido viver e partilhar. Encerramos o ano com uma deliciosa ceia ao final da celebração. É o momento do bate-papo, troca de notícias, novidades etc. Não poderia deixar de ser assim, para que fosse sob orientação no nosso mestre...

Não poderia deixar de comentar a respeito do curso das terças-feiras. Esse curso de teologia foi pedido por alguns alunos da PUC, que

não tiveram a oportunidade de estudar cristologia com o Prof. Alfonso enquanto foi professor naquela universidade. Alguns alunos de graduação, então, vinham participar das aulas, pois consideravam imperdíveis para seus currículos. Até hoje, o curso acontece no Colégio Santa Teresa de Jesus, na Tijuca, pois o local é bem central e perto do metrô. Todos os que participam dessas aulas fazem parte das atividades pastorais em suas respectivas comunidades. Todos têm a oportunidade de renovar e ampliar seus conhecimentos teológicos que, seguramente, ajudam a reforçar a fé para uma participação mais eficaz na Igreja. Os temas das aulas são variados, e nosso professor Pe. Alfonso os coloca em votação para que seja um tema de interesse da maioria. Vão de leituras de outros autores, com comentários e críticas de acordo com a interpretação teológica do nosso mestre, até temas variados de cristologia ou de antropologia teológica preparados cuidadosamente por ele mesmo.

Conclusão

Não foi nada fácil escrever com o intuito de traduzir um sentimento tão profundo, tão forte e tão verdadeiro como a gratidão e o amor que eu sinto pelo meu mestre amigo Pe. Alfonso. Foi então, no convívio com esse senhor, tão bem-humorado e muito sábio, que comecei a amadurecer um pouco e a virar gente. Foram muitos encontros, seminários, aulas, palestras, cursos, retiros, broncas e gritos, ao longo de quase 30 anos de amizade e parceria. Sim, ele é meu parceiro! Fui salva por ele de muitas situações difíceis: emocionais, financeiras, acadêmicas e pastorais.

Sua perseverança e confiança no caminho de Jesus geram frutos que podem ser colhidos por quem se aproxima dele e quer aprender a aprender, quer andar também nesse caminho. Onde ele estiver ensinando alguma coisa, lá estou eu e estarei sempre. Acho que já fiz mais de 10 cursos de antropologia teológica e cristologia, e farei quantos ele ainda oferecer, porque é sempre novo; sempre enriquecido por sua mente brilhante!

Eu poderia escrever um livro inteiro para elencar todo o bem que ele me fez, e faz a todos que dele se aproximam, com seu dom de clarificar a mensagem evangélica. E tudo o que seus alunos e amigos fizerem será sempre pouco para agradecer o novo rumo que tem dado à nossa conversão através do seu modo único e genial de falar de Jesus e de mostrar o que seja o tal amor-serviço com a própria vida! Sou sua testemunha diante do Senhor!

Círculo do Rio: um legado acadêmico-pastoral de Alfonso García Rubio

Lúcia Pedrosa-Pádua⁶

Celso Pinto Carias⁷

Maria Carmen Castanheira Avelar⁸

Introdução

Pesquisar, refletir e escrever são atos de esperança. Exigem tempo de amadurecimento, decisões e acompanhamento do trabalho realizado. O conhecimento trilha uma verdadeira peregrinação, avança, avalia e reavalia. Aprender a aprender criticamente e realizar um conhecimento colaborativo fazem parte da autêntica ação educativa. Especialmente se ela deseja contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e solidária, para o desenvolvimento da sinodalidade nas Igrejas e para a escuta das demandas missionárias e advindas dos diferentes setores sociais. O Círculo do Rio é uma manifestação destas convicções.

Uma das características do Prof. Pe. Alfonso García Rubio ao longo de toda a sua atuação docente na PUC-Rio foi a formação de grupos de orientandos na pós-graduação. Até tornar-se professor emérito, em 2008, aos 74 anos de vida, encontrava-se mensalmente com o grupo de seus estudantes, com o intuito de conhecimento recíproco dos temas estudados, principalmente nas áreas de antropologia teológica e cristologia. Nestes espaços aconteciam a ajuda mútua, a crítica temático-metodológica, auxílio nas buscas bibliográficas, cultivo de uma interação pessoal colaborativa e novo impulso ao trabalho acadêmico.

O Círculo do Rio foi formado em 2002, inspirado nesta prática coletiva e permanece vivo até os dias de hoje. Os 90 anos de vida do mentor do Círculo oportunizam a memória desse grupo de estudos que deseja contribuir para a reflexão teológico-pastoral de qualidade no Brasil e ser um espaço de acompanhamento recíproco na investigação e produção acadêmicas. Além disso,

⁶ Doutora em Teologia, professora de Teologia na PUC-Rio, teresianista, participante do Círculo do Rio.

⁷ Doutor em Teologia, professor de Cultura Religiosa na PUC-Rio, participante do Círculo do Rio.

⁸ Doutora em Teologia e mestre em Pedagogia, foi professora de Cultura Religiosa na PUC-Rio e participa do Círculo do Rio.

o Círculo sempre motivou que o trabalho acadêmico fosse cheio de sentido e qualificasse um serviço aos universitários nos cursos de teologia e todos os outros das diferentes áreas do conhecimento, articulados pelo setor da Cultura Religiosa na PUC-Rio, além dos distintos espaços de trabalho dos seus participantes. O Círculo do Rio é um precioso legado acadêmico-pastoral do Prof. Pe. Alfonso García Rubio, como tentaremos mostrar a seguir.

1 História

Os alunos e alunas de pós-graduação em teologia orientados por Pe. Alfonso se lembrarão das reuniões periódicas dos grupos de orientação que ocorriam, desde o século passado, em espaços da PUC-Rio ou nas casas dos participantes, mesmo nas cidades de origem dos membros do grupo. No entanto, em 19 de dezembro de 2002, fez-se realidade a ideia de formar um grupo permanente, com aqueles e aquelas que tiveram suas teses doutorais orientadas pelo Pe. Alfonso.

A reunião de criação do grupo ficou bem-marcada na memória dos que estávamos ali, naquela manhã de verão, na casa de um dos doutorandos de teologia. Pe. Alfonso fez a proposta. Alguns éramos professores e professoras da PUC-Rio, Ana Maria Tepedino, Celso Carias, Lúcia Pedrosa-Pádua, Maria Carmen Castanheira Avelar, Pe. Marcos Santana e D. Joel Portella Amado, então presbítero, também professor do ISTARJ – Instituto Superior de Teologia da Arquidiocese do Rio de Janeiro e coordenador da pastoral da mesma arquidiocese; estavam também Maria Joaquina Fernandes Pinto, mais conhecida como Quininha, à época professora do Seminário Paulo VI (Nova Iguaçu) e Diretora do IDT – Instituto Diocesano de Teologia Mons. Barreto (Volta Redonda), e Consuelo Vélez, professora da Pontifícia Universidade Javeriana (Bogotá), que passava pelo Brasil. Em seguida, foi contatado Claudio de Oliveira Ribeiro, pastor metodista e então docente da UMESP – Universidade Metodista de São Paulo, que se uniu ao grupo. Outros, também lembrados, não puderam aderir à proposta.

Os estudantes mestrandos e doutorandos, presentes naquela reunião especial, ficaram como ouvintes, talvez imaginando ansiosamente seu ingresso no grupo ao final do doutorado... Embora criado pelos e para os que tiveram suas teses de doutorado orientadas pelo Prof. Alfonso, o Círculo do Rio nunca foi pensado como um grupo fechado.-

Na reunião seguinte, pensando um nome para o grupo, agradou-nos a sugestão do Prof. Alfonso, “Círculo do Rio”. “Círculo” porque era uma designação própria para grupos da nossa natureza, “Rio” porque explicitava o seu local de origem.

O nome nos deu esperança. O grupo tem por inspiração a figura do círculo. Pode ser visto como um triângulo em movimento giratório pluridimensional, como podemos imaginar a ação da própria Trindade. Ele é o todo, como tudo é o que Jesus Cristo assumiu. O Espírito atualiza esta presença à plenitude, ou seja, ao todo. O Pai tudo acolhe na diversidade. O círculo é inteligência e sabedoria. E também comunidade, fraternidade, abraço. Ele se expande e se retrai, resiliente, sem deixar de ser círculo. Gira, desloca-se, evolui ora em espiral, ora em ondas. O Círculo é do Rio. Nem todos os participantes são originários do Rio, mas estão todos ligados a essa cidade por liberdade e por amor, a partir da PUC-Rio. Temos que cuidar para que o nosso Círculo seja coerente com o seu espírito trinitário e com a paixão pelo Evangelho, pensávamos desde o princípio. A finalidade primeira era ser espaço de estudo, apoio, estímulo e referência para a produção escrita dos participantes, teólogos e teólogas.

Foi assim que, de dois em dois meses, até a atualidade, com exceção do período pandêmico, de fevereiro a novembro de 2021, o círculo de estudos passou a se reunir presencialmente, na PUC-Rio ou em outros lugares. Em 2020, reuniu-se principalmente pela internet. É necessário dizer que a dimensão acadêmica sempre esteve integrada com a intencionalidade de ser espaço de encontro e amizade, partilha da mesa, da vida e da missão apostólica dos participantes, em seus distintos contextos. Na dinâmica de funcionamento do grupo, um momento de oração relacionado com a vida, outro de estudo e comentários dos textos e partilha da mesa são uma constante. Os textos produzidos para os livros, mesmo os escritos por Pe. Alfonso, recebem comentários e sugestões, favorecendo a visão de conjunto.

Uma consequência deste modelo de encontro é justamente a integração entre teoria e prática. Tanto na produção de texto quanto na vida do próprio grupo. A reflexão do Círculo do Rio sempre é interligada com a dimensão pastoral. Os textos produzidos, mesmo dentro do rigor acadêmico, sempre estão unidos a aspectos da prática do povo no interior das distintas realidades sociais e eclesiais. Estas precisam ser levadas em consideração, não de maneira uniforme em toda a produção, mas nunca sendo esquecidas. Obviamente, a inserção do Pe. Alfonso no meio popular é um fator motivador fundamental.

No círculo, todos somos ao mesmo tempo mestres e discípulos, e para tanto é preciso a difícil humildade e abertura às críticas dos colegas. Responsabilidade e compromisso de grupo. A coordenação é rotativa, já tendo sido exercida por Pe. Marcos Santana, Maria Carmen Avelar, Marco Bonelli e Lúcia Pedrosa-Pádua. Ao longo de cada ano, é realizado um retiro espiritual de mais dias, em locais apropriados para tal. Foram dezenas de momentos de partilha-oração-perdão-reflexão, coordenados pelos próprios membros do Círculo.

Chama a atenção a diversidade do grupo e a sua abertura ecumênica, desde o início: padres, pastores, bispo, religiosa, leigas e leigos de idades e atuações pastorais diferentes. Ao longo destes mais de vinte anos, o grupo manteve-se firme em sua composição, com algumas alterações. Atualmente, são membros do Círculo do Rio os professores Pe. Alfonso García Rubio (fundador e mentor), Celso Pinto Carias, Cláudio de Oliveira Ribeiro, Marco Antônio Gusmão Bonelli, Pe. Marcos Antônio de Santana e as professoras Lúcia Pedrosa-Pádua, Maria Carmen Castanheira Avelar, Maria Joaquina (Quininha) Fernandes Pinto e Olga Consuelo Vélez Caro. Integraram o Círculo, por muito tempo, D. Joel Portella Amado (até 2020), o professor e pastor metodista André da Conceição Botelho, em duas publicações, o padre Medoro de Oliveira, em alguns encontros, e a professora Ana Maria Tepedino, que enriqueceu o Círculo do Rio com sua presença e publicações desde o início até 2018, momento em que partiu para compartilhar da morada de Deus, que tanto na vida amou.

Figura 1



Círculo do Rio (registro parcial de participantes) - 28/10/2016.

Da esquerda para a direita, sentido horário: Celso Carias, M. Carmen C. Avelar, Pe. Marcos Santana, Ana Maria Tepedino, Lúcia Pedrosa-Pádua, Marco Bonelli, Pe. Alfonso García Rubio, Maria Joaquina (Quininha) F. Pinto.

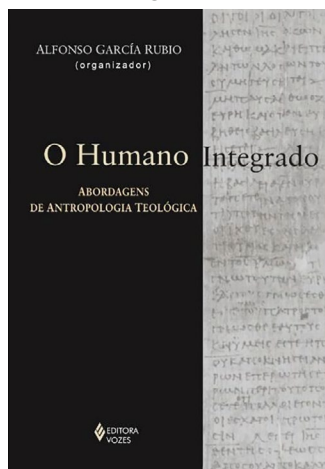
2 Publicações

Como coletivo, o Círculo do Rio conta com três publicações com várias edições e permanece sendo espaço de estudo e pesquisa em temas teológicos contemporâneos, como a antropologia e cristologia modernas e o diálogo entre teologia, ciências e cultura. Ao longo da redação dos livros, o grupo foi coordenado pela professora Maria Carmen Avelar, que cuidadosa e solidariamente se responsabilizou pela revisão e coordenação editorial.

O Pe. Alfonso García Rubio, como criador e mentor do Círculo do Rio, participou ativamente na escolha dos temas das publicações. É possível olhar para o processo percorrido e descobrir uma verdadeira escola teológica, que este teólogo criou e encarna. São características desta escola, de forma resumida: uma reflexão antropológica pautada na relação de integração-inclusão das diferentes dimensões humanas, expressa nas relações fundamentais com Deus, com os demais seres humanos, com a natureza e consigo mesmo e ancorada numa (inter)subjetividade responsável e aberta; intersignificação entre antropologia e cristologia – há iluminação recíproca sobre o sentido de ser humano, da salvação cristã e do futuro escatológico; diálogo da teologia com as ciências e as culturas, que enriquece a reflexão sobre o ser humano e as formas amadurecidas da vivência da fé diante dos desafios do nosso tempo.

A primeira publicação deu-se em 2007, com *O humano integrado. Abordagens de antropologia teológica*⁹. Em resenha publicada na *Revista Atualidade Teológica*¹⁰, Maria Carmen C. Avelar apresenta o Círculo do Rio e os “eixos de convergência” da obra: “a antropologia teológica e a visão integrada do ser humano, herdada das tradições bíblico-cristãs”. Efetivamente, o livro “procura articular as diversas dimensões do humano e da vida, defendendo a riqueza da proposta de salvação cristã que valoriza a complexidade

Figura 2



*Capa de: O humano integrado
- 1ª edição*

⁹ GARCIA RUBIO, Alfonso (org.), *O humano integrado. Abordagens de Antropologia Teológica*.

¹⁰ AVELAR, Maria Carmen C., *O humano integrado. Abordagens de antropologia teológica*, p. 437-442.

do ser e do agir humano”¹¹. Além disso, os capítulos realizam “um diálogo crítico com outras ciências, com a cultura moderna / pós-moderna e utilizam contribuições de outras áreas do conhecimento”¹².

Com efeito, os dualismos e reducionismos crescentes no âmbito das Igrejas levam ao empobrecimento do significado da salvação cristã, destroem a beleza da complexidade humana, comprometem a própria liberdade do ser humano como sujeito individual e como sociedade. A desarticulação entre a dimensão política e a dimensão religiosa da fé, o individualismo da salvação e a desvalorização da sexualidade são apenas alguns exemplos destes reducionismos. Problema que deve ser enfrentado no campo teológico-pastoral, especificamente antropológico.

Surge a urgência de atualizar os significados da humanização integral contida na revelação bíblico-cristã. Também as mulheres e homens de hoje seguem sendo interpelados por esta boa-nova. Os títulos dos capítulos do livro demonstram esta proposta, em que antropologia, espiritualidade e pastoral se entrelaçam:

1. Realmente livres? A ambiguidade antropológica dos ambientes urbanos – *Joel Portella Amado*;
2. O ser humano diante de suas situações-limite: uma reflexão teológica em Paul Tillich – *Claudio de Oliveira Ribeiro*;
3. Fé cristã: resposta humana à iniciativa amorosa de Deus – *Celso Pinto Carias*;
4. Pressupostos epistemológicos para uma visão de sujeito integral – *Olga Consuelo Vélez Caro*;
5. Articulação entre espiritualidade e ética na trajetória cristológica da comunidade joanina – *Ana Maria de Azeredo Lopes Tepedino*;
6. Teologia e Pedagogia em diálogo – *Maria Carmen Castanheira Avelar*;
7. Espiritualidade integradora: o testemunho privilegiado de Santa Teresa de Ávila – *Lúcia Pedrosa-Pádua*;
8. Cristologia sem dualismo: implicações antropológicas à luz da reflexão de Wolfhart Pannenberg – *Marcos Antônio de Santana*;

¹¹ AVELAR, Maria Carmen C., O humano integrado, p. 437.

¹² AVELAR, Maria Carmen C., O humano integrado, p. 437.

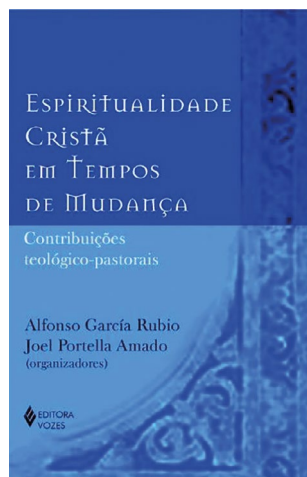
9. Sexualidade e salvação: realidades opostas? – *Maria Joaquina Fernandes Pinto*;
10. Novos rumos da antropologia teológica cristã – *Alfonso García Rubio*.

A ótima recepção do livro mostra a pertinência do tema. Damos ênfase ao capítulo final de García Rubio, “Novos rumos da antropologia teológica cristã” – programático em vários sentidos para os que desejam pensar o ser humano integrado olhando ao mesmo tempo para a revelação cristã nas Escrituras e para o futuro da teologia com sua abertura e sensibilidade à cultura pós-moderna e às ciências. Essa abertura-sensibilidade apontam para a corajosa revisão da imagem de Deus.

A segunda publicação do Círculo do Rio deu-se em 2009, desta vez dedicada à reflexão sobre a vivência de aspectos centrais da vida e da fé cristãs: *Espiritualidade cristã em tempos de mudança. Contribuições teológico-pastorais*.¹³

O que está acontecendo no mundo ao redor? Quais as consequências destas mudanças na compreensão e vivência da fé cristã? Esta era a preocupação principal do Círculo do Rio, certos de que se constatava uma verdadeira desorientação de não poucos cristãos diante das rápidas mudanças de época. Nas palavras de D. Joel P. Amado, na apresentação do livro, os desafios de nosso tempo são provenientes “da própria pessoa, das dinâmicas comunitárias e do contexto sociopolítico e cultural-religioso que, em nossos dias, é marcado por enorme gama de possibilidades, e interpelações, de ideologia, de obstáculos no que se refere ao seguimento de Jesus Cristo”¹⁴. O objetivo desta publicação foi especificamente pastoral, de apresentar, primeiramente, os principais obstáculos que dificultam e até impedem a vivência da espiritualidade cristã para, num segundo momento, “focalizar em que consiste, mesmo, o núcleo vivo dessa espiritualidade” e “desmascarar falsas ilusões”¹⁵.

Figura 3



Capa: Espiritualidade cristã em tempos de mudança - 1ª edição

¹³ GARCIA RUBIO, Alfonso; AMADO, Joel P. (orgs.), *Espiritualidade cristã em tempos de mudança*.

¹⁴ AMADO, Joel P., Apresentação. *Espiritualidade cristã em tempos de mudança*, p. 8.

¹⁵ GARCIA RUBIO, A., Epílogo. *Espiritualidade cristã em tempos de mudança*, p. 236-238.

Os capítulos do livro podem demonstrar as preocupações, sempre anteriormente comentadas e ventiladas nos encontros do Círculo do Rio:

1. Mas que loucura. O desafio de seguir Jesus Cristo no século XXI – *Joel Portella Amado*;
2. Abrindo a Bíblia. Saborear a Palavra de Deus nos dias de hoje – *Claudio de Oliveira Ribeiro*;
3. Abre-te, vê e caminha. Reino de Deus e discipulado hoje – *Marcos Antonio de Santana*;
4. Sou feliz sozinho? A importância do outro na minha vida – *Alfonso García Rubio*;
5. Entre ficar e pegar: e o amor? Sobre a banalidade do amor das relações afetivas – *Maria Joaquina Fernandes Pinto*;
6. Amar como Jesus amou. Vida segundo o Espírito – *Joel Portella Amado*;
7. No altar da vida. Santidade é vocação de todos – *Maria Carmen Castanheira Avelar*;
8. Obras de fé em tempos de mudança. Uma espiritualidade que aposta na vida – *Olga Consuelo Vélez Caro*;
9. Falar com Deus. Uma breve prosa sobre a oração – *André Botelho*;
10. Os demônios estão soltos. Sobre as ameaças do nosso tempo – *Lúcia Pedrosa- Pádua*;
11. Vida e morte: dois lados da mesma moeda. Uma reflexão sobre o sentido da morte – *Celso Pinto Carias*;
12. Epílogo – *Alfonso García Rubio*.

O pequeno grande livro seguiu seu caminho exitoso em mais de uma edição. Como é importante reconduzir, apaziguar e cuidar dos horizontes interpretativos da fé. O ambiente das Igrejas, alimentado por suas teologias, infelizmente pode reforçar o sentimento de medo e mesmo a escravidão. Mas pode também alimentar a liberdade, a responsabilidade, o amor pessoal e social. O Círculo do Rio desejava e deseja propiciar caminhos de liberdade e amor, veredas certamente mais “artesaniais”, utilizando uma palavra do papa Francisco, mas as únicas capazes de promover a fidelidade ao Espírito do Evangelho de Jesus Cristo.

A terceira publicação do Círculo do Rio viu a luz em 2012 e seguiu as intuições programáticas para a antropologia teológica já indicadas no primeiro livro. Aprofundou um tema importantíssimo para a fé cristã em seu diálogo com as ciências: *Fé cristã e pensamento evolucionista. Aproximações teológico-pastorais a um tema desafiador*¹⁶.

O Pe. Alfonso já era, desde a gênese do livro, professor emérito da PUC-Rio. Porém, seguiu o seu caminho de mentor do Círculo do Rio com força e “determinada determinação”, segundo a expressão de Santa Teresa de Ávila. Renovado, renovando e deixando-se renovar, o Prof. Pe. Alfonso tirava de sua imensa bagagem teológica “coisas novas e velhas” (Mt 13,52) e, como tínhamos a nítida sensação, andava sempre um passo à frente da mentalidade teológica vigente.

O que significa a fé em Deus criador a partir de uma evolução? Refletamos. Esta publicação atingiu diretamente o tema da revisão da imagem de Deus, excessivamente estática, associada ao intervencionismo e à ação divina a partir de fora da criação. Para isso, o livro enfrentou o diálogo entre teologia e ciências naturais, cuja tensão vem de longa data. Os autores buscam relacionar a visão científica evolucionista e a fé em Deus criador a partir da tradição bíblico-cristã.

Os capítulos, amadurecidos no interior do Círculo do Rio, manifestam o aprofundamento no tema a partir de perspectivas diversas: teologia da criação e suas consequências, centralidade da noção bíblica da kénose divina, nova compreensão de Deus, revisão de leituras fundamentalistas, consequências do diálogo com a perspectiva evolucionista para a visão de ser humano, para a Igreja, para a espiritualidade, para a liturgia, para a ética e a para a escatologia:

1. A teologia da criação desafiada pela visão evolucionista da vida
– *Alfonso García Rubio*;

Figura 4



Capa de: Fé cristã e pensamento evolucionista - 1ª edição

¹⁶ GARCIA RUBIO, Alfonso AMADO, Joel P. (orgs.), *Fé cristã e pensamento evolucionista. Aproximações teológico-pastorais a um tema desafiador*.

2. A visão místico-evolutiva de Teilhard de Chardin: novas bases para o pensar científico e teológico – *André da Conceição Botelho*;
3. Entre Deus e Darwin: contenda ou envolvimento? A respeito dos desafios que o pensamento evolucionista apresenta para a compreensão de Deus e vice-versa – *Joel Portella Amado*;
4. Del Dios omnipotente a “la humildad de Dios”. Una reflexión sobre la evolución en perspectiva kenótica – *Olga Consuelo Vélez Caro*;
5. Por uma teologia da criação que supere os fundamentalismos – *Claudio de Oliveira Ribeiro*;
6. Pessoa humana: liberdade em processo de evolução dinamizado pela graça – *Marco Antonio Gusmão Bonelli*;
7. Janelas abertas para o mistério: um estudo dos ritos à luz da visão evolucionista – *Maria Carmen Castanheira Avelar*;
8. Evolucionismo e espiritualidade: contribuições da mística para uma revisão da imagem de Deus – *Lúcia Pedrosa-Pádua*;
9. Farinha pouca? Meu pirão primeiro! Ética cristã e visão evolucionista: desafios – *Maria Joaquina Fernandes Pinto*;
10. O futuro se abre ao presente em evolução: encontro entre teologia e teoria da evolução no discurso escatológico – *Celso Pinto Carrias*;
11. Uma Igreja em kénose: o lugar da humildade como condição para o diálogo com o pensamento evolucionista – *Ana Maria de Azevedo Lopes Tepedino*;

A pergunta pelo sentido da vida requer coragem e colaboração aberta entre os que se interessam pelo ser humano, sua vida e seu futuro, “intimamente vinculado ao futuro do seu meio ambiente e do cosmo. Compartilhamos a convicção de todos aqueles que defendem que os diferentes saberes podem e devem colaborar na procura dessa resposta ou de respostas”¹⁷, afirmam os organizadores na apresentação do livro. Em *Evolucionismo e fé cristã*, o Círculo do Rio demonstra que a teologia tem também uma palavra significativa no diálogo com as ciências.

¹⁷ GARCIA RUBIO, A.; AMADO, Joel P. Introdução. Fé cristã e pensamento evolucionista, p. 13.

3 Nova etapa: estudos e apoio a publicações

As publicações coletivas tiveram sua gênese na preparação e reflexões compartilhadas, embora sempre mantendo o aspecto pessoal e individual dos autores e autoras. Os encontros geravam debates, concordâncias e discordâncias, iluminações, risadas. As publicações foram preparadas como o pão, que demanda tempo para que a massa toda seja fermentada. Ninguém ficava de fora. Na construção dos textos, havia energia teológica e esperança de um tempo novo nas Igrejas. As reuniões eram inspiradoras e sedimentavam novos conhecimentos. As publicações, por sua vez, contaram com muitos lançamentos na PUC-Rio e em várias outras instâncias no Rio de Janeiro e outras cidades, para a socialização da produção e do conhecimento.

Iniciou-se outra etapa do Círculo do Rio após a publicação de *Fé cristã e pensamento evolucionista*. Coincidindo com o pontificado do papa Francisco, eleito em março de 2013, novas atividades esperavam o grupo de estudos. Pe. Alfonso assomava-se agora aos seus 80 anos. Numa das reuniões, comentou que nunca imaginou que ainda leria um documento como a *Evangelii Gaudium*. A exortação de Francisco demandava coragem, mesmo uma certa “loucura” e, certamente, sofreria oposições. A reforma e a renovação da Igreja no fortalecimento da sinodalidade se adiantaram às nossas expectativas, felizmente.

Os membros do grupo, além das atividades acadêmicas, sempre foram engajados em atividades pastorais e de extensão. Exerciam serviço de assessoria à CNBB nos Setores das CEBs e do Laicato e a movimentos sociais e ecumênicos; outros fortaleciam a dedicação como escritores e organizadores de publicações teológicas em outros ambientes e grupos de pesquisa; outros abriam-se a alternativas pastorais. Outro, ainda, assumiu o serviço episcopal. No entanto, continuamos vendo, no Círculo do Rio, como coletivo, uma atalaia privilegiada para continuar sonhando e refletindo teologicamente, conscientes dos desafios atuais das Igrejas e da sociedade. Valia a pena continuar com o grupo, sentíamos. Pe. Alfonso, em seu peculiar realismo, olhava para frente e longe.

Foi então iniciada uma importante fase de leitura compartilhada e comentada de autores de particular importância para a teologia. Iniciamos pela eclesiologia de Walter Kasper, *A Igreja católica*¹⁸, traduzido em

¹⁸ KASPER, Walter, *A Igreja católica*. Essência, realidade, missão.

tempo recorde pela Unisinos. Na leitura crítica do texto, sonhamos com a renovação da Igreja determinada pela coragem de falar de Deus e do Deus de Jesus Cristo, vendo a Igreja como acontecimento do Espírito que se renova sempre. De algumas estruturas era necessário despedir-se e buscar novos rumos.

Em seguida, certos de que, com Francisco, a cristologia adquiria renovada importância, o objeto da leitura compartilhada e criticamente comentada foram duas obras do teólogo espanhol José M. Castillo: *Jesus – A humanização de Deus* e, em seguida, *A humanidade de Jesus*¹⁹. Esse estudo propiciou uma retomada de toda a teologia a partir da cristologia, sempre em perspectiva crítica e com liberdade diante dos autores estudados, com momentos e retiros de muita densidade humana e teológica. O segundo livro de Castillo, iniciado presencialmente, atravessou a pandemia da Covid-19, que comprometeu o convívio do grupo; tivemos que finalizá-lo em encontros por internet.

E foi online que iniciamos a leitura compartilhada de um novo livro, desta vez encarando o tema do ateísmo dos cientistas, o que nos levou de volta à reflexão sobre as razões da teologia em diálogo com a ciência. Como entrar na “visão de mundo” ateísta e compreendê-la melhor para encetar um diálogo? O livro selecionado foi *Ateísmo – Um guia para crentes e não crentes*²⁰, do filósofo norte americano Kerry Walters.

Foram treze encontros virtuais do Círculo do Rio em 2020! Buscávamos a difícil normalidade e, principalmente, manter o contato. Não foi fácil.

Em janeiro de 2021, Pe. Alfonso perdeu repentinamente a visão do olho esquerdo. Um susto, uma dor, contornados com humor e pedidos de ajuda. Mas algo nos impressionou: não ouvimos, da parte dele, nenhuma lamúria sequer por haver perdido esta vista. Os encontros virtuais foram suspensos. A retomada da leitura do livro *Ateísmo* aconteceu tão logo foram possíveis os encontros presenciais, em 2022.

O Círculo do Rio também se debruçou sobre textos e documentos do papa Francisco. Como nos esquecer da leitura/reflexão compartilhada da carta “*Admirabile signum* – sobre o significado e valor do presépio” no retiro anual de 2019, realizado na Sítio Araucária? Igualmente marcante foi a encíclica *Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social*, estuda-

¹⁹ CASTILLO, José M., *Jesus. A humanização de Deus*. CASTILLO, José M., *A humanidade de Jesus*.

²⁰ WALTERS, Kerry, *Ateísmo. Um guia para crentes e não crentes*.

da em janeiro de 2021, de forma presencial, no mesmo sítio Araucária, da Instituição Teresiana (Teresópolis). Todos se lembram com muita gratidão o significativo retiro em que trouxemos para a vida partes da exortação *Gaudete et exultate: sobre a chamada à santidade no mundo atual*, em agosto de 2022, na Fazenda das Arcas (Itaipava).

Concomitantemente à etapa da leitura compartilhada e comentada dos livros, artigos e livros de membros do grupo foram sendo comentados e apoiados. Dois seminários internos aconteceram, o primeiro sobre a sinodalidade e o segundo sobre a já mencionada encíclica do papa Francisco, *Fratelli Tutti*. Notícias eclesiais e dos diversos âmbitos de trabalho apostólico dos membros do Círculo ajudavam a manter-nos atualizados sobre os contextos eclesiais, participantes do húmum da esperança evangélica e conscientes das dificuldades da Igreja sob o pontificado de Francisco. Tudo contribuía para que a atuação acadêmica não fosse vazia, unicamente racional e sem sentido vital, ao contrário, constituísse um verdadeiro serviço ao acompanhamento da caminhada dos/as jovens universitários/as e ao discernimento no interior dos diversos trabalhos pastorais do grupo.

Aniversários de vida, jubileus religiosos e sacerdotais foram celebrados. Com estas notícias de vida, também acompanhamos a partida da professora Ana Maria Tepedino, após a luta contra uma difícil enfermidade. A ela devemos a memória agradecida de sua paixão pelo Evangelho e por uma evangelização criativa.

Uma novidade, nascida como flor no momento árido da pandemia do coronavírus, foi o novo livro do Pe. Alfonso: *A caminho do futuro. Um itinerário teológico-pastoral na Igreja do Brasil*, até este momento não publicado. Nem a perda da visão ou outros problemas de saúde o impediram de seguir na redação deste livro de quase 200 laudas. Foi com os membros do Círculo do Rio que o mestre, humildemente, compartilhou as primeiras dificuldades, socializou as primeiras versões, solicitou opiniões e expôs suas principais intencionalidades.

Conclusão: muito a reconhecer, agradecer e projetar

Há muito o que agradecer na celebração dos 90 anos do Pe. Alfonso! Gratidão é o que brota do fundo do coração. O Círculo do Rio é um grupo que construiu laços, tem histórias para contar, sempre animado pela escola antropológico-cristológica deste renomado e querido teólogo.

Entre suas muitas atividades acadêmicas e pastorais, Alfonso, como gosta de ser chamado, dedicou a este grupo suas melhores energias, sempre na integração da academia com o ser humano vivo, o único que existe: aquele que reflete e sente, vive e convive. Tudo dentro de uma perspectiva unitária acadêmico-pastoral: o/a teólogo/a que deseja se responsabilizar por uma sociedade mais justa, pela vivência do amor concreto nas Igrejas e por uma teologia mais significativa ao nosso tempo.

Referências bibliográficas

- AMADO, Joel P. Apresentação. In: GARCÍA RUBIO, Alfonso; AMADO, Joel P. (orgs.). *Espiritualidade cristã em tempos de mudança*. Contribuições teológico-pastorais. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 7-15.
- CASTANHEIRA AVELAR, Maria Carmen. O humano integrado. Abordagens de antropologia teológica. *Revista Atualidade Teológica*, ano XI, n. 27, p. 437-442, setembro/dezembro 2007.
- CASTILLO. José M. *Jesus*. A humanização de Deus. Petrópolis: Vozes, 2015.
- CASTILLO. José M. *A humanidade de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- GARCIA RUBIO, Alfonso (org.). *O humano integrado*. Abordagens de Antropologia Teológica. Petrópolis: Vozes, 2007.
- GARCIA RUBIO, Alfonso; AMADO, Joel P. (orgs.). *Espiritualidade cristã em tempos de mudança*. Contribuições teológico-pastorais. Petrópolis: Vozes, 2009.
- GARCIA RUBIO, Alfonso AMADO, Joel P. (orgs.). *Fé cristã e pensamento evolucionista*. Aproximações teológico-pastorais a um tema desafiador. São Paulo: Paulinas, 2012.
- GARCIA RUBIO, A.; AMADO, Joel P. Introdução. In: GARCIA RUBIO, Alfonso AMADO, Joel P. (orgs.). *Fé cristã e pensamento evolucionista*. Aproximações teológico-pastorais a um tema desafiador. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 7-13.
- GARCIA RUBIO, Alfonso. Epílogo. In: GARCÍA RUBIO, Alfonso; AMADO, Joel P. (orgs.). *Espiritualidade cristã em tempos de mudança*. Contribuições teológico-pastorais. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 235-238.
- KASPER, Walter. *A Igreja católica*. Essência, realidade, missão. São Leopoldo: Unisinos, 2012.
- WALTERS, Kerry. *Ateísmo*. Um guia para crentes e não crentes. São Paulo: Paulinas, 2015.

PARTE II
Caminhos da antropologia teológica integrada

1

Deus na Universidade

Mario de França Miranda²¹

Introdução

Naturalmente podemos sem muito esforço apontar para algumas modalidades da presença de Deus no campus universitário, como na fé de professores e alunos, nas ocasionais celebrações religiosas, no trabalho de atendimento e esclarecimento por parte de responsáveis religiosos e, nas universidades confessionais, nas atividades de cunho pastoral e mesmo nas aulas de cultura religiosa. Entretanto, tais modalidades, em si corretas e oportunas, não atingem o *nível científico* da Academia, imprescindível numa universidade. Refiro-me ao que deve caracterizar qualquer ciência que mereça este nome: rigor na metodologia, espírito crítico, abertura para o autoquestionamento, diálogo com as demais ciências, investigação e pesquisa contínuas, publicações especializadas ou dirigidas a um público maior. Poderá estar Deus presente também neste âmbito acadêmico?

Nossa resposta é positiva se temos presente que a *teologia* é exatamente, como seu nome indica, a ciência sobre Deus, com sua metodologia, normatividade e linguagem próprias, que lhe garantem um lugar no mundo do saber científico que, afinal, é o que constitui uma universidade. Aliás, a presença da teologia no âmbito universitário foi, no passado, um dado cultural aceito pela sociedade e só se transformou em problema devido às transformações socioculturais, sucessivas e aceleradas, que hoje experimentamos. De fato, o fim da *crisandade* como visão do mundo homogênea e hegemônica libera o surgimento de concepções, mentalidades e práticas das mais diversas que constituem o que hoje denominamos uma sociedade pluralista. Nela, a pluralidade de discursos em sua diversidade acaba por produzir choques, contradições e enfraquecimentos mútuos. A sociedade se torna tolerante e inclusiva,

²¹ Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana. Professor Emérito do Departamento de Teologia da PUC-Rio.

mas simultaneamente crítica com relação às tradições herdadas do passado, sobretudo aquelas que reivindicavam a *verdade* do ser humano e da sociedade como a fé cristã.

E aqui nos deparamos já com um *problema*. Pois a diversidade de disciplinas, humanas, sociais ou físico-matemáticas, no interior da universidade, aceita tão somente a presença da religião, ou mais concretamente do cristianismo, no espaço da academia, desde que este esteja submetido aos quadros da ciência histórica, sociológica ou mesmo da antropologia cultural, constituindo o que conhecemos como “ciências da religião”. Entretanto, a teologia não pode prescindir de sua referência a Deus, de sua fonte na revelação, de sua fé no Absoluto Transcendente, caso não queira perder seu sentido e sua razão de ser. Consequentemente, se verá questionada sobre sua fundamentação epistemológica, a qual deverá se incumbir, diante da razão humana, de livrá-la da acusação de discurso meramente subjetivo, enquanto fruto da fé pessoal. Aqui já desponta um dos temas desta nossa reflexão, a saber, justificar a teologia como ciência e, portanto, sua legitimidade nos quadros de uma universidade.

Entretanto a questão é ainda mais complexa, pois a universidade se encontra no interior da sociedade, como a teologia está situada na Igreja, na comunidade dos fiéis. Ambos os contextos, *social e eclesial*, interpelam inevitavelmente a universidade e a teologia, por lhes apresentar suas preocupações, seus problemas, suas interpretações da realidade, seus juízos de valor. Interpelações contínuas que interferem no conteúdo das disciplinas universitárias voltadas para o bem comum da sociedade. Igualmente, elas desafiam a própria teologia voltada para as necessidades pastorais da Igreja enquanto instituição salvífica a serviço da sociedade. E como todas estas instituições, Sociedade, Igreja, e Universidade, sempre se encontram em contínua interação e mútua influência, que as limitam a um imaginário social comum e à mesma linguagem disponível, o labor teológico na universidade se revela ainda mais complexo.

Em nossa reflexão, teremos diante dos olhos a instituição “universidade” *sem adjetivá-la* como instituição confessional ou laica. Reconhecemos sem mais os princípios e normas que identificam uma Universidade Católica, mas nesta nossa reflexão eles não serão o foco principal. Vivemos numa sociedade pluralista e tolerante, na qual a inevitável diversidade de seus membros está também presente e atuante em âmbito universitário, seja ele confessional ou não, tanto por parte dos alunos quanto

por parte dos professores. Sendo assim os desafios lançados à teologia se assemelham muito em ambas as instituições, embora com intensidades e perspectivas diversas.

Pretendemos também, e isto seja dito já no início, não nos limitar a um enfoque meramente apologético, embora não o omitamos, devido à atual polêmica, limitada a alguns países, que questiona a presença da teologia nas universidades estatais. A temática, como julgamos, ultrapassa uma postura apenas defensiva, já que a universidade, positivamente, confere à teologia uma qualificação científica que, talvez, não possa ser facilmente alcançada fora dela. Pois é exatamente o *desafio* de outras interpretações da realidade que promove a reflexão teológica e enriquece a fé da Igreja.

O texto está dividido em três partes. Primeiramente vamos *justificar* a presença da teologia na universidade como ciência, a saber, dotada de uma reflexão metódica e crítica a partir de um horizonte de compreensão, exatamente como as demais ciências. Numa segunda parte, mais ampla, veremos o *contexto vital* do labor teológico, a saber, a sociedade, a Igreja e a universidade, não como contextos separados e isolados, mas como campos que interagem de tal modo que as questões de um constituem também os problemas dos demais. Assim, a teologia terá necessariamente que lidar com todos eles. Numa parte final, examinaremos a *missão da teologia* diante da sociedade, da Igreja e da universidade, embora seja mais enfatizada sua função no interior do campus universitário.

1 A teologia como ciência entre as diversas ciências presentes na universidade

Embora a *noção de ciência* tenha apresentado concepções várias ao longo da história, vamos partir de uma compreensão simples e básica desta forma de conhecimento. A ciência vem a ser a reflexão metódica e crítica sobre um objeto de estudo. Deste modo, emerge como agente primeiro a razão humana, que se diversificará nas diversas ciências produzindo racionalidades múltiplas²², provenientes de seus diferentes objetos, de seus métodos de abordá-los e de suas específicas reflexões críticas a partir dos pressupostos que as fundamentam.

²² Para a noção de “racionalidade” aqui empregada, ver: FRANÇA MIRANDA, M., Igreja e Sociedade, p. 44-52.

Aqui já aparece a primeira *dificuldade* feita à teologia em sua pretensão científica, pois ela se fundamenta na fé em Deus que se revela, sendo que Deus não pode ser considerado um *objeto*, entre outros, do conhecimento humano. Neste sentido, a teologia estaria numa situação de inferioridade diante das demais ciências, pois aqui entraria um componente “subjetivo” que confia num fundamento inacessível à razão, a saber, a autoridade de Deus que se revela. Subjacente a esta dificuldade se encontra a falsa concepção de que as demais ciências se apresentariam sem pressupostos²³, pois as diversas ciências se apoiam em primeiros princípios que não conseguem ser demonstrados pela inteligência humana, sejam eles próprios da filosofia (Aristóteles), da matemática (K. Gödel), da física (Heisenberg), enfim, das ciências exatas em geral (Popper), só para citar alguns exemplos²⁴. Mas nossa afirmação atinge não só as ciências da natureza, mas também as ciências sociais e históricas, como aparecerá na sequência desta reflexão.

E a razão é simples: a participação do *sujeito* é requerida em todas elas, pois a mera enumeração ou sequência de fatos, de ocorrências, ou de fenômenos, não constituem a ciência. Só quando considerados à luz de uma *teoria* mais abrangente, produto da mente humana, desvendam enfim suas conexões, causalidades, condições. Pois compreender é interpretar a realidade a partir de um determinado horizonte de compreensão ou de um juízo prévio²⁵. Consequentemente, o *objeto* das ciências é constituído pelo sujeito que o conhece e elabora, ao *determinar* qual aspecto da realidade será considerado. Deste modo, o que o senso comum denomina *realidade* sem mais aparece como grandeza complexa, contendo em si uma rica e inevitável pluralidade que se desvenda conforme a ótica de leitura apresentada. A perspectiva hermenêutica da teologia parte do dado revelado e constitui apenas mais uma modalidade de acesso à realidade²⁶.

Observemos ainda que o labor científico não pode prescindir do *solo histórico* no qual se realiza. Com outras palavras, o contexto sociocultural, o imaginário dominante, as expectativas provenientes da sociedade, os interesses latentes ou manifestos, todos esses fatores possibilitam, condicionam, orientam a reflexão científica enquanto produção humana, sem que

²³ WOHLMUTH, J., Katholische Theologie im Haus der Wissenschaften heute, p. 137 et seq.

²⁴ BAUBERGER, S., Wahrheit ohne Objektivität: Was kennzeichnet religiöse Wahrheit?, p. 95-115;

KÜNG, H., O Princípio de todas as coisas. Ciências Naturais e Religião, p. 13-67.

²⁵ GADAMER, H.-G., Wahrheit und Methode, p. 261.

²⁶ WEHRLE, P., Theologie – eine Investition der Kirche in die gesellschaftliche Zukunft, p. 32.

os possamos rastrear e avaliar criticamente. A tradição histórica, portanto, embora em graus diversos, tanto exerce influência na teologia quanto nas demais ciências. A teologia se funda no testemunho de fé fornecido pelos primeiros cristãos (fé apostólica) e transmitido ao longo da história até nossos dias, constituindo assim o que conhecemos como o cristianismo. É no interior deste horizonte cristão que ela busca uma melhor compreensão da fé (*intellectus fidei*).

A teologia é a reflexão metódica e crítica sobre Deus enquanto se revela na história da salvação, a saber, Deus voltado para nós (*quoad nos*) e não Deus em si (*quoad se*), que ultrapassa qualquer ulterior compreensão²⁷. Em si Deus é mistério para nós, e dele sabemos mais *o que não é*, como já observara Tomás de Aquino. Mas sua ação salvífica na história humana, cujo ápice se deu na encarnação do Filho eterno e na efusão do Espírito Santo, permite um discurso sobre Deus que não pode se restringir apenas a um *discurso*, pois se trata de uma revelação só devidamente compreendida no interior de um *desígnio salvífico* que a qualifica e justifica. Com outras palavras, a revelação cristã é salvífica, pois interpela o ser humano e dele espera uma resposta; só então, na livre opção de fé, alcança *sua verdade* e sua plenitude. Como ciência da fé a teologia não cria racionalmente o seu objeto: esse lhe é *doado*, ela apenas buscará uma melhor compreensão e expressão dele.

Esta conclusão de que não existe revelação sem a fé que a acolhe como tal distingue, à primeira vista, a teologia das demais ciências e certamente significa um fator que dificulta sua aceitação por parte dos que não creem, embora nenhuma delas prescindida do “fator subjetivo”, como acenamos anteriormente, sem falar que nenhuma delas consegue justificar satisfatoriamente seus fundamentos. Por conseguinte, a fé implica um horizonte de compreensão específico e nesse sentido ela se situa ao mesmo nível das demais ciências que não existem a não ser no interior da *chave interpretativa própria* de cada uma delas. Deste modo, a objeção feita no início perde sua consistência. À teologia não pode ser negada sua cidadania no âmbito das ciências.

²⁷ Ver como boa síntese de uma rica bibliografia: LEHMANN, K., Gott – das bleibende Geheimnis, p. 129-146.

2 A teologia situada na Sociedade, na Igreja e na Universidade

Para entendermos o impacto que recebe a teologia por parte da universidade temos que remontar à relação mais anterior da sociedade com a fé cristã. Ao confessar um Deus criador de toda a realidade, a fé cristã abarca em sua compreensão universal *toda e qualquer realidade*. Com outras palavras, natureza e história, produções culturais ou sociais, nada pode ficar fora do horizonte cristão, sob pena de enfraquecer sua credibilidade. Além disso, a noção de *Reino de Deus* como realidade em construção ao longo da história e como meta final da própria história exige que os fatos históricos de cunho cultural ou social sejam confrontados e interpretados nesta sua perspectiva. Daí deverem ser devidamente conhecidos e avaliados, o que exigirá da fé não só entender sua linguagem, mas, de certo modo, nela se expressar se quiser se fazer entender e ser acolhida na sociedade, naturalmente sem pretender traduzir racionalmente num contexto secularizado²⁸ as verdades cristãs que apenas balbuciam o mistério de Deus.

Aqui desponta um sério desafio para a *Igreja*, agravado em nossos dias por uma sociedade pluralista na qual a diversidade cultural não pretende desaparecer em favor da homogeneidade tradicional do passado. Pois a *linguagem disponível* para a Igreja levar adiante sua missão evangelizadora é exatamente a linguagem da sociedade do respectivo momento histórico. Quando falamos em linguagem, queremos abarcar nesta noção toda a riqueza das conquistas culturais, sociais e científicas e, igualmente, os novos desafios nelas presentes e atuantes. Já neste âmbito da relação Igreja-Mundo, se faz necessária a reflexão teológica para uma ação pastoral da Igreja que seja adequada, compreensível e fecunda.

Constatamos que sua ausência acarreta o descompasso de uma pregação numa linguagem tradicional que *não chega* realmente aos ouvintes por não ser entendida. Este fato foi observado não só no âmbito litúrgico, mas também no amplo campo da pastoral. O cristão sempre professa sua fé no interior de um “imaginário” que lhe é familiar, mas que pode se ver ultrapassado e desacreditado pelo emergir de novos horizontes culturais ou de novas questões científicas. Para que a verdade da fé possa ser devidamente captada (EG n. 41), deve se expressar correta, mas *diversamente*, tarefa essa confiada à teologia.

²⁸ Como queria HABERMAS, J., *Zwischen Naturalismus und Religion*, p. 136-141.

Portanto, as transformações ocorridas ao longo da história no seio das sociedades humanas representam já um desafio à fé cristã e consequentemente à própria teologia, a qual deve repensar o dado revelado no contexto sociocultural do momento. Deste modo, a teologia, por utilizar a linguagem de uma época e por se defrontar com novas linguagens no curso da história, é uma ciência que se encontra sempre em *transformação contínua*²⁹, embora conservando as conquistas do passado enquanto expressões corretas da fé professada numa determinada época. Nesta tarefa, ela está continuamente assistida pela ação do Espírito Santo como afirma o Concílio Vaticano II (DV n. 8).

Consideremos também que as questões presentes na sociedade vão ser objeto de estudo por parte das diversas disciplinas presentes na universidade. Não receber um tratamento metódico e crítico, uma fundamentação racional, uma sistematização que abarque a pluralidade dos dados, no respeito à identidade de cada uma, sejam elas ciências humanas, sociais, biológicas ou exatas (físico-matemáticas). Naturalmente, cada uma delas será caracterizada pelo seu *objeto*, desenvolvendo metodologia própria, buscando explicações específicas, sempre no interior de um horizonte próprio de compreensão ou de uma perspectiva de leitura. Deste modo, abordam a realidade, desvendam-na sob sua ótica de leitura, expressam suas conquistas numa linguagem própria, alcançam elaborações sofisticadas, embora frequentemente ignorem outros setores do saber situados fora de seu foco epistemológico.

Já este fato constitui um sério desafio para toda e qualquer disciplina ensinada na universidade, que se vê defrontada com outras áreas do conhecimento dotadas igualmente de metodologias, linguagens e objetivos próprios. Como sabemos, o *diálogo interdisciplinar* é hoje um imperativo reconhecido por todos, mas de difícil execução. Entretanto, no interior da universidade, a *teologia* se vê mais provocada que as demais ciências por este desafio. Pois, de um lado, sua ótica de leitura tem origem na fé em Deus revelado em Jesus Cristo, mas, de outro, seu âmbito de conhecimento é *universal*, como vimos anteriormente: Deus é o Deus de *toda* o mundo criado e Jesus Cristo é o salvador de *toda* a humanidade. Consequentemente, qualquer conclusão própria de cada ciência deve também ser considerada à luz da fé cristã, confrontada com a verdade revelada, muitas vezes exigindo o sacrifício do imaginário tradicional que expres-

²⁹ RAHNER, K., Zur Geschichtlichkeit der Theologie, Schriften zur Theologie VIII, p. 88-110.

sava tal verdade, como já aconteceu no passado. Sabemos que um *imaginário arcaico* presente na mente de alguns cientistas os leva à perda da fé ou a uma atitude crítica e destrutiva da fé cristã.

Diante da variedade plural das disciplinas ensinadas na universidade, já aparece *a enorme, complexa e difícil tarefa* confiada aos teólogos que labutam na universidade, pois deveriam conhecer duas linguagens diferentes, dotadas de horizontes de compreensão diferentes, de pressupostos diversos, de metodologias específicas, para conseguir que a fé cristã, ou mesmo a reflexão teológica, tenha pertinência, inteligibilidade, interesse mesmo, por parte dos profissionais das demais ciências. Felizmente, podemos aludir a pensadores cristãos que souberam dialogar com Charles Darwin, com Freud e Jung, com Max Weber e Karl Marx, com Einstein e Heisenberg, com Jean Piaget e John Dewey, com Kant, Hegel e Gadamer. Igualmente, os novos desafios provindos dos modernos meios de comunicação social, da linguagem cibernética, da neurociência, da destruição dos recursos naturais do planeta, das crescentes desigualdades sociais, do aumento de violência, do sistema neoliberal da economia, da justa emancipação feminina já provocam reflexões e mesmo reações críticas à luz da mensagem cristã.

Poderíamos, contudo, arriscar um passo a mais. Vejamos. Sabemos que a revelação de Deus só chega à sua realização quando acolhida na fé pelo ser humano. Porém “ser humano em geral” não existe, pois todo ser humano se encontra sempre num tempo histórico, numa região geográfica e numa cultura determinada. E é exatamente *neste contexto singular* que ele acolhe, expressa e vive a interpelação salvífica de Deus³⁰. Sabemos também o que significou o esforço para inculturar a fé, antes expressa em linguagem semita, em outros conceitos provindos da filosofia grega. E estamos cientes ainda do enorme trabalho de inculturação da fé desenvolvido atualmente em países africanos e asiáticos. Sem dúvida, estamos hoje mais conscientes da importância do *fator antropológico* no acolhimento, na explicitação e na prática da fé cristã³¹.

Entretanto, a teologia no interior do campus universitário não está apenas sujeita a um desafio, mas também estimulada a um enriquecimento. No interior da universidade, se encontram pessoas formadas em horizontes culturais próprios das diversas ciências que teriam maior possibi-

³⁰ FRANÇA MIRANDA, M., Inculturação da fé. Uma abordagem teológica, p. 41-85.

³¹ FRANÇA MIRANDA, M., A Igreja numa sociedade fragmentada, p. 125-128.

lidade, sensibilidade e facilidade para perceber certas riquezas da revelação, talvez ainda ignoradas ou não devidamente valorizadas, por disporem de uma chave de leitura *própria* que poderia desvelar verdades escondidas e oferecer *insights* inéditos da fé cristã. Por exemplo, anos atrás ninguém falava de Jesus libertador ou da ecologia como questão ética como o fazemos hoje. Pela mesma razão se justifica a pluralidade de teologias no interior da universidade, respaldada pela mesma pluralidade atestada na história da Igreja. A história da teologia cristã confirma o que afirmamos sobre a importância do substrato antropológico na vivência da fé cristã, seja em suas expressões, seja em suas práticas. Sempre conhecemos interpretando a realidade, e a sucessão de paradigmas hermenêuticos, provocada por fatores endógenos ou exógenos, exigirá uma *nova interpretação da verdade* no horizonte vigente como condição para conservar sua pertinência semântica.

Poderíamos *enumerar* alguns dados a título de exemplos sem a menor pretensão de ser completos ou de avaliar a importância de cada um. O advento das ciências modernas mudou a concepção espacial cristã sobre o céu, a terra e o inferno; o relato da criação de Adão e Eva no paraíso terrestre teve que ser revisitado diante das descobertas paleontológicas; consequentemente, também a noção tradicional do pecado original teve de ser repensada, como de fato aconteceu; a hipótese evolucionista obrigou a teologia a superar representações ontológicas estáticas; a sociologia da religião muito ajudou na compreensão do cristianismo primitivo; noções como o dogma da infalibilidade pontifícia surgem em outra luz pela exposição crítica do respectivo contexto histórico; a forte emergência da psicologia, em qualquer de suas modalidades, apontará os condicionamentos que influenciam a liberdade com consequências sérias para o juízo moral; a crítica heideggeriana da ontoteologia acentuará mais a transcendência divina; os jogos de linguagem de Wittgenstein desafiam diálogos interculturais e interreligiosos; o substrato social que condiciona a formação de uma comunidade humana terá consequências na eclesiologia. São alguns exemplos de desafios que, no final, enriqueceram a própria compreensão da fé cristã, sendo que muitos deles ocorreram no palco da universidade. Em nossos dias, a neurociência e a cultura cibernética constituem não somente um desafio, pois também podem contribuir para a própria reflexão teológica. Assim, podemos reafirmar que a presença da teologia na universidade não só constitui um desafio, mas certamente um *enriquecimento*

para a própria compreensão da fé e, afinal, para a própria Igreja em sua ação evangelizadora.

E ainda um último ponto. Vivemos hoje sujeitos a mudanças sucessivas, tensos pelo excesso de informações, deficientes em concentração, inseguros pela complexidade e envergadura dos problemas atuais, fatores esses que explicam a fuga de muitos para o *fundamentalismo* e a nostalgia de outros pelo *passado*. A ausência de reflexão e de senso crítico acarreta o surgimento de uma geração superficial, que não se limita à sociedade, mas atinge também os seminários e a formação do clero. Certamente, o ensino teológico na universidade, devido às exigências acadêmicas, poderá ajudar sobremaneira a preparar futuros pastores que possam enfrentar sem medo os desafios atuais.

3 A teologia em face da Sociedade, da Igreja e da Universidade

Trata-se aqui de explicitar a *missão* do trabalho teológico diante dessas três instituições. Como já dissemos anteriormente, não podemos abstrair da sociedade e da Igreja ao falarmos do papel da teologia no interior da universidade, já que essas instituições estão intimamente inter-relacionadas e interagem continuamente, não podendo delas prescindir o teólogo em seu labor reflexivo e crítico. Entretanto, o foco principal desta reflexão vem a ser a universidade, sempre situada numa sociedade concreta, na qual também a Igreja se encontra a desempenhar seu papel social de cunho pastoral. Essa Igreja constitui mesmo o contexto social em cujo interior o teólogo entende e expressa sua fé, pois se essa última é teologal em si mesma, ela é eclesial em sua modalidade³².

Com isto, aparece já a *primeira incumbência* da teologia: estar a serviço da comunidade dos fiéis. Esses, enquanto são Igreja, se encontram desafiados pelas questões postas à fé cristã e à instituição eclesial pela sociedade moderna, pluralista, secularizada, sujeita a uma racionalidade instrumental de ganhos e resultados. Naturalmente, tais desafios são concretamente experimentados e sofridos no cotidiano dos fiéis, mesmo que não consigam entendê-los e refutá-los devidamente. Mas devemos igualmente reconhecer que a universidade, enquanto instituição inserida na sociedade, também será atingida por tais desafios provindos da sociedade, os quais devem ser acolhidos, estudados, entendidos e criticados à

³² LUBAC, H., *La foi chrétienne*, p. 201-234.

luz da razão científica. Portanto, os desafios enfrentados pela Igreja na sociedade estão *presentes* na própria universidade, onde constituem temas da reflexão crítica, desvelam sua complexidade, suas raízes, sua história, suas verdades e suas falsidades por serem objetos de pesquisa na própria universidade. Deste modo, a teologia exercida e ensinada no interior da universidade presta um serviço inestimável à comunidade dos fiéis ao enfrentar as questões presentes na sociedade e na cultura em nível científico, a saber, de modo abrangente, reflexivo e crítico³³.

Por outro lado, a reflexão teológica enquanto responde aos critérios epistemológicos próprios do ensino superior terá inevitavelmente um *olhar crítico* com relação a compreensões e manifestações religiosas incorretas, mescladas com elementos supersticiosos, mágicos, ou devocionais, que denotam leituras deformantes ou mesmo falsas da fé cristã. Compete à teologia corrigir tais concepções, embora fique a cargo das autoridades responsáveis sua aplicação no âmbito da pastoral. Não há dúvida que concepções infantis ou fantasiosas estão presentes no imaginário religioso de muitos dos nossos contemporâneos³⁴, constituindo mesmo um sério obstáculo para a aceitação da mensagem cristã, pois a evolução que experimentaram em suas vidas, provocada pelas experiências da vida e pelos novos conhecimentos, não foi acompanhada por semelhante amadurecimento com relação ao patrimônio religioso recebido na infância e na juventude. Daí a reação crítica e negativa por parte de uma classe mais instruída da sociedade, algumas vezes confirmada e agravada pela formação teológica insuficiente do próprio clero.

Embora brevemente, abordamos o papel da teologia na sociedade e na Igreja, vejamos agora sua missão no *interior da universidade*. Podemos já antecipar nossa reflexão neste particular ao afirmar que, paradoxalmente, a dificuldade maior que pode ser feita à teologia é exatamente o que irá definir seu papel diante das demais ciências. Qual é a objeção sempre recorrente à legitimidade da teologia na universidade? A resposta é: porque seu objeto é Deus, inacessível ao ser humano, o totalmente Outro, o Transcendente. E como poderíamos explicar então sua presença constante, qualquer que seja sua modalidade, na história da humanidade? A resposta é simples: o ser humano experimenta sua contingência, não

³³ DULLES, A., *University Theology in Service of the Church*, p. 149-164.

³⁴ Para um estudo mais profundo e crítico desta realidade, ver: DUQUE, J. M., *Para o diálogo com a pós-modernidade*, p. 123-156.

consegue explicar porque existe, e menos ainda, a existência da *totalidade* da realidade. Se toda a realidade é contingente, então por que existe o que existe?³⁵ Esta experiência básica do ser humano remete-o a uma realidade transcendente como razão suficiente da totalidade existente. Não se trata de uma prova da existência de Deus, nem de uma ontoteologia, mas simplesmente de saber estar *remetido* (com toda a realidade) a uma Alteridade transcendente. O discurso sobre Deus parte sempre da realidade humana: em toda *teo*-logia se encontra sempre uma *antropo*-logia.

Enquanto transcendente, Deus é um mistério para o ser humano, cuja experiência lhe aparece como uma *interpelação* indeterminada sujeita a diversas interpretações. Neste ponto, se encontram tanto o ateu, como o agnóstico, como o cristão, pois todos estão inevitavelmente diante do *mistério da vida*, do seu sentido último, que denominamos Deus. A teologia, entretanto, vai mais além, acolhendo na fé este transcendente como Deus manifestado na pessoa de Jesus Cristo. Trata-se de uma *opção livre*, de um ato de confiança possibilitado pelo próprio Deus e que, enfim, lhe oferece o sentido último de *toda* a realidade como criação do próprio Deus e o sentido último de *todo* ser humano na pessoa de Jesus Cristo. A questão de Deus ganha hoje uma importância enorme em face de uma sociedade que não acredita mais no passado, que não consegue prever o futuro e que vive perplexa a complexidade do presente, ansiosa por uma referência realmente substantiva que a oriente³⁶.

Consequentemente, a questão de Deus só surge quando se pergunta pelo *sentido da totalidade* e esta característica é fundamental para a teologia³⁷. Ela confessa Deus como *fundamento absoluto* de toda realidade, não como um componente no interior desta totalidade, mas como o que a constitui e mantém³⁸. Qualquer compreensão do cristianismo que utilize outra chave interpretativa não poderá justificar a presença da teologia na universidade, pois ela estará submetida a um horizonte próprio de outra ciência já presente na mesma universidade, ainda que sejam leituras possíveis, ao considerá-lo uma realidade histórica ou cultural, ou ao apontar sua função na sociedade. Numa palavra, a teologia deve tratar de Deus³⁹ como sentido

³⁵ Como afirma o próprio S. Hawking: “O método usual, segundo o qual a ciência constrói para si um modelo matemático, não pode responder à pergunta por que um universo descrito pelo modelo teria que existir”. Ver: KÜNG, H., O Princípio de todas as coisas. Ciências Naturais e Religião, p. 34.

³⁶ BUCHER, R., Theologie zwischen den Fronten, p. 317 et seq.

³⁷ HOPING, H., Orientierungsaufgaben christlicher Theologie in der pluralen Öffentlichkeit, p. 152.

³⁸ RAWER, K.; RAHNER, K., Welt-Erde-Mensch, p. 39.

³⁹ HEYER, R., Enseigner la théologie: avec quelle légitimité et pour quelle fécondité dans la société

último de toda a realidade e confrontá-lo com as conquistas das demais ciências⁴⁰. Aqui se distingue claramente a teologia das ciências religiosas, mesmo reconhecendo a importância dessas últimas para a vida da Igreja. As ciências da religião se ocupam não com o Transcendente, mas com as consequências da ação do Transcendente no ser humano e na sociedade. E nem necessitam fazer emergir a questão da “reivindicação da verdade” por parte da religião estudada, componente essencial de qualquer religião⁴¹.

A filosofia, em seus primórdios, tratou de toda a realidade ou da unidade do cosmo. Hoje, se encontra mais voltada para o sujeito que conhece e menos para a realidade conhecida⁴². Aqui, podemos distinguir entre *Razão* que busca o sentido da totalidade e *racionalidades* que se distinguem pelos seus respectivos objetos e correspondentes métodos de abordá-los. Tais racionalidades explicam a existência plural das diversas disciplinas no interior da universidade. Atualmente, predomina a racionalidade físico-matemática como forma universal do que deve ser considerado como “científico”. Ela “constrói” seu objeto, o objeto técnico, o qual passa a ser considerado como o que é realmente “objetivo”, influenciando mesmo as demais racionalidades. Entretanto não esqueçamos que a noção de ciência passou por uma evolução histórica e pode apresentar no futuro novas modalidades⁴³. Observemos ainda que uma determinada racionalidade *influencia inevitavelmente a pessoa* que a utiliza, constituindo assim um horizonte próprio que lhe capacita um olhar peculiar, uma explicação própria, um interesse prático, justificando compreensões e práticas. O que se situa fora desse horizonte não interessa ou é simplesmente considerado inexistente. Esta mentalidade está fortemente presente na atual cultura⁴⁴. Este fato dificulta sobremaneira a missão da teologia na universidade.

Querer emitir um juízo sobre a totalidade do existente a partir de uma *racionalidade particular* acaba por deformar a própria realidade por confiná-la num horizonte determinado, ou provoca juízos falsos sobre ela, como se deu com os mestres da suspeita e ainda hoje acontece por parte de muitos cientistas. Aqui, aparece já ser *tarefa da teologia* na universidade de questionar conclusões precipitadas ou mesmo infundadas por parte de

contemporaine, p. 480.

⁴⁰ STRIET, M., *Theologie als dialogische Lebenswissenschaft*, p. 117 et seq.

⁴¹ HOPING, H., *Einführung*, p. 9.

⁴² PANNENBERG, W., *Theologie und Philosophie*, p. 15 et seq.

⁴³ SCHAEFFLER, R., *Wissenschaftstheorie und Theologie*, p. 20.

⁴⁴ HABERMAS, J., *Technik und Wissenschaft als “Ideologie”*, p. 113.

outras disciplinas que extrapolam indevidamente o âmbito de seu objeto de estudo para outros setores do conhecimento. Exemplificando: o problema da existência de Deus não pode ser tratado pela física por ultrapassar o âmbito do espaço-tempo físico. No âmbito das ciências sociopolíticas, a referência ao Transcendente impede qualquer organização social de se fechar em si mesma, julgando ter chegado à sua perfeição, sendo um antídoto necessário contra qualquer modalidade de totalitarismo. A abertura a uma transcendência desestabiliza, faz avançar, sacode a passividade, leva a sociedade a buscar mais justiça e paz⁴⁵. Mesmo reconhecendo a íntima união do espírito e da matéria no ser humano, a atual neurociência não convence quando extrapola seu âmbito epistemológico e faz afirmações que envolvem a razão, a afetividade ou a liberdade da pessoa humana⁴⁶.

A importância da teologia na universidade é requerida de outro ponto de vista. A teologia cristã conserva e transmite todo um *patrimônio cultural e histórico* que oferece às ciências tanto as temáticas já refletidas e iluminadas pela fé quanto um capital simbólico necessário à razão para não deixá-la prisioneira no campo fechado da imanência⁴⁷. Boa parte deste material simbólico se encontra hoje numa linguagem secularizada que aponta para verdades e valores de raiz cristã, os quais constituem a base comum para nossa convivência social⁴⁸. Nesta base, apenas descrições científicas de fenômenos com suas respectivas explicações não satisfazem⁴⁹, pois as experiências humanas são mais ricas e diversificadas, já que transcendem as leituras de cunho científico como toda experiência estética e mística, ou ainda de amor, confiança, esperança⁵⁰. Qualquer ser humano, além do *esprit de géometrie* de Descartes, também é dotado do *esprit de finesse* de Pascal, conhecimento intuitivo e integral que sente e presente⁵¹.

Na vida humana, nem tudo pode passar pelo *crivo da razão*, pois algumas questões se impõem como questões rebeldes a um enfoque cientí-

⁴⁵ VALADIER, P., *Détresse du politique, force du religieux*, p. 279-281.

⁴⁶ KÜNG, H., *O Princípio de todas as coisas. Ciências Naturais e Religião*, p. 257: “As fascinantes imagens do cérebro nos dão, pois, informações unicamente sobre o *onde* ocorre o pensar, o querer e o sentir, mas não, como já vimos, sobre *como* surge o pensar, o querer e o sentir”.

⁴⁷ VALADIER, P., *Un philosophe peut-il croire?*, p. 32.

⁴⁸ HABERMAS, J., *Glauben und Wissen*, p. 19.

⁴⁹ WITTGENSTEIN, L., *Tractatus logico-philosophicus* 6.52: “Sentimos que mesmo tendo respondido a todas as questões científicas não foram abordados os nossos problemas da vida”.

⁵⁰ DÜRR, H.-P., *Naturwissenschaftliche Erkenntnis und Wirklichkeitserfahrung*, p. 10.

⁵¹ KÜNG, H., *O Princípio de todas as coisas. Ciências Naturais e Religião*, p. 59. Ver: PASCAL, B., *Pensées*, p. 423 et seq.

fico, sem deixar de serem questões reais e pertinentes. Assim o sentido da *totalidade* da realidade e da história não está ao alcance da razão humana porque essa se encontra no interior da história, ela própria é histórica, limitada e em contínua mudança. O sentido último da realidade só pode vir do que transcenda a história, do que possa abranger a totalidade da realidade e da história⁵². A fé cristã afirma que este sentido último nos vem “de fora”, como *dom do próprio Deus* que nos revela seu desígnio salvífico em relação à humanidade e nele se manifesta a si próprio. Diante das demais ciências que também são disciplinas de sentido, embora sempre penúltimo, a tarefa principal da teologia é lhes oferecer o *sentido último* de tudo o que existe e é objeto das diversas ciências⁵³.

Antes de concluir, mencionemos um ponto muito importante em nossos dias. Apesar da rica diversidade das ciências na universidade, podemos afirmar que todas elas se encontram hoje sob a pressão da *racionalidade econômica*, hegemônica na atual sociedade⁵⁴. Caracterizada por uma forte ótica produtiva, eficaz, utilitarista, ela influencia decisivamente todos os setores da sociedade, inclusive a própria universidade, avaliada por sua produtividade *quantitativa* com prejuízo da qualidade das suas publicações⁵⁵. Numa palavra, a universidade apenas reflete essa mesma racionalidade fortemente presente e atuante nos vários âmbitos da sociedade.

Este fato constitui um sério desafio para o próprio futuro da humanidade, pois até então a finalidade de toda conquista no âmbito do conhecimento e da técnica era sempre o *ser humano*, no sentido de conhecer melhor as leis da natureza, os fatores inerentes à organização social, a pessoa humana com seus anseios, carências, e necessidades para lhe proporcionar uma vida mais humana e feliz. Hoje, o desenfreado afã por lucros e ganhos acarreta até, infelizmente, a indústria das armas, o consumo das drogas, o tráfico humano, a degradação da natureza. Deste modo, se está a gestar um futuro nada promissor para as próximas gerações.

Esta batalha em favor do *ser humano* é tarefa de todas as disciplinas universitárias e cabe à teologia difundir a visão cristã da pessoa humana, seu valor único, atestado na vida e nas palavras de Jesus Cristo em seu projeto do Reino de Deus. Lutar pelo ser humano é lutar pelo projeto de

⁵² HÜNERMANN, P., Die Theologie und die Universitas litterarum heute und gestern, p. 66.

⁵³ RATZINGER, P., Was die Welt zusammenhält, p. 41.

⁵⁴ BOEVE, L., La théologie aux marges et aux carrefours, p. 407-410.

⁵⁵ BÉJAR, J. S., Cultura, universidad, evangelio. Una propuesta de discernimiento cristiano de las racionalidades, p. 380-383.

Deus para a humanidade. O cristão autêntico é humano e o humano autêntico é cristão (GS n. 22)⁵⁶. Observemos ainda que a fé oferece uma motivação para o agir humano que supera uma conclusão meramente racional, como, aliás, reconheceu Habermas⁵⁷. Deste modo, emerge mais uma tarefa urgente e importante da teologia na universidade, em colaboração com as demais disciplinas que não devem perder de vista essa mesma causa⁵⁸.

A *conclusão* deste estudo já foi se delineando ao longo de suas partes. A teologia desempenha um papel único no interior da universidade: aponta para a questão do sentido último da vida, fornece às demais ciências um rico patrimônio de símbolos e práticas, e exerce uma função crítica diante da tentação do monopólio científico por parte de alguma ciência e ainda denuncia a atual hegemonia do fator econômico na sociedade e na universidade.

Referências bibliográficas

- BAUBERGER, S. Wahrheit ohne Objektivität: Was kennzeichnet religiöse Wahrheit? In: HERZGSELL, J.; PERCIC, J. (Hg.) *Religion und Rationalität*, Freiburg: Herder, 2011. p. 95-115.
- BÉJAR, J. S. Cultura, universidad, evangelio. Una propuesta de discernimento cristiano de las racionalidades. *Gregorianum*, n. 99, p. 380-383, 2018.
- BOEVE, L. La théologie aux marges et aux carrefours. *Théologie, Église, université, Société. Revue Théologique de Louvain*, n. 44, p. 407-410, 2013.
- BUCHER, R. Theologie zwischen den Fronten. Universität, Kirche und Gesellschaft. *Stimmen der Zeit* n. 135, p. 315-326, 2010.
- DULLES, A. University Theology in Service of the Church. In: DULLES, A. *The Craft of Theology*. Dublin: Gill and Macmillan, 1992. p. 149-164.
- DUQUE, J. M. *Para o diálogo com a pós-modernidade*. São Paulo: Paulus, 2016.
- DÜRR, H.-P. Naturwissenschaftliche Erkenntnis und Wirklichkeitserfahrung. In: FAULHABER; STILLFRIED (Hg.). *Wenn Gott verloren geht*. Freiburg: Herder, 1998.
- FRANÇA MIRANDA, M. *A Igreja numa sociedade fragmentada*. São Paulo: Loyola, 2006.
- FRANÇA MIRANDA, M. Evangelizar humanizando? In: FRANÇA MIRANDA, M. *A Reforma de Francisco*. São Paulo: Paulinas, 2017. p. 138-173.
- FRANÇA MIRANDA, M. *Igreja e Sociedade*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- FRANÇA MIRANDA, M. *Inculturação da fé*. Uma abordagem teológica. São Paulo: Loyola, 2001.
- FRANÇA MIRANDA, M. Universidade Católica hoje. *Atualidade Teológica*, n. 49, p. 13-29, 2015.

⁵⁶ FRANÇA MIRANDA, M., Evangelizar humanizando?, p. 138-173.

⁵⁷ HABERMAS, J.; RATZINGER, J., *Dialektik der Säkularisierung*, p. 31.

⁵⁸ FRANÇA MIRANDA, M., Universidade Católica hoje, p. 13-29.

- FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html Acesso em: 12 set 2023.
- GADAMER, H.-G. *Wahrheit und Methode*. Tübingen: Mohr, 1972.
- HABERMAS, J. *Glauben und Wissen*. Frankfurt: Suhrkamp, 2001.
- HABERMAS, J. *Technik und Wissenschaft als "Ideologie"*, Frankfurt: Suhrkamp, 1968.
- HABERMAS, J. *Zwischen Naturalismus und Religion*. Philosophische Aufsätze. Frankfurt: Suhrkamp, 2009.
- HABERMAS, J.; RATZINGER, J. *Dialektik der Säkularisierung*. Freiburg: Herder, 2005.
- HEYER, R., Enseigner la théologie: avec quelle légitimité et pour quelle fécondité dans la société contemporaine. *Revue des Sciences Religieuses*, n. 87, p. 475-487, 2013.
- HOPING, H. Einführung. In: HOPING, H. (Hg.). *Wieviel Theologie verträgt die Öffentlichkeit?* Freiburg: Herder, 2000.
- HOPING, H. Orientierungsaufgaben christlicher Theologie in der pluralen Öffentlichkeit. In: ARENS, E.; HOPING, H. (Hg.) *Wieviel Theologie verträgt die Öffentlichkeit?* Freiburg: Herder, 2000.
- HÜNERMANN, P. Die Theologie und die Universitas litterarum heute und gestern. In: *Universität ohne Gott*, p. 66.
- KÜNG, H. *O Princípio de todas as coisas*. Ciências Naturais e Religião. Petrópolis: Vozes, 2007.
- LEHMANN, K. Gott – das bleibende Geheimnis, In: AUSTIN, G.; KRÄMER, K. (Hg.), *Gott denken und bezeugen*, Freiburg: Herder, 2008. p. 129-146.
- LUBAC, H. *La foi chrétienne*. Paris: Aubier, 1970.
- PANNENBERG, W. *Theologie und Philosophie*. Göttingen: Vandenhoeck, 1996.
- RAHNER, K. Zur Geschichtlichkeit der Theologie, Schriften zur Theologie VIII. Einsiedeln: Benziger, 1967.
- RATZINGER, J. Was die Welt zusammenhält. In: HABERMAS, J.; RATZINGER, J., *Dialektik der Säkularisierung*. Freiburg: Herder, 2005.
- RAWER, K.; RAHNER, K. Welt-Erde-Mensch. In: *Christlicher Glaube in moderner Gesellschaft 3*. Freiburg: Herder, 1981.
- SCHAEFFLER, R. Wissenschaftstheorie und Theologie. In: *Christlicher Glaube in moderner Gesellschaft 20*. Freiburg: Herder, 1982.
- STRIET, M. Theologie als dialogische Lebenswissenschaft. In: HOPING, H. (Hg.). *Universität ohne Gott? Theologie im Haus der Wissenschaften*. Freiburg: Herder, 2007.
- VALADIER, P. *Détresse du politique, force du religieux*, Paris: Seuil, 2007.
- VALADIER, P. *Un philosophe peut-il croire?* Nantes: Cécile Défaüt, 2005.
- WEHRLE, P. Theologie – eine Investition der Kirche in die gesellschaftliche Zukunft. In: KRIEGER, G. (Hg.). *Zur Zukunft der Theologie in Kirche, Universität und Gesellschaft*. Freiburg: Herder, 2017.
- WITTGENSTEIN, L. *Tractatus logico-philosophicus* 6.52.
- WOHLMUTH, J. Katholische Theologie im Haus der Wissenschaften heute. In: KRIEGER, G. (Hg.). *Zur Zukunft der Theologie in Kirche, Universität und Gesellschaft*. Freiburg: Herder, 2017.

2

Cuidar da casa comum, que sofre, geme e chora, à luz da Teologia Bíblica da *Laudato Si'* e Rm 2,28

Waldecir Gonzaga⁵⁹

Introdução

A pós seis anos de sua publicação, a Carta Encíclica *Laudato Si'* (24 Maio 2015), do papa Francisco, continua sendo um texto referencial na questão socioambiental, na defesa da vida e da casa comum, como ele mesmo gosta de dizer, ou de “um sonho ecológico para a Igreja”⁶⁰. O documento oferece à Igreja e ao mundo uma oportunidade para se realizar um novo, urgente e necessário impulso nos trabalhos em vista da defesa da obra da criação, como indica o texto bíblico de Rm 8,22: “toda a criação geme conjuntamente e sofre dores de parto até agora”, tomando o símbolo do parto, como é comum na apocalíptica judaica e na literatura veterotestamentária. Francisco tem em mente justamente o fato de que “estamos todos no mesmo barco”, dentro de um imenso “barco”, que, quando afundar, todos afundaremos, *primeira*, *segunda* ou *terceira* classe, não importando onde estivermos. Nesta perspectiva, a ideia do texto de Rm 8,22 é oportuna: não se geme sozinho ou isolado no Planeta, pois a casa é comum, aqui se sente a alegria ou a dor “conjuntamente”⁶¹. Todos juntos iremos sofrer as consequências de nossas opções bem ou malfeitas. Assim sendo, faz-se necessário uma sinergia entre todos em vista do bem comum, a fim de que todos estejam engajados no cuidado da casa comum⁶².

⁵⁹ Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana. Pós-doutorado pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE-BH). Diretor e Professor do Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Brasil). Criador e líder do Grupo de Estudos Análise Retórica Bíblica Semítica, credenciado junto ao CNPq.

* Este é um texto que saiu na Revista *Ephata*: GONZAGA, W., Cuidar da casa comum, que sofre, geme e chora, à luz da Teologia Bíblica da *Laudato Si'* e Rm 2,28. *Ephata*, Portugal, v.4, n. 1, p. 99-125, 2022.

⁶⁰ MARTINS FILHO, J. R. F., Um sonho ecológico para a Igreja: o magistério de Francisco da *Laudato Si'* ao Sínodo da Amazônia, p. 117.

⁶¹ DUNN, J. D. G., *Romans* 1–8, p. 472.

⁶² MARUJO, M. P.; GONZAGA, G., A sinergia entre a Encíclica *Laudato Si'*, Rm 8,22 e o poema “Os

Ao longo do texto, especial destaque merece o capítulo V, intitulado “Algumas linhas de orientação e ação”, no qual Francisco indica cinco linhas de *diálogo* na tentativa de buscar possíveis soluções em vista da defesa da casa comum: *diálogo* sobre o meio ambiente na política internacional (LS n. 164-175), *diálogo* para novas políticas nacionais e locais (LS n. 176-181), *diálogo* e transparência nos processos decisórios (LS, 182-188), política e economia em *diálogo* para a plenitude humana (LS n. 189-198) e as religiões no *diálogo* com as ciências (LS n. 199-201).

Possivelmente, pensando no capítulo V da *Laudato Si'*, e em toda a tradição bíblica judaico-cristã, é que Francisco toma a expressão “Laudato Si', mi' Signore”, do Cântico das Criaturas de Francisco de Assis (LS n. 1), e, em seguida, o texto bíblico de Rm 8,22, para falar da urgência de se cuidar do planeta, nossa casa comum, pois estamos nos esquecendo de que fazemos parte dele e dele dependemos (LS, 2).

Se em outras épocas era necessário cuidar da casa comum, hoje essa necessidade se faz ainda maior, tendo em vista a atual crise socioambiental, que tem se agigantado a cada instante, inclusive com o aumento da pobreza e da miséria no mundo, avolumadas ainda mais pela pandemia do novo coronavírus (Covid-19), com todas as suas variantes, sobremaneira com as consideradas “preocupantes”.

O cristianismo tem sido desafiado a apresentar novas perspectivas em prol da realidade em que o ser humano vive hoje, em termos de qualidade de vida, de recursos humanos sustentáveis, especialmente no cuidado da casa comum, respeitando sempre a obra da criação, com tudo o que ela comporta, sendo seu guardião⁶³. Infelizmente a corrupção, a pobreza, o tráfico, a violência, a fome e a miséria, apenas para citar alguns pontos, têm aumentado no mundo e de forma descontrolada. Juntamente com isso, tem se agigantado a realidade de falta de amor e de misericórdia. Isso tem afetado em cheio a concretude do *modus vivendi* da raça humana, no relacionamento com tudo o que faz parte da casa comum, que tem passado por enormes e profundas mudanças. Diante deste cenário é que o papa Francisco recorda o grito da criação: “Esta irmã clama [casa comum] contra o mal que lhe provocamos por causa do uso irresponsável e do mal-uso dos bens que Deus nela colocou” (LS n. 2).

“Estatutos do Homem”: provendo uma cultura sustentável para a Criação, “que geme e sofre como que em dores de parto”, p. 28.

⁶³ MARUJO, M. P.; GONZAGA, G., A sinergia entre a Encíclica *Laudato Si'*, Rm 8,22 e o poema “Os Estatutos do Homem”, p. 30.

Ao olhar para a obra da criação e para o Criador, Francisco tem uma visão ampla das Sagradas Escrituras, que vai citando ao longo do texto da *Laudato Si'*, tecendo uma fina costura, com mãos de um hábil artesão, desde o Antigo Testamento até o Novo Testamento, tomando citações explícitas e implícitas, tanto dos textos canônicos como dos deuterocanônicos. Neste sentido, é possível, pelas dicas da *Laudato Si'*, esmerar-se na construção de uma espiritualidade ecológica, em vista do cuidado da casa comum, pois as Escrituras estão repletas de imagens ecológicas, a exemplo do Livro dos Salmos⁶⁴, e a Encíclica nos indica que o caminho para superar a atual crise socioambiental passa por uma espiritualidade que seja capaz de integrar os esforços no cuidado para com a natureza⁶⁵.

O iniciar sua Carta Encíclica *Laudato Si'* citando um texto paulino (Rm 8,22; LS, 2), Francisco indica o valor da colaboração que os cristãos podem dar para encontrar possíveis soluções diante da crise socioambiental em que a humanidade se encontra mergulhada, na busca de um estilo de vida sóbrio e sustentável, pois a criação sofre, geme e chora “como que em dores de parto” (Rm 8,22) por tudo o que vem sofrendo. O desafio é que tenhamos um estilo de vida capaz de coadunar: a) o nível de bem-estar; b) o não esgotamento dos recursos naturais; c) a partilha justa e solidária desses recursos⁶⁶. Portanto, é interessante perceber a Teologia Bíblica presente neste documento, seja aquela explícita, seja aquela implícita, e, mais ainda, é muito importante fazer uma análise exegética do texto paulino que Francisco tomou como sendo a primeira citação bíblica na *Laudato Si'*, abrindo para o diálogo e busca de possíveis saídas e soluções diante da triste realidade em que se encontra a casa comum, que tem sofrido com a atual situação comportamental humana, como que sem regras e sem freios no descuidado com a casa comum e em vista do bem comum. Somente com sinergia entre todos os agentes é que se conseguirá uma ação comum, que vise o bem comum⁶⁷. Aliás, é preciso que a sinergia entre todos os seres humanos aconteça em suas ações, portanto, a ação de sustentabilidade entre todos deverá ser nos campos político, social, econômico, ambiental e cultural⁶⁸. Mais ainda, é preciso que o despertar da “consciência ecoló-

⁶⁴ GRENZER, M., Erva, bonivo selvage, tamareira e cedro: ecoespiritualidade no Salmo 92, p. 66-86.

⁶⁵ RONSI, F. Q., O futuro da Amazônia diante da crise cosmoteândrica: a busca por uma espiritualidade que integre todas as dimensões da realidade, p. 127-149.

⁶⁶ OLIVEIRA, A. M., Crise socioambiental e Teologia Pastoral, p. 54.

⁶⁷ MARUJO, M. P.; GONZAGA, G., A sinergia entre a Encíclica *Laudato Si'*, Rm 8,22 e o poema “Os Estatutos do Homem”, p. 37.

⁶⁸ MARUJO, M. P.; GONZAGA, G., A sinergia entre a Encíclica *Laudato Si'*, Rm 8,22 e o poema “Os

gica planetária”⁶⁹ do século XXI, visando uma “consciência ecológica integral”⁷⁰, ganhe mais espaço entre as várias instâncias que compreendem e formam a sociedade que compartilham da mesma casa, e ajude a superar as crises causadas sobretudo no século XX.

1 Bases bíblicas e Teologia Bíblica da *Laudato Si'*

Ao ler o texto da Carta Encíclica *Laudato Si'*, o leitor se depara com poucas citações bíblicas ao longo do texto. Mais ainda, a pouca concentração de citações bíblicas explícitas e de alusões a textos bíblicos se dá no capítulo II: “O Evangelho da Criação”. Elas acontecem sempre no corpo do texto e jamais em notas de rodapé. Aliás, é interessante observar que na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Querida Amazônia* (2 fevereiro 2020) e na Carta Encíclica *Fratelli Tutti* (3 dezembro 2020) Francisco vai na mesma direção, também com poucas citações das Escrituras Sagradas, como temos aqui na *Laudato Si'*.

Outra coisa que salta aos olhos do leitor, ainda que não expressivo, é o uso maior do Antigo Testamento e com maior peso no *corpus* do Pentateuco. Em ordem de citações, temos: Gênesis (13x), Levítico (5x), Êxodo (4x), Deuteronômio (2x) e Números (0x). Como se vê, e como era de se esperar, o livro mais citado do Pentateuco é o livro do Gênesis, tendo em vista a Teologia da Criação veterotestamentária; mas o livro do Gênesis é igualmente o mais citado de toda a Bíblia na *Laudato Si'*.

O *corpus* do Novo Testamento tem menor peso e o livro mais citado pertence ao *corpus* dos Evangelhos, seguido pelos escritos paulinos, de onde Francisco tirou a primeira citação para a *Laudato Si'*, Rm 8,22 (LS n. 2), embora sem ter um número expressivo; as cartas pastorais e as cartas católicas sequer são mencionadas. De todos os *corpora* do Novo Testamento, em ordem de citações, temos: Mateus (8x), João (3x), Marcos (2x) e Lucas (2x); Romanos (3x), 1Coríntios (2x), Colossenses (2x), Apocalipse (3x). As demais cartas Paulinas e deuteropaulinas não são citadas, assim como também não são citados Atos, as cartas Pastorais, Hebreus e as cartas Católicas.

A fim de auxiliar na reflexão, também é oportuno elencar alguns dados da presença de citações bíblicas na *Laudato Si'*, as quais revelam a Te-

Estados do Homem”, p. 40-59.

⁶⁹ VARANDA, M. I. P., *Extra naturan nulla salus? O drama e a esperança da criação e da religião na era do Antropoceno*, p. 23.

⁷⁰ OLIVEIRA, A. M., *Crise socioambiental e Teologia Pastoral*, p. 54.

ologia Bíblica desta Carta Encíclica, tanto explícita como implícita, uma vez que apontam os rumos teológico-bíblicos assumidos por Francisco na construção deste documento em defesa da casa comum:

1) a maior concentração de citações bíblicas está presente especialmente no capítulo II, que tangencia todo o documento da *Laudato Si'*, trazendo sua Teologia Bíblica da Criação;

2) os dois livros mais citados na *Laudato Si'* são o primeiro do Antigo Testamento (Gênesis, 13x) e o primeiro do Novo Testamento (Mateus, 8x), quase que indicando que pelos dois *corpora* bíblicos devemos entrar e percorrer as Sagradas Escrituras judaico-cristãs para cuidar da casa comum, da obra da criação, a qual Deus criou e pediu ao ser humano que dela tomasse conta (Gn 1–2);

3) o uso do Antigo Testamento na *Laudato Si'* é de igual peso entre as citações explícitas e as alusões e se dá majoritariamente a partir dos textos da *TANAK* (texto hebraico) e uma única vez a partir de um texto – livro da *Sabedoria* – que temos apenas na *LXX*, a versão grega do Antigo Testamento. A menção dada é: dos livros do Pentateuco (4), Históricos (0), Sapienciais (3), Profetas Maiores (2) e Profetas Menores (0);

4) o uso do Novo Testamento (grego da *Koinè*) na *Laudato Si'* é mais explícito e menos por meio de alusões, e se dá a partir de: Evangelhos (4), Atos (0); Paulo: protopaulinas (2) e deuteropaulinas (1), Pastorais (0), Hebreus (0), Católicas (0) e Apocalipse (3).

5) a primeira e a última das citações bíblicas no corpo *Laudato Si'* são do Novo Testamento: em LS n. 2, temos a citação de Rm 8,22; em LS n. 243, temos a citação de Ap 21,5, como pode ser conferido no texto da Encíclica. O curioso é que, se no n. 2, inicia a redação com uma citação explícita (Rm 8,22) e faz uma alusão (Gn 2,7), no n. 243, inicia com uma alusão (1Cor 13,12) e conclui com uma citação (Ap 21,5);

6) abre o texto da *Laudato Si'* com uma citação explícita de Rm 8,22: “gemendo como que em dores de parto” (LS n. 2) e faz uma alusão a Gn 2,7 (cf. LS n. 2), sem trazer o texto bíblico, como se vê ao ler o texto da Encíclica:

Esta irmã [casa comum] clama contra o mal que lhe provocamos por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela colocou. Crescemos a pensar que éramos seus proprietários e dominadores, autorizados a saqueá-la. A violência, que está no coração humano ferido pelo pecado, vislumbra-se nos sintomas de doença que notamos no solo, na

água, no ar e nos seres vivos. Por isso, entre os pobres mais abandonados e maltratados, conta-se a nossa terra oprimida e devastada, que está “gemendo como que em dores de parto” (Rm 8,22). Esqueçemo-nos de que nós mesmos somos terra (cf. Gn 2,7). O nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a sua água vivifica-nos e restaura-nos. (LS n. 2)

7) No final do texto da *Laudato Si'*, há uma inversão, pois encerra-se o texto com uma alusão a 1Cor 13,12, sem trazer o texto bíblico, e traz uma citação explícita de Ap 21,5: “Eu renovo todas as coisas” (LS n. 243), afirmando ser uma fala de Cristo. Portanto, uma Teologia Bíblica da Criação, que está presente especialmente no capítulo II e que realmente tangencia todo o documento da *Laudato Si'*, como se vê no texto do documento:

No fim, encontrar-nos-emos face a face com a beleza infinita de Deus (cf. 1 Cor 13,12) e poderemos ler, com jubilosa admiração, o mistério do universo, o qual terá parte conosco na plenitude sem fim. Estamos a caminhar para o sábado da eternidade, para a nova Jerusalém, para a casa comum do Céu. Diz-nos Jesus: “Eu renovo todas as coisas” (Ap 21,5). A vida eterna será uma maravilha compartilhada, onde cada criatura, esplendorosamente transformada, ocupará o seu lugar e terá algo para oferecer aos pobres definitivamente libertados. (LS n. 243)

8) quando trata de Maria, sob o título de “Rainha de toda a Criação”, o faz com uma citação bíblica explícita, de Ap 12,1: “vestida de sol, com a lua debaixo dos pés e com uma coroa de doze estrelas na cabeça” (LS n. 241) e traz uma alusão a Lc 2,51 (cf. LS n. 241), sem trazer o texto bíblico, como se confere no texto da Encíclica:

Maria, a mãe que cuidou de Jesus, agora cuida com carinho e preocupação materna deste mundo ferido. Assim como chorou com o coração trespassado a morte de Jesus, assim também agora Se compadece do sofrimento dos pobres crucificados e das criaturas deste mundo exterminadas pelo poder humano. Ela vive, com Jesus, completamente transfigurada, e todas as criaturas cantam a sua beleza. É a Mulher “vestida de sol, com a lua debaixo dos pés e com uma coroa de doze estrelas na cabeça” (Ap12,1). Elevada ao céu, é Mãe e Rainha de toda a criação. No seu corpo glorificado, juntamente com Cristo ressuscitado, parte da criação alcançou toda a plenitude da sua beleza. Maria não só conserva no seu coração toda a

vida de Jesus, que “guardava»” cuidadosamente (cf. Lc 2,51), mas agora compreende também o sentido de todas as coisas. Por isso, podemos pedir-Lhe que nos ajude a contemplar este mundo com um olhar mais sábio. (LS n. 241)

9) em sua estrutura, o texto da *Laudato Si'* conta com 6 capítulos e a pouca presença de textos bíblicos (citações e alusões) se dá apenas no Preâmbulo (3 citações explícitas e 1 alusão) e nos capítulos II (concentração das poucas citações e alusões) e VI (7 citações explícitas e 2 alusões), revelando um parco uso das Sagradas Escrituras ao longo do texto da *Laudato Si'*:

Preâmbulo, n. 1 a 16: 3 citações explícitas e 1 alusão;

Cap. I: O que está acontecendo com a nossa casa (nenhuma citação bíblica);

Cap. II: O Evangelho da Criação: concentração das poucas citações e alusões bíblicas;

Cap. III: A raiz humana da crise ecológica (nenhuma citação bíblica);

Cap. IV: Uma ecologia integral (nenhuma citação bíblica);

Cap. V: Algumas linhas de orientação (nenhuma citação bíblica);

Cap. VI: Educação e responsabilidade ecológicas: 7 citações explícitas e 2 alusões.

Um dado interessante é, então, observar como a *Laudato Si'* usou as Sagradas Escrituras em seus vários *corpora*, tanto do Antigo Testamento como do Novo Testamento, embora com pouco uso. Mais ainda, é interessante correr os olhos e ver como a *Laudato Si'* usou ou deixou de usar cada um dos livros de cada *corpus* do Antigo Testamento e do Novo Testamento, a fim de que se possa ver onde há um peso maior. Sem deixar de observar que a maioria das citações são diretas e nunca em nota de rodapé, e com menos indicações indiretas (alusões), para que o leitor confira em sua própria Bíblia, é preciso não perder de vista que a Igreja Católica que vai emergindo do final do século XIX, a qual celebra o Concílio Vaticano II (1962-1925), é uma Igreja que emana vários documentos bíblicos, como as encíclicas bíblicas voltadas para a temática bíblica: de Leão XIII (*Providentissimus Deus*, de 18 novembro 1893), de Bento XV (*Spiritus Paraclitus*, de 15 setembro 1920,), de Pio XII (*Divino Aflante*

Spiritu, de 30 setembro 1943), do Concílio Vaticano II (*Dei Verbum*, de 18 novembro 1961), da Pontifícia Comissão Bíblica (*A Intepretação da Bíblia da Igreja*, de 13 abril 1993) e de Bento XVI (*Verbum Domini*, de 30 setembro 2010).

Aliás, a Igreja que emerge do Concílio Vaticano II é uma Igreja que vai valorizando cada vez mais o encontro entre Bíblia e Teologia. Com a aprovação e publicação do texto da *Dei Verbum*, em novembro de 1965, ela retomou o velho e sempre novo *axioma*⁷¹ de “que as Sagradas Escrituras sejam como que a Alma da Sagrada Teologia” (*DV* n. 24); e na OT n. 16: “formem-se os estudantes no Estudo da Sagrada Escritura, que deve ser como que a alma de toda a Teologia” (aprovado e publicado em 28 outubro 1965). Recentemente, a Igreja tem tratado do tema *Animação Bíblica da Pastoral* e da *Lectio Divina* (Bento XVI e Francisco). Ou seja, as Sagradas Escrituras voltam a fazer parte do patrimônio teológico da Igreja e vêm reocupando o espaço que sempre lhe foi próprio.

Com finalidade ilustrativa, é oportuno vislumbrar em um *quadro referencial* o uso das Sagradas Escrituras na *Laudato Si'*, dividido entre o uso do Antigo Testamento e o uso do Novo Testamento. Neste gráfico, temos subdividido o uso entre os vários blocos dos *corpora* bíblicos para os dois Testamentos e, por fim, é indicado se o uso foi explícito no corpo do texto (trazendo o texto bíblico) ou se foi apenas referencial (alusão ao texto bíblico, sem trazê-lo), remetido apenas como citação a ser conferida. Por isso, aqui no gráfico, o leitor vai encontrar sempre o texto bíblico e sua citação no referido número da *Laudato Si'* e se foi explícita ou não. Quando aparece apenas o número da *LS*, significa que o uso foi no corpo de seu texto. Do contrário, é oferecido o número da *LS* precedido de um “cf.”, indicando que apenas foi feita uma alusão ao texto bíblico. Neste sentido, o gráfico é bastante simples, de fácil leitura e pode nos ajudar muito a correr os olhos e a fazer uma análise do emprego das Sagradas Escrituras na *Laudato Si'*, bem como de sua Teologia Bíblica, tanto explícita como implícita.

⁷¹ GONZAGA, W., A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia, p. 201-235.

Uso do Antigo Testamento na <i>Laudato Si'</i> (TANAK e LXX [Sabedoria])			
Pentateuco (4)	Históricos (0)	Sapienciais (3)	Profetas (2)
<p>Gênesis (13x): 1,26 (cf. LS, 65); 1,28 (cf. LS, 66; cf. 67); 1,31 (LS, 65); 2,2-3 (cf. LS, 71); 2,15 (cf. LS, 66; cf. 67); Gn 2,7 (cf. LS, 2); 3,17-19 (cf. LS, 66); 4,9b-12 (LS, 70); 6,5 (LS, 71); 6,6 (LS, 71); 6,13 (LS, 70);</p> <p>Êxodo (4x): 16,23 (cf. LS, 71); 20,10 (cf. LS, 71); Ex 23,12 (LS, 68; 237);</p> <p>Levítico (5x): 19,9-10 (LS, 71); 25,1-4 (cf. LS, 71); 25,4-6 (cf. LS, 71); 25,10 (LS, 71); 25,23 (LS, 67);</p> <p>Números: não é mencionado.</p> <p>Deuteronômio (2x): Dt 14,10 (LS, 67); 22,4.6 (LS, 68);</p>			
Históricos: nenhum é mencionado.			
<p>Salmos (6x): 24/23,1 (cf. LS, 67); 33/32,6 (LS, 77); 148,5b-6 (LS, 68); 104/103,31 (LS, 69); 136/135,6 (LS, 72); 148,3-5 (LS, 72);</p> <p>Provérbios (2x): 3,19 (LS, 69); 22,2 (LS, 94);</p> <p>Sabedoria (4x): 6,7 (LS, 94); 11,24 (LS, 77); 11,26 (LS, 89); 13,5 (cf. LS, 12);</p> <p>Obs.: Ausentes os demais livros Sapienciais, Líricos e Poéticos.</p>			
<p>Isaías (1x): 40,28b-29 (cf. LS, 73);</p> <p>Jeremias (2x): 1,5 (LS, 65); 32,17.21 (cf. LS, 73);</p> <p>Obs.: Ausentes os demais Profetas Maiores e nenhum do Profetas Menores é mencionado.</p>			

Uso do Novo Testamento na <i>Laudato Si'</i> (Koiné) (mais explícito)						
Evangelhos (4)	Atos (0)	Paulo (2+1=4)	Pastorais (0)	Hebreus (0)	Católicas (0)	Apocalipse
<p>Mateus (8x): 5,45 (LS, 94); 6,3-4 (LS, 220); 6,26 (LS, 96); 8,27 (LS, 98); 11,19 (LS, 98); 11,25 (cf. LS, 96); 13,31-32 (LS, 97); 20,25-26 (LS, 82);</p> <p>Marcos (2x): 6,3 (LS, 98); 10,21 (LS, 226);</p> <p>Lucas (2x): 12,6 (LS, 96; 221); 12,51 (cf. LS, 241);</p> <p>João (3x): 1,1-18 (cf. LS, 99); 1,14 (LS, 99); 4,35 (LS, 97);</p>						
Atos dos Apóstolos: não é mencionado.						
<p>Romanos (3x): 1,20 (LS, 12); Rm 8,22 (LS, 2); 12,1 (LS, 220);</p> <p>1 Coríntios (2x): 13,12 (cf. LS, 243); 15,28 (LS, 100);</p> <p>Colossenses (2x): 1,16 (LS, 99); 1,19-20 (LS, 100);</p>						
Cartas Pastorais: nenhuma é mencionada.						
Cartas aos Hebreus: não é mencionada.						
Cartas Católicas: nenhuma é mencionada.						
Apocalipse (3x): 12,1 (LS, 241); 15,3 (cf. LS, 74); 21,5 (LS, 243);						

2 A carta aos Romanos e o projeto paulino de defesa da vida em Cristo Jesus

A carta de Paulo aos Romanos, com 16 capítulos, é a maior de todas e a que abre o epistolário paulino, sendo considerada uma carta *protopaulina*. Isso facilita sua interpretação, por tratar-se de uma carta autêntica, no que diz respeito à autoria paulina⁷². Nela, Paulo se intitula “apóstolo dos gentios” (Rm 11,13), por todo o trabalho realizado no mundo helênico, enquanto Pedro ficou com os judeus. Ele a escreveu desde Corinto, no final de sua terceira viagem missionária, entre os anos 57-58 d.C.⁷³, destinada aos cristãos da Igreja de Roma, capital do Império. Paulo não fundou a comunidade de Roma e não há certeza de quem a fundou. Provavelmente foram cristãos “itinerantes” que levaram o Evangelho para a capital do Império Romano pelas próprias rotas de comércio de então.

O apóstolo concluiu sua missão na Ásia e na Europa oriental, como missionário, escritor e fundador de várias comunidades e tinha como plano e desejo ir para a Europa ocidental. Ele queria levar o fruto de uma coleta para ajudar os cristãos mais pobres de Jerusalém e, em seguida, tencionava ir até a Espanha (Rm 15,22-33), passando por Roma, que entraria como uma espécie de “escala” em sua rota pela Europa ocidental.

Paulo tinha escrito várias cartas a outras comunidades (como Tessalonicenses, Coríntios, Gálatas, Filipenses, Filêmon etc.) e agora escreve uma grande carta, a fim de expor, de forma sistemática o seu pensamento acerca de Deus, de Cristo, da Igreja, da salvação, da vida cristã, da obra da criação, do cuidado humano com a vida etc. Aliás, o tema central da carta é a salvação de todos por meio da fé em Jesus Cristo, e a criação está presente neste projeto divino, “gemendo, chorando e sofrendo”, esperando ser libertada ansiosamente de seu drama (Rm 8,22), causado por mãos humanas. Neste sentido, a carta aos Romanos é o “tratado” de Soteriologia que temos no Novo Testamento. Paulo é capaz de fazer a passagem da fidelidade ao judaísmo para a vocação salvífica universal em Cristo Jesus, afirmando que Deus não anulou a sua aliança com os judeus, mas a abriu para os gentios (Rm 1–2 e 9).

O apóstolo é um homem de adesão incondicional a Jesus Cristo, como o Messias e Salvador, o Filho de Deus e Senhor, por meio do qual

⁷² GONZAGA, W., *O Corpus Paulinum* no Cânon do Novo Testamento, p. 19-41.

⁷³ GONZAGA, W., *O Corpus Paulinum* no Cânon do Novo Testamento, p. 36.

Deus Pai tudo criou e quer recriar, como trata também em outras cartas, a exemplo de Fl 2,5-11 e Col 1,15-20. Assim sendo, ele vai desenvolvendo o seu pensamento acerca da salvação de todos em Cristo, a fim de que todos, judeus e gentios, possam chegar à salvação que Deus tem reservado para os povos, a começar por Israel. A salvação se dá pela fé (Rm 1,16-17) e é oferecida a todos, pois Deus não faz acepção de pessoas (Rm 2,11) e o grande exemplo dessa salvação operado por meio da fé é Abraão (Rm 4). Nós entramos neste mistério por meio do batismo (Rm 6), permitindo que o Espírito Santo opere a graça de Deus em nós e em toda a criação (Rm 8). Paulo não tem dúvidas em recordar a primazia do “amor ao próximo” (Rm 13,8-10), como já tinha indicado em Gl 5,14, convidando a cuidar sempre dos mais fracos, indicando que “a plenitude da lei é o amor ao próximo”.

A Roma Imperial, do primeiro século do cristianismo, era uma cidade de mais ou menos um milhão de pessoas, inclusive de muitos escravos. Ela contava também com uma classe alta, rica e culta. Luxo e miséria conviviam lado a lado nessa cidade. Roma era o “centro” do mundo da época. Dela partiam Legiões de soldados para conquistar os povos. Mas ela é também a cidade dos grandes mártires cristãos, como Pedro e Paulo, que ali derramaram seu sangue por causa de Cristo e são recordados até hoje.

Embora a comunidade cristã de Roma não tivesse sido fundada por Paulo, o fato dele ser o “apóstolo dos gentios” (Rm 11,13) o deixava muito à vontade para escrever e se dirigir a uma Igreja com a qual ele não tinha outra relação senão a de amizade, simpatia e, a mais importante, de irmandade de uma fé comum em Cristo Jesus, aquele que na cruz deu a vida para salvar todos, indistintamente. E ele estava ansioso por conhecer esta comunidade e a capital em si. Uma visita como esta apresentava-se como uma boa oportunidade. Então, ele não tem dúvidas, escreve-lhe uma carta e aproveita para saudar todos os que já conhecia e sabia que tinham ido para a capital do Império (Rm 16), sendo a mais longa conclusão de uma carta paulina.

Enfim, em Romanos, Paulo desenvolve muito mais certos temas já tratados nas cartas anteriores, como: a não obrigatoriedade da Lei Mosáica para a salvação, e sim da fé em Cristo Jesus (Rm 1,17-8,35); o lugar que ele atribui aos judeus no plano divino da salvação (Rm 9-11). Neste sentido, esta carta tem um esquema bastante rigoroso e bem construído, com suas duas partes bem distintas: a) uma parte doutrinal, em Rm 1-11,

na qual Paulo trata a questão da justificação pela fé (Rm 1,16-17); b) e uma parte exortativa, Rm 12–15, com a sua conclusão em Rm 16⁷⁴.

3 Rm 8,22 como luz e trilha para a Teologia Bíblica da *Laudato Si'*

O texto que o papa Francisco cita abrindo a *Laudato Si'*, para tratar do tema do cuidado da casa comum, pertence à parte doutrinal da carta aos Romanos, a saber, Rm 8,22 (LS n. 2). É um texto que não tem problemas de crítica textual, como se pode conferir no aparato crítico do Novo Testamento de Nestlé-Aland, 28ª edição. Conta apenas com um único termo “συνωδίνει/*sofre dores de parto*”, que nos manuscritos *F G ar* é substituído pelo termo *ὀδύνει*, do verbo *ὀδύνάω*, que pode ser traduzido por sentir algum de tipo de dor, sofrimento ou tormento, como temos em Lc 16,25. Porém, a grande totalidade dos manuscritos maiúsculos, minúsculos e famílias apresentam e sustentam “συνωδίνει/*sofre dores de parto*” como sendo a *lectio communis* para o Texto Majoritário. Além disso, a imagem de “dores do parto” também é comum no Antigo Testamento e “típica da apocalíptica judaica”⁷⁵. Ademais, a substituição não mudaria em nada o conteúdo teológico do texto, que é de dor e sofrimento impostos por alguma realidade angustiante. Portanto, não há motivos para alterar a variante sustentada pelo texto da 28ª edição do Novo Testamento de Nestle-Aland⁷⁶.

Se, nos capítulos 5 e 7, Paulo apresentou uma visão negativa, em Rm 8, ele apresenta uma contrapartida positiva. Em Rm 5,1-11, Paulo explica quais liberdades o ser humano conquistou, para falar da liberdade do pecado e da morte (5,12-13), do pecado e do ódio (6,1-23) e da lei (7,1-25). Os que foram batizados foram sepultados na morte e ressurreição de Cristo para se tornarem cristãos justificados, habilitados para viver a vida nova, consequência do amor que Cristo manifestou a todos. Uma vez batizados, estão em condições de viver a vida segundo o projeto de Deus, conduzidos pelo Espírito do Senhor. Na sequência, Rm 8 constitui-se em uma unidade literária em que Paulo desenvolve, de forma positiva, uma

⁷⁴ Sobre a estrutura da carta aos Romanos, indicamos as várias obras elencadas nas referências bibliográficas finais, sempre recordando que esta é uma temática em que nem sempre há convergências entre os autores, pois a divisão de um texto também depende do método adotado, além das percepções de cada um.

⁷⁵ PITTA, A., *Lettera ai Romani*, p. 304.

⁷⁶ NESTLE-ALAND, *Novum Testamentum Graece*.

nova argumentação no corpo da carta. Se, em Rm 7,24, Paulo tinha levantado uma pergunta: “τίς με ῥύσεται ἐκ τοῦ σώματος τοῦ θανάτου τούτου;/ quem me livrará deste corpo de morte?”, em Rm 8,1-4, o apóstolo indica que é “Χριστός/Cristo” que concede ao ser humano a possibilidade de viver uma vida segundo o Espírito de Deus, visto que a existência humana é dominada pela presença do “πνεῦμα/*Espírito*” (8,1-13), “o qual exprime a atividade criadora de Deus no mundo e a sua presença profética”⁷⁷. Ademais, para Paulo, “τὸ πνεῦμα ἅγιον/*o Espírito Santo*” é a expressão privilegiada da ação e presença de Deus na vida dos cristãos⁷⁸ e o “capítulo 8 de Romanos é dominado totalmente pelo pensamento referente ao Espírito”⁷⁹, sendo o termo com maior ocorrência e predominância nesse capítulo (19 vezes).

Rm 8 apresenta e examina vários pontos que dizem respeito à vida nova dos filhos de Deus, que os cristãos levam em Cristo e no Espírito. O capítulo 8 de Romanos, com seus 39 versículos, constitui uma unidade à parte e pode ser dividido da seguinte forma:

- a) 8,1-13: a vida cristã vivida no poder do Espírito;
- b) 8,14-17: o cristão, filho de Deus, está destinado à glória;
- c) 8,18-23: a primeira das três realidades que confirmam este seu destino, a criação em dores de parto; aqui se encontra o v. 22, que o papa Francisco citou na LS n. 2, e que é objeto de nossa análise;
- d) 8,24-25: a segunda realidade, a esperança cristã;
- e) 8,26-27: a terceira realidade, o Espírito;
- f) 8,28-30: o destino do cristão, chamado à glória;
- g) 8,31-39: hino de louvor ao amor de Deus, manifestado em Jesus Cristo.

Vista a estrutura de Rm 8, o interessante é ver onde e como se encaixa o v.22, objeto do presente estudo na perícopa Rm 8,18-23. Aliás, é importante analisar exegeticamente o v.22 e procurar entender por qual motivo Francisco o tomou como paradigma para se falar sobre as dores e os sofrimentos em que se encontra nossa casa comum. Paulo indica três coisas que apontam para uma nova realidade na obra da criação: os gemidos (da

⁷⁷ FITZMYER, J. A., *Romans*, p. 480.

⁷⁸ FITZMYER, J. A., *Romans*, p. 480.

⁷⁹ SCHLIER, H., *Lettera ai Romani*, p. 168.

criação, o nosso e o do Espírito), a esperança e o próprio Espírito⁸⁰. Os gemidos da criação são reveladores de uma situação que clama por intervenção divina.⁸¹ O apóstolo volta seu olhar para o mundo criado por Deus, sobre sua situação atual e o sofrimento que esse está suportando⁸². Tendo presente esta realidade e a vida do ser humano, Paulo traça um paralelo e busca a liberdade para os habitantes da casa comum e para a própria criação em si, que foi “escravizada” e está submetida à corrupção e à morte⁸³. Neste sentido, o cristão participa das tribulações de toda criação. Por isso, é chamado a cuidar bem da casa comum. Paulo tem diante de seus olhos e mente o texto de Gn 3 e 5, que indica que o ser humano padece as consequências de suas opções pecaminosas, praticadas pelo primeiro Adão⁸⁴ e que só vão ser redimidas pelo segundo Adão, que é Cristo.

Estando no contexto da perícopie Rm 8,18-23, o v.22 visa alertar por que a criação esperava ansiosamente pela revelação dos filhos de Deus na glória e sua ligação com toda a criação, visto que Paulo tudo enquadra nesta relação da criação e da glória⁸⁵, mas sempre com os “pés no chão” da realidade concreta em que se encontrava. O texto do v.22 comporta uma beleza única e traz um forte convite a cuidar da casa comum, como se confere na língua grega, o idioma original do texto, e na tradução para a língua portuguesa:

v.22: οἶδαμεν γὰρ ὅτι πᾶσα ἡ κτίσις συστενάζει καὶ συνωδίνει ἄχρι τοῦ νῦν·	v.22: Pois sabemos que toda a criação geme conjuntamente e sofre dores de parto até agora.
--	--

Em Rm 8,22, Paulo emprega verbos compostos com a preposição “συν-/com”⁸⁶, como prefixo, para indicar a união⁸⁷ entre a humanidade e a criação no ato de gemer e sofrer, indicando sua “situação penosa”⁸⁸,

⁸⁰ HENDRIKSEN, W., Romanos, p. 336-337.

⁸¹ LÉGASSE, S., L'Épître de Paul aux Romains, p. 522.

⁸² JEWETT, R., Romanos, p. 517.

⁸³ JEWETT, R., Romanos, p. 516; PÉREZ MILLOS, S., Romanos, p. 639.

⁸⁴ ACHTEMEIER, P. J., Romani, p. 151; JEWETT, R., Romanos, p. 517.

⁸⁵ SCHLIER, H., Lettera ai Romani, p. 433.

⁸⁶ Paulo usa συστενάζει, indicativo presente ativo e terceira pessoa singular do verbo συστενάζω, um *hapax legomenon* no Novo Testamento, sendo usado apenas aqui, e συνωδίνει, igualmente um indicativo presente ativo e terceira pessoa singular de συνωδίνω, que, em sua forma composta, aparece apenas aqui e na forma simples, ὠδίνω, aparece em Gl 4,19.27 e At 12,2.

⁸⁷ DUNN, J. D. G., Romanos 1-8, p. 472; JEWETT, R., Romanos, p. 517; LAGRANGE, M.-J., Saint Paul. Épître aux Romains, p. 209-210.

⁸⁸ CRANFIELD, C. E. B., A Carta aos Romanos, p. 192; MOO, D. J., Comentario a la Epistola de Roma-

enquanto se espera a manifestação gloriosa do destino de toda a obra da criação, que se dará plenamente na escatologia⁸⁹. Esta construção com o prefixo “συν-/com” “constitui o centro da oração”⁹⁰, totalmente ligada ao sujeito da oração, que é “πᾶσα ἡ κτίσις/toda a criação”, “para dizer que toda ela participa da mesma dor”⁹¹. Portanto, o destino da natureza está ligado ao destino do ser humano. Não há como separar estas duas realidades, que convivem e compartilham espaços na casa comum, visto que “fora da natureza não há salvação”⁹². Paulo não afirma que a criação, a exemplo de uma parturiente, vai dar à luz a um novo mundo, a uma nova realidade, mas que ela está sofrendo muito com o que lhe está acontecendo neste momento, consequência das escolhas humanas. E ela “sofre, geme e chora”, pedindo ajuda para sair desta situação de dor e angústia em que se encontra, “praticamente oprimida por seu estado de sofrimento”⁹³.

Para Paulo, a criação foi sujeitada não por própria culpa, mas sim por culpa dos pecados humanos, causados por suas opções erradas na gestão pessoal e da casa comum. Por isso, sua restauração passa pela restauração do ser humano⁹⁴. A criação está sujeita e afetada pela “ vaidade” do ser humano⁹⁵ que a confina, restringe e coloca em situação de sofrimento, acarretando-lhe dores ainda maiores, desencadeando um efeito dominó: dor após dor, sofrimento após sofrimento. Ademais, a criação não sofre e geme apenas por suas dores e intensidade, como se estivesse separada de tudo e de todos, mas sofre e geme em conjunto “com os cristãos e com o Espírito”⁹⁶. Se não houver uma intervenção que estanque esta situação, que liberte a criação deste “doloroso trabalho de parto”, suas dores e sofrimentos tendem a aumentar ainda mais, de forma incontrolada.

O “γὰρ/pois” após “οἴδαμεν/sabemos” tem um valor copulativo e levemente causal, indicando o conhecimento que existe pela fé em Deus⁹⁷, a exemplo de toda a tradição do Antigo Testamento⁹⁸, “registrada na Bí-

nos, p. 577.

⁸⁹ FITZMYER, J. A., *Romans*, p. 509; DUNN, J. D. G., *Romans 1–8*, p. 472.

⁹⁰ PENNA, R., *Carta a los Romanos*, p. 651.

⁹¹ PENNA, R., *Carta a los Romanos*, p. 651.

⁹² VARANDA, M. I. P., *Extra naturan nulla salus? O drama e a esperança da criação e da religião na era do Antropoceno*, p. 25.

⁹³ PENNA, R., *Carta a los Romanos*, p. 652.

⁹⁴ ACHTEMEIER, P. J., *Romani*, p. 152.

⁹⁵ LÉGASSE, S., *L'Épître de Paul aux Romains*, p. 522; PÉREZ MILLOS, S., *Romanos*, p. 639.

⁹⁶ PITTA, A., *Lettera ai Romani*, p. 304.

⁹⁷ SCHLIER, H., *Lettera ai Romani*, p. 434.

⁹⁸ CRANFIELD, C. E. B., *A Carta aos Romanos*, p. 192.

blia”⁹⁹, desde o erro de Adão e Eva. Este conhecimento envolve “*πάσα ἡ κτίσις/ toda a criação*”, indicando que não existe exceção alguma neste sentir “dores de parto”, pelo contrário, o seu grito é em uníssonos e preenhe de “grande dor e de intensa angústia”¹⁰⁰, desejando ser libertada. A mudança nos verbos, a partir do prefixo “*συν-/com*”, indica que a criação “*con-geme e con-sofre*”, ou seja, que ela “*geme com e sofre com*”¹⁰¹, quase que indicando uma ideia de dor em plena “sintonia”, como que em uma “harmonia sinfônica”, junto com outros, mas de dores, sofrimentos e angústias¹⁰².

Por “*κτίσις/criação*”, Paulo entende “tudo o que foi criado”¹⁰³. Ela não é “muda” e insensível diante de tudo o que acontece e sofre. Pelo contrário, ela “sofre, geme e chora” por estar sendo agredida e violentada. Ela não “tem palavras”, mas é capaz de emitir suas respostas de outras formas, difundindo um lamento que ecoa por todos os cantos e recantos, clamando por melhores cuidados, e “Deus ouvirá os gemidos da criação”¹⁰⁴. E para Paulo, o lamento da criação é como as dores de uma mulher em estado de parto. Este “trabalho de parto tem em mira a época messiânica”¹⁰⁵, o *escaton* de Deus, trazendo sinais de esperança¹⁰⁶, até mesmo porque a criação traz em si o embrião da eternidade, o carimbo de seu Criador. Por isso mesmo, a criação está “ansiosamente em expectativa e vigilância pela revelação dos filhos de Deus”¹⁰⁷, com toda a sua “força escatológica”¹⁰⁸. Porém, para Paulo, afirmar que esta forte dor perdura “*ἄχρι τοῦ νῦν/até agora*” não significa que ela produzirá um bem futuro, mas tem uma indicação temporal simples¹⁰⁹, de atualidade, e que seus tormentos durarão para sempre se não houver uma intervenção no presente momento para mudar o futuro¹¹⁰. Do contrário, o futuro será ainda mais desastroso. Este é um sofrimento que dura desde o passado até hoje, multiplicando as dores indicadas a Adão e Eva, em Gn 3,16-17: “multiplicarei as dores de tuas

⁹⁹ POHL, A., Carta ao Romanos, p. 137.

¹⁰⁰ PENNA, R., Carta a los Romanos, p. 652.

¹⁰¹ PITTA, A., Lettera ai Romani, p. 305.

¹⁰² MOO, D. J., Comentario a la Epístola de Romanos, p. 577-578; PÉREZ MILLOS, S., Romanos, p. 639-640.

¹⁰³ POHL, A., Carta ao Romanos, p. 137.

¹⁰⁴ LAGRANGE, M.-J., Saint Paul. Épître aux Romains, p. 208.

¹⁰⁵ SCHLIER, H., Lettera ai Romani, p. 435.

¹⁰⁶ ACHTEMEIER, P. J., Romani, p. 152; PÉREZ MILLOS, S., Romanos, p. 640.

¹⁰⁷ HENDRIKSEN, W., Romanos, p. 337.

¹⁰⁸ DUNN, J. D. G., Romans 1-8, p. 472.

¹⁰⁹ MOO, D. J., Comentario a la Epístola de Romanos, p. 577; PÉREZ MILLOS, S., Romanos, p. 640.

¹¹⁰ PENNA, R., Carta a los Romanos, p. 653.

gravidezes...”, e precisa de uma intervenção para se estancar a sangria desta ferida causada pelas mãos humanas.

Interessante observar que, se em Rm 7 Paulo trata do tema da força do pecado, em Rm 8 ele fala da liberação do pecado; que se em Rm 7 ele cita alguns motivos do poder do Espírito, em Rm 8 ele expõe o motivo da ação de graças e indica que toda a criação grita, pois já não mais suporta ser sufocada pelo pecado, quer ser libertada do poder da morte¹¹¹. Segundo o apóstolo, em Rm 8,20-21, toda a criação encontra-se em uma “situação de apuro”¹¹². A situação é alarmante, pois é a criação inteira que entra em “trabalho de parto”, por isso mesmo ela vai “gemer de dores” (Rm 8,22), pois sofre as consequências de uma experiência de profunda vaidade e corrupção humana.

A criação, então, irrompe em fortes gritos e clama por ser libertada. Paulo diz “οἴδαμεν γὰρ ὅτι/*pois sabemos que*”, como já havia usado em Rm 2,2, indicando um saber que a comunidade toda já tinha presente, como que mostrando uma consciência coletiva do problema entre os membros da comunidade cristã primitiva¹¹³. Seu uso “implica uma plena compreensão de algo, é um conhecimento amplo”¹¹⁴. Com isso, Paulo adverte que o “problema” era uma “verdade comumente reconhecida”, que provavelmente “via a violência e os desastres na natureza como prova do que estava afirmando”¹¹⁵. O que faltava era a ação para mudar o curso das “dores do parto” em que a criação se encontrava. O apóstolo recorda que o ser humano tem responsabilidades frente à obra criada por Deus. Mais ainda, para Paulo, o Criador está presente em sua obra criada e este é um “saber” que deve conduzir os filhos e filhas de Deus a bem cuidarem da casa comum, pois essa contém o DNA de seu Criador, que tudo fez para o bem comum, imprimindo nela o código genético da sobrevivência para todos, sem distinção de ninguém e de nada. Com isso, Paulo não está indicando apenas uma visão apocalíptica ou uma visão escatológica, mas sim uma situação real entre a obra da criação e a situação em que se encontravam os membros da comunidade cristã primitiva, mostrando que “a redenção da criação depende da redenção dos cristãos”¹¹⁶ e que o mal

¹¹¹ WILCKENS, U., La Carta a los Romanos. Rom 6–16, p. 148-149.

¹¹² WILCKENS, U., La Carta a los Romanos. Rom 6–16, p. 192.

¹¹³ DUNN, J. D. G., Romans 1–8, p. 472; JEWETT, R., Romans, p. 516.

¹¹⁴ PÉREZ MILLOS, S., Romanos, p. 639.

¹¹⁵ MOO, D. J., Comentario a la Epistola de Romanos, p. 577.

¹¹⁶ WILCKENS, U., La Carta a los Romanos. Rom 6–16, p. 193.

feito à criação não afeta apenas alguns, mas sim “πᾶσα ἡ κτίσις /*toda a criação*”, atingindo a totalidade da criação de Deus¹¹⁷ com seus “seres animados e inanimados”¹¹⁸.

Considerações conclusivas

Se, por um lado, é verdadeiro que, no texto da *Laudato Si'*, a presença de citações bíblicas é pouca, é importante ler aquilo que é sua Teologia Bíblica, que, diante da atual e profunda crise socioambiental, faz um grande convite a todos para que sejamos capazes de cuidar da obra do Criador, a “casa comum”, como aparece, por exemplo, de forma explícita em LS n. 1, 3, 13, 15, 53, 61, 155, 164, 222 e 243. Segundo Francisco, estamos todos no mesmo barco. Aliás, Francisco tem insistido sobre isso ainda mais com a chegada da pandemia do novo coronavírus (Covid-19), fazendo-nos um convite a ler e discernir “os sinais dos tempos” (*Gaudium et Spes* n. 4 e 11).

Embora as citações bíblicas, de fato, sejam poucas, todas no corpo do texto da Carta Encíclica, elas revelam que a Teologia Bíblica presente na *Laudato Si'* é da *Teologia da Criação*, de um agir de Deus criador que pede que cuidemos da obra do criado em vista do bem comum e do equilíbrio de toda a casa comum, especialmente dos mais vulneráveis, entre os quais, hoje, encontra-se a própria natureza¹¹⁹. Francisco convoca o ser humano a colaborar na obra da criação de Deus, exercendo sua responsabilidade. Ele apresenta vários ângulos que podem ser trilhados de forma magistral, pela sua centralidade dialógica, antropológica, profética, cristológica, pneumatológica, mariológica, pastoral-comunitária etc. Aliás, a figura central para este diálogo é o próprio Cristo, com seu agir em vista do projeto do Pai e em favor do bem comum. E nesse sentido, a exortação de Francisco é para que estejamos atentos às implicações pastorais da atual crise socioambiental¹²⁰ e que trabalheemos em vista de uma “conversão ecológica integral”¹²¹.

A Igreja que emerge da *Laudato Si'* é uma Igreja que se sabe parte do

¹¹⁷ ACHTEMEIER, P. J., Romani, p. 151; LÉGASSE, S., L'Épître de Paul aux Romains, p. 522; MOO, D. J., Comentario a la Epistola de Romanos, p. 577; PÉREZ MILLOS, S., Romanos, p. 640.

¹¹⁸ JEWETT, R., Romans, p. 516.

¹¹⁹ OLIVEIRA, A. M., Crise socioambiental e Teologia Pastoral, p. 53.

¹²⁰ OLIVEIRA, A. M., Crise socioambiental e Teologia Pastoral, p. 52-54.

¹²¹ MARTINS FILHO, J. R. F., Um sonho ecológico para a Igreja: o magistério de Francisco da *Laudato Si'* ao Sínodo da Amazônia, p. 112.

genus humanum como *locus* existencial, como parte integrante do sonho de Deus para o bem comum. Por isso mesmo, ela é chamada a entrar em diálogo com o mundo e a superar a dicotomia reinante entre profano e sagrado. Ela é chamada, ainda, a reconhecer-se como parte integrante de tudo aquilo que é humano. Daí emana sua participação e colaboração na agenda ambiental, ecológica, social e cultural do mundo¹²², em vista do bem da casa comum.

Enfim, Francisco toma e cita Rm 8,22 tendo em vista os desafios de ontem e de hoje, bem como a riqueza e a beleza que este texto paulino comporta. Aliás, isso é realçado pelos vários comentadores aqui consultados. Permanece o desafio de aprofundar ainda mais a temática e aceitar o convite que Francisco faz à Igreja e à humanidade toda para que não deixemos para amanhã o cuidado que é preciso ter hoje com a casa comum, obra da criação para o bem comum, que não é inesgotável em suas fontes. Pelo contrário, a natureza comporta limites e é preciso estar atento a isso, uma vez que muitas mudanças são “‘globais’ e ‘irreversíveis’”¹²³. Aliás, já entrou em “dores de parto” (Rm 8,22) e espera ser libertada de suas angústias, pelas mãos de quem a induziu a esta situação: os seres humanos, habitantes da casa comum.

Referências bibliográficas

- ACHTEMEIER, Paul John. *Romani*. Torino: Claudiniana, 2014.
- CRANFIELD, Charles Ernest Burland. *A Carta aos Romanos*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- DUNN, James Douglas Grant. *Romans 1–8 Word Biblical Commentary*, v. 38a. Dallas: Word, Incorporated, 1998.
- FITZMYER, Joseph Augustine. *Romans*. A new translation with introduction and commentary. The Anchor Bible, v. 33. London: Yale University Press, 2008.
- GONZAGA, Waldecir. A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia. In: MAZZAROLO, Isidoro; FERNANDES, Leonardo Agostini; LIMA, Maria de Lourdes Correa (orgs.). *Exegese, teologia e pastoral: relações, tensões e desafios*. Santo André: Academia Cristã; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2015. p. 201-235.
- GONZAGA, Waldecir. O *Corpus Paulinum* no Cânon do Novo Testamento. *Atualidade Teológica*, v. 21, n. 55, p. 19-41, jan./abr. 2017.
- GRENZER, Matthias. Erva, bonivo selvage, tamareira e cedro: ecoespiritualidade no Salmo 92. *Atualidade Teológica*, v. 24, n. 64, p. 66-86, jan./abr. 2020.
- HENDRIKSEN, William. *Romanos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

¹²² VARANDA, M. I. P., *Extra naturan nulla salus?* O drama e a esperança da criação e da religião na era do Antropoceno, p. 37.

¹²³ VARANDA, M. I. P., *Extra naturan nulla salus?* O drama e a esperança da criação e da religião na era do Antropoceno, p. 31.

- JEWETT, Robert. *Romans*. Hermeneia – A Critical and Historical Commentary on the Bible. Minneapolis: Fortress Press, 2006.
- LAGRANGE, Marie-Joseph. *Saint Paul. Épître aux Romains*. Paris: Lecoffre, 1950.
- LÉGASSE, Simon. *L'Épître de Paul aux Romains*. Paris: Cerf, 2002.
- MARTINS FILHO, José Reinaldo F. Um sonho ecológico para a Igreja: o magistério de Francisco da Laudato Si' ao Sínodo da Amazônia. *Atualidade Teológica*, v. 24, n. 64, p. 104-126, jan./abr.2020.
- MARUJO, Marcelo Pereira; GONZAGA, Waldecir. A sinergia entre a Encíclica Laudato Si', Rm 8,22 e o poema “Os Estatutos do Homem”: provendo uma cultura sustentável para a Criação, “que geme e sofre como que em dores de parto”. *Yachay*, Cochabamba, n. 71, 2020. p. 25-53.
- MOO, Douglas J. *Comentario a la Epistola de Romanos*. Barcelona: CLIE, 2014.
- NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. Ed. XXVIII. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.
- OLIVEIRA, Abimar Moraes. Crise socioambiental e Teologia Pastoral. *Atualidade Teológica*, v. 24, n. 64, p. 43-65, jan./abr. 2020.
- PENNA, Romano. *Carta a los Romanos*. Introducción, version y comentario. Navarra: Verbo Divino, 2013.
- PÉREZ MILLOS, Samuel. *Romanos*. Comentario exegético al texto griego del Nuevo Testamento. Barcelona: CLIE, 2011.
- PITTA, Antonio. *Lettera ai Romani*. Roma: Paoline, 2001.
- POHL, Adolf. *Carta ao Romanos*. Curitiba: Esperança, 1999.
- RONSI, Francilaide Queiroz. O futuro da Amazônia diante da crise cosmoetáfrica: a busca por uma espiritualidade que integre todas as dimensões da realidade. *Atualidade Teológica*, v. 24, n. 64, p. 127-149, jan./abr.2020.
- SCHLIER, Henrich. *Lettera ai Romani*. Brescia: Paideia, 1982.
- VARANDA, Maria Isabel Pereira. Extra naturan nulla salus? O drama e a esperança da criação e da religião na era do Antropoceno. *Atualidade Teológica*, v. 24, n. 64, p. 21-42, jan./abr.2020.
- WILCKENS, Ulrich. *La Carta a los Romanos. Rom 6–16*. v. II. Salamanca: Sigueme, 1992.

3

Antropologia teológica integrada e sua dimensão cósmica. Diálogos entre A. García Rubio e A. Gesché

*Lúcia Pedrosa-Pádua*¹²⁴

Introdução

Desde os meus estudos teológicos na FAJE¹²⁵, chamava-me a atenção o dinamismo no interior desta ciência-sabedoria que é a teologia. A integração de aparentes paradoxos abria portas em meu pensamento e coração. Lembro-me bem: o peregrino de Nazaré revelava a maneira do próprio Deus atuar no mundo; nosso tempo presente estava transpassado de eternidade; o bispo de Roma era simultaneamente o papa... e ainda outros aparentes paradoxos traziam uma forma dinâmica de conceber a fé cristã. No campo da antropologia teológica, a inter-relação entre o humano e o divino em Cristo estabelecia um alto valor às vidas humanas e fazia toda labuta por um mundo novo valer a pena!

Quando fui para o Rio de Janeiro realizar a pós-graduação na PUC-Rio, entre outros professores e professoras queridas, fui aluna do Pe. Alfonso e vi no livro *Unidade na Pluralidade* um ponto de partida cativante para a reflexão sobre o dinamismo humano e da fé cristã. A antropologia teológica integrada de Alfonso García Rubio, enraizada no Concílio Vaticano II, desenvolvia o princípio de que o ser humano, Deus, os outros seres pessoais e o cosmo são inter-relacionados. Principalmente, a articulação entre criação-salvação-humanização apresentava claras consequências para a espiritualidade e a mística cristãs. Tal livro me deu chaves de discernimento teológico nos estudos sobre Santa Teresa de Ávila e marcou minha orientação quando, mais tarde, vim a ser docente na mesma universidade.

¹²⁴ Doutora em Teologia Sistemático-pastoral pela PUC-Rio e professora de teologia na mesma universidade, nas áreas de mística, mariologia e antropologia teológica. É teresianista, coordena o Grupo Moradas de Estudos Místicos. Participa do Círculo do Rio, fundado por Alfonso García Rubio.

¹²⁵ Então CES-Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, em Belo Horizonte.

Um autor que também se destacou em minha trajetória profissional, pelo mesmo caráter integrador, foi Adolphe Gesché. Para ele, o ser humano, o cosmo e Deus são três realidades que se intersignificam. Por isso, as obras desse teólogo belga instigam e fazem pensar.

No presente estudo, busco apresentar aspectos da antropologia integrada de A. García Rubio e A. Gesché, privilegiando, nesta integração, a dimensão cósmica. O desenvolvimento maior do tema recai sobre o primeiro autor. O diálogo entre ambos mostra continuidades e expansão recíproca da reflexão. García Rubio e Gesché são autores seminais para a relação ser humano-cosmo, o primeiro no Brasil e na América Latina, o segundo no contexto europeu. Ambos ganham relevo diante da crise socioambiental tão destacada pelo papa Francisco em seus documentos.

A partir destes autores, a teologia da criação-salvação encontra categorias fortes que inspiram e convidam à cura da relação com a planeta, cujo descaso tanto dano provoca, de forma especial aos pobres e deserdados desta terra. A reflexão teológica confere ao tema cosmológico – com ele as realidades do corpo, da matéria, da natureza, da terra e do planeta – uma radicalidade benfazeja, com consequências para a humanização. Algumas dessas são a contemplação, a comunhão, a responsabilidade para com a criação e a confiança radical em viver neste mundo, pois o próprio Deus se uniu à nossa terra.

O capítulo inicia com uma chamada à importância do tema para a atualidade, segundo o papa Francisco. Em seguida, apresenta as características da antropologia integrada de A. García Rubio, evidenciando a dimensão cósmica nesta integração. Passa à relevância do tema cosmológico no pensamento de A. Gesché para, ao final, esboçar importantes consequências à reflexão antropológica e à humanização.¹²⁶

1 Imersos na crise socioambiental – nos tornamos “altamente perigosos”

A crise ambiental nos envolve diariamente em muitos aspectos. Atinge as principais dimensões para a manutenção de condições de uma

126 Este capítulo amplia o texto da conferência “Cosmologia teológica para uma renovação antropológica: caminhos de interação a partir de A. García Rubio e A. Gesché”, publicada em W. Gonzaga; A. M. Moraes; M. T. F. Cardoso (orgs.). *Religião e crise socioambiental. VII Congresso Anptecre PUC-Rio, Rio de Janeiro*: Ed. PUC-Rio, 2020, p. 137-151. Foi escrito no contexto da homenagem a A. García Rubio pelos seus 90 anos e desenvolve mais extensamente a antropologia integrada desse autor.

existência humana adequada, decente e saudável¹²⁷. A poluição do ar, as mudanças climáticas, a acidificação das águas e a perda da biodiversidade são indicadores de que a vida no planeta está ameaçada.

Em sua encíclica *Laudato Si' – Sobre o Cuidado da casa comum* (2015), o papa Francisco chamou a atenção do mundo para o fato de que a crise ambiental é inseparável de uma crise humana abrangente, cultural e civilizatória. O humano e seus sistemas sociais, com ênfase concreta nos pobres, devem ser vistos conjuntamente ao seu ambiente, não de forma separada. A crise deve ser nomeada claramente como socioambiental, a trazer a possibilidade, sem precedentes, da destruição da vida sobre a terra (LS n. 139). Ela atinge a todos, porém de forma desigual – os pobres são penalizados antes e com mais intensidade.

A exortação *Laudate Deum*, escrita oito anos após a *Laudato Si'*, reafirma a responsabilidade humana na destruição das possibilidades de vida no planeta e enfatiza que nós “nos tornamos altamente perigosos, capazes de pôr em perigo a vida de muitos seres e a nossa própria sobrevivência” (LD n. 28).

Que palavra teológica oferecer diante dessa complexa crise?

Na perspectiva da *Laudato Si'*, falar da crise é, ao mesmo tempo, anunciar a possibilidade de uma salvação e de mudanças. As “coisas podem mudar”, porque “o Criador não nos abandona, nunca recua no seu projeto de amor, nem se arrepende de nos ter criado. A humanidade possui ainda a capacidade de colaborar na construção da nossa casa comum” (LS n. 13), afirma ao início da Encíclica. Perspectiva retomada, ao final do documento, como convite à esperança e à confiança: “Deus não nos deixa sozinhos porque Se uniu definitivamente à nossa terra e o seu amor sempre nos leva a encontrar novos caminhos” (LS n. 245).

Este é o pano de fundo do diálogo que faremos entre A. García Rubio e A. Gesché: uma palavra a partir da teologia cristã que ilumine as relações entre o humano e o seu ambiente, contribua para uma fé mais atuante e discernidora dos caminhos dessa relação e mais reverente diante do cosmo criado.

¹²⁷ BOFF, L., *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres. Dignidade e direitos da Mãe Terra*, p. 14.

2 A antropologia integrada de García Rubio: características e importância do cosmo

Uma das tarefas da antropologia teológica atual é não alienar o ser humano de si mesmo, de seu mundo e de seu enraizamento cósmico. Na reflexão de García Rubio, estas relações inserem-se no arcabouço da *antropologia integrada*, sendo o livro *Unidade na pluralidade* o mais importante para esta compreensão. Faremos um caminho de apresentação do livro, das principais características da antropologia integrada e, dentro dela, a dimensão cosmológica.

2.1 *Unidade na pluralidade*, uma obra pioneira e profética diante dos desafios ecológicos

No Brasil, A. García Rubio foi ao núcleo da necessidade da teologia do cosmo para uma adequada abordagem teológica do humano. E o fez em amplas páginas de seu livro *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*, já na primeira edição, em 1989. O texto passou à edição revista e ampliada (2001), com numerosas reimpressões. O mesmo tema foi tratado, em linguagem mais pastoral, no livro *Antropologia teológica. Salvação cristã: salvos de quê e para quê?*¹²⁸, que recebeu continuidade importante em estudos recentes sobre a teologia da criação-salvação desafiada pelo pensamento evolucionista.¹²⁹

Unidade na pluralidade é uma obra de antropologia integrada. Com relação à questão ecológica, mostra-se profética por haver sido publicada antes da Rio 92. A primeira edição, de 1989, tem a sua gênese nos cursos de teologia do autor, o que reforça a preocupação do Pe. Alfonso com o tema ecológico desde o início da sua docência. Sabemos como a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento – ou Rio 92 – e o evento paralelo das organizações não governamentais, o Fórum Global que, entre outras coisas, redigiu a primeira versão da *Carta da Terra* (2000), com princípios de uma vida sustentável, impulsionaram os estudos teológicos sobre o tema ecológico.¹³⁰ Foram responsáveis por maior aprofundamento e ampliação das preocupações ecológicas na so-

¹²⁸ GARCIA RUBIO, A. *Antropologia teológica*, p. 214-231.

¹²⁹ GARCIA RUBIO, A.; AMADO, Joel P., *Fé cristã e pensamento evolucionista*, 2012

¹³⁰ Bons exemplos são a obra de Josafá C. Siqueira, *Reflexão Cristã sobre o meio ambiente*, 1992, que recolhe reflexões de eventos motivados pela proximidade da Rio 92, e a importantíssima obra de Leonardo Boff, *Ecologia, Grito da terra, grito dos pobres*, publicada pela editora Ática, em 1994.

cidade civil, nas comunidades, na academia. No magistério eclesiástico, em seus vários níveis, a preocupação ecológica se tornou mundial.¹³¹

A preocupação ecológica situa-se no interior da antropologia integrada, da qual apresentamos algumas características.

2.2 Características da antropologia integrada de García Rubio

O ponto de partida de García Rubio é a compreensão de pessoa humana, descrita e desenvolvida, em *Unidade na pluralidade*, a partir de uma antropologia integrada, situada e relacional-dinâmica. Esta noção de pessoa está presente claramente já na Introdução à primeira edição e passa à segunda edição revista e ampliada:

Procuramos oferecer uma visão de conjunto dos temas mais significativos da Antropologia teológica, focalizando a pessoa humana em si mesma, na sua relação com Deus e com os outros seres humanos, bem como na sua relação com o cosmos. Tudo isso à luz da fé no Deus criador que é simultaneamente salvador.¹³²

Observemos a presença da relação com o cosmo bem explicitada. Na mesma introdução encontramos:

Recentemente, o desafio ecológico está levando a Antropologia teológica a revalorizar a união entre o ser humano e o meio ambiente. Redescobre-se o valor do cosmos em seu rico simbolismo, superando-se a [sua] perspectiva meramente instrumentalizadora e manipuladora.¹³³

Apresentamos em grandes linhas algumas características desta antropologia integrada: a superação de dualismos, a valorização do ser humano concreto, a constituição da pessoa nas relações fundamentais e a articulação entre criação e salvação.

a) Superação de dualismos: o corpo, a matéria e o cosmo são revalorizados

Na visão integrada e unitária do ser humano, ele é chamado a superar os dualismos enraizados na cultura ocidental pela força das filosofias

¹³¹ TATAY, J. *Ecología integral*, p. 143.

¹³² GARCIA RUBIO, A., *Unidade na pluralidade*, p. 10.

¹³³ GARCIA RUBIO, A. *Unidade na pluralidade*, p. 10.

antigas (particularmente neoplatônicas e estoicas), aprofundadas pelo cartesianismo moderno.¹³⁴ Toda relação de exclusão-oposição que privilegie a alma sobre o corpo, a oração sobre a ação, a teoria sobre a práxis, a fé sobre as opções sociopolíticas, a Igreja sobre o mundo, a vida no céu sobre a vida terrestre, a vida religiosa sobre a vida profana, o futuro sobre o presente etc., é chamada a ser transformada em relação de integração-inclusão. Não valem nem uma “reversão dialética”, que simplesmente inverte as dimensões privilegiadas, nem uma “justaposição estéril”, que tudo valoriza sem um verdadeiro esforço de articulação. Não são poucos os desafios sociais e pastorais de uma mudança de mentalidade rumo à integração, também dentro das igrejas. Na relação de integração, toda a realidade cósmica, que inclui o corpo, a matéria, a natureza, a terra, o planeta, os astros... são revalorizados e torna-se possível uma verdadeira teologia da criação e compreensão da relação do ser humano com o cosmo como dimensão da salvação cristã.

b) O ser humano situado, não abstratamente considerado

A antropologia integrada considera o ser humano situado e concreto, que toma consciência (ou não) e transforma sua história e cultura, sua sociedade e entorno comunitário e familiar, sua geografia e espaço. Ao mesmo tempo, vê-se em comunhão universal e interdependente, tanto no espaço social e geográfico quanto no tempo intergeracional e no olhar para um futuro para além do tempo e do espaço. Estas raízes ao mesmo tempo condicionam e possibilitam uma vida verdadeiramente humana e precisam ser buscadas e compreendidas se a teologia deseja levar a sério o fato da encarnação libertadora de Deus em Jesus Cristo e a vivência da fé cristã encarnada. É na situação humana concreta que o Evangelho transforma e constrói, e que a Igreja pode ser verdadeiro sinal de salvação. É no concreto de uma pessoa, grupo humano ou sociedade que se dão relações mais justas ou mais injustas, mais dominadoras ou mais libertadoras, mais destruidoras da natureza ou com ela mais harmoniosas. O recurso às ciências para a compreensão deste humano situado é fundamental.

¹³⁴ GARCIA RUBIO, A. Unidade na pluralidade, p. 97-113.

c) *Dinamismo relacional humano: as relações fundamentais*

A antropologia integrada articula as dimensões de interiorização ou imanência e a dimensão de abertura ou transcendência na constituição da pessoa. Ambas as dimensões se compenetraram de maneira tão radical que é possível dizer que o ser humano é chamado a ser ele mesmo nas suas relações, sendo que a pequena palavra “nas” possui fundamental importância na frase.

O “si mesmo” da pessoa (dimensão de interiorização) inclui o exercício de ser livre e responsável, autopertencer-se e autorrealizar-se. Mas a tomada de decisões responsáveis, a consciência da dignidade própria e a autorrealização que não se deixa instrumentalizar não são um convite ao isolamento ou individualismo. Ao contrário, elas acontecem de maneira inseparável e simultânea com a dimensão de abertura ou transcendência. O humano se desenvolve, pessoalmente, nas relações e por isso é chamado a desenvolver uma subjetividade aberta que respeite a alteridade.¹³⁵ García Rubio explicita e desenvolve esta dimensão de abertura em muitos capítulos de *Unidade na pluralidade*.

As relações fundamentais são “consigo mesmo, com o mundo da natureza, com os outros seres pessoais e, na dimensão mais profunda, com Deus”¹³⁶.

Pela vocação e capacidade de abertura, o ser humano é capaz de se autotranscender em direção a Deus, aspecto mais fundamental da pessoa, privilegiado na Sagrada Escritura. Relação que é sempre dialógica, à qual apenas o ser humano pode conscientemente aceder, pela aceitação (ou rejeição) e linguagem. Diálogo sempre mediado pela consciência, pela Sagrada Escritura, pela comunidade, pela criação e, principalmente, pela vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Por isso, o diálogo leva sempre a uma decisão e um compromisso com o caminho de justiça e amor-serviço de Jesus. Enfim, a “relação com Deus, relação única e exclusiva, faz de cada indivíduo humano uma pessoa e não apenas mais um indivíduo da espécie humana”¹³⁷.

A abertura aos outros seres humanos se dá em diversos níveis, no encontro eu-tu, nas relações mediadas pela sexualidade, nas relações comunitárias e familiares, nas relações sociopolíticas. Na saída de si,

¹³⁵ GARCIA RUBIO, A., *Unidade na pluralidade*, p. 312.

¹³⁶ GARCIA RUBIO, A., *Unidade na pluralidade*, p. 312.

¹³⁷ GARCIA RUBIO, A., *Unidade na pluralidade*, p. 311.

a pessoa constrói liberdade e realização de maneira situada, concreta e possível.

Na abertura ao cosmo, a pessoa humana se vê formando parte também do mundo natural, com a responsabilidade de respeitá-lo. Vê-se criatura entre as criaturas, unida a todas as outras numa solidariedade fundamental. Ao mesmo tempo, a pessoa humana, imagem de Deus, é chamada a trabalhar o mundo para transformá-lo em morada digna dos seres humanos (todos), numa administração responsável.

No desenvolvimento do ser pessoal, é possível dizer que há também uma relação consigo mesmo¹³⁸, igualmente dinâmica e chamada a se abrir à promessa de Deus e ser “nova criatura” (2 Cor 5,17), deixando o velho homem/mulher e deixando-se guiar por um olhar mais solidário aos irmãos e irmãs e mais sensível ao grito que ecoa da natureza ferida.

A categoria de *relação* é estruturante na antropologia teológica a partir da fé cristã. Determina a própria noção de Deus e do humano, em si e em suas interações pessoais, sociais e com o ambiente.

d) Criação e salvação inseparáveis e articuladas

Uma integração fundamental terá particular importância para a teologia do cosmo, bem como em toda a perspectiva teológica do autor. Trata-se da fé em Deus criador-salvador: “Tudo isso à luz da fé no Deus criador que é simultaneamente salvador”¹³⁹, vemos na Introdução de *Unidade na pluralidade*. Assim, a apresentação da fé cristã não pode separar a fé em Deus criador da salvação de Jesus Cristo e da criação em Cristo, ou seja, a fé em Deus criador não se separa da “nova criação”. E esta encontra-se intrinsecamente relacionada com a vivência concreta das relações fundamentais, segundo Jesus Cristo.¹⁴⁰

García Rubio oferece, desde a primeira edição, uma teologia em perspectiva integrada da criação-salvação, em vistas a superar o dualismo entre o ser humano, seu mundo sociocultural-político e o cosmo. A alienação do humano frente a estas realidades desumaniza. Com relação ao cosmo, a negação e mesmo oposição frente a ele levam a uma relação de domínio sobre a natureza. Dualismo transferido também para Deus, de quem o humano é imagem. A fé em Deus criador-salvador, ao contrário,

¹³⁸ GARCIA RUBIO, A., *Antropologia teológica*, p. 247.

¹³⁹ GARCIA RUBIO, A., *Unidade na pluralidade*, p. 9.

¹⁴⁰ GARCIA RUBIO, A., *Unidade na pluralidade*, p. 181-218.

conduz à consciência de que o destino humano está inseparavelmente unido ao destino do mundo. A salvação traz em si uma dimensão cósmica.¹⁴¹

2.3 Cosmologia teológica e antropologia integrada: aspectos essenciais

Dando mais um passo, destacamos alguns aspectos da reflexão de García Rubio que indicam caminhos para se pensar a relação entre a antropologia integrada, a questão ecológica e a cosmologia.

a) A crise ecológica como crise antropológica

No tema da relação do humano com o ambiente, o autor realiza vigorosa descrição da crise ecológica em seus principais desafios da produção de alimentos, do esgotamento das reservas naturais, da poluição, da corrida armamentista e da injustiça internacional que, entre outras coisas, culpabiliza os pobres pela explosão demográfica, enquanto deixa em segundo plano o questionamento do tipo de progresso em andamento pelos países mais ricos.¹⁴² E localiza a raiz do problema numa crise antropológica, marcada por um cartesianismo que vê o eu humano separado da corporeidade e, assim, dos demais seres humanos e do mundo natural. Separado do corpo, dos outros e da natureza, equipado com um instrumental técnico poderoso, este humano, forjado na civilização industrial, adota uma atitude predatória e destruidora.

Segundo García Rubio, vivemos uma verdadeira “patologia do espírito humano”¹⁴³, caracterizada pela arrogância e perversão das relações com o ambiente. A visão científica das sociedades industriais gera uma noção antropológica dominadora e depredadora; com relação aos povos colonizados e originários, oprime, coisifica e desqualifica. Por isso, os desafios ecológicos exigem revisão dos valores que pautam as relações culturais e a própria noção do ser humano, pois este não está separado, independente ou contra a natureza.

Quem destrói seu ambiente se autodestrói, afirma García Rubio em diálogo com as novas ciências da terra ou teoria dos sistemas, que evidenciam a complexidade das inter-relações constitutivas da vida. O indivíduo complexo está conectado a outro sistema maior – as sociedades – e estas

¹⁴¹ GARCIA RUBIO, A., Unidade na pluralidade, p. 551.

¹⁴² GARCIA RUBIO, A., Unidade na pluralidade, p. 235-539.

¹⁴³ GARCIA RUBIO, A., Unidade na pluralidade, p. 541.

intimamente ligadas com um ecossistema ou meio ambiente vital. Indivíduo, sociedades e ecossistemas estão interligados; por isso, a relação entre eles deve estabelecer uma lógica de inclusão e integração – não de separação e oposição. A problemática ecológica encontra-se no plano sistêmico, ou seja, dos ecossistemas e das intencionalidades humanas inter-relacionadas. Não se trata de negação da liberdade humana, mas de advertência quanto à vivência de uma liberdade suicida e homicida.¹⁴⁴

b) Perspectiva bíblica: administração dos bens do planeta e ação de graças se complementam

A perspectiva bíblica enriquece a contribuição de García Rubio. Ressalta a presença de duas tradições, no Antigo Testamento: *a proclamativa*, que destaca o ser humano no conjunto da criação, e a tradição *manifestativa*, que, por sua vez, sublinha a participação do humano no cosmo, afirma a consistência e o valor próprios das coisas criadas e convida à admiração. Esta tradição manifestativa é a mais presente no Novo Testamento. O cosmo possui, nessa visão, um valor simbólico-sacramental enquanto reflexo, participação e ou manifestação do amor criador de Deus, a suscitar a sensibilidade diante da vida nas plantas, animais e mundo inorgânico. Toda esta realidade está penetrada do amor do Deus e da ação mediadora de Jesus Cristo, o que faz com que todo o universo tenha uma dimensão crítica, pneumatológica e trinitária, a dar ao cosmo um significado profundo e um sentido libertador de amor e liberdade.¹⁴⁵

Como consequência, a “administração responsável” da natureza (melhor tradução para a expressão de Gn 1,28 – “submetei a terra...”) deve vir acompanhada da admiração e ação de graças diante de um mundo rico em conteúdo simbólico-teológico.¹⁴⁶

c) Teologia do cosmo como exigência da teologia da história

Esta questão ecológica, vista de forma sistêmica, não pode ficar a cargo dos burocratas e tecnocratas, escrevia García Rubio, pois a tecnocracia é uma das causas da crise ecológica.¹⁴⁷ A teologia tem também sua importância e responsabilidade. Os cristãos podem ser formados segundo

¹⁴⁴ GARCIA RUBIO, A., Unidade na pluralidade, p. 541-542.

¹⁴⁵ GARCIA RUBIO, A., Unidade na pluralidade, p. 269; 545-555.

¹⁴⁶ GARCIA RUBIO, A., Unidade na pluralidade, p. 554-555.

¹⁴⁷ GARCIA RUBIO, A., Unidade na pluralidade, p. 553.

uma teologia mais ampla e integradora, que, sem desvalorizar as macrorrelações, os compromissos com a justiça e a solidariedade, ressalte que este compromisso engloba também a vinculação do ser humano e das sociedades com o meio ambiente. É urgente, nos diz o teólogo,

ampliar o horizonte da reflexão teológica contemporânea. É cada vez mais urgente perceber que a relação pessoa humana-sociedade é inseparável do relacionamento pessoa humana-meio ambiente. E isto importa tanto aos teólogos do mundo rico quanto àqueles que tentam pensar a fé cristã a partir das situações do Terceiro Mundo.¹⁴⁸

Por isso, é preciso articular a teologia da história com a teologia do cosmo. É urgente uma contribuição cristã em meio aos clamores da humanidade, uma “teologia ecológica”¹⁴⁹.

Em García Rubio, o ser humano é visto de maneira integrada em suas relações fundamentais para com Deus, consigo mesmo, as inter-humanas e com o ambiente. Se os mecanismos de dominação instrumentalizam e destroem tanto o ser humano quanto os povos e a natureza – para não falar da própria imagem de Deus –, a salvação de Deus, mediante Jesus Cristo, suscita perdão, conversão e reorientação destas relações fundamentais, tanto no âmbito do coração, das comunidades eclesiais e das estruturas sociopolíticas e ecológicas. As consequências pastorais do tema para o contexto brasileiro e latino-americano são muitas¹⁵⁰.

Neste discernimento, a teologia tem muito a contribuir.

3 Uma teologia do cosmo como exigência humana, cósmica e teológica: A. Gesché

Na mesma época e em semelhante direção, o teólogo belga A. Gesché observava um excesso antropocêntrico na teologia, criticava o seu acomismo e justificava: uma teologia do cosmo não era um luxo a contemplar o universo e sondar os seus mistérios e enigmas, mas uma exigência. Embora observe que “a gratuidade faz paradoxalmente parte de uma de nossas necessidades”¹⁵¹, uma teologia do cosmo era exigência do próprio Deus, do ser humano e do cosmo.

¹⁴⁸ GARCIA RUBIO, A., *Unidade na pluralidade*, p. 553.

¹⁴⁹ GARCIA RUBIO, A., *Unidade na pluralidade*, p. 551.

¹⁵⁰ GARCIA RUBIO, A., *Unidade na pluralidade*, p. 561-568.

¹⁵¹ GESCHÉ, A., *O cosmo*, p. 21.

Exigência de Deus porque o Deus do ser humano é o Deus de todas as coisas, portanto do cosmo; e uma teologia deveria dar mais espaço a Deus e não se restringir a responder às necessidades humanas.

Uma exigência humana porque este deve ser devolvido ao cosmo. Superar a alienação e caminhar em direção à consideração do mundo criado como alteridade. Uma teologia demasiadamente antropológica, diz Gesché, é asfixiante.¹⁵² Se, por um lado, ela pode ajudar a combater a alienação de si mesmo, a autoilusão de onipotência, por outro deve preservar a alteridade do mundo, diante da qual o ser humano se restitui a si mesmo.

Finalmente, uma teologia do cosmo é uma exigência do próprio cosmo, também ele dom de Deus e, portanto, com sentido teológico. Sem enraizamento cósmico, acósmico, o humano está perdido, sem morada, sem alimento, sem amor, sem admiração. Se Deus deu o ser humano a si mesmo, também o fez com as flores e os pássaros (São Francisco), o ar, a água, o fogo, a terra.¹⁵³ Há, no cosmo, um “segredo de salvação” a ser descoberto.

Como em García Rubio, também a teologia de Gesché dialoga com a filosofia e as novas ciências. Para ele “nosso mundo está reencantado pela ciência”¹⁵⁴. Este encantamento vem de dentro da mesma ordem da natureza. Se, para a ciência clássica, o humano seria o executor das leis imutáveis e imóveis já previstas e programadas totalmente a partir de um tempo regular e uniforme, a ciência moderna descobre que o cosmo não é regido unicamente pelo determinismo do acaso ou da necessidade, segundo regras totalmente exteriores. Ele, o mundo, dispõe de uma dinâmica interior e autônoma de invenção, de surgimento de coisas inesperadas e inteiramente novas. O princípio de incerteza, a teoria do caos, o conceito do tempo interno e operador, o princípio de irreversibilidade, as leis da complexidade e outras desvelam um cosmo mais imprevisível do que se pensava.

Nas novas ciências, o tempo adquire outra grandeza e valor. Descobriu-se que a história e a dinâmica processual pertencem a toda natureza e à própria natureza das coisas. Não existe uma “simples realidade” porque toda realidade é viva, ativa, estruturadora, inventiva, criativa. O tempo e a mudança são parte intrínseca da realidade e são avaliados positivamente

¹⁵² GESCHÉ, A., O cosmo, p. 23

¹⁵³ GESCHÉ, A., O cosmo, p. 25.

¹⁵⁴ GESCHÉ, A., O cosmo, p. 112.

como “riqueza, fator de criação e de devir”¹⁵⁵. O dinamismo é a verdadeira, e não aparente, face do cosmo.

Esta mudança na maneira científica de ver o mundo atinge nossa sensibilidade para com o mundo e nossa relação com ele.

A primeira mudança é abandonar a ideia do cosmo como lugar de perfeição. E isto diz respeito à conduta humana. Se antes se pensava que a natureza deveria ditar o comportamento e conduta, vê-se hoje que são a imperfeição e a incompletude a influenciar nossa conduta, porém de outra maneira: solicitando nossa intervenção.

Este mundo “traspassado de criatividade” exige vê-lo como “lugar e condição da liberdade e da ação do homem”¹⁵⁶. Teologicamente, o cosmo não é traspassado por um espírito determinista da natureza, mas por um desejo criador. Ele está em gênese, como pode nos inspirar Rm 8,22, a “criação inteira geme ainda agora nas dores do parto”; ele está se fazendo, com a ajuda humana, como sugere Gn 2,15, “o senhor Deus tomou o homem e o estabeleceu no jardim de Éden para cultivar o solo e o guardar”. Portanto não somos precedidos por uma lei, mas por uma fé, uma esperança e uma expectativa.

4 Três sentidos do cosmo para a antropologia

As reflexões de A. García Rubio e de A. Gesché conversam entre si, olham para uma mesma direção e se complementam.¹⁵⁷ O primeiro, imbuído das perguntas teológicas advindas de seu compromisso teológico e pastoral no Brasil e América Latina; o segundo, desafiado pela mentalidade secularizada da Europa.

É fácil constatar a abertura de ambos à nova antropologia que banha o Concílio Vaticano II e segue adiante. Abertura também ao diálogo com as ciências humanas e da terra.

Antropologicamente, ambos afirmam uma inter-relação e uma inter-significação entre *ser humano*, *Deus* e o *cosmo*. García Rubio vai além, ao incluir as *inter-relações humanas* nas estruturas sociais. “Integrar” e “intersignificar” nos dizem que um termo não pode ser pensado teologica-

¹⁵⁵ GESCHÉ, A., O cosmo, p. 111.

¹⁵⁶ GESCHÉ, A., O cosmo, p. 114.

¹⁵⁷ Vale lembrar que ambos se encontraram em 1967 na Universidade Católica de Lovaina quando o Pe. Alfonso, já radicado no Brasil, realizou um curso sobre a teologia da criação com A. Gesché, como registrado em pé de página em *Unidade na pluralidade*, p. 574.

mente às custas do outro, visando desvalorizá-lo. O discurso sobre Deus interessa e diz respeito ao ser humano (e suas inter-relações) e ao cosmo. Afirmações sobre o ser humano (e suas inter-relações) ensinam algo sobre Deus e o cosmo. A reflexão sobre o cosmo fala do ser humano (e suas inter-relações) e de Deus. Por isso, a fé no Deus da criação-salvação possui necessariamente uma dimensão humanizadora, pois fala-se na perspectiva do Deus da encarnação-redenção em Jesus Cristo, a “terra natal”¹⁵⁸ do discurso cristão sobre Deus.

Ambos em muito contribuem com a renovação da teologia no horizonte da consciência planetária, com vistas a assumir a responsabilidade pelo futuro do planeta.¹⁵⁹

Tendo estabelecido dois importantes caminhos na reflexão sobre antropologia e cosmologia teológicas, e mantendo a intencionalidade de intersignificação e inter-relação entre elas (ou seja, a ideia de mundo nos dá uma ideia de Deus e do humano), ressaltaremos três diferentes sentidos do cosmo para a antropologia, compartilhados pelos autores, com enriquecimentos recíprocos: um modelo que reforça a ideia de liberdade-responsabilidade e criatividade diante do mundo; o modelo que reforça a ética e as relações; o modelo trinitário, que reforça as consequências antropológicas da autocomunicação de Deus mesmo, pelo Filho no Espírito, na criação.

4.1 O cosmo lugar de liberdade-responsabilidade, criatividade e gratuidade

Na cosmologia teológica, afirma-se que o mundo não é fruto do acaso. Nem tampouco um projeto divino fechado, a modo de fabricação. Muito diferente destes dois extremos, a vida no mundo e, com ela a vida humana, está enraizada numa decisão gratuita divina que possibilita auto-gênese, liberdade e invenção.

Gesché se pergunta: será que Deus criou segundo um plano preciso e fechado? Pela pergunta, já sabemos que a linha de resposta do autor se direciona a um “não”. Em seu criativo estudo do livro do Gênesis, Gesché ressalta a abertura do plano criador divino¹⁶⁰. O verbo utilizado no mandato divino sobre a luz (Gn 1,3) situa-se de forma neutra e impessoal e pode ser traduzido como “Que ela se faça” ou “Que exista luz”, a indicar a presença divina, mas não de forma a ocupar e preestabelecer tudo e substituir

¹⁵⁸ GESCHÉ, A., Deus, p. 64.

¹⁵⁹ MURAD, A., Da ecologia à ecoteologia, p. 86.

¹⁶⁰ GESCHÉ, A., O cosmo, p. 118-121.

o desenvolvimento da criatura. Após a criação, o protagonismo passa às coisas criadas – elas se tornam sujeito. O sol e as estrelas presidem o dia e a noite (Gn 1,18), a terra produz verdura, as ervas as suas sementes e as árvores os seus frutos, segundo sua espécie (Gn 1,12), segundo os seus próprios recursos.

Interessante exegese, que contribuiu para a afirmação de que, na criação, não há acaso, pois há uma intencionalidade criadora. Mas tampouco ela se confunde com uma interpretação criacionista segundo a qual Deus fabrica sobre formas pré-estabelecidas. Se há uma intencionalidade e decisão divinas, que afastam a ideia de acaso, há também, ao mesmo tempo, a abertura da criação ao seu próprio desenvolvimento: “este mundo querido é lançado para ser ele mesmo, para ser aquilo que será”¹⁶¹. A criação está aberta à própria autonomia e autoinvenção.

E mais. A criação é confiada ao ser humano – neste sentido, esse é cocriador¹⁶². É a ele, em sua liberdade, que Deus entrega a corresponsabilidade do mundo criado pelo seu amor. “Vemos então a criação traspassada por uma estrutura imanente de autogênese e de invenção, que receberá no homem o nome de estrutura de liberdade [...] porque Deus é liberdade [...]. O nosso direito à liberdade no mundo se fundamenta no gesto que a preside”¹⁶³.

García Rubio, em sua rigorosa articulação entre criação e salvação vê, na liberdade entregue ao ser humano e no processo evolutivo que permite a cada criatura desenvolver-se, a lógica do Deus *kenótico*. Radicalizada na encarnação, a *kénose* divina tem início na criação. Deus, por amor, esvazia-se para dar espaço à criatura. E isto não significa ser subtraído em seu poder, mais precisamente o contrário: “Deus Amor é tão onipotente que pode até ‘esvaziar-se’ para permitir que o outro seja por ele mesmo!”¹⁶⁴.

Há aqui um respeito à autonomia do ser humano e do processo evolutivo como um todo. O sentido do “poder” divino é revisto: não se coaduna com prepotência, instrumentalização ou dominação, pois é poder de amor que cria em aberto e respeita a criatura, a deixar que ela seja e se faça. Com grande consequência para a antropologia, pois, na interrelação com este Deus, o ser humano é reafirmado como cocriador, livre e chamado a

¹⁶¹ GESCHÉ, A., O cosmo, p. 120.

¹⁶² GESCHÉ, A., O ser humano, p. 53.

¹⁶³ GESCHÉ, A., O cosmo, p. 123-124.

¹⁶⁴ GARCIA RUBIO, A., A teologia da criação desafiada pela visão evolucionista da vida e do cosmo, p. 38.

tomar decisões responsáveis em suas relações fundamentais, abandonando infantilismos e alienação.¹⁶⁵ Ao mesmo tempo, a *kênose* divina abre espaço para um amor *kenótico*, sendo o ser humano capaz e chamado a amar no respeito à alteridade de Deus, dos demais e do cosmo.

Atuação e decisão, intervenção criativa e deixar o outro ser: dimensões antropológicas consequentes com o Deus criador-salvador.

4.2 O cosmo instaurado pelo amor de Deus

Compreender a criação como ato de amor significa dizer que o ato criador não é neutro ou indiferente. Tampouco é arbitrário, “Deus não é uma onipotência arbitrária” (LS n. 77). Longe destes dois extremos, o ato criador inaugura um sentido de amor, bondade, sabedoria, inteligência e justiça que, como orientação ética, deve pautar as relações e, em sentido profundo, significa um caminho de salvação e reconciliação.

Gesché parte da noção de que o *bereshit*, que, geralmente, é traduzido por “no princípio”, também pode significar “por um princípio”.¹⁶⁶ Nele, Deus cria pela sabedoria e a justiça (Pro 3,19; 8, 22-31) e estas são identificadas com a Lei e a *torah* (Eclo 24,23; Br 4,1). Daí a afirmação da criação de Deus como a instauração de um ato ético.

Este ato ético é também salvífico. Na articulação criação-salvação, realizada pela teologia paulina no Novo Testamento, García Rubio observa como é Cristo o “critério histórico-pessoal-salvífico para a compreensão adequada da criação”¹⁶⁷. A criação se faz em Cristo. Seu senhorio, na ressurreição-exaltação, atinge o coração do mundo, mostrando o sentido ressurrecional de toda a humanidade e toda matéria. Com sua encarnação, vida, morte e ressurreição, personifica a sabedoria de Deus (1Cor 1,24.30), imagem-modelo segundo a qual tudo é criado, como se vê nos hinos cristológicos de Colossenses (1,15-20) e Coríntios (1 Cor 8,6). “Tudo foi criado por ele e para ele [...] ele existe antes de tudo; tudo nele se mantém” (Cl 1,16-17), por ele tudo existe (1Cor 8,6) e nele tudo é reconciliado (Cl 1,20).

Sendo Cristo a imagem-modelo, é necessário afirmar que a criatura, orientada a ele, é chamada a servir o Reino de Deus, concretamente, como Jesus Cristo, ou seja a optar pelo amor concreto, especialmente pelos po-

¹⁶⁵ GARCIA RUBIO, A., Unidade na pluralidade, p. 171-172.

¹⁶⁶ GESCHÉ, A., O cosmo, p. 126.

¹⁶⁷ GARCIA RUBIO, A., Unidade na pluralidade, p. 188.

bres e abandonados da sociedade e pelas relações de não dominação, o que inclui a relação com a natureza. Na abertura e vivência das novas relações em Cristo é que se dá o perdão dos pecados e reconciliação do universo, com novos vínculos humanos e com o cosmo, a “nova criação”.¹⁶⁸

O amor ágape é a forma de Deus se relacionar com a criação. Portanto, essa não é um ato de produção, mas a instauração de uma relação querida, uma aliança a ser respondida e, por isso, sempre inacabada. Mas, ao entrar no campo das pessoas e das suas relações, o ser humano tem a certeza de um querer divino sábio e sensato, de uma promessa de plenitude e de uma abertura às relações mesmo diante dos fracassos.

Por isso, o humano será um ser chamado à livre convivência com esta orientação amorosa e cheia de sentido. Um ser para a justiça e sabedoria que se revelam em Jesus Cristo. Um ser que verá neste Deus o alicerce de sua transcendência e de sua vocação criadora. Um humano responsável por relações de inteligência e amor, que por seu sim confirme a vida de outros e da natureza, sem alienação ou dominação.

4.3 O cosmo habitado por Deus

Na criação, temos a mediação do próprio Deus, pelo Filho (Cl 1,16). Vemos aqui Deus envolvido no ato criador a partir de dentro, pois a mediação trinitária vem do interior mesmo de Deus.¹⁶⁹ E esta mediação do Filho, Jesus Cristo, não se separa da presença e atuação do Espírito. A criação recebe, então, um sentido que é crístico, pneumatológico e trinitário.¹⁷⁰

Aqui, a noção de Deus é rica. O rigor da unidade divina se associa com a riqueza do plural. O monoteísmo cristão é diferenciado, cheio de dinamismo interior. Em Deus, há como uma “exterioridade interna”¹⁷¹, uma abertura em si mesmo, pois nele habitam a diferença, a distância e a alteridade, e elas são fonte e razão de ser de sua unidade. Seria impossível pensar a criação sem esta diferença em Deus, ele cria o diferente de si porque a diferença e a distância já se encontram nele; distância que ele também pode evitar.¹⁷² Por isso o mundo não é Deus, não deixando de estar Nele pois tudo Nele se mantém (Cl 1,17) e não deixando de ser

¹⁶⁸ GARCIA RUBIO A., A teologia da criação desafiada pela visão evolucionista da vida e do cosmo, p. 44.

¹⁶⁹ GESCHÉ, A., O cosmo, p. 140.

¹⁷⁰ GARCIA RUBIO, A., Unidade na pluralidade, p. 269.

¹⁷¹ GESCHÉ, A., O cosmo, p. 141.

¹⁷² LADARIA, L. F., Introdução à antropologia teológica, p. 47.

morada do *Logos* (Jo 1,10) que o marca com o selo da diversidade e do dinamismo criador vivo. O mundo está em Deus e é morada de Deus; é contido por Deus e o contém. Na *Laudato Si'* (n. 88) Francisco nos diz, na mesma linha, que a natureza não apenas manifesta Deus, mas é lugar de sua presença. Em cada criatura habita o Espírito Santo, que chama a um relacionamento com ele. E, ao mesmo tempo, Deus se distancia infinitamente da criatura, que não possui a plenitude de Deus e não nos pode dar esta plenitude.

Ora, como será o mundo criado por Deus Trindade? Também ele, o cosmo, é portador de uma dinâmica interna. O dinamismo interno divino é introduzido na criação. À imagem de Deus, o cosmo é lugar da diferença, do dinamismo e da iniciativa, de mediações e de trocas. Se há também distância e alteridade em Deus, o mundo se torna lugar espaçoso, espaço aberto para a alteridade, onde cada criatura comunica sua mensagem e é chamada à vida. Se há comunhão de amor-ágape, o cosmo manifesta o chamado à interligação de todas as coisas e, na liberdade humana, a vocação à comunhão e comunicação, aproximação e envolvimento, formação de comunidade. E, apesar do pecado, é este mundo o espaço em que Deus criador-salvador se autocomunica. Nas palavras de García Rubio, a “criação pecadora (por causa do ser humano) é orientada a Cristo, continua a possuir uma bondade intrínseca (...), é redimida por Cristo”¹⁷³.

5 A humanização que brota da religião com o cosmo

Um grande desafio brota da cosmologia teológica para a antropologia. “É a humanidade que precisa mudar”, afirma o papa Francisco na *Laudato Si'* (LS n. 77). Mudar em sua relação com o cosmo, o que significa também a natureza, o corpo, o planeta, a terra, a matéria (lembramos da superação dos dualismos, segundo a antropologia integrada de García Rubio).

A humanização passa pela consciência de que a crise ecológica é uma crise nas relações com Deus, com os demais, com o ambiente e consigo mesmo.

O tema das relações fundamentais (García Rubio) possui relevância antropológica extraordinária. Olhando para os documentos do papa Francisco, poderíamos destacar vários textos neste sentido. Ficamos com a *Lauda-*

¹⁷³ GARCIA RUBIO, A., Unidade na pluralidade, p. 193.

to Si’, em que Francisco reafirma a existência humana fundamentada sobre “relações fundamentais intimamente ligadas entre si: as relações com Deus, com o próximo e com a terra” (LS n. 66). E, ao mencionar São Francisco como modelo da ecologia integral, diz que foi um místico que viveu de maneira integrada e harmoniosa a relação “com Deus, com os outros, com a natureza e consigo mesmo” (LS n. 10). Daí sua preocupação pela natureza e pela justiça para com os pobres, seu empenho social e sua paz interior.

A crise socioambiental não será curada “sem curar todas as relações humanas fundamentais” (LS n. 119). Urge uma “consciência basilar” que veja o humano enquanto humanidade, num caminhar conjunto, chamado a novas relações. Superar a “consciência isolada” (EG n. 2) em direção à consciência de um vínculo originário, uma origem comum, uma recíproca pertença e um futuro partilhado por todos (LS n. 202).

A nova consciência passa por um dar-se conta da destruição das condições de vida na terra e, de maneira particular, da situação radicalmente injusta em que se encontra a maior parte da população mundial, os pobres. Alienados das condições básicas da vida digna, que dizem respeito, inevitavelmente, à relação com a terra, com o planeta, com os corpos, com as condições materiais de sobrevivência, enfim, com o cosmo. A proposta do papa Francisco, de uma *ecologia integral*, exige encarar aqueles que são invisibilizados nos planejamentos dos solos urbanos ou que migram por motivos climáticos. Que não são considerados em sua dignidade e valor. Que são vitimizados pela aporofobia – rejeição aos pobres¹⁷⁴ –, pelo racismo, pela misoginia, pela cultura do descarte.

O “sim” radical de Deus à criatura na criação-salvação do cosmo é um apelo a cada criatura para dizer, também ela, um “sim” à vida e ao conviver. A crítica da racionalidade tecnocrática que permeia as economias e a política e, conseqüentemente, a relação com o planeta é urgente para que se avance nesta nova consciência cósmica, com “novas convicções, atitudes e estilos de vida” (LS n. 202). Igualmente, é preciso desenvolver nova relação com o cosmo, que articule a administração responsável da natureza com a atitude de contemplação e ação de graças que vê, nela, a manifestação do amor de Deus (García Rubio). E ainda, ver-se como parte do cosmo e em relação com ele faz parte da nova consciência basilar, do “sim” a cada criatura que é, ao mesmo tempo, um compromisso com o destino do planeta e um “sim” a si mesmo.

¹⁷⁴ CORTINA, A., Aporofobia, el rechazo al pobre.

O cosmo é uma alteridade a ser reconhecida (Gesché), arranca o humano da alienação acósmica e, na relação, cria identidades. A *Laudato Si'* observa o quanto cada um é configurado por seu ambiente geográfico, o drama dos migrantes e refugiados em serem obrigados a deixar sua terra, as consequências da destruição dos lugares de memória e de não ter um “lugar” no mundo. A atitude arrogante de dominação e destruição que considere o planeta um mero objeto ou matéria-prima constituiu uma verdadeira “patologia do espírito humano” (García Rubio).

Na cosmologia teológica, como foi visto, afirma-se que o mundo não é fruto do acaso e nem é, por outro lado, um projeto divino fechado, a modo de fabricação. A vida no mundo e, com ela, a vida humana, está enraizada numa decisão gratuita divina que possibilita autogênese, criatividade, liberdade e invenção. Daí um respeito profundo por cada criatura, que participa de um “querer” de Deus e que também, a seu modo, desenvolve suas capacidades criativas. Nada está pré-determinado ou formatado. No caso humano, a liberdade faz parte da vocação a ser pessoa. Trata-se de um “direito”, não é um ato de insubmissão. Ela é, por assim dizer, obrigatória, constitutiva de humanidade. Na relação com Deus há gratuidade e graça, não subserviência. Deus é aquele que convida a pessoa a “tomar a palavra”¹⁷⁵. Portanto, reivindicar e defender o direito à liberdade, à criatividade e à invenção é também consequência antropológica da teologia do cosmo. Porém, isto exige a revisão da ideia da “vontade de Deus”, se compreendida de maneira fixista, às custas da felicidade e liberdade humanas. A “onipotência divina” é chamada a ser compreendida como aquela que abre espaço para a criatura desenvolver-se em liberdade e criatividade, num gesto *kenótico* (García Rubio).

A cosmologia teológica faz ver como o ato criador não é neutro ou arbitrário, mas instaurador de um sentido de sabedoria, amor-ágape e justiça, que conhecemos pela encarnação do Filho em Jesus Cristo. Assim sendo, a criação exige uma decisão do humano pelo caminho da não dominação e não omissão, opções éticas pela vida sustentável que, em sentido profundo, decidem caminhos de salvação e reconciliação, por serem resposta a um convite divino (García Rubio). Fazer desta resposta um caminho de liberdade é estar, nas palavras de Gesché, em “convivência” – que implica liberdade e júbilo – com o sentido ético que Deus imprimiu no mundo, ao criá-lo, o que implica relações responsáveis com o ambien-

¹⁷⁵ GESCHÉ, A., Deus, p. 70-79.

te, com a vida, com os corpos. No desenvolvimento ético, vale lembrar as palavras de Francisco para quem, nas condições atuais da sociedade mundial, o bem comum torna-se “apelo à solidariedade e uma opção preferencial pelos mais pobres” (LS n. 158).

A presença de Deus no cosmo é um convite a desenvolver o olhar jubiloso dos místicos que “viram” esta presença em si e em todas as coisas criadas de forma viva, vivificante e comunicante.¹⁷⁶ Deus Trindade convida à valorização da biodiversidade, da diversidade cultural e religiosa, das diferenças pessoais e, nesta riqueza, buscar a unidade que não domina ou destrói, mas que sustenta a pluralidade a partir de uma origem comum. O cosmo manifesta o chamado à interligação de todas as coisas e, na liberdade humana, a vocação à comunhão e comunicação, aproximação e envolvimento, defesa da vida ameaçada, formação de comunidade. A presença respeitosa de Deus no mundo é convite a uma confiança radical no presente e na plenitude da promessa do Deus que, em Cristo, no Espírito, reconcilia todas as coisas e as conduz a uma plenitude e realização insuspeitadas.

Conclusão

A relação entre antropologia e cosmologia adquire, para a teologia, nova relevância, dadas as proporções da crise socioambiental, que coloca a possibilidade da destruição das possibilidades de vida na terra. A Encíclica *Laudato Si'* e sua continuidade, a exortação *Laudato Deum*, do papa Francisco, constituem marcos de importância ímpar para o discernimento eclesial e mesmo civil atual, pela análise das causas da crise, pelo apelo ético-espiritual e pela palavra de esperança e salvação.

A antropologia integrada de A. García Rubio (Brasil), apresentada neste capítulo em suas principais características, apresenta interessante interação com a do teólogo A. Gesché (Bélgica) no que diz respeito à articulação entre cosmologia e antropologia, em direção a uma renovação na teologia e a uma prática responsável pelo futuro do planeta. Em ambos os autores encontramos um diálogo com as ciências humanas e da terra. Antropologicamente, afirma-se uma inter-relação e uma intersignificação entre *ser humano* (e *inter-relações humanas*), *Deus* e o *cosmo*.

Em nosso estudo, nos limitamos a apresentar o cosmo como lugar aberto à liberdade-responsabilidade e criatividade, instaurado pelo amor

¹⁷⁶ PEDROSA-PÁDUA, L., *Evolucionismo e Espiritualidade*, p. 221.

concreto de Deus e por Ele habitado. Com sérias intersignificações para a antropologia: nova consciência de pertencimento à terra; convicção de que a humanidade compartilha o destino do planeta; defesa de um lugar no mundo para todos; defesa do direito à liberdade e à invenção; decisão ética pela vida sustentável; convite ao fortalecimento da atitude contemplativa e de ação de graças; abertura à presença de Deus em sua novidade trinitária; cuidado com o futuro.

Enfim, antropologia e cosmologia são teologicamente inseparáveis a contribuir com as exigências da ecologia integral e do cuidado com a “casa comum”, propostos por Francisco. O ser humano não precisa ser um perigo para o mundo. Ao contrário, ele é chamado a ser, como Jesus Cristo, bênção e graça para a humanidade, para si mesmo e para o cosmo.

Referências bibliográficas

- BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres. Dignidade e direitos da Mãe Terra*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- CARTA DA TERRA. 2000. Disponível em: <<http://www.cartadaterrabrasil.com.br/prt/index.html>>. Acesso em: 12 set 2023.
- CORTINA, Adela. *Aporofobia, el rechazo al pobre. Un desafío para la democracia*. Barcelona/Buenos Aires/México: Paidós, 2017. 2ª impressão 2018.
- FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si'*. Sobre o cuidado da casa comum. Brasília: CNBB, 2015.
- FRANCISCO. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium*. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Brasília: CNBB, 2013.
- FRANCISCO. Exortação apostólica *Laudate Deum*. A todas as pessoas de boa vontade sobre a crise climática, 2023. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/20231004-laudate-deum.html Acesso em: 13 jan 2024.
- FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Brasília: CNBB, 2013.
- GARCIA RUBIO, Alfonso. *Antropologia teológica*. Salvação cristã: salvos de quê e para quê? 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2019.
- GARCIA RUBIO, Alfonso. *Unidade na Pluralidade*. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. São Paulo: Paulinas, 1989.
- GARCIA RUBIO, Alfonso. *Unidade na Pluralidade*. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. 2.ed. Revista e ampliada [2001]. São Paulo: Paulus, 2014. 7ª reimpressão.
- GARCIA RUBIO, A.; AMADO, Joel P. *Fé cristã e pensamento evolucionista*. Aproximações teológico-pastorais a um tema desafiador. São Paulo: Paulinas, 2012.
- GARCIA RUBIO, A. A teologia da criação desafiada pela visão evolucionista da vida e do cosmo. In: GARCIA RUBIO, A.; AMADO, Joel P. *Fé cristã e pensamento evolucionista*. Aproximações teológico-pastorais a um tema desafiador. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 15-54.
- GESCHÉ, Adolphe. *Deus*. São Paulo: Paulinas, 2004.

GESCHÉ, Adolphe. *O cosmo*. São Paulo: Paulinas, 2004.

GESCHÉ, Adolphe. *O ser humano*. São Paulo: Paulinas, 2003.

LADARIA, Luis F. *Introdução à antropologia teológica*. 3.ed. São Paulo: Loyola, 2007.

MURAD, Afonso. Da ecologia à ecoteologia. Uma visão panorâmica. *Fronteiras*, Recife, v. 2, n. 1, p. 65-97, jan./jun. 2019.

PEDROSA-PÁDUA, Lúcia. Evolucionismo e Espiritualidade. Contribuições da Mística para a revisão da ideia de Deus. In: GARCIA RUBIO, A.; AMADO, Joel P. *Fé cristã e pensamento evolucionista*. Aproximações teológico-pastorais a um tema desafiador. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 221-253.

SIQUEIRA, J. C. *Reflexão Cristã sobre o meio ambiente*. São Paulo: Loyola, 1992.

TATAY, Jaime. *Ecología integral*. La recepción católica del reto de la sostenibilidad: 1891 (RN) - 2015 (LS). Madrid: BAC, 2018.

4

Reino de Deus e discipulado hoje: uma Igreja em saída “Abre-te, vê e caminha”

*Marcos Antonio de Santana*¹⁷⁷

Introdução

A maioria das nossas comunidades está situada em áreas de muita pobreza, violência, e tantas outras formas de sofrimento que desafiam, a cada dia, nossa ação evangelizadora. Outra situação que nos interpela bastante é ver que muitas pessoas de nossas comunidades estão indo ao encontro de novas experiências religiosas, sobretudo de cunho mais intimista. Recentemente, após a celebração da eucaristia, uma jovem que participa da comunidade paroquial se aproximou e me disse: “Gostaria de entender melhor o que é o Reino Deus e como ele está presente aqui na nossa realidade; e como sermos uma Igreja em saída como nos propõe o papa Francisco?”

Estes questionamentos não são apenas da jovem que me procurou, mas de muitos outros cristãos inquietos diante da situação de exclusão e miséria em que se encontra uma grande parcela da nossa população. E perplexos por verem sair de nossas comunidades pessoas procurando novas formas de expressão de sua religiosidade neopentecostal, buscando mais harmonia interior num mundo tão conflituoso e competitivo. Trata-se de cristãos que não encontraram respostas numa espiritualidade transformadora comprometida com os desafios históricos e sociais. Cristãos latino-americanos se depararam, e ainda se deparam, com desafios urgentes diante das condições de pobreza e miséria em que se encontravam, e ainda se encontram, milhões de serem humanos e, para contribuírem na libertação dessa situação desumanizadora, deram ênfase às dimensões sociais

¹⁷⁷ Professor, doutor e padre da Arquidiocese do Rio de Janeiro, nascido em Pernambuco em 1956. Doutor em teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Nela leciona na área da Cultura Religiosa, especialmente nos cursos de Cristianismo e Cristianismo e as Grandes Religiões. Este capítulo é uma edição atualizada do capítulo publicado em: GARCIA RUBIO, Alfonso; AMADO, Joel Portella. *Espiritualidade Cristã em Tempos de Mudança.*, p. 53-73, intitulado: “Abre-te, vê e caminha. Reino de Deus e discipulado hoje”.

da fé cristã, deixando em segundo plano a dimensão subjetiva.¹⁷⁸ A dificuldade de implementar uma Igreja em saída tem sua raiz no dualismo antropológico que está presente nas dimensões constitutivas da ser humano e da fé cristã, na pastoral, teologias e espiritualidades cristãs¹⁷⁹. Para que todos os batizados se empenhem no dinamismo evangelizador proposto pelo papa Francisco, faz-se necessário uma formação bíblica, teológica e espiritual que integre os diversos aspectos da vida cristã. Sim, a grande tarefa que se impõe à Igreja consiste em ajudar na formação adequada de seus membros, possibilitando-os a dar testemunho diante das novas situações do nosso tempo. Para essa formação, o caminho básico só pode ser a contemplação da vida e da mensagem de Jesus de Nazaré, que anuncia o Reino de Deus e o Deus do Reino, convoca discípulos, solidariza-se com os sofredores, fala de esperança, coragem e paciência, enfrentando a morte e ressuscitando. Neste caminhar, Jesus revela uma nova experiência de Deus, marcada pela abertura a Ele e ao próximo: amor gratuito radicalmente vivenciado.

Para tentar responder às questões que a jovem me apresentou, vamos reler juntos os Evangelhos. Neles, Jesus de Nazaré emerge como chave fundamental de leitura do que deve ser a nossa vida cristã. De fato, a vida toda de Jesus, suas palavras, atitudes e milagres, associados à sua Páscoa (paixão, morte e ressurreição), é alicerce da vida cristã e de uma Igreja em saída.

1 O Reino de Deus: centro da mensagem e da vida toda de Jesus de Nazaré

Ao abriremos os Evangelhos, logo nos damos conta da importância que o Reino de Deus tem para Jesus. Podemos perceber facilmente que o Reino de Deus constitui o núcleo central de sua pregação e a razão de ser de toda a sua existência. Assim, vemos como depois do batismo nas águas do rio Jordão e da tentação vencida no deserto, Ele começou a proclamar que “o tempo está realizado e que o Reino de Deus está próximo” (Mc 1,15), isto é, ele já se faz presente, no aqui e agora da história humana.¹⁸⁰ A vida toda de Jesus é um testemunho de que o Deus-Abba “já cumpriu” a

¹⁷⁸ ASSMANN, H., *Crítica á logica da exclusão*, p. 24.

¹⁷⁹ Sobre a influência do dualismo na vida cristã e na reflexão teológica cristãs: GARCIA RUBIO, A., *Unidade na Pluralidade*, segundo capítulo, p. 95-114.

¹⁸⁰ GARCIA RUBIO, A., *O Encontro com Jesus Cristo Vivo*, p. 30-36; 49.

sua promessa de libertação-salvação que se manifesta no coração da história humana, contudo “ainda não” plenamente. A relação de Jesus com seu Pai é fonte de toda sua vida, o seu jeito de ser é completamente diferente do homem infantil com desejo de onipotência, preso ao passado, impedido de assumir a sua própria história de forma madura, consciente e livre, sua vida não tem nada de passividade e alienação diante de seu Abba. Ele é um homem adulto que estabelece com seu Pai uma relação de fé e amor incondicionais durante toda a sua vida¹⁸¹. “A qualificação de Deus como Pai está relacionada com o núcleo e horizonte de todo o anúncio de Jesus e de toda a sua conduta: a mensagem e a chegada do reinado de Deus”¹⁸². O Deus Abba é conhecido a partir de sua kénose, isto é, sendo inacessível e poderoso, vem ao nosso encontro mediante seu Filho, revelando-se um Deus humilde que não exerce nenhum tipo de poder dominador, mas um Deus que é bondade, amor-gratuito e este é o seu modo de ser¹⁸³.

Jesus de Nazaré soube inserir-se na mentalidade de sua época para realizar o seu propósito e, por isso, ao proclamar o Reino de Deus, levou em conta as esperanças de seu povo que estavam contidas no Antigo Testamento. Segundo estas esperanças, Deus enviaria um rei messiânico que governaria no direito e na justiça. Através do rei, o próprio Deus conduziria seu Povo (Is 32,1-3.15-18; 11,3-4). Assim sendo, quando Jesus anunciou que o Reino de Deus havia chegado, queria dizer aos seus discípulos e a todos os ouvintes que Ele veio implantar a justiça e o direito desejados por Deus e sonhados por todos os injustiçados e sofredores da terra. É a partir destas perspectivas que podemos entender o discurso de Jesus na sinagoga de Nazaré (Mc 6,1-6 e paralelos).¹⁸⁴

Os evangelistas nos falam que Jesus se dirigiu à sinagoga e ensinava a todos. Marcos e Mateus não mencionam o teor das palavras de Jesus. Só afirmam que todos ficaram maravilhados. Já o evangelista Lucas nos apresenta o conteúdo das palavras de Jesus, no trecho retirado do livro de Isaías e lido por Jesus na sinagoga indicando, de forma resumida o programa de sua vida: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque Ele me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me para proclamar a remissão

¹⁸¹ GARCIA RUBIO, A., A caminho da maturidade na experiência de Deus, p. 118; FORTE, B., Jesus de Nazaré, História de Deus e Deus da História, p. 242-270.

¹⁸² KASPER, W., El Dios de Jesucristo, p. 169.

¹⁸³ TEPEDINO, Ana Maria A. L., Uma Igreja em Kénose: o lugar da humildade como condição para o diálogo com o pensamento evolucionista, p. 307.

¹⁸⁴ NEUTZLING, I., O reino de Deus e os pobres, p. 96-100.

aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor (Is 61, 1-2). E, para esta missão, Jesus foi ungido (Lc 4,18). Ele veio para anunciar o ano da graça do Senhor (Lc 4,19). Jesus ensinava de modo diferente dos fariseus, pois seus ensinamentos se tornaram acontecimentos de salvação, libertando e curando as pessoas¹⁸⁵.

1.1 A grande novidade proclamada e vivida por Jesus

A novidade trazida por Jesus pode ser compreendida por diversos caminhos. Um deles, que tanto bem tem feito ao longo de todos estes vinte e um séculos de cristianismo, está resumido no Sermão da Montanha (Mt 5-7)¹⁸⁶. Ali, Jesus convoca a vivenciar a experiência do amor gratuito de Deus, experiência que capacita a retribuir o ódio com amor, o mal com o bem, superando as relações comercializadas e coisificadas, possibilitando-nos a vivermos novas relações de solidariedade e de amor-serviço. Ele é o Homem da Alteridade, o Homem Novo, revela-nos o que significa sermos humanos, conforme o projeto de Deus. O discípulo experimenta que é amado gratuitamente pelo Deus do Reino. E essa experiência o capacita para viver, com ao menos um pouco gratuidade, estabelecendo novas relações concretas. Assim, pois, *o Reino de Deus é acima de tudo dom*. O Reino de Deus é o Amor de Deus, incondicional e gratuito, que, quando acolhido pela pessoa humana, vai transformá-la em “nova criatura”, capaz de amar a si mesma e até mesmo os inimigos (Mt 5, 43-44), isto é, a torna capaz de procurar devolver bem por mal. Nas bem-aventuranças (Mt 5,3-12), o Reino de Deus traz consolo, elimina a dor, sacia a fome, afasta a carência e realiza a justiça e a paz. A salvação que o Reino traz atinge o ser humano integralmente, em todas as suas dimensões, eliminando o sofrimento e afastando todo mal, a sua chegada acarreta um mundo totalmente novo em que a justiça, a fraternidade, o amor-solidário reinam¹⁸⁷.

Do mesmo modo que o sermão da montanha apresenta a novidade do que seja o Reino de Deus, pode-se afirmar que a oração do Pai Nosso (Mt 6, 9-15) tem o mesmo caráter alvissareiro, isto é, ela nos revela a boa

¹⁸⁵ FABRIS, R.; MAGGIONI, B., Os Evangelhos (II), p. 58-60.

¹⁸⁶ FABRIS, R.; BARBAGLIO, G., Os Evangelhos (I), p. 104-108; 146-149.

¹⁸⁷ GARCIA RUBIO, A., O encontro com Jesus Cristo Vivo, p. 37-39; GARCIA RUBIO, A., Elementos de Antropologia Teológica, p. 160-171, 262-270; GARCIA RUBIO, A., Evangelização e maturidade afetiva, p. 37-39, GARCIA RUBIO, A., Unidade na Pluralidade, p. 200-213; FAUS, J. I. G., La Humanidad Nueva, p. 225-230.

nova do reinado do Deus Abba. Ela é uma oração de súplica que expressa a *confiança e fidelidade* que Jesus tinha no seu Pai querido, *confiança e fidelidade* vividas até fim de sua missão de servidor. Há nessa oração dois grandes desejos de Jesus: a) “Santificado o teu nome” (v. 9), o Deus Abba de Jesus é santo por excelência e esse versículo não significa que podemos acrescentar algo à sua santidade. Entretanto, a Bíblia e o judaísmo apresentam *duas maneiras* singulares de santificar o seu nome. Os rabinos e legistas convocam o povo a santificar Deus na obediência aos seus mandamentos (Lv 22,32; Nm 27,14; Dt 32,5); a segunda maneira é realizada nos oráculos da salvação feitos pelos profetas, Deus será santificado aos olhos de todos os povos, revelando-se como juiz e salvador universal (Ez 20,41;28,22.25, 36,23; 38,16-20;39,27); b) “que o teu Reinado venha” (v. 10), Jesus suplica que esse Reinado inaugurado por Ele se manifeste brevemente e que seja acolhido por todos. Em seguida Jesus realiza três pedidos: c) “Dá-nos hoje o pão que precisamos”. Jesus agora se volta para as necessidades concretas da existência humana, ele deseja que os famintos possam ter o que comer todos os dias de suas vidas, o pão, e assim eles possam viver dignamente; o segundo pedido: d) “Perdoa-nos as nossas dívidas como também nós perdoamos aos nossos devedores”: cuidado para não cometermos um equívoco, poderíamos pensar que, perdoados as ofensas que os outros nos fazem, isto nos tornaria merecedores do perdão de Deus. O perdão de Deus nos é dado sempre gratuitamente. Jesus está nos advertindo para não separar o perdão que Deus nos dá do perdão que somos chamados a vivenciar com as pessoas que nos ofenderam. Essa advertência de Jesus está muito clara na parábola do devedor cruel (Mt 18,21-35); e o último pedido: e) “Não nos submetas à prova”: Jesus tem consciência da fraqueza a que todos os discípulos e discípulas somos expostos, a cada dia, a todos os tipos de perigos, que, sem dúvida alguma, podem destruir as nossas vidas, o mal nos ameaça constantemente. Por isso devemos pedir sempre a graça do amor de Deus para que quando a tentação e o mal vierem nos visitar possamos vencê-los. Na oração do Pai-Nosso, Jesus nos revela a bondade de seu Abba, ele não é um Deus autoritário e opressor, mas libertador que nos liberta integralmente de todos os males, do pecado e da morte, ele é puro amor misericordioso¹⁸⁸.

¹⁸⁸ BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA (TEB), p. 1867 et seq.; GARCIA RUBIO, A., Encontro com Jesus Cristo Vivo, p. 38; GARCIA RUBIO, A., Elementos de Antropologia Teológica, p. 120-125; PAGOLA, J. A., Jesus – Aproximação histórica, p. 390-395; FABRIS, R.; BARBAGLIO, G., Os Evangelhos (I), p. 131-133; GOPPELT, L., Teologia do Novo Testamento, p. 103-104. SOBRINO, J., Jesus, o libertador,

1.2 Reino de Deus: dom e tarefa

Como já vimos, o Reino de Deus só pode ser entendido como graça. É iniciativa do próprio Deus. É salvação-libertação que se expressa nas palavras e atitudes de Jesus, e no seu modo de ser. Os discípulos de João perguntam se ele é aquele que há de vir (Mt 11,2-6; Lc 7,18-23). Ele responde a essa indagação através de suas obras, e estas, por sua vez, evocam sinais da realidade que irá acontecer no tempo anunciado pelo profeta Isaías: os cegos veem (Is 29,18b; 35, 5a), os coxos andam (Is 35,6a), os surdos ouvem (Is 29,18; 35,5b), e os pobres são evangelizados (Is 61,1). A resposta dada por Jesus implica uma total descontinuidade com a situação em que os pobres viviam e continuavam vivendo, tal realidade é um desafio para o Reino de Deus.¹⁸⁹

Esta gratuidade do Reino de Deus é evidenciada nos destinatários da pregação e da ação de Jesus. Elas são dirigidas, primeiramente, àqueles que eram os últimos, os que não tinham vez e nem voz: a) *os pobres* (Lc 6,20; 4,18) são vistos por Jesus de modo não romântico, mas eles são real e concretamente pobres, famintos aflitos, viviam uma situação desumana, eram excluídos, os invisíveis de sua sociedade; b) *as crianças e pequeninos* (Mc 10, 13-16; Mt 11,25s), que pertenciam a uma categorial social sem nenhum prestígio. A criança que é exaltada por Jesus (Mc 9,37) pertencia ao último grau da hierarquia social, somente o adulto era importante; *os pequenos* são os sem importância, os que não possuíam nenhum mérito na sociedade de Jesus. *Os pecadores* (Mt 21,31b; Mt 9,12-13; Lc 18, 9-14; 7,36-50) não eram somente as pessoas de má conduta, por exemplo: os assassinos, prostitutas, assaltantes; mas todas as pessoas que tinham profissões abjetas e eram vistas como impuras, tais como os cobradores de impostos, açougueiros, pastores. Essa situação pedia uma ação do Deus do Reino, do Deus Justo, o defensor dos últimos, dos desprezados e invisíveis de sua sociedade. Jesus convida todos a entrarem gratuitamente no Reino de Deus, devido à situação injusta em que viviam – eles são chamados não por merecimento, mas pela escolha amorosa e gratuita de Deus. Jesus, ao anunciar o Reino de Deus como Boa-Nova, como dom gratuito e amoroso, convoca todas as pessoas e, de modo especial, os seus discípulos a darem uma resposta ao seu chamado através de uma atitude de conversão, de mudança de vida (Mc 1,15b). Sim, o

p. 207-211; SOBRINO, J., *Cristologia a partir da América Latina*, p. 92-96, 159-190.

¹⁸⁹ NEUTZLING, I., *O reino de Deus e os pobres*, p. 48-52, 87, 92-96, 100.

chamamento para ser discípulo(a) a serviço do Reino é dom gracioso, mas implica uma resposta que vai se traduzindo, ao longo da vida, na maneira como o discípulo e a discípula devem participar, colaborando de modo eficaz na sua construção¹⁹⁰.

2 Como atua e está presente o Reino de Deus na nossa história

Como podemos perceber a presença e a atuação do Reino de Deus na nossa vida cotidiana? Antes de refletirmos sobre esta resposta, importa muito lembrar que a realização do Reino de Deus é vista por Jesus em duas etapas distintas: a etapa da *plenitude* apresentada mediante as imagens de colheita (Mt 13, 24-30), do banquete de bodas (Mt 22, 1-14) no final dos tempos e na etapa de atuação do Reino na história atual (Mt 13, 31-32), na forma de pequena semente. Aqui nos interessa, especialmente, saber como atua esse Reino de Deus hoje, na vida atual. É o que nos mostram as parábolas do Reino¹⁹¹. Vejamos a seguir.

2.1 As parábolas do Reino de Deus: entre o já e o ainda não

Jesus conta a *parábola do semeador* (Mt. 13,4-8;18-23) no momento de crise de sua missão, provavelmente no final de sua pregação na Galileia. Havia surgido a dúvida se, de fato, Ele era ou não o Messias. Ao contar esta parábola, Jesus desejava fortalecer a confiança das pessoas em geral e dos discípulos em especial. Por isso, dizemos que esta é uma parábola de confiança. Seu núcleo é a semeadura. Jesus espalha a semente do Reino. Sua missão consiste em semear, mesmo que alguns grãos se percam pelo caminho. Importa que o grão caído em terra boa dê bons frutos. Semeando no tempo presente, haverá fruto na colheita futura. O importante é o resultado apesar da existência de diversos terrenos. Jesus chama a atenção para o fato de que a presença do Reino, por ser dom, oferta gratuita, implica liberdade que não colhe somente triunfos; ao contrário, experimenta também momentos de derrota e fracasso. Contudo, Jesus não perde sua confiança de que haverá, no futuro, uma colheita rica, mas o que é preciso reconhecer é que o presente é tempo de semear. Esta parábola

¹⁹⁰ GARCIA RUBIO, A., *O encontro com Jesus Cristo Vivo*, p. 39-45; 47-48; NEUTZLING, INACIO, *O reino de Deus e os pobres*, p. 102-112; 109-111; GOPPELT, L., *Teologia do Novo Testamento*, p. 151-160.

¹⁹¹ GARCIA RUBIO, A., *O encontro com Jesus Cristo Vivo*, p. 49-53; FABRIS, R.; BARBAGLIO, G., *Os Evangelhos (I)*, p. 208 -230.

convida os discípulos e discípulas de todos os tempos a terem *paciência e esperança ativas* diante das dificuldades do caminho¹⁹².

A *parábola do joio* (Mt. 13, 24-30) manifesta também a novidade do Reino. Os ouvintes de Jesus esperavam que seu messianismo condenasse os pecadores ao castigo, separasse os bons dos maus e estabelecesse uma comunidade de puros e santos. Jesus, porém, teve outra atitude. Não condenou as pessoas que, em sua época, eram consideradas pecadoras. Ao contrário, Ele as acolheu com amor-misericordioso, convocando-as à mudança de vida. Devido a esta atitude, enfrentou a impaciência dos seus contemporâneos. Com a parábola do joio, Ele mostrou que, na etapa atual, o Reino se faz presente na ambiguidade da história e de cada pessoa. O centro desta parábola se encontra no diálogo entre os empregados e o dono do campo. Este é paciente. Aqueles são impacientes. Querem logo arrancar o joio. Fica evidenciada a sabedoria paciente do proprietário. Ele sabe que não se pode eliminar a erva daninha sem estragar também o trigo. Jesus é, sem dúvida, o Messias, mas Ele não veio para realizar, agora, o juízo final. Veio para lançar os fundamentos do Reino. Entre o tempo inicial do Reino e sua plenitude, vivemos numa realidade imperfeita onde caminham juntos trigo e joio, velho e novo, luz e sombra. Neste caminho, o presente é tempo de acolhimento e conversão de todos. Como no campo crescem juntos joio e trigo, também na rede puxada para a margem (Mt 13, 47-50) vêm todos os tipos de peixes, os bons e os ruins. O tempo presente não é o momento nem da colheita nem da separação dos peixes. Vivemos uma realidade mesclada. Só no final dos tempos, haverá a separação definitiva. Tanto a parábola do joio como a da rede demonstram que Jesus, ao proclamá-las, estava enfrentando um momento de impaciência messiânica por parte dos que o seguiam. Por isso, mostrou que o Deus Abba é compassivo, bondoso e paciente. Os discípulos e discípulas do Reino são convidados a confiarem na Justa Misericórdia de Deus¹⁹³.

Um outro conjunto de parábolas é o que se refere ao *grão de mostarda e ao fermento* (Mt. 13, 31-33). Essas duas parábolas se constroem em cima de contrastes. O grão de mostarda é a menor de todas as sementes. Quando, porém, dá frutos, torna-se a maior das hortaliças, estendendo seus ramos a ponto de os pássaros encontrarem abrigo. Jesus quer dar

¹⁹² GARCIA RUBIO, A., O encontro com Jesus Cristo Vivo, p. 50; FABRIS, R.; BARBAGLIO, G., Os Evangelhos (I), p. 213-214, 218-219; JEREMIAS, J., As parábolas de Jesus, p. 151-156.

¹⁹³ GARCIA RUBIO, A., O encontro com Jesus Cristo Vivo, p. 50-52; BARBAGLIO, G.; FABRIS, R.; BARBAGLIO, G., Os Evangelhos (I), p.220-221, 228-229.

ênfase entre o contraste do início da semente e o resultado final. Jesus está novamente enfrentado uma concepção de messianismo glorioso. Seus discípulos e todo o povo que o ouvia não viam nele sinal de esplendor e poder. Viam o oposto: fraqueza, pequenez e humildade. Novamente surge a incredulidade daqueles que o seguiam. Com estas parábolas, Jesus faz de novo um apelo para que seus discípulos e discípulas mudem de mentalidade e creiam que Ele iniciou um novo tempo messiânico que se encontra numa etapa incipiente e perceptível somente de forma embrionária. Chegará, porém, o tempo de sua plenitude. A grandeza do amanhã depende da pequena semente que é semeada hoje no campo da história. A imagem do fermento quer demonstrar a força transformadora da missão de Jesus. É na realidade escondida, silenciosa e sem esplendor da pessoa e atividade do Nazareno que está sendo germinado o Reino Deus. A partir desta parábola, nós, os discípulos de ontem e de hoje, tomamos consciência de que é na obscuridade da ação messiânica de Jesus que se encontram a força e a grandeza da ação salvífica de Deus. As duas parábolas revelam que o futuro aberto por Jesus tem seu fundamento na ação salvadora realizada por Ele, ação que passa pelo ocultamento e pela fraqueza. Somos convidados por Jesus a acreditar que o Reino de Deus mostra sua *força nos pequeninos e nos pequenos acontecimentos* do dia a dia¹⁹⁴.

As imagens do *tesouro e da pérola* (Mt 13, 44-46) possuem o mesmo sentido. Tanto o homem que trabalha no campo quanto o negociante têm o mesmo comportamento diante da grande descoberta: vendem tudo para obter o valor maior. Nas duas parábolas, Jesus enfatiza a alegria que os dois homens sentiram. Jesus, com estes relatos, convoca o discípulo a dar prioridade total à acolhida do Reino de Deus. Entretanto, a alegria do encontro só pode ser experimentada na medida em que se descobre o extraordinário significado do Reino de Deus. Nestas duas parábolas somos chamados a fazer uma *alegre renúncia* por causa do Reino¹⁹⁵.

Nas parábolas do Reino, aqui apresentadas, fica claro que Jesus era consciente do fato de que, com sua vinda, “já atua, no hoje”, a salvação do Reino de Deus. Porém, “ainda não” chegou ao seu pleno cumprimento que se dará no futuro de plenitude¹⁹⁶.

¹⁹⁴ GARCIA RUBIO, A., O encontro com Jesus Cristo Vivo, p. 52; FABRIS, R.; MAGGIONI, B., Os Evangelhos (II) p. 221-224.

¹⁹⁵ GARCIA RUBIO, A., O encontro com Jesus Cristo Vivo, p. 52-53; JEREMIAS, J., As parábolas de Jesus, p. 198-217; FABRIS, R.; BARBAGLIO, G., Os Evangelhos (I), p. 227-228.

¹⁹⁶ GARCIA RUBIO, A., O encontro com Jesus Cristo Vivo, p. 49-50.

2.2 Os milagres de Jesus: ação amorosa e solidária do Deus da vida

Outro ponto que nos ajuda a compreender o significado do Reino de Deus é a questão dos milagres. *Diante de tanta pobreza, sofrimento e violência têm-se espalhado, em nossos bairros, propostas religiosas que oferecem soluções fáceis e imediatas para as pessoas: milagres. Espera-se que tudo seja resolvido num passe de mágica.* Qual a diferença entre esses pretensos milagres e os milagres realizados por Jesus?

Em muitas regiões do Brasil, há milhares de pessoas excluídas, doentes, desempregadas e atormentadas por muitos males. Por não encontrarem soluções para os seus dramas, vão ao encontro dos vários grupos religiosos, percorrendo-os na procura do milagre, buscando uma resposta imediata para suas dificuldades. Já ouvi várias pessoas afirmarem: “saí da igreja do pastor Antonio e fui para a do pastor Roberto porque lá a gente vê atuar a força prodigiosa de Deus. Os nossos problemas são resolvidos logo. As bênçãos e as correntes de prosperidade que ele realiza ajudam a gente a ter êxito nas coisas”.

Este pequeno relato demonstra que o crente, evangélico ou católico, está preocupado em encontrar a solução imediata para os seus problemas, para sair do sufoco. O que importa para essas pessoas é o milagre, não o compromisso com o caminho proposto por Jesus Cristo. E os milagreiros, por sua vez, parece que estão motivados em se autopromoverem em buscar a ascensão de sua proposta religiosa. Diante deste contexto, quais são as luzes que a prática curativa de Jesus pode nos oferecer?

No tempo de Jesus, também havia muitos pobres, doentes e endemoninhados que viviam excluídos da sociedade. Ao tomarem conhecimento que Jesus tinha o dom de curar, iam ao seu encontro para serem libertados do mal que os atormentava. As curas e os exorcismos, realizados por Jesus, foram maneiras de Ele realizar o *bem*. Isto Ele o fazia porque Deus estava com Ele (At 10,38). Através da ação curativa de Jesus, os enfermos experimentavam que Deus mesmo os visitava, demonstrando sua compaixão, ternura e misericórdia e oferecendo-lhes o perdão dos pecados. A finalidade destas ações consistia na libertação da pessoa para que ela se abrisse a Deus e aos outros na vivência de uma autêntica liberdade. Eram atos do amor de Deus (Mc 6,2; 3,4). Eles manifestavam a chegada do Reino, fazendo acontecer a salvação-libertação do ser humano, atingindo-o integralmente tanto na sua dimensão corporal como na espiritual (Mc 1,

23-28; Mt 8,14-15; Lc 5,12-16). Os sinais miraculosos libertavam as pessoas das situações inumanas e as humanizavam a partir do encontro pessoal com Jesus, como aconteceu com os doentes e endemoninhados (Lc 8, 26-39). Os milagres realizados por Ele antecipavam, no agora da história, a nova criação que será realizada plenamente no fim. Desse modo, apontando para o definitivo do Reino, eram (e são) sinais de esperança. Manifestavam que a pessoa e o mundo teriam um futuro junto a Deus. Eles não violentavam, mas respeitavam a liberdade. Tinham um caráter relacional, implicando ao menos uma abertura embrionária ao dom do Reino¹⁹⁷.

O crente, caracterizado anteriormente, coloca Deus à prova e não respeita sua transcendência e liberdade. Deus é medido conforme a necessidade do crente, sendo compreendido como o *deus-quebra-galho*. Bênçãos, curas e correntes de oração não levam, assim, a ter uma fé amadurecida e comprometida com a proposta de Jesus e com a vivência comunitária na prática do amor-serviço. Os milagres e exorcismos realizados por Jesus devem ser vistos, a partir de outra perspectiva, pois são sinais do Reino de Deus. Ele curava os que sofriam por misericórdia e amor. Jesus não fez nenhum milagre para se autopromover, diferentemente dos milagreiros que encontramos por aí a fora¹⁹⁸.

Por meio dos atos miraculosos, Jesus nos convida a sermos solidários aos sofrimentos dos pobres, doentes e excluídos de nossa sociedade, realizando a mesma atitude de ternura e compaixão de Jesus. E eles nos convocam a denunciar os mecanismos que impedem os pobres de terem acesso às condições dignas de vida, buscando implementar organismos pastorais, sociais e políticas de saúde públicas que garantam que os excluídos tenham os cuidados médicos adequados, usufruindo dos benefícios da medicina.

3 Discípulos-missionários na experiência dos Evangelhos

3.1 Discípulos-missionários nas narrativas dos Evangelhos

Já no início do ministério na Galileia, Jesus chama os seus primeiros discípulos para segui-lo (Mc 1,16-20; Mt 4,18-22; Lc 5,1-11). Ele toma a

¹⁹⁷ KASPER, W., *Jesus el Cristo*, p. 108-121; GARCIA RUBIO, A., *O encontro com Jesus Cristo Vivo*, p.74- 81; FABRIS, R., *Os Atos dos Apóstolos*, p. 212-215; FABRIS, R.; BARBAGLIO, G., *Os Evangelhos (I)*, p.157-158, 438- 439, 485-486, 450-451; FABRIS, R.; MAGGIONI, B., *Os Evangelhos (II)*, p. 94-95, PEDROSA-PÁDUA, L., *Os demônios estão soltos*, p. 193-214.

¹⁹⁸ GARCIA RUBIO, A., *O encontro com Jesus Cristo Vivo*, p. 33-35.

iniciativa e vai ao encontro dos pescadores. Foi Jesus quem os viu e eles se deixaram ver pelo mestre. Aí se estabeleceu um verdadeiro encontro que transformou definitivamente suas vidas. A partir desse momento, deu-se início à comunidade dos discípulos, ao redor do mestre Jesus, estabelecendo um laço de comunhão e de participação na missão que é própria dele. Tornar-se pescador de homens é ser participante do Reinado de Deus inaugurado pelo mestre. É oferecer a outras pessoas o mesmo dom que eles receberam. Para tornar-se discípulo, pescador, é preciso conviver com Jesus e ficar com Ele para depois ser enviado a pregar (Mc 3,14), estar próximo com sua vida assemelhando-se à dele através de uma prática de amor-serviço, de “fraternura”. Ser discípulo é colocar-se a caminho no convívio com o Senhor, itinerário de formação vivido na fé, na oração e na busca sincera de conversão para toda a existência. O seguimento de Jesus implica sem dúvida “êxodo” e compromisso com sua missão. É estar disposto a carregar a cruz como consequência do compromisso no empenho de educar e cultivar o amor, a justiça, a partilha e a solidariedade na busca de avaliar o sofrimento dos pobres seguindo os passos de seu mestre. Todo autêntico discípulo torna-se um verdadeiro missionário e toda ação missionária tem sua raiz e fonte em Jesus Cristo. A adesão dos primeiros discípulos ao chamado de Jesus é modelo de todo o discipulado cristão¹⁹⁹.

3.2 O surdo-mudo e o cego Bartimeu: modelos de discípulos

Ainda sobre a dinâmica da vocação e missão apresentada nos evangelhos, vamos fazer algumas reflexões, tendo como base o Evangelho de Marcos, nos relatos da cura do surdo-mudo (Mc 7,31-37) e do cego de Bartimeu (Mc 10,46-52), que nos ajudarão a perceber como ser discípulo-missionário hoje.

a) Abertura graciosa: cura do surdo-mudo

Jesus se depara com o surdo-mudo no território pagão, e ele realiza um sinal de que Deus está agindo no mundo dos excluídos e que a misericórdia do Deus Abba é dirigida a todos os povos; ele o conduz para fora da multidão e o cura. Com esse gesto, ele quer fazer com que o homem curado se sinta responsável pelo acontecimento que foi realizado nele e

¹⁹⁹ TEIXEIRA, F. L. C., A Espiritualidade do seguimento, p. 13-22, CASTILLO, J. M., O Evangelho marginalizado, p. 63-64, 68-69.

que, a partir da experiência curativa, se torne discípulo e missionário. Tocando-lhe os ouvidos com a mão, e com a saliva, a boca, dizendo-lhe: *effatha*, que quer dizer “abre-te!” (v. 34), Jesus estabelece com ele um contato que, por sua vez, suscita-lhe adesão e fé. Através de Jesus, Deus se preocupa com aquele que não podia nem ouvir e nem falar, restituindo-lhe a dignidade. Com isso, Jesus mostra que todo discípulo deve abrir-se à ação libertadora, deixando-se curar de sua surdez e mudez para acolher sua mensagem, segui-lo, para depois anunciá-lo²⁰⁰.

b) Olhar e caminhar iluminados: cura do cego Bartimeu

Neste relato, observamos que Jesus está sendo acompanhado pelos discípulos e por uma grande multidão. Jesus passava e, na beira do caminho, havia um cego que mendigava. Este, ao ouvir que Jesus vinha, começou a gritar: “Filho de Davi tem compaixão de mim” (v. 48). Bartimeu sabe quem é Jesus e o verdadeiro discípulo também deve sabê-lo. O cego encontra muitos obstáculos para chegar até Jesus. Tentam calá-lo, mas ele é persistente. Jesus, ouvindo-o, se detém e manda chamá-lo. Ao saber que o mestre o estava chamando, o cego jogou para fora o manto e deu um grande pulo. No diálogo com o Mestre, expressa o seu desejo de *ver* e Jesus lhe responde: “vai, a tua fé te salvou” (v. 52a). O cego obtém a visão. Jesus o liberta da cegueira física para que ele seja livre e possa segui-lo. Ocorreu nele uma iluminação por meio da fé e, por isso, o cego, já curado, seguia Jesus pelo mesmo caminho que o conduzia para Jerusalém, onde ocorrerá sua morte e ressurreição. Enquanto os discípulos ainda se encontravam cegos em relação à Páscoa (paixão-morte e ressurreição) do Mestre, Bartimeu, que estava à beira do caminho, logo depois que seus olhos foram abertos, passou a estar integrado no caminho de Jesus e lhe foi fiel. Outro aspecto importante de mencionar é que o discípulo, ao perceber que está longe do caminho, deve ser tomado por uma atitude de inconformismo diante de todos os obstáculos que o impedem de acolher o Reino e nele se engajar. Bartimeu é modelo de todos os discípulos que precisam ser curados de sua cegueira, isto é, precisam abrir os olhos, tomando consciência do compromisso de ser discípulo missionário.²⁰¹

²⁰⁰ FABRIS, R.; BARBAGLIO, G., *Os Evangelhos (I)*, p. 500-501; BORTOLINI, J., *Roteiros Homiléticos*, p. 438-440.

²⁰¹ TEIXEIRA, F. L. C., *A Espiritualidade do seguimento*, p. 18-22; FABRIS, R.; BARBAGLIO, G., *Os Evangelhos (I)*, p. 539-540; BORTOLINI, J., *Roteiros Homiléticos*, p. 472-474.

3.3 Para ser discípulo, é preciso ser livre da escravidão do desejo de possuir bens

Com a chegada do Reino de Deus, os discípulos vivenciam a experiência do amor gratuito de Deus que os capacita a serem livres de si mesmos e da riqueza, a exemplo do próprio Jesus. O aspecto mais importante da liberdade de Jesus é que ele foi *livre de si mesmo* foi *manso e humilde de coração* (Mt 11,29). Viveu um *autodescentramento* que lhe possibilitou ir ao encontro da vontade do Pai. Livre de si, estava com o coração aberto para acolher todas as pessoas, sem preconceito e temores, e denunciar todos os mecanismos opressores de sua época. Jesus convida seus discípulos a viverem a mesma liberdade: negar-se a si mesmo (Mt 8,34). Esta atitude de autodescentramento, que só é possível quando se experimenta o dom gratuito do Reino, faz com que o discípulo dê total prioridade à meta proposta por Jesus: “buscai, em primeiro lugar, o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6,33). Da mesma forma, Jesus convida o discípulo a *tomar a cruz* (Mc 8,34). Assim falando, Ele mostra aos discípulos que segui-lo, embora seja muito libertador e gratificante, é também muito exigente e inclusive arriscado, porque é preciso estar preparado, se necessário for, para experimentar a vergonha e a hostilidade e até perder a própria vida, tomar a cruz. Isto só é possível se, de fato, o discípulo estabelece com o Mestre uma relação profunda de amor, vivida até às últimas consequências²⁰².

O mestre é *livre da escravidão do desejo de possuir bens*. Ele fez opção pela pobreza como expressão de seu serviço ao Reino de Deus. Sua pobreza não é uma atitude de desprezo pelo mundo e pelas pessoas, pois, ele amou profundamente a vida. Por isso, Jesus é capaz de libertar e convida também seus discípulos a serem livres como Ele é livre. Assim, critica aqueles que colocam sua confiança última na riqueza que possuem (Lc 6,24-25) e são incapazes de acolher o apelo dele, pois estão centrados nos seus bens. Foi o caso de um homem rico que, ao encontrar-se com Jesus, não foi capaz de abrir-se ao apelo do Reino. Ele já cumpria bem todos os mandamentos. Faltava, porém, algo. “Jesus o olhou com carinho e disse: uma coisa te falta, vai vende tudo o que tens e dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois, vem comigo” (Mc 10, 21). E este homem ficou

²⁰² FORTE, B., Jesus de Nazaré. História de Deus, Deus da História, p. 251-270; MALINA, B. J., O Evangelho social de Jesus, p. 117-131; CASTILHO, J. M., O Evangelho marginalizado, p. 135-136; GARCIA RUBIO, A., O Encontro com Jesus Cristo Vivo, p. 54-61.

triste e não acolheu o chamado de Jesus. Já a característica do discípulo é seguir Jesus pelo caminho, tomando parte de seu destino, carregando a cruz de cada dia, em processo de libertação do autocentramento e da escravidão do desejo de possuir bens, sendo capaz de amar outras pessoas, mesmo que tenha que passar pela cruz²⁰³.

3.4 A relação entre Jesus e o Pai: modelo da relação do discípulo com o Deus do Reino

O mistério de Jesus Cristo se manifesta sobretudo na relação com o Deus do Reino. Trata-se de uma relação de tamanha intimidade que Jesus de Nazaré não tem receio de invocá-lo como *Abba*, paizinho meu. Como mencionamos anteriormente, Jesus fez esta experiência, vivendo uma *profunda confiança e total fidelidade* à vontade desse Deus-*Abba*. Jesus orou, frequentemente (Mc 6,41; Lc 3,21; 9,18; 22,32; 23,46; Mt 14, 23; Jo 17). Ele tinha o bom hábito de se retirar para orar no deserto e no monte (Mc 1,35; 6,46; Lc 6,12) para entregar-se confiante nas mãos de seu Pai. Jesus une, inseparavelmente, a oração aos acontecimentos do dia a dia. Oração de louvor e de agradecimento (Mt 11,25ss, Lc 10,21) ou oração sofrida conforme as circunstâncias (Mt 24,46 e Mc 14, 35-36). A partir da crise da Galileia, e especialmente no Horto das Oliveiras e na cruz, o Deus-*Abba* se manifesta a Jesus de modo muito desconcertante. Mesmo diante do silêncio de seu Pai, Jesus continuou a confiar incondicionalmente: uma confiança que é agora vivida no sofrimento e no abandono. Pode-se afirmar que a confiança e a fidelidade de Jesus mostram aos discípulos de todos os tempos que Ele é o crente por excelência, e, devido a isto, Ele não é somente o objeto de nossa fé, mas também modelo da confiança que “espera contra toda a esperança” (Rm 4, 18). Todos os discípulos e discípulas são chamados a aceitar o caminho percorrido por Jesus como normativo e a realizá-lo com a mesma atitude de entrega incondicional ao Deus *Abba*. A experiência da cruz, que o discípulo faz ao longo de sua vida, deve ser assumida numa atitude de entrega confiante ao Pai de bondade, na certeza de que a sua força amorosa é capaz de vencer toda tristeza, dor, sofrimento e a própria morte²⁰⁴.

²⁰³ FORTE, B., Jesus de Nazaré. História de Deus, Deus da História, p. 251-253; GARCIA RUBIO, A., Encontro com Jesus Cristo Vivo, p. 60-61; CASTILHO J. M., O Evangelho marginalizado, p. 135-136.

²⁰⁴ GARCIA RUBIO, A., O Encontro com Jesus Cristo Vivo, p. 81-88; SOBRINO, J., Jesus, o libertador, p. 202-219; SOBRINO, J., Cristologia a partir da América Latina, p. 92-96, 159-170.

3.5 A alegria pascal na vida do discípulo

A vida de Jesus foi vivida em prol dos outros e de Deus, foi uma vida profundamente solidária. Sua morte de cruz está associada ao amor e à solidariedade, vivenciados numa obediência incondicional ao Pai até o fim. Na *fraqueza da cruz*, Deus se mostra como Deus amor, solidário com os fracos da terra, injustiçados, sofredores, perseguidos, violentados e enlutados. Na cruz, Deus não renuncia ao seu poder; ao contrário, ela é a manifestação máxima de seu poder que é amor misericordioso. A ressurreição de Jesus é a garantia de que a morte não tem a última palavra. A alegria do discípulo nasce desta certeza. Ela foi também a causa motivadora da vida missionária da comunidade cristã. Os cristãos, imbuídos do Espírito, dirigiram-se aos pagãos com a convicção de que o ressuscitado exerce seu senhorio sobre todos os povos. Na pregação dos apóstolos, a comunhão com Jesus Cristo passa a ocupar o interesse central. Esse é o critério para que o discípulo possa participar da plenitude do Reino de Deus (Lc 12,8). Todos os homens, consciente ou inconscientemente, estão destinados, de algum modo, a fazer parte do Reino de Deus. Contudo, os discípulos devem ter comunhão explícita e crescente com Cristo. Viver essa atitude significa, em primeiro lugar, assumir o chamamento do Reino e, em segundo lugar, permitir que sua existência seja penetrada pelo amor de Deus ao mundo. Tudo isso implica anunciar o Reino de Deus e a se comprometer com sua construção. Essa é a missão da comunidade eclesial. Inserido, pelo batismo, na nova vida em Cristo, o discípulo deve morrer ao “homem velho” para vestir-se do “Homem Novo” da Ressurreição que atua na vida dos que creem, impulsionando-os a concretizar uma atitude de “compaixão, bondade, humildade, mansidão, paciência” (Cl 3, 12-14), no amor-serviço prestado aos irmãos e irmãs, sobretudo aos mais pobres e marginalizados, no compromisso com as dimensões da existência humana nos seus aspectos sociopolítico e econômico. Tudo isto não significa desprezo pela vida ou perda da liberdade humana. Pelo contrário, o Deus do Reino liberta o ser humano de sua alienação, capacitando-o a ser um ser humano adulto, livre, capaz de dispor sua própria vida em benefício da comunidade humana e, nessa atitude, encontrar a felicidade e a realização pessoal²⁰⁵.

²⁰⁵ GUTIÉRREZ, G., *Beber no próprio poço*, p. 131-135; GARCIA RUBIO, A., *O Encontro com Cristo Vivo*, p. 100-101; GARCIA RUBIO, A., *Unidade na Pluralidade*, p. 205-213; GARCIA RUBIO, A., *Elementos de Antropologia Teológica*, p. 147-159; 172-194.

4 Discípulos-missionários hoje: uma Igreja em saída

O (a) discípulo (a) que se deixou fascinar por Jesus Cristo e por sua proposta é alguém que estabelece, constantemente, com Ele uma relação de fé, confiança, intimidade e entrega, sabendo que, antes de amá-lo, Ele nos amou por primeiro. A vocação ao discipulado e à missão antes de tudo é graça. É Ele quem nos capacita para respondermos com fidelidade aos desafios que encontramos nos tempos atuais, e o papa Francisco tem convidado a Igreja a se abrir aos *sinais dos tempos* que desafiam os cristãos e todos os homens e mulheres de boa vontade. A Igreja não existe para si mesma, sua vocação é ser sacramento do Reino, ela é convocada a sair de si mesma. No dia de Páscoa, o crucificado-ressuscitado se manifesta à comunidade discipular e diz “ide”. Este mandato do Senhor faz eco até nossos dias. Vivemos novos desafios na missão e atualmente somos convocados a uma “nova saída” como discípulos-missionários abandonando a comodidade e ter a coragem de ir ao encontro de todas as periferias geográficas e existências ou novos espaços socioculturais para anunciar e testemunhar o Boa Nova do Senhor (EG n. 2-8, 14, 19, 20-23, 30, 49, 51, 108, 160, 181, 263, 272, 275).

Estamos vivendo uma crise global que tem dimensões ecológicas, econômicas, sociais e políticas. Todas essas dimensões da crise que o mundo atual vive afetam profundamente o ser humano com um todo, há uma crise antropológica filha do antropocentrismo exacerbado que colocou a ciência e técnica acima da realidade, e isto se deu porque o ser humano já não se sentia parte integrante da natureza, estabelecendo-se uma *ruptura entre o ser humano e a natureza*. Isso gerou uma crise ecológica e a mãe terra dá sinais dessa situação, há períodos extremos de calor e frio, seca e enchentes arrasadoras, tsunâmis e tantos outros acontecimentos que causam gemidos em toda a criação, todas essas situações são sinais concretos de uma doença que afeta todos os homens e mulheres do nosso tempo. Outra fissura que podemos salientar é a do *ser humano e sociedade*, que produziu um individualismo que impede de criar e intensificar os laços sociais. E devido à *ruptura entre produtor e consumidor*, nem todos têm acesso ao mercado, há uma economia que exclui, marginaliza e mata, milhões de pessoas vivem sem trabalho, vive-se um estilo de vida consumista e aquele que não consome é descartado. Muitos defendem a maximização do lucro pelo lucro, que propicia desigualdades e todo tipo de injustiça e violência, estabelece-se a lei do mais forte sobre os mais fracos, o darwinismo social. A política está

submetida aos princípios da lógica eficientista e ao ídolo da racionalidade tecnocrática, e, muitas vezes, nos deparamos com práticas mesquinhas e arraigadas nos interesses pessoais e de grupos, e de soluções imediatas que não resolvem os grandes problemas que nos afetam. Não existe uma crise social e outra ambiental, uma crise política e outra econômica, mas uma única crise que atinge todos os âmbitos da vida, uma verdadeira crise socioambiental global; para que tudo isso possa ser modificado, é necessário que haja políticas que garantam a preservação da vida humana e do meio ambiente, leis que promovam a dignidade humana e que impeçam que haja alterações no clima e isso só irá acontecer se houver pressão popular e das instituições que estejam comprometidas com a defesa da vida humana e do planeta (EG n. 53-60, 178-179, 204, 206; FT n. Fratelli Tutti, 177-179; LS n. 101, 118, 139, 181, 189).

Para uma reflexão adequada sobre essas questões urgentes, faz-se necessário desenvolver uma genuína ecologia cultural que elimine dimensões da cultura atual que são nocivas à vida humana e à vida da natureza. Devemos ter atenção diante de dois aspectos da cultura hodierna: a) *a cultura do descarté*, que afeta toda humanidade e especialmente os pobres e excluídos, e do mesmo modo “as coisas”, que se transformam em lixo, trazendo danos ao planeta; inclui-se aqui também o drama da poluição atmosférica, que provoca a morte de milhões de seres humanos. A degradação ambiental impede que as pessoas tenham o direito de terem água, comida, ar, uma boa qualidade de vida e serem felizes. Outro aspecto é a *cultura do relativismo*, que leva a pessoa a se aproveitar do outro como objeto a serviço de seus interesses. Os efeitos dessa mentalidade são devastadores, tais como a escravidão devido uma a dívida ou condições desumanas de trabalho em que os pobres se submetem por necessidade de ter algum ganho ou ao menos um prato de comida e um canto para ficar. A venda e compra de órgãos humanos, o tráfico de seres humanos, a deplorável exploração sexual de crianças e adolescentes; o abandono de idosos que são vistos como objeto descartáveis, isto é, usa-se e depois joga fora. É a mesma lógica do descarté de “coisas” que também está presente nas relações humanas e a situação de abandono em que vivem os pobres nas áreas rurais e urbanas (LS n. 122-123, 143-146, 154, 16, 20- 22, 43-47).

Diante dessa dura e cruel realidade, faz-se necessário uma verdadeira e urgente revolução cultural. Todo saber humano, a ciência e a tecnologia não são, de modo algum, neutros, eles devem ser colocados a serviço de

uma ecologia integral que inclua o ser humano. É preciso que se faça uma avaliação crítica do caminho percorrido pela civilização moderna alicerçada pela revolução tecnológica, olhando a realidade recolhendo os aspectos positivos e sustentáveis e deixando de lado projetos grandiosos e danosos para a vida humana e do planeta. Que o progresso não seja visto somente no seu aspecto economicista, mas de uma forma integral, possibilitando que todos os seres humanos tenham terra, casa e trabalho. Para superarmos a crise global que vivemos, é preciso que haja uma transformação em todas as relações humanas que são indispensáveis para um bem-viver, e para tal, não podem prescindir da relação consigo mesmos, com as outras pessoas, com Deus e com a natureza numa perspectiva de uma antropologia de alteridade, superando todo dualismo e individualismo (LS n. 16, 107, 114, 124, 127, 137).²⁰⁶

Para sermos uma “Igreja em saída com as portas abertas” e comprometida com o projeto de colaborar na construção de uma nova cultura da vida, exige-se que todos os batizados e batizadas sintam-se sujeitos eclesiais e agentes de transformação tanto da Igreja como da sociedade, promovendo uma verdadeira “revolução cultural” em todos os âmbitos da existência humana, criando um modo de pensar, saber e agir que integre todas as dimensões da existência humana. Que a Igreja estabeleça um autêntico diálogo com sociedade, com a ciências e as culturas locais na busca de implementar saídas da espiral de autodestruição em que a humanidade se encontra. Pois todos vivemos no mesmo planeta Terra, nossa casa comum e, por isso, faz-se necessário um projeto compartilhado por todos. Que a mesma inteligência que foi empregada para gerar um desenvolvimento com base na tecnologia seja aplicada na busca de criar uma cultura que diga não à lógica do descarté, do lucro pelo lucro, do relativismo que faz com a vida valha nada; que diga não a todo e qualquer tipo de preconceito racial, social e sexual. Que a revolução cultural seja carregada de humanismo capaz de possibilitar às sociedades humanas uma reorientação mais altaneira que não seja aquela do consumo do supérfluo, do materialismo, do individualismo desagregador e do utilitarismo desumano. Enfim, seja construída uma ecocultura – que abranja uma ecoeconomia, ecopolítica, ecoantropologia e uma ecoteologia – da vida, da paz e do amor, aberta à

²⁰⁶ GARCIA RUBIO, A., *Evangelização e maturidade afetiva*, p. 35-53; GARCIA RUBIO, A., *Unidade na Pluralidade*, p. 303-317; Discurso do Papa Francisco no 3º Encontro Mundial dos Movimentos Populares, na Sala Paulo VI, em 5 de novembro de 2016.

perspectiva de um futuro último (LS n. 3, 13, 16, 22-23, 63, 114, 141, 163-164, 181; LD n. 2, 31-32, 42).

Para que a Igreja em saída contribua na construção de uma nova cultura baseada na defesa da vida humana e do planeta, ela deve se colocar numa atitude de escuta do Espírito para sinalizar que o Reinado de Deus já está presente na ambiguidade histórica, no velho mundo já atua a graça libertadora. Que todos seus membros, pastores e leigos(as) nos alimentemos da Esperança, pois ela aponta para o futuro da existência humana e do mundo no futuro de Cristo (Rm 4,18; 8,24-25)²⁰⁷. É tempo de esperar que se realiza no compromisso diário de sermos construtores de um Mundo Novo sonhado pelo nosso Mestre e Senhor, Jesus Cristo.

Conclusão

Os subtítulos destas considerações finais – *abre-te, vê e caminha* – tem o intuito de nos mostrar que é preciso permitir que a voz do Senhor nos interpele, desapegando-se do passado, e de todo neoconservadorismo que ronda nossas comunidades, abandonando-nos nas mãos do Espírito e colocando-nos em êxodo permanente na certeza de que o nosso futuro está aberto por aquele que é o nosso Caminho. Podemos transformar em passos pedagógicos, orientadores dos discípulos missionários, as ordens dadas por Jesus ao surdo-mudo e ao cego Bartimeu.

Primeiro passo: abre-te – ao dom do Reino de Deus e aos teus irmãos

Somos chamados, como discípulos, à abertura para acolher, a cada dia, o Reino de Deus, que é graça. É preciso deixar-se encantar sempre pelo brilho e a beleza do Reino. E, para que possamos nos manter fiéis ao chamado de Jesus, é fundamental aprender dele o hábito de orar como Ele orou. Como vimos, a oração diária e pessoal que realizava estava associada à vida, e sua vida era alimentada pela oração. O sentido de sua existência e sua missão sempre se relacionaram ao seu Pai. A maneira como Jesus se relacionou com o Pai e com seus irmãos é o modelo para os(as) discípulos(as) missionários(as) de todos os tempos. Abertura total ao dom do Reino de Deus e aos irmãos e irmãs e, sobretudo, os pobres, doentes, negros e negras, quilombolas, indígenas, ribeirinhos, jovens marginalizados presentes nas periferias da cidade e do campo, crianças, camponeses e

²⁰⁷ MOLTMANN, J., Teologia da Esperança, p. 450.

homoafetivos; muitas vezes, são vistos com um olhar cheio de preconceitos pelos membros de nossas comunidades. Todos somos filhos e filhas de Deus e abençoados e abençoadas em Jesus Cristo.

O segundo passo: vê – a iluminação que Cristo realiza em nossas vidas e veja os pequenos sinais da presença do Reino de Deus

Essa foi a ordem que Jesus deu ao cego de Jericó, quando lhe disse: “Vai, tua fé te salvou” (Mc 10,52). O(a) discípulo(a) missionário(a), com os olhos iluminados, percebe que há muita luta pela vida contra uma cultura de morte; em situações de muito sofrimentos, muitos irmãos e irmãs de nossas comunidades se colocam a serviço uns dos outros demonstrando verdadeira solidariedade evangélica. Acolhendo as crianças e pequeninos, os pobres e famintos, doentes e desempregados nas pastorais sociais, fazendo que o pouco se torne muito, verdadeira multiplicação dos pães e de gestos de acolhimento. Há sinais de uma Igreja em saída com as portas abertas no hoje de nossas comunidades samaritanas e periféricas, ajudando a curar o sofrimento com atos de amor e compaixão. O fermento do Reino vai aos poucos transformando a dor em alegria, ódio em amor, a indiferença em acolhimento, a morte em vida nova.

Todo discípulo e discípula devem acolher a iluminação que Jesus Cristo realiza em suas vidas. É bem provável que as pessoas que estão procurando novas experiências religiosas ou perderam a fé não tenham sido devidamente acolhidas e ajudadas por nossas pastorais e círculos bíblicos a fazerem a experiência de iluminação que atinge as nossas vidas inteiramente – nada fica fora da dinâmica do amor salvífico de Deus. É importante ajudá-las a experienciar a presença do Ressuscitado na escuta amorosa de sua Palavra, os santos Evangelhos (DV n. 17, 18, 21-22), nas celebrações eucarísticas (SC n. 48) e no amor-serviço prestados aos irmãos, de modo especial, aos pobres, porque passamos da morte para vida quando amamos os irmãos (1Jo 3,14).

O terceiro passo: caminha – sempre no caminho que é Jesus, comprometido na construção de uma nova cultura

Esta foi a atitude do cego de Jericó que, após ser curado, encontrou em Jesus o Caminho. Ser uma Igreja em saída com as portas abertas, formada de discípulos(as) missionários(as) que não impõem o Reino, porque isto

seria um contrassenso à dinâmica de sua proposta. O Reino de Deus é a Boa Nova vivida na liberdade. O(a) discípulo(a) missionário(a) propõe aos seus ouvintes que façam a experiência de Jesus Cristo Vivo, dentro de suas coordenadas culturais e existenciais e se comprometam na transformação das situações contrárias ao projeto salvífico de Deus. Tendo consciência de que, na etapa atual, o Reino é incipiente, imperfeito, como são limitadas e imperfeitas nossas comunidades e os nossos irmãos e, por isso, todos somos chamados a viver a simplicidade de coração, deixando-nos interpelar pelos outros, sabendo pedir e dar o perdão; para sermos uma Igreja em saída, é preciso vivenciar esse amor concreto, seguindo o Caminho que é Jesus.

Faz-se necessário que se construa uma ecologia humana e uma ecologia integral que ajudem a recuperar a “harmonia serena com toda a criação”, para isto, temos que desenvolver a “cultura do cuidado” que possibilite combater toda lógica do egoísmo, da exploração, da violência, do descarte e do relativismo geradora de todo tipo de agressão à vida (LS n. 231, 5, 152, 155-156, 137-142, 225, 230-231; LD n. 31)²⁰⁸. Diante desse desafio, o papa Francisco nos convida em suas reflexões a integrarmos, na espiritualidade cristã, as dimensões manifestativa e proclamativa da fé cristã; a *primeira* nos ajuda perceber “que há um mistério a contemplar numa folha, numa vereda, no orvalho, no rosto do pobre. O ideal não é só passar da exterioridade à interioridade para descobrir a ação de Deus na alma, mas também chegar a encontrá-lo em todas as coisas” (LS n. 233), estamos aqui diante de uma verdadeira espiritualidade de uma ecologia humana e integral; e a segunda dá ênfase ao compromisso histórico e ético aberto ao futuro em Deus²⁰⁹.

Francisco, ao tratar do tema dos desafios eclesiais, afirma que: “Apesar de se notar uma maior participação de muitos nos ministérios laicais, este compromisso não se reflete na penetração dos valores cristãos no mundo social, político e econômico; limita-se muitas vezes às tarefas no seio da Igreja, sem um empenhamento real pela aplicação do Evangelho na transformação da sociedade” (EG n. 102); e sobre o aspecto ético, ele nos diz:

Vivemos já muito tempo na degradação moral, furtando-nos à ética, à bondade, à fé, à honestidade... Uma tal destruição de todo o fundamento da vida social acaba por colocar-nos uns contra os outros na defesa dos próprios interesses, provoca o despertar de novas formas de violência e

²⁰⁸ TEIXEIRA, F. L. C., *Mística inter-religiosa*, p. 630.

²⁰⁹ GARCIA RUBIO, A., *Unidade na pluralidade*, p. 545-547.

crueldade e impede o desenvolvimento duma verdadeira cultura do cuidado do meio ambiente. (LS n. 229)

Para que os batizados e batizadas despertem para viverem os compromissos que emergem do compromisso da fé, é necessário que a comunidade eclesial possibilite uma formação de qualidade que ajude todos a revitalizarem sua fé e espiritualidade em todas as suas dimensões, para serem sal da terra, luz mundo e fermento na massa (Mt 5,13-16; 13, 33), vivenciando a amizade social e política que promova um autêntico encontro com os pobres e vulneráveis, tornando-se verdadeiros agentes de mudança na sociedade, realizando uma verdadeira revolução cultural. Ainda não temos uma cultura que seja capaz de enfrentar a crise global que nos afeta de modo integral, por isso, nossas pequenas comunidades, pastorais e movimentos devem formar lideranças com senso crítico que delineiem novos rumos e estejam comprometidos em construí-los, essa tarefa é urgente, improtelável (LS n. 53, 114; VG n. 3; FT n. 99, 142, 154, 233-234, 254, 271, 228-232). “A Igreja em saída com as portas abertas” está caminhado comprometida com os desafios advindos dos sinais dos tempos, e enquanto o Reino não chega à sua plenitude, ela clama: “Vem, Senhor Jesus! Amém!” (Ap 22,21).

Referências bibliográficas:

- ASSMANN, Hugo. *Crítica à lógica da exclusão*. São Paulo: Paulus, 1994.
- BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA (TEB). São Paulo: Loyola, 1994.
- BORTOLINI, José. *Roteiros Homiléticos*. São Paulo: Paulus, 2010.
- CASTILLO, José M. *O Evangelho marginalizado*: Petrópolis, Vozes, 2022.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Dei Verbum*. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html Acesso em: 4 fev 2024.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium*. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html Acesso em: 13 jan 2023.
- FABRIS, Rinaldo. *Os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola, 1991.
- FABRIS, R.; BARBAGLIO, G. *Os Evangelhos* (I). São Paulo: Loyola, 1990.
- FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os Evangelhos* (II). São Paulo: Loyola, 1992.
- FAUS, JOSE I. GONZÁLEZ. *La Humanidad Nueva*. Santander: Sal Terrae, 1984.
- FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré*. História de Deus e Deus da História, São Paulo: Paulinas, 1985.
- FRANCISCO. *Discurso no 3º Encontro Mundial dos Movimentos Populares*. Sala Paulo VI, em 5 de novembro de 2016. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/>

speeches/2016/ november/documents/papa-francesco_20161105_movimenti-popolari.html
Acesso em: 6 nov 2023.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti*. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html Acesso em: 10 jan 2024.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Laudate Deum*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/20231004-laudate-deum.html Acesso em: 3 jan 2024.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si'*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_encyclica-laudato-si.html Acesso em: 12 set 2023.

FRANCISCO. *Constituição Apostólica Veritatis Gaudium*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_constitutions/documents/papa-francesco_constituazione-ap_20171208_veritatis-gaudium.html Acesso em: 9 ago 2023.

GARCIA RUBIO, Alfonso. *A caminho da maturidade na experiência de Deus*. Petrópolis: Vozes, 2021.

GARCIA RUBIO, Alfonso. *Elementos de Antropologia Teológica*. Petrópolis: Vozes, 2004.

GARCIA RUBIO, Alfonso. *Evangelização e maturidade afetiva*. São Paulo: Paulinas, 2006.

GARCIA RUBIO, Alfonso. *O Encontro com Jesus Cristo Vivo*. São Paulo: Paulinas, 2001.

GARCIA RUBIO, Alfonso. *Unidade na Pluralidade*. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. São Paulo: Paulus, 2001.

GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*. Petrópolis: Vozes, 1983.

GUTIÉRREZ, G. *Beber no próprio poço*. Petrópolis: Vozes, 1978.

JEREMIAS, J. *As parábolas de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 1980.

KASPER, W. *Jesus, el Cristo*. 4.ed. Salamanca: Sigueme, 1982.

KASPER, Walter. *El Dios de Jesucristo*. Salamanca: Sigueme, 1998.

MALINA, Bruce J. *O Evangelho social de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2004.

MOLTMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*. São Paulo: Loyola, 2005.

NEUTZLING, Inácio. *O reino de Deus e os pobres*. São Paulo, Loyola, 1986.

PEDROSA-PÁDUA, Lúcia P. Os demônios estão soltos. In: GARCIA RUBIO, A.; AMADO, Joel P. (orgs.) *Espiritualidade cristã em tempos de mudança: contribuições teológico-pastorais*. Petrópolis: Vozes, 2009.

PAGOLA, José Antonio. *Jesus – Aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2011.

SOBRINO, Jon. *Cristologia a partir da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1983.

SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*. Petrópolis: Vozes, 1996.

TEIXEIRA, Faustino L. C. *A Espiritualidade do seguimento*. São Paulo: Paulinas, 1994.

TEIXEIRA, Faustino L. C. Mística inter-religiosa. In: LASSO, Eduardo G.; BINGEMER, Maria Clara; PINHEIRO, Marcus R. (orgs.). *A Mística e os Místicos*. Petrópolis: Vozes, 2022.

TEPEDINO, Ana Maria Azeredo Lopes. Uma Igreja em Kénose: o lugar da humildade como condição para o diálogo com o pensamento evolucionista. In: GARCIA RUBIO, A.; AMADO, Joel P. (orgs.). *Fé Cristã e pensamento evolucionista*. São Paulo: Paulinas.

5

Mujeres e Iglesia – Aportes desde la antropología feminista

*Olga Consuelo Vélez*²¹⁰

Introducción

El papa Francisco convocó al Sínodo sobre la sinodalidad en octubre de 2021, sínodo que se prolongará hasta octubre de 2024²¹¹. Se han llevado a cabo diferentes etapas: la local, la continental y la primera sesión de la etapa universal. Muchos desafíos se han nombrado a lo largo de este proceso, pero el que nos interesa destacar aquí es el que se refiere a la situación de las mujeres en la vida de la Iglesia. Para nadie es un secreto que, en la Iglesia, a la mujer se le han negado los ministerios ordenados y se le excluye de muchos otros ámbitos de participación y decisión. Frente a esto hay razones históricas y de tradición eclesial. Pero también hay razones antropológicas que se invocan para no cambiar esta realidad. Este es el punto que nos interesa destacar en este escrito para continuar profundizando en una de las áreas tan magníficamente tratadas por el querido profesor, maestro, doctor, presbítero, Alfonso García Rubio, cuya vida dedicada a la enseñanza teológica y al compromiso pastoral entre los pobres, ha influido en tantas personas, entre las cuales me encuentro al haber tenido la suerte de contar con su acompañamiento como director de mi tesis doctoral²¹². Continuando su legado queremos señalar algunos aportes desde la antropología feminista a esta problemática actual sobre las mujeres.

Dividiremos nuestro escrito en tres partes. En la primera presentaremos diversos pronunciamientos sobre la situación de las mujeres en la Iglesia

²¹⁰ Doctora en Teología por la Pontificia Universidad Católica de Río de Janeiro. Profesora titular e investigadora por 35 años de la Facultad de Teología de la Pontificia Universidad Javeriana (Bogotá, Colombia). Actualmente es profesora e investigadora en la Licenciatura en Teología de la Fundación Universitaria San Alfonso (Bogotá, Colombia). Autora de libros y numerosos artículos.

²¹¹ En la página oficial del sínodo (Sinodo 2021 - 2024 (synod.va) se pueden encontrar detalles del proceso y todos los documentos que se han ofrecido en el desarrollo de este evento eclesial.

²¹² La tesis doctoral la realicé en la Pontificia Universidad Católica de Río de Janeiro y se tituló: *El método teológico. Bernard Lonergan y la Teología de la liberación*, en 1999. Mi agradecimiento al Pr. Alfonso García Rubio es infinito por su sabiduría, su acertado acompañamiento y su sincera amistad.

provenientes de algunos documentos del sínodo, del papa Francisco y de otras instancias eclesiales. En un segundo momento, señalaremos algunos aportes de la teología feminista y, concretamente de la antropología feminista, que iluminan la realidad actual de las mujeres. Finalizaremos, a modo de conclusión, con algunas cuestiones que es necesario seguir profundizando.

1 Algunas afirmaciones sobre la realidad de las mujeres en los documentos de la Iglesia

Nos detendremos, en primer lugar, en la Relación de Síntesis²¹³, fruto de la primera reunión presencial del sínodo que se llevó a cabo en Roma en el mes de octubre de 2023. Allí quedaron consignadas las preocupaciones y temas que se tratarán en la segunda asamblea a realizarse en octubre de 2024. El documento no recoge todo lo dicho en los anteriores documentos²¹⁴ porque se han ido depurando muchos temas y, en el caso de las mujeres, no ha sido la excepción²¹⁵. Sin embargo, en este documento se hace una afirmación antropológica, a partir de la cual, se sustenta la postura de no abrir algunos espacios eclesiales para las mujeres. En un segundo momento, nos referiremos a algunos de los documentos del papa Francisco que presentan la misma concepción antropológica invocada en la Relación de Síntesis y, finalmente al documento de la Congregación para la educación católica, “Varón y mujer los creó”²¹⁶, donde también se señalan elementos de la antropología cristiana en la misma línea de los anteriores documentos. Podríamos referenciar más documentos, pero por razones de extensión, estos pueden ayudarnos a presentar la problemática que nos ocupa.

²¹³ Secretaría del Sínodo de la sinodalidad. *Una Iglesia sinodal en misión. XVI Asamblea General Ordinaria del Sínodo de Obispos*. Primera sesión (4-29 de octubre 2023). Publicado el 28 de octubre 2023.

²¹⁴ En el proceso sinodal se ha contado con varios documentos: (1) Documento preparatorio: Por una iglesia sinodal: comunión, participación y misión, (2) Documento de trabajo para la etapa continental: “Ensancha el espacio de tu tienda”, (3) Documentos finales de las Asambleas continentales, (4) *Instrumentum Laboris* para la Primera sesión de la XVI Asamblea General Ordinaria del Sínodo de los Obispos. Todos estos documentos se encuentran en la página oficial del sínodo: <https://www.synod.va/es/resources/documentos-oficiales.html>. Se ofrecieron más recursos que también se encuentran en esta página.

²¹⁵ Si en los primeros documentos se pedían los ministerios ordenados para las mujeres, en este último no se hace referencia a ellos. Solo a “estudiar” el diaconado femenino, no a implementarlo, aunque no se pierda la esperanza de que algún día se haga realidad.

²¹⁶ Congregación para la Educación Católica (de los Institutos de Estudios). “Varón y mujer los creó”. Para una vía de diálogo sobre la cuestión del *Gender* en la educación. Ciudad del Vaticano, 2019.

1.1 Relación de Síntesis del Sínodo de la Sinodalidad

Un tema recurrente en los documentos del magisterio y que no podía faltar en este informe de síntesis es la pobreza que afecta a muchas personas, pero “en particular a las mujeres” (n. 4c²¹⁷). También se afirma la conciencia de la Iglesia “de que el Espíritu puede hablar a través de la voz de hombres y mujeres de toda religión, convicción y cultura” (n. 5f). Este numeral está en el ítem sobre el diálogo interreligioso, pero es muy importante esta afirmación para avalar la capacidad de las mujeres de ser portadoras del espíritu de Dios, capacidad que se pone en duda cuando se piensa en la posibilidad de ejercer ministerios ordenados.

Será el numeral 9 del documento donde se trate la realidad de las mujeres. Este apartado se titula “Las mujeres en la vida y en la misión de la Iglesia” y, siguiendo la estructura de cada uno de los veinte apartados que conforman el documento, señala (1) las convergencias, (2) las cuestiones a afrontar y (3) las propuestas.

Entre “las convergencias” anotadas en este numeral encontramos que hombres y mujeres han sido creados a imagen y semejanza de Dios, articulando unidad y diferencia, dando al hombre y a la mujer una naturaleza, una vocación y un destino compartidos y dos experiencias distintas de lo humano. La Sagrada Escritura da testimonio de la complementariedad y reciprocidad de mujeres y hombres y, el mismo Jesús, las considera interlocutoras suyas. Varones y mujeres están revestidos de la misma dignidad bautismal y reciben en igual medida los dones del Espíritu Santo. Ambos están llamados a una comunión caracterizada por una corresponsabilidad no competitiva para encarnarla en todo nivel de la vida de la Iglesia. Por todo esto, la Iglesia ha de empeñarse en comprender y acompañar a las mujeres desde el punto de vista pastoral y sacramental. Ellas reclaman justicia en una sociedad profundamente signada por la violencia sexual y las desigualdades económicas y la tendencia a tratarlas como objetos. La Iglesia las hiere con el clericalismo y el machismo presentes en ella y cuando se daña la dignidad y la justicia en las relaciones entre hombres y mujeres se debilita la credibilidad del anuncio que la iglesia dirige al mundo. Se pide no hablar de las mujeres como un problema sino dialogar para comprender la profundidad del designio

²¹⁷ Este documento está dividido en 20 apartados y cada uno de ellos subdividido con letras. De ahí que señalemos un número y una letra cuando queramos referirnos con exactitud a alguna afirmación del texto.

de Dios, en que aparecen juntos como protagonistas, sin subordinación, exclusión, ni competencia.

En “las cuestiones que afrontar” esta la petición de un mayor reconocimiento y valoración de la aportación de las mujeres y un aumento de las responsabilidades pastorales que se les confían. En el texto se pregunta: ¿Cómo puede la iglesia poner a más mujeres en los roles y en los ministerios existentes? Se necesitan nuevos ministerios ¿a quién corresponde el discernimiento? ¿a qué nivel y con qué modalidades? Tal vez, el aspecto más importante para la reflexión que pretendemos hacer aquí son las cuestiones respecto al ministerio diaconal. Unos apoyan el diaconado para las mujeres porque lo ven como un ministerio necesario y apropiado para los signos de los tiempos. Otros lo rechazan porque lo consideran en discontinuidad con la tradición eclesial. Pero lo más llamativo es aquellos que lo rechazan aduciendo que esta petición sería “expresión de una peligrosa confusión antropológica, acogiendo la cual, la Iglesia se alinearía con el espíritu del tiempo” (n.9j). Como podemos ver en esta última afirmación, el no conceder el diaconado a las mujeres se fundamenta en que pareciera que el actual reconocimiento de las mujeres como seres capaces de ejercer absolutamente todos los roles tradicionalmente atribuidos a los varones, es un “espíritu del tiempo”, contrario a la antropología cristiana. Se afirma que traería “confusión”. ¿En qué sentido y por qué? El texto no lo profundiza. Volveremos sobre esto en la segunda parte de este escrito.

“Las propuestas” de este apartado sobre las mujeres van en la línea de ensanchar el espacio de la tienda para escuchar, acompañar y garantizar la participación de las mujeres en procesos de decisión, en responsabilidades pastorales y en los ministerios. Todo esto implicaría revisar el Derecho Canónico. Se vuelve a señalar la necesidad de estudiar el posible acceso de las mujeres al diaconado con base en los estudios ya realizados. Y se insiste en la necesidad de mayor formación teológica y pastoral, lo mismo que en eliminar los casos de discriminación laboral y la inícua remuneración al interno de la Iglesia en particular a la vida consagrada, lo mismo que incorporar a más mujeres en los procesos formativos de los seminaristas y en calidad de jueces en los procesos canónicos. Una propuesta interesante es sobre el lenguaje en los textos litúrgicos y en los documentos de la Iglesia, para lo que se pide la incorporación de una gama

de palabras, imágenes y recapitulaciones que toquen con más vitalidad la experiencia femenina.

En el apartado sobre “Diáconos y presbíteros en una iglesia sinodal” se señalan las incertidumbres sobre el ministerio diaconal que se retomó como grado propio y permanente de la jerarquía sólo a partir del Vaticano II. De ahí se infiere que solucionar esta inquietud permitirá iluminar la cuestión del acceso de las mujeres al diaconado (n. 11i).

1.2 Algunos documentos del papa Francisco sobre las mujeres

Muchos son los escritos, discursos y entrevistas en las que el papa Francisco se ha referido a las mujeres. Nos fijaremos en algunos que nos parecen significativos y que pueden ilustrar el tema que pretendemos abordar. Comenzamos por Querida Amazonia, Exhortación Apostólica postsinodal. En el sínodo de Amazonía fue muy clara la conciencia de la necesidad de nuevos ministerios o de conceder ministerios a las mujeres porque no hay presbíteros en aquellas regiones tan vastas. Por una parte, se reconoce todo el trabajo hecho por las mujeres y cómo ellas son las que sostienen las comunidades, pero se considera que pensar en ministerios para las mujeres es “reducir nuestra comprensión de la Iglesia a estructuras funcionales” y que darle a las mujeres “un status y una participación mayor en la Iglesia” dándoles acceso al orden sagrado, “llevaría a clericalizar a las mujeres, disminuiría el gran valor de lo que ellas ya han dado y provocaría sutilmente un empobrecimiento de su aporte indispensable” (n. 100).

Lo anteriormente dicho es otra forma de decir que algo cambia en la esencia o naturaleza o funciones de las mujeres si se le diera acceso al ministerio ordenado. El siguiente numeral de esta exhortación, explica con conceptos teológicos la discriminación de la mujer con respecto a los ministerios ordenados:

Jesús se presenta como Esposo de la comunidad que celebra la Eucaristía, a través de la figura de un varón que la preside como signo del único sacerdote (...). Porque el Señor quiso manifestar su poder y su amor a través de dos rostros humanos: el de su Hijo divino hecho hombre y el de una creatura que es mujer, María. Las mujeres hacen su aporte a la Iglesia según su modo propio y prolongando la fuerza y la ternura de María, la Madre. Así comprendemos radicalmente por qué sin las

mujeres ella se derrumba, como se habrían caído a pedazos tantas comunidades de la Amazonia si no hubieran estado allí las mujeres, sosteniéndolas, conteniéndolas y cuidándolas. Esto muestra cuál es su poder característico. (n. 101)

Este planteamiento refleja un biologicismo y una atribución de roles según el sexo. A esto ha contribuido el desarrollo de la teología de los ministerios, la cual fue restringiendo a las mujeres de tal función porque se consideró esencial el sexo masculino al ministerio del orden²¹⁸. Francisco ha seguido la misma línea de sus predecesores los cuales en diversos documentos han expresado la misma tesis de reservar los ministerios ordenados solo a los varones, excluyendo de ellos a las mujeres. La Declaración *Inter Insigniores* (1976) de la Sagrada Congregación para la doctrina de la fe; las Cartas Apostólicas *Mulieris Dignitatem* (1988) y *Ordinatio sacerdotalis* (1994) de Juan Pablo II, argumentan que Cristo confió únicamente a los hombres la posibilidad de ser ícono de su rostro y que este es un signo elegido por Dios para hacerse presente. En *Ordinatio sacerdotalis* (n. 2) se afirma que la práctica de ordenar solo varones se considera “designio eterno de Dios” y “norma perenne” y que “en virtud de mi ministerio de confirmar en la fe a los hermanos (...) con el fin de alejar toda duda sobre una cuestión de gran importancia, que atañe a la misma constitución divina de la Iglesia (...) declaro que la Iglesia no tiene en modo alguno la facultad de conferir la ordenación sacerdotal a las mujeres y que este dictamen debe ser considerado como definitivo por todos los fieles de la Iglesia (n. 4). Estas afirmaciones se pueden confundir con una declaración infalible, sin embargo, son susceptibles de mayor profundización porque se aclaró que no es una doctrina infalible sino “un acto del magisterio pontificio que atestigua el carácter infalible de la enseñanza de una doctrina ya poseída por la Iglesia”²¹⁹.

En *Evangelii Gaudium* (2013) al hablar de las mujeres dice que ellas hacen un indispensable aporte a la sociedad

con una sensibilidad, una intuición y unas capacidades peculiares que suelen ser más propias de las mujeres que de los varones. Por ejemplo, la especial atención femenina hacia los otros, que se expresa de un modo

²¹⁸ Para una profundización sobre el tema de la teología de los ministerios y las consecuencias para las mujeres, ver: CORPAS, Isabel. ¿Ordenación de mujeres?, 2020.

²¹⁹ Congregación para la doctrina de la fe. En torno a la *Respuesta* de la Congregación para la Doctrina de la Fe sobre la doctrina propuesta en la Carta apostólica *Ordinatio sacerdotalis* (1994).

particular, aunque no exclusivo, en la maternidad” (...) porque “el genio femenino”²²⁰ es necesario en todas las expresiones de la vida social, por ello, se ha de garantizar la presencia de las mujeres también en el ámbito laboral y en los diversos lugares donde se toman las decisiones importantes, tanto en la Iglesia como en las estructuras sociales. (n. 103)

Como puede verse, los roles culturales tradicionalmente asignados a las mujeres, siguen vigentes en el imaginario del pontífice y en el de la Iglesia actual.

De todas maneras, Francisco reconoce la legitimidad de los derechos humanos a partir de la “firme convicción de que varón y mujer tienen la misma dignidad”, pero esto no logra modificar la doctrina tradicional:

el sacerdocio reservado a los varones, como signo de Cristo Esposo que se entrega en la Eucaristía, es una cuestión que no se pone en discusión, pero puede volverse particularmente conflictiva si se identifica demasiado la potestad sacramental con el poder. No hay que olvidar que cuando hablamos de la potestad sacerdotal nos encontramos en el ámbito de la función, no de la dignidad ni de la santidad (...) Aquí hay un gran desafío para los pastores y para los teólogos que podrían ayudar a reconocer mejor lo que esto implica con respecto al posible lugar de la mujer, allí donde se toman decisiones importantes, en los diversos ámbitos de la Iglesia. (n. 104)

Dentro del imaginario del ser mujer y ser varón, parece que persiste la imposibilidad de tener la potestad sacramental por el hecho de ser mujer. Es verdad que el papa quiere diferenciar poder de potestad sacramental y se está esforzando por darle a la mujer algunos puestos de responsabilidad en el Vaticano. Sin embargo, será muy difícil que el ámbito de decisión sea verdaderamente compartido por varones y mujeres, mientras la potestad sacramental sea ejercida solo por varones.

Francisco es consciente de los cambios y reformas que han de hacerse en la Iglesia a nivel de la puesta en marcha de la participación de todos los miembros de la Iglesia y de ahí su iniciativa de realizar el sínodo de la sinodalidad. Pero incluso esta propuesta se ve truncada, como lo hemos manifestado antes en el documento de Relación de Síntesis, mientras no se admita un cambio en la visión antropológica de las mujeres para que, efectivamente, no haya ninguna exclusión de ellas en razón de su sexo.

²²⁰ Esta expresión fue acuñada en los documentos de Juan Pablo II sobre las mujeres. Retomamos el pronunciamiento de Francisco por ser el pontífice actual.

1.3 Documento “Varón y mujer los creó”

Hemos visto en los apartados anteriores que detrás de las afirmaciones que mantiene el magisterio eclesiástico sobre la participación de las mujeres en los ministerios ordenados hay una visión antropológica que no admite cambios. Al mismo tiempo, se percibe el rechazo a las transformaciones actuales que se están dando desde los movimientos feministas y la cuestión de género. Por eso queremos examinar este documento ya que explícitamente quiere establecer vías de diálogo con la cuestión del *Gender* en la educación.

Afirma que hoy en día en la educación se transmite “una concepción de la persona y de la vida pretendidamente neutra, pero que en realidad reflejan una antropología contraria a la fe y a la justa razón” (n.1). Esto se considera una desorientación antropológica cuyas consecuencias son la desestructuración de la familia porque cancela las diferencias entre el hombre y la mujer, considerándolas como simple condicionamientos histórico-culturales. Y a esto le llaman la “ideología de género” a la que caracterizan así:

niega la diferencia y la reciprocidad natural de hombre y de mujer. Esta presenta una sociedad sin diferencias de sexo y vacía el fundamento antropológico de la familia (...) promueve una identidad personal y una intimidad afectiva radicalmente desvinculadas de la diversidad biológica entre hombre y mujer. La identidad humana viene determinada por una opción individualista, que también cambia con el tiempo (n.2; AL n. 56).²²¹

Pero ¿cuál es la antropología cristiana? Según este documento, la antropología cristiana ve en la sexualidad un elemento básico de la personalidad, un modo propio de ser, de manifestarse, de comunicarse con los demás, de sentir, de expresar y de vivir el amor humano. Por eso, es parte integrante del desarrollo de la personalidad y de su proceso educativo.

Verdaderamente, en el sexo radican las notas características que constituyen a las personas como hombres y mujeres en el plano biológico, psicológico y espiritual, teniendo así mucha parte en su evolución in-

²²¹ Este documento se basa en muchas de sus afirmaciones en la Exhortación Apostólica *Amoris Laetitia*, 2016.

dividual y en su inserción en la sociedad. En el proceso de crecimiento esta diversidad, aneja a la complementariedad de los dos sexos, responde cumplidamente al diseño de Dios en la vocación enderezada a cada uno. (n.4)

El documento reconoce la diferencia entre la ideología de género y las diferentes investigaciones sobre el *gender* llevadas a cabo por las ciencias humanas que buscan profundizar adecuadamente el modo en el cual se vive en diferentes culturas la diferencia sexual entre hombre y mujer (n. 6). Por eso mismo quiere escuchar, razonar y proponer.

En la escucha se reconoce al siglo XX como el siglo donde surgen las primeras concepciones de *gender*, unas basadas en lo sociológico de la diferenciación sexual y otras haciendo más énfasis en las libertades individuales mostrando que la identidad sexual es más una construcción social que una realidad natural o biológica. Estas posturas niegan la existencia de un don originario que nos precede y es constitutivo de nuestra identidad personal, formando la base necesaria de nuestras acciones. En las relaciones interpersonales lo que importaría sería la relación afectiva de los individuos independiente de la diferencia sexual y la procreación, las cuales se consideran irrelevantes para la construcción de la familia (n.9). En los noventa se ha ampliado esta comprensión afirmando la posibilidad de autodeterminar las propias inclinaciones sexuales sin tener en cuenta la reciprocidad y la complementariedad de la relación hombre-mujer, así como la finalidad procreativa de la sexualidad. De ahí se sigue toda la realidad que se vive hoy al no identificar sexo con género y dar lugar a muchos tipos de relaciones o de identidades que van en contravía de una identidad determinada por la biología.

Se reconoce que son veraces ciertas acusaciones de machismo apoyadas por visiones religiosas que no han respetado la igual dignidad entre varón y mujer proclamada por Jesús (n.15). Pero al defender la llamada “feminidad” se sigue identificando a la mujer con la capacidad de acogida del otro y su forma de entender la realidad de un modo único: sabiendo cómo resistir ante la adversidad. Sobre la maternidad se dice que las mujeres manifiestan una maternidad afectiva, cultural y espiritual de un valor verdaderamente inestimable (n. 17-18).

Además de lo anterior, el documento critica esa separación entre sexo y género porque lleva a que se manipule el cuerpo como le place a

la persona y se exijan derechos individuales y sociales específicos (n.20), incluso usando el término “no discriminación” para negar la diferencia y reciprocidad natural del hombre y la mujer”. Con la propuesta de lo “neutro” se elimina la dignidad humana de la constitución sexualmente diferente y al rehusarse a la transmisión generativa de la vida, se vacía la base antropológica de la familia (n. 21).

En el apartado de “razonar” se invocan razones biológicas, filosóficas, fenomenológicas para mostrar que hemos recibido una naturaleza como fundamento previo de nuestro ser y actuar en el mundo (n. 25).

En las “propuestas” se presenta una antropología cristiana basada en el significado de la sexualidad y la afectividad para estructurar correctamente un camino educativo que sea coherente con la naturaleza del hombre como persona, con el fin de orientarlo hacia la plena actuación de su identidad sexual en el contexto de la vocación al don de sí mismo. Parte de la fundamentación bíblica tomada del libro del Génesis: “varón y mujer los creó” (Gen 1,27) indicando con esto que varón y mujer se complementan de acuerdo a sus específicas identidades y se encuentran en aquello que constituye una dinámica de reciprocidad, sostenida y derivada del Creador (n. 31) quien ha asignado al hombre como tarea el cuerpo, su masculinidad y feminidad y en ellas le ha dado como tarea su humanidad, la dignidad de la persona y el ser signo transparente de la comunión interpersonal en la que el hombre se realiza a través del auténtico don de sí mismo. Por lo tanto, la naturaleza humana puede superar cualquier fisicismo o naturalismo, entendiéndose a la luz de la unidad de alma y cuerpo (n. 32).

En otras palabras, “si no existe la dualidad de hombre y mujer como dato de la creación, entonces tampoco existe la familia como realidad preestablecida por la creación” (n. 34). Más aún,

a la luz de una ecología plenamente humana e integral, la mujer y el hombre reconocen el significado de la sexualidad y la genitalidad en aquella intrínseca intencionalidad relacional y comunicativa que atraviesa su corporeidad y los envía mutuamente el uno hacia el otro. (n. 35)

El documento continúa proponiendo el valor de la familia, la escuela, la sociedad como agentes que deben interactuar para garantizar la educación de los niños (n. 36-46). De especial importancia es la formación de los formadores (n. 47-51).

Las conclusiones finales abogan por practicar la escucha, la razón y la propuesta para conseguir un entorno relacional más abierto y humano (n. 52). Se aboga por una antropología sólida que contrarreste las antropologías de la fragmentación y de lo provisional (n. 54).

En términos globales se puede valorar este documento como un esfuerzo eclesial por defender la diferencia sexual y la familia en el contexto de la realidad actual. Sin embargo, la visión hacia el género es negativa y sesgada en el sentido que señala que se llega a la indiferenciación sexual o a terminar con la familia. En su énfasis por defender sus principios, no señala los aspectos positivos de la categoría de análisis género, ni asume los signos de los tiempos en los que la diversidad sexual no es solo ideología, fragmentación y provisionalidad, sino un nuevo paradigma en la que el binarismo ha mostrado su estrechez para explicar la diversidad identitaria, sexual, afectiva, psicológica, etc., de los seres humanos que, lejos de estar deconstruyéndose, están construyendo una autocomprensión de lo humano con toda la complejidad, diversidad, pluralidad y riqueza que conlleva. No está dicha la última palabra, pero los tiempos actuales han dado lugar a sociedades más complejas, más diversas, más integradas, respondiendo así a la llamada del Creador que excede muchas veces nuestra comprensión, sin que eso signifique que sea perverso o no cristiano.

2 Anotaciones en torno a la teología feminista

Aunque la Iglesia debería estar más atenta a los signos de los tiempos, como lo señaló la *Gaudium et spes* (n. 4), no acaba de asumir las transformaciones actuales, ni acompaña suficientemente los avances de las ciencias, de las disciplinas, ni de la misma reflexión teológica que tan fecunda es en estos tiempos. En lo que respecta a las mujeres, sigue viéndolas en los esquemas tradicionales y no asume los logros del feminismo, ni mucho menos los aportes invaluable que ha dado la categoría de análisis género para denunciar la opresión sistemática que han sufrido las mujeres en razón de su sexo. Su preocupación por las grandes transformaciones que desinstalan la cosmovisión religiosa cristiana hace que mire todo lo nuevo con recelo o solo se fije en algunos aspectos que ameritan una mayor reflexión sin lograr mirar el amplio panorama de la realidad actual de las mujeres.

2.1 Feminismo, patriarcado y género

Los movimientos feministas han permitido reivindicar los derechos de las mujeres, negados sistemáticamente por la sociedad patriarcal. Es válido que no se esté de acuerdo con todas las demandas que han ido haciendo los diversos feminismos, pero eso no debería invisibilizar todas las otras realidades que han permitido que las mujeres gocen de derechos civiles, políticos, sociales, culturales. Y estos derechos son queridos por Dios, de ahí que la Iglesia podría acompañar y valorar estas conquistas. Sin embargo, no solo no acaba de apoyar totalmente esos logros, sino que los derechos religiosos aún siguen siendo una deuda pendiente en los espacios eclesiales²²².

Por otra parte, aunque algunos documentos eclesiales afirman la sociedad patriarcal existente, no llegan a denunciarla con la suficiente radicalidad para transformarla. Se le nombra, pero no hay catequesis, homilias o documentos que expliquen con claridad y fundamento en qué consiste el patriarcado y sus consecuencias, especialmente para las mujeres.

Distinta es la realidad en el ámbito teológico donde se han trabajado más estas categorías. Pero la distancia entre magisterio y teología sigue vigente. Por eso es importante continuar divulgando los avances teológicos buscando que algún día lleguen a transformar la realidad eclesial. Un ejemplo del tratamiento teológico de esta realidad lo encontramos en el P. García Rubio (además de todos los trabajos de teólogas feministas) al referirse al patriarcalismo en una de sus obras de antropología teológica, mostrando cómo este afecta a tantas mujeres:

De manera especial, la cosificación de la mujer en la relación sexual repercute en la familia y en la sociedad. Entre nosotros, en Brasil, esta cosificación o instrumentalización presenta una característica peculiar. En calidad de país colonizado, Brasil carga el fardo del patriarcalismo ibérico, agravado por el hecho de que los “conquistadores” dejaban a las mujeres en Europa y “conquistaban” aquí a las mujeres nativas de forma semejante a como conquistaban tierras y riquezas. El “yo conquisto”, autosuficiente y dominador, es el mismo hombre que conquista a la india, a la negra, la mestiza, la mulata ... objetos de la voluptuosidad masculina.²²³

²²² Para profundizar en la ciudadanía plena de las mujeres ver: VÉLEZ, Olga C., Para la salvación plena de las mujeres en la Iglesia, p. 199-231.

²²³ GARCIA RUBIO, A., Elementos de antropología teológica. Salvação crista: salvos de quê y para quê?,

Y continúa describiendo las consecuencias de la sociedad patriarcal:

es propio del patriarcalismo relegar a la mujer a un segundo plano. Ella también es humana, pero se pensaba, en un plano secundario y en dependencia del hombre. Y esto porque en ella, la razón estaría menos desarrollada que en el hombre, dominada por la sensibilidad y la emoción. En la sociedad, en la iglesia y en la familia, la mujer debería siempre estar subordinada al hombre. Y así fueron estructuradas estas instituciones. La estructura patriarcal ha afectado toda la organización social y se encuentra poderosamente presente en la configuración de la personalidad de los individuos concretos. Sabiendo la profundidad con que el patriarcalismo penetra en las estructuras sociales, religiosas y psicológicas de un pueblo, podemos comprender mejor el impacto que significó el comportamiento de Jesús en relación a la mujer, pues la subordinación de la mujer es pieza esencial de la estructura patriarcal. En el patriarcalismo, la mujer es vista, sobre todo, en su dimensión biológica: ella es madre y esposa (o amante o prostituta, siempre para satisfacer al hombre). Su valor reside en su cuerpo. Como persona humana, con libertad y responsabilidad propias, poco cuenta. La cosificación y la instrumentalización de la mujer no son cosas del pasado. En el mundo cultural en que vivió Jesús, el patriarcalismo también reinaba soberano. Para Jesús, la mujer es un ser humano, una persona, amada inmensamente por el Dios del Reino. Un ser humano, una persona llamada a responder en su libertad al amor gratuito de Dios. Por todo esto, Jesús no acepta la marginación de la mujer. En el Reino de Dios, la marginalización es superada radicalmente.²²⁴

La Iglesia le ha dedicado más reflexión a la categoría género. Pero como lo vimos en el documento de la Congregación para la Educación católica, el alcance de la reflexión va en la línea de identificarla como ideología y no presenta todo el avance que ha significado el uso de esta categoría de análisis y el bien que ha hecho para desmontar la feminidad y la masculinidad basadas en el sexo.

El género es más que una categoría: es una teoría amplia que abarca categorías, hipótesis, interpretaciones y conocimientos relativos al conjunto de fenómenos históricos construidos en torno del sexo. El género es la categoría correspondiente al orden socio cultural configurado sobre la base

p. 208 (la traducción es nuestra).

²²⁴ GARCIA RUBIO, A., Elementos de antropología teológica, p. 221-223 (la traducción es nuestra).

de la sexualidad: la sexualidad a su vez definida y significada históricamente por el orden genérico.²²⁵

Precisamente esta categoría ha permitido desmontar la llamada feminidad y masculinidad como elementos esenciales a varones y mujeres y su relación con la sociedad patriarcal y la desigualdad estructural. El problema no radica solamente en atribuir roles a cada sexo, por ejemplo, la maternidad a las mujeres, sino en considerar que los roles son propios de un solo género y, lo que es más grave aún, no reconocer que esa distribución de roles mantiene la subordinación de un género frente a otro. Por eso

la perspectiva de género es hoy una de las fórmulas sintéticas de avance de las concepciones feministas acerca de la relación entre las mujeres, los varones, el desarrollo y la democracia. Las preguntas que plantea son: ¿en qué medida la organización patriarcal del mundo y sus correlativas condiciones femenina y masculina facilitan e impiden a las mujeres y a los hombres la satisfacción de las necesidades vitales y la realización de sus aspiraciones y del sentido de la vida? ¿Cuál es la distancia entre las mujeres y los hombres en cuanto a su desarrollo personal y social? ¿Es posible que las relaciones entre los géneros marcadas por el dominio y la opresión, y las formas de ser mujer y ser hombre en las condiciones patriarcales favorezcan el desarrollo social, la realización de los derechos humanos y el mejoramiento de la calidad de vida?²²⁶

Es decir, la categoría género no se refiere a promover un género neutro o una indeterminación sexual sino a develar

los aspectos nocivos, destructivos, opresivos y enajenantes que se producen por la organización social sustentada en la desigualdad, la injusticia y la jerarquización política de las personas basada en el género. Gracias a la globalización, la expansión de la perspectiva de género ha sido real y alentadora. Nunca como ahora se había vivido una experiencia de identidad y política tan vasta que incluye a mujeres de todo el mundo y de todas las condiciones sociales. Hoy la perspectiva de género es uno de los procesos socioculturales más valiosos, por su capacidad de movilizar y por sus frutos; forma parte del bagaje de la cultura feminista, que es de manera contundente la gran aportación de las mujeres como género a la cultura.²²⁷

²²⁵ VÉLEZ, Olga C., *Cristología y mujer. Una reflexión necesaria para una fe incluyente*, 2018, p. 52.

²²⁶ VÉLEZ, Olga C., *Cristología y mujer*, p. 53.

²²⁷ VÉLEZ, Olga C., *Cristología y mujer*, p. 53-54.

2.2 Antropología feminista

En el campo teológico, especialmente la teología hecha por mujeres, los aportes de los movimientos sociales y de las categorías de análisis han sido asumidos y desde ellas se habla de teologías feministas, de diverso corte y con énfasis concretos, con el ánimo de leer la realidad actual desde la revelación y también desde los aportes del diálogo interdisciplinar.

Para el tema en concreto que nos ocupa, la antropología cristiana que según los documentos presentados en el primer apartado de este escrito se ve “confundida” por la petición de las mujeres de los ministerios ordenados, los aportes de varias teólogas feministas ayudan a iluminar esta realidad.

Es un hecho el sexismo presente en la doctrina cristiana privilegiando la figura masculina de Dios, el lenguaje masculino, el poder masculino. Elizabeth Johnson, en su obra “La que es”²²⁸ presenta los esfuerzos que se han hecho para transformar esa realidad, pero como ya dijimos, parece que la institución eclesial no presta atención a los desarrollos teológicos feministas y, por eso, sigue en sus afirmaciones sexistas, sin darse cuenta la ceguera que mantiene.

No es el objetivo de este escrito traer todos los aportes de las diversas teologías feministas. Pero si queremos señalar algunos datos que iluminan la reflexión antropológica. Uno de los consensos más claros es que no basta añadir a Dios rasgos femeninos porque, de todas maneras, continua en vigor el modelo androcéntrico. Dios sigue siendo concebido a imagen de un hombre dominante, que ahora posee características más suaves porque lo femenino queda incorporado de manera subordinada a un símbolo total que sigue siendo masculino. Dios persiste como “él” aunque ahora sea mencionado como persona masculina más plena, que ha incorporado su faceta femenina. La naturaleza patriarcal de este símbolo de Dios es ahora más digerible, pero sigue siendo patriarcal²²⁹.

Detrás de esa visión que se mantiene en el ámbito eclesial sigue vigente el rígido sistema binario: “una diversidad tan rica queda reducida a dos absolutos relativamente opuestos: lo masculino y lo femenino y tal oposición se impone al infinito misterio de Dios”²³⁰. Teólogas como Rosemary Radford Ruether desde hace muchas décadas denunciaban si el

²²⁸ JOHNSON, Elizabeth, *La que es*. El misterio de Dios en el discurso teológico feminista.

²²⁹ JOHNSON, Elizabeth, *La que es*, p. 75.

²³⁰ JOHNSON, Elizabeth, *La que es*, p. 76.

concepto mismo de “femenino” no es una invención patriarcal, un ideal proyectado por los hombres en las mujeres y vigorosamente defendido porque da estupendos resultados para mantener a los hombres en posiciones de poder y a las mujeres en posiciones de servicio a los hombres²³¹. Podría afirmarse hoy que el énfasis que los documentos eclesiales actuales hacen en las características de la mujer como valiosas para sostener y cuidar la iglesia dan la razón a la afirmación de esta teóloga.

Otra manera de superar la imagen masculina de Dios ha sido proponiendo al Espíritu Santo como la dimensión femenina de Dios dado que en las escrituras la palabra espíritu es femenina y se le atribuyen aspectos maternos de generación de vida en la creación, en la encarnación y en el bautismo. Sin embargo, esta propuesta trae dificultades. En occidente la tercera persona de la trinidad “carece de rostro”, como ha dicho Walter Kasper, porque si el Hijo ha aparecido en forma humana y mentalmente nos formamos una idea del Padre, el Espíritu sigue siendo el más misterioso de las tres personas divinas. Tendríamos dos personas claramente masculinas y una tercera femenina pero carente de rostro. Y, en definitiva, esta última, al señalar su procedencia “del padre y del hijo” está subordinada a ellos.

Autores como Congar siguiendo la propuesta de considerar al Espíritu como la persona femenina de Dios, reduce el papel de las mujeres a las funciones maternas al afirmar que el Espíritu cría, ama y educa lo mismo que una madre. Algo semejante propone Leonardo Boff. Este autor además relaciona al Espíritu con la Virgen María diciendo que análogamente a la encarnación de la Palabra en Jesús, el Espíritu diviniza lo femenino en la persona de María, que a su vez debe ser vista como unida hipostáticamente a la tercera persona de la Trinidad, en provecho de toda la humanidad femenina. Esta propuesta tiene demasiadas inconsistencias, pero lo que nos interesa en nuestra reflexión, es la identificación de lo femenino de Dios con las mujeres y, en ellas con María, posibilitando tal vez lo que Francisco afirma actualmente de que la Iglesia es femenina o que la Virgen María tiene el mayor reconocimiento y por eso no es necesario pensar en que las mujeres ocupen los ministerios ordenados ya que María es más importante que el papa²³².

²³¹ RADFORD RUETHER, Rosemary, *The Female Nature of God: A problem in contemporary Religious Life*, apud JOHNSON, Elizabeth, *La que es*, p. 76.

²³² Para una explicación más detallada de esta postura ver: JOHNSON, Elizabeth, *La que es*, p. 77-85.

En el fondo lo que se juega en estos esfuerzos por liberar a las mujeres de los estereotipos femeninos que contribuyen a no darle lugar en la Iglesia en los ámbitos de decisión, es que se traslada a Dios las categorías humanas de lo masculino y lo femenino, mediadas por el sexo, ontologizando así el sexo en Dios, haciendo de la sexualidad una dimensión del ser divino, en lugar de respetar la naturaleza simbólica del lenguaje religioso.

Todo lo anterior no significa que no se pueda hablar de Dios en términos personales porque la realidad que conocemos, además de la naturaleza que también sirve como lenguaje para hablar de Dios, son las personas, varones y mujeres, que en su libertad de acción y en el misterio que en sí mismo es el ser humano, permiten referirnos a la absolutez, infinitud e inmensidad que es Dios mismo.

El misterio de Dios, hablando con propiedad, no es ni masculino ni femenino, sino que trasciende ambos aspectos de un modo inimaginable. Pero dado que Dios creó a la mujer y al hombre a imagen suya y dado que es la fuente de las perfecciones de ambos. Los dos pueden servir igualmente de metáfora con referencia al misterio divino.²³³

En otras palabras, tanto los varones como las mujeres han sido creados a imagen y semejanza de Dios y, por lo tanto, capaces de representar a Dios mismo. Es ardua la tarea de liberar las imágenes de Dios de su identificación exacta con ellas. No podemos pensar en mujeres y varones como representando distintas dimensiones de Dios, sino que ambos representan a Dios mismo, en imágenes femeninas o masculinas. Las parábolas de Lucas 15 sobre la oveja perdida (4-7) y la moneda perdida (8-10), no están hablando de distintas dimensiones de Dios sino de su misericordia infinita que siempre busca lo perdido, pero se hace con una imagen femenina y con otra masculina, ambas igualmente válidas para hablar sobre Dios.

A modo de conclusión

Hemos visto cómo los imaginarios patriarcales, binarios y los lenguajes masculinos han condicionado la manera de concebir a los varones y a las mujeres y esto también ha influido en la manera de concebir a Dios y la relación que los seres humanos establecen con él.

²³³ JOHNSON, Elizabeth, *La que es*, p. 83.

Pero los avances en las diferentes disciplinas y en los movimientos sociales han transformado la concepción antropológica dualista que hace de los hombres y las mujeres polos opuestos, cada uno con sus propias características las cuales se consideran complementarias del otro sexo²³⁴. Por tanto, se habla de una antropología de la complementariedad que predetermina rígidamente las cualidades que cada sexo ha de cultivar y los roles que ha de desempeñar. Y, como lo ha develado la categoría género, las mujeres ocupan los roles del campo privado y secundario.

En los esfuerzos de plantear una antropología más integradora se han propuesto diversas vías, no todas ellas válidas para enriquecer la visión cristiana. Una de ellas es la que la iglesia, de alguna manera, alerta como un peligro y corresponde a reconocer la diferencia sexual, pero sin darle el protagonismo absoluto en la determinación de las personas, llevando a plantear una persona andrógina, borrando la diversidad y variedad de lo humano. Por supuesto este peligro es real y es legítimo alertar sobre esta visión antropológica.

Otra opción es la de que sin borrar la diferencia sexual y valorando la diversidad y pluralidad de lo humano, se reconozca que los roles no son esenciales a ninguno de los sexos, sino que el ser humano es único e irrepetible pero cada persona tiene una diversidad de manifestaciones que constituyen su identidad personal, marcada por su sexualidad pero también por todos los demás condicionantes culturales, sociales, económicos, etc., sin que la sexualidad sea el único y determinante elemento de la identidad personal.

La propuesta, entonces, consiste en una antropología en la que la naturaleza humana manifestada en una multiplicidad de diferencias vaya más allá del modelo de dualismo sexual versus identidad de individuos abstractos, para dar la bienvenida a la diversidad como algo totalmente normal. En este panorama no se habla de complementariedad entre los sexos -si entre los diferentes dones que cada persona tiene y que complementa los dones de los demás-, sino de reciprocidad donde cada persona aporta lo que es y así se constituye lo humano en su complejidad y diversidad, cada vez más evidente, en el mundo actual.

Esta propuesta ayuda a no centrar la comprensión de Jesús en su masculinidad sino ver en ella un elemento “importante para su propia identidad histórica personal y para el desafío de su ministerio, pero no

²³⁴ Seguimos fundamentalmente a JOHNSON, Elizabeth, *La que es*, p. 206-209.

como teológicamente determinante de su identidad como el Cristo ni normativa para la identidad de la comunidad cristiana”²³⁵.

Definitivamente, los cambios sociales y culturales no se asimilan rápidamente. En ese sentido, es comprensible que la nueva manera de entender la identidad personal de varones y mujeres traiga muchos recelos, miedos, peligros, incertidumbres que no pueden dejarse de lado ni asumir lo nuevo sin ningún discernimiento. Pero, así como el papa Francisco invita a una iglesia en salida sin miedo a “herirse o mancharse” (EG n. 49), es urgente tener esa misma actitud para asumir las propuestas de las antropologías feministas y dar pasos significativos en la inclusión afectiva y efectiva de las mujeres en la Iglesia, para que su sexo no sea la razón de exclusión y, mucho menos, que la inhabilite para ser mediadora de la gracia sacramental. Mucho se está jugando la iglesia en este momento frente a la realidad de las mujeres. Esperamos que tenga la fidelidad al designio divino de la igual dignidad de todos los seres humanos, lo cual solo será creíble si los impedimentos que se invocan para no dar acceso a las mujeres a los ministerios ordenados, caen por su propio peso, como ya han caído en la sociedad. El sínodo de la sinodalidad podrá ser un momento decisivo para ello. Confiamos que no se deje pasar esta oportunidad.

Bibliografía

CONGREGACIÓN PARA LA DOCTRINA DE LA FE. *En torno a la Respuesta de la Congregación para la Doctrina de la Fe sobre la doctrina propuesta en la Carta apostólica Ordinatio sacerdotalis* (1994), Comentario a la respuesta al dubium sobre la doctrina de la Ordinatio sacerdotalis (vatican.va)

CONGREGACIÓN PARA LA EDUCACIÓN CATÓLICA (de los Institutos de Estudios). “*Varón y mujer los creó*”. *Para una vía de diálogo sobre la cuestión del Gender en la educación*, Ciudad del Vaticano 2019. https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20190202_maschio-e-femmina_sp.pdf

CORPAS DE POSADA, Isabel. *¿Ordenación de mujeres?* Un aporte al debate desde la eclesiología de Vaticano II y la teología feminista latinoamericana. Bogotá: Corpas de Posada Publicaciones, 2020.

FRANCISCO. *Exhortación Apostólica Evangelii Gaudium*. 2013. Disponible em: https://www.vatican.va/content/francesco/es/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html Acceso em: 12 set 2023.

FRANCISCO. *Exhortación Apostólica postsinodal Querida Amazonia*. 2000. Disponible em: https://www.vatican.va/content/francesco/es/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20200202_querida-amazonia.html Acceso em: 13 jan 2024.

FRANCISCO. *Exhortación post sinodal Amoris laetitia*. 2016. Disponible em: https://www.vatican.va/content/francesco/es/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160618_amoris-laetitia.html

²³⁵ JOHNSON, Elizabeth, La que es, p. 209.

vatican.va/content/francesco/es/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html Acesso em: 4 fev 2024.

GARCIA RUBIO, Alfonso. *Elementos de antropología teológica*. Salvação cristã: salvos de quê e para quê? Petrópolis: Vozes, 2004.

JOHNSON, Elizabeth. *La que es. El misterio de Dios en el discurso teológico feminista*, Barcelona: Herder, 2002.

SECRETARIA DEL SÍNODO DE LA SINODALIDAD. *Una Iglesia sinodal en misión. XVI Asamblea General Ordinaria del Sínodo de Obispos. Primera sesión (4-29 de octubre 2023)*, 28 de octubre 2023. Disponível em: <https://www.synod.va/es/news/una-iglesia-sinodal-en-mision.html> Acesso em: 13 jan 2024.

VÉLEZ CARO, Olga Consuelo. Para la salvación plena de las mujeres en la Iglesia. In: BREZMES, María Belén; ÁLAMO, Mónica (eds.), *¿Eres tú o esperamos a otro? (Lc 7, 19)*. La salvación en la que creemos las mujeres. Estella (Navarra): Verbo Divino, 2021.

VÉLEZ CARO, Olga Consuelo. *Cristología y mujer*. Una reflexión necesaria para una fe incluyente. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2018.

6

Como a teologia de Alfonso García Rubio me ajudou na formulação do *princípio pluralista*

*Claudio de Oliveira Ribeiro*²³⁶

*Choro... o desatino do astrolábio
Choro em saber que o homem sábio
pode morrer se não souber nadar.
“Barco”, canção de Chico Cesar*

*Feliz aquele que ouve a
Palavra de Deus e a pratica.
Evangelho de Mateus 11.28*

Como eu conheci García Rubio...

Diante da riqueza que os anos de 1980 me proporcionaram – especialmente as “novas formas de ser igreja”, o avanço democrático no País e um turbilhão de novas perspectivas teológicas ambientadas sob uma ótica crítica, ecumênica e libertadora – e decidido a dar continuidade aos estudos com vistas a encontrar bases mais sólidas para refletir sobre os desafios sociais e eclesiais que avistávamos, comecei a avaliar as possibilidades mais adequadas para realizar a pós-graduação em Teologia e optei pela PUC-Rio.

De tantos aspectos marcantes deste processo de formação e de pesquisa vivenciados durante a década de 1990, destaco o ambiente plural e a convivência afetiva entre professores, professoras e estudantes, entre eles pastores, padres, leigos e leigas. Tudo isso acompanhado, evidentemente, por seriedade acadêmica, solidez da formação dos docentes e boa estrutura institucional. Em relação ao corpo docente, um ponto alto era a contribuição dos leigos e leigas. Isso é fundamental na formação teológica! Como temos visto, os espaços clericalizados estão sempre fadados ao insucesso.

²³⁶ Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Pastor metodista e professor do Programa de Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora. Integrante do Círculo do Rio.

so e à irrelevância. E todos nós estudantes vibrávamos com as aulas de Faustino Teixeira, Ana Maria Tepedino, Tereza Cavalcanti e Maria Clara Bingemer. Sou muitíssimo agradecido a ele e a elas porque me ajudaram a pensar a fé e a igreja sob uma lógica plural, participativa, comunitária e crítica. Do mesmo modo, expressei a minha gratidão pela contribuição acadêmica dos padres Jesus Hortal, Emanuel Bouzon, Mario de França Miranda e Alfonso García Rubio e também a outros com quem não tive a oportunidade de ter aulas, mas convivi e percebi seu testemunho.

Porém, a memória de minha caminhada na PUC tem a fortíssima marca desse último, García Rubio. Eu me encantei com ele desde as primeiras aulas e tive a grata satisfação de tê-lo como orientador no mestrado (1991-1994) e no doutorado (1997-2000). Sob sua orientação, produzi minha dissertação, cujo título é “A provisoriedade da Igreja: uma contribuição da eclesiologia de Karl Barth ao protestantismo brasileiro”, e minha tese, “Pode a fé tornar-se idolatria? A atualidade para a América Latina da relação entre Reino de Deus e história em Paul Tillich”. Ambas as pesquisas foram desenvolvidas com a interação crítica da teologia latino-americana e com uma preocupação permanente em relação à prática pastoral. Essas duas visões, embora eu já as trouxesse comigo, foram significativamente reforçadas e destacadas no trabalho de orientação.

Com García Rubio, aprendi que o ser humano é integral e que todas as dimensões da vida devem ser valorizadas, tanto nas práticas sociopolíticas e pastorais quanto no labor teológico. Eu, que não já gostava das interpretações dicotômicas – mesmo as da esquerda política que marcaram minha juventude –, bebi da fonte do conhecimento desse professor e moldei minha posterior trajetória docente, na Universidade Metodista de São Paulo e na Universidade Federal de Juiz de Fora, nas visões bíblicas do “humano integrado”. A sua obra *Unidade na pluralidade* foi muito relevante no meu processo de reflexão teológica. Com ela, percebi mais nitidamente, por exemplo, que

[...] as comunidades cristãs, por sua vez, assumindo a nova consciência eclesial brasileira, comunicam, com o seu testemunho e com a sua palavra, a verdade cristã sobre o ser humano. É na vivência concreta do amor-serviço-solidário, no nível das relações interpessoais e das relações macrosociais, que se respeitam e valorizam a grandeza e a dignidade da imagem de Deus. Amor-serviço como única resposta convincente ao desafio do mal e do sofrimento. Alimentadas por esta prática, a palavra

eclesial, e especificamente, a reflexão teológica sobre a dignidade humana terão credibilidade.²³⁷

E, no campo mais específico da antropologia teológica, tornou-se igualmente mais nítido para mim, entre tantas visões importantes, que

[...] a superação real do dualismo (evidentemente, não da dualidade) só é possível a partir da experiência unitária básica do ser humano como pessoa. A partir deste dado, certamente pré-filosófico, deve ser desenvolvida uma articulação ou relação de integração-inclusão entre os aspectos ou dimensões do humano respeitando, contudo, as diferenças existentes entre eles.²³⁸

Outra dimensão fundamental da formação teológica e dos estudos acadêmicos que aprendi com García Rubio é que a teologia se constrói coletivamente. Tive da parte dele, como orientador, toda a atenção particular e privada de que precisava. Todavia, foi sobretudo o Círculo do Rio, que reúne os estudantes dele para debate coletivo das teses, dissertações e temas de destaque, o espaço no qual mais aprendi. Como foram muitos anos de convivência, quase uma década, e até hoje mantemos atividades conjuntas – quero fazer um registro dessa vivência fraterna, por vezes conflitiva, mas altamente produtiva em termos acadêmicos e humanos.

O Círculo do Rio, mesmo na fase em que ainda não tinha essa nomenclatura e organização, está associado diretamente à importância do pensamento e da prática de García Rubio. Por isso, desejo, simbólica e afetivamente, fazer esse relato com a referência ao nome de um de nossos colegas: Paulo Hottz, também orientado por ele. Paulo não está mais entre nós, pois faleceu subitamente em 2002. Além do espaço da PUC, Hottz e eu trabalhamos juntos na assessoria de encontros de Comunidades Eclesiais de Base. Após o encerramento de um deles (na cidade de Ilhéus-BA, 2000), fomos caminhar pela cidade e nos deparamos com uma imensa festividade secular que envolvia a juventude. Era uma multidão incalculável que dançava freneticamente, e nós dois, no alto de uma montanha, isolados, avistávamos toda aquela festa; perplexo com a forma tão distinta de mobilização, adesão e envolvimento da juventude – nas CEBs a presença de jovens é rarefeita –, ele, pensando nos desafios que a cultura brasileira

²³⁷ GARCIA RUBIO, A., *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*, p. 565.

²³⁸ GARCIA RUBIO, A., *Unidade na pluralidade*, p. 284.

nos apresenta, não parava de repetir: “precisamos repensar nossa pastoral”, “precisamos repensar nossa teologia”. Isso eu aprendi com García Rubio na PUC, e Paulo Hottz certamente também.

Os espaços de formação teológica não podem se esquivar das demandas culturais e políticas advindas da sociedade. A teologia perderá seu carisma se for feita para agradar a lógicas meramente institucionais ou visões fixistas. A realidade precisa ser pensada prioritariamente. O aprofundamento da relação entre teoria teológica e prática pastoral é fundamental e requer uma atenção especial aos desafios eclesiais dentro do quadro de necessidades e preocupações que a sociedade apresenta. García Rubio sempre nos chamara a atenção para esses aspectos ao comentar:

Não podemos nos limitar à mera repetição do que foi afirmado no passado, por dois motivos fundamentais. Primeiramente, porque aspectos importantes da verdade cristã sobre o homem (*sic*) podem ter sido pouco desenvolvidos ou até descuidados, devido à necessidade de acentuar outros na tentativa de responder a problemas e questões suscitados em determinado contexto cultural. Em segundo lugar, porque a comunicação desta verdade, na medida em que repete a expressão utilizada no passado, pode tornar-se não significativa para homens e mulheres de atuais contextos culturais com expressividade e linguagem próprias.²³⁹

Anos mais tarde, sintetizei os meus esforços, certamente forjados com toda essa interação até agora descrita:

Diante das mudanças sociais e com a intensificação da pluralidade cultural e religiosa e da complexidade da realidade social, me dediquei a pelo menos três necessidades que requerem acuidade nas análises. A primeira enfatiza a necessidade de alargamento metodológico para uma compreensão mais apurada da complexidade social que possa fugir das explicações e formulações dicotômicas e bipolares. A segunda reside em uma articulação mais adequada entre a racionalidade que marca a reflexão teológica latino-americana com as dimensões da subjetividade humana que emergem fortemente na atualidade, o que requer formas novas, gratuitas e mais autênticas de espiritualidade. A terceira está em torno de um aprofundamento das questões que emergem da valorização do pluralismo religioso e como tal positividade incide no fortalecimento da democracia, das práticas ecumênicas e de cunho libertador e da defesa dos direitos humanos e da

²³⁹ GARCIA RUBIO, A., Unidade na pluralidade, p. 14.

terra. Como decorrência dessas pesquisas, surgiram as preocupações com o pluralismo religioso.²⁴⁰

Tais ênfases, que hoje estão mais nítidas nas reflexões que faço, eram presentes no diálogo pessoal e coletivo com García Rubio. Ele, repetidas vezes e com o tom contundente que lhe é peculiar, afirmou que

[...] as mudanças atuais tanto na civilização, quanto nas culturas e também nas Igrejas, são profundas e radicais. Neste contexto histórico, o discernimento oferecido pela reflexão teológico-pastoral se faz ainda mais necessário. O discernimento, entretanto, não é suficiente para enfrentar tempos de crise. Faz-se necessária, igualmente, uma atitude ousada.²⁴¹

Essas análises, a meu ver, estão em sintonia com o pensamento decolonial, que tem sido referência significativa para nossas reflexões sobre pluralismo, pois reforçam a necessidade de melhor articulação entre teoria e prática e a importância do fortalecimento de grupos populares e de ações concretas nessas direções. Sob tal perspectiva, compreendo o *princípio pluralista* como

um instrumento hermenêutico de mediação teológica e analítica da realidade sociocultural e religiosa que procura dar visibilidade a experiências, grupos e posicionamentos que são gerados nos “entrelugares”, bordas e fronteiras das culturas e das esferas de institucionalidades. Ele possibilita divergências e convergências novas, outros pontos de vista, perspectivas críticas e autocríticas para diálogo, empoderamento de grupos e de visões subalternas e formas de alteridade e de inclusão, considerados e explicitados os diferenciais de poder presentes na sociedade.²⁴²

Conhecer esse renomado teólogo e conviver com ele foi fundamental para minha formação e desenvolvimento teológico, sobretudo no tocante à difícil e desafiadora síntese que devemos fazer entre teologia e pastoral. A preocupação de García Rubio em estabelecer saudáveis e consistentes relações entre teoria e prática e a perspectiva ecumênica e crítica de sua teologia contribuíram de maneira relevante para a formulação do *princípio pluralista* feita por mim tempos depois. Somam-se a esses aspectos a noção do humano integrado, a importância das dimensões da sub-

²⁴⁰ RIBEIRO, C. de O., O princípio pluralista, p. 58.

²⁴¹ GARCIA RUBIO, A., Epílogo. Espiritualidade cristã em tempos de mudança, p. 235.

²⁴² RIBEIRO, C. de O., O princípio pluralista, p. 25.

jetividade humana, devidamente articuladas com outros aspectos da vida, a valorização da corporeidade e as ênfases ecoteológicas. São jornadas que atravessam décadas e das quais não nos esquecemos!

A importância do humano integrado

*E eu gosto de estar na terra cada vez mais
Minha boca se abre e espera
O direito ainda que profano
Do mundo ser sempre mais humano.*
“Carne e osso”, canção de Moska e Zélia Duncan

Porque, quando sou fraco,
então, é que sou forte.
II Coríntios 12.10

Refletir sobre a dimensão humana não é tarefa das mais simples. Mais ainda se o propósito é cumpri-la a partir de referenciais teológicos, pastorais e de outras esferas dos estudos de religião, sempre disputados no campo ideológico. As contradições e ambiguidades que historicamente foram acumuladas no contexto religioso, sobretudo cristão, em meio a uma riqueza incomensurável de vivência comunitária, solidária, libertadora e fraterna da fé que coopera no reforço de se ter uma visão integral do ser humano, formam um quadro complexo que, no plano dos sentimentos e das intenções pessoais de milhões, cria, até mesmo, acirradas disputas. Refletir teologicamente acerca desses aspectos é uma significativa contribuição para as pessoas que sonham com as possibilidades de se perceber o humano em sua dimensão integral e que desejam agir no reforço dessa visão.

García Rubio sempre nos ofereceu uma densa e substancial análise histórica e teológica a respeito da temática.²⁴³ A visão bíblica acerca do ser humano, por ser holística (integral), possui uma característica concreta que valoriza a história, a experiência, o conhecimento a partir da vivência e a dimensão da corporeidade humana, ao contrário da percepção abstrata, idealista e especulativa presente em certas correntes filosóficas do mundo grego que tende a valorizar o abstrato, o etéreo, o “mundo das ideias”.

²⁴³ Diversas obras de Alfonso García Rubio aprofundam essa temática. Para uma visão de conjunto, veja: *Unidade na pluralidade*, já referida; *Elementos de antropologia teológica*; e outra, organizada pelo autor: *O humano integrado: abordagens de antropologia teológica*.

Trata-se de uma dicotomia, cujo ato do conhecimento é feito com base na especulação, e não na experiência concretamente vivida, como é o caso da tradição bíblica. O autor constantemente nos chama a atenção para os escritos bíblicos, sobretudo os relatos relacionados à prática de Jesus.

No contexto da produção teológica do Círculo do Rio, que metodologicamente desejo também me referenciar neste relato, uma das ênfases estabelecidas se referem aos esforços de interpretação da antropologia teológica de García Rubio. Maria Joaquina Fernandes Pinto, por exemplo, destaca a importância do corpo e da corporeidade na prática jesuânica:

O corpo jamais foi relegado dualisticamente por Jesus a um plano inferior. Ele esteve atento à fome, à cegueira, à surdez, à deficiência dos paráliticos, à discriminação sentida *na carne* das crianças, dos doentes, das mulheres, dos estrangeiros. Jesus foi sensível à alegria, à dor, à festa e à morte. Celebrou, com comida e bebida, os eventos especiais que eram marcantes em sua cultura. Criou laços afetivos profundos. Divertiu-se em festas e chorou a morte do amigo. Passou pela experiência da solidão e do medo e chocou-se diante da certeza de sua morte. Enfim todos os momentos e circunstâncias da vida que só podem ser vividos pela dimensão da nossa corporeidade não foram indiferentes a Jesus; ao contrário, foram por ele assumidos.²⁴⁴

Lúcia Pedrosa-Pádua, em termos mais gerais, mostra que:

a antropologia teológica do Prof. Alfonso García Rubio ilustra o empenho por articular teologia e espiritualidade na proposta de uma antropologia integrada e integradora de todas as dimensões do humano. Esta tem sido uma preocupação incansável do autor, atualizada de forma permanente. Mas, esta antropologia é passível de ser vivida? Como ela se faz carne e experiência? Onde a podemos ver testemunhada? Pois o pior destino de uma antropologia integrada e integradora é não ser seguida por uma espiritualidade igualmente integradora e integrada. Vivemos tempos de intensa busca espiritual. Busca que, conjugada a um imediatismo cultural, característico da pós-modernidade, pode levar à ilusão de que a espiritualidade se reduz a um momento mágico de oração, em todos os dualismos e mesmo contradições humanas desaparecem. [...] O caminho da integração é possível e fascinante, mas processual, histórico e sempre inacabado. Trata-se de um horizonte, necessário para que se dê o movimento integrador dinâmico.²⁴⁵

²⁴⁴ PINTO, Maria Joaquina F., *Sexualidade e salvação: realidades opostas?*, p. 248.

²⁴⁵ PEDROSA-PÁDUA, Lúcia, *Espiritualidade integradora: o testemunho privilegiado de Santa Teresa de*

Tais ênfases nos desafiam fortemente na atualidade. Como sabemos, o contexto brasileiro em particular e o latino-americano em geral experimentaram nas últimas décadas do século 20 e nas primeiras do século 21 uma forte renovação eclesial e teológica, com variados avanços e retrocessos. Assim, as temáticas relativas à antropologia teológica e aos processos de humanização representaram um aspecto crucial, sempre marcado por novas formulações e por intensos debates. Seguindo essas trilhas, que constituem uma valiosa contribuição teológica às igrejas e aos grupos (religiosos ou não), temos buscado oferecer bases teóricas e perspectivas práticas ao que se interessam e se inclinam para a defesa de uma visão integral do ser humano, questionando os dualismos e propondo visões integradoras e socialmente responsáveis.

A ênfase teológica na unidade da constituição humana, que o testemunho bíblico indica, contrasta com a experiência histórica da cristandade, na qual o corpo sempre teve um papel secundário, *status* que ainda permanece em vários grupos religiosos. Diante dessa realidade, muitas vezes as igrejas cristãs, nos diferentes ramos, estabelecem suas bases, atreladas aos contextos eclesiais, na mesma tendência platônica de valorizar mais o que usualmente se denominou a “alma” e “espírito” do que o corpo. É fato que isso se dá concomitantemente a certo valor, ainda que minoritário, da cura do corpo, da corporeidade na liturgia e de lógicas que valorizem a concretude da vida também presentes nessas experiências religiosas.

A visão de García Rubio se caracteriza fundamentalmente pela compreensão de que o ser humano é uma unidade. Trata-se daquele ser concreto que se apresenta em todas as suas dimensões, incluindo a corpórea, sendo que o corpo deve se relacionar com todo o cosmo e com outros seres vivos fazendo-se presente em um mundo de relações e interações, e não de exclusões e dicotomias. O autor sublinha que “o fato de pertencer ao mundo material não é um mal para o ser humano, mas simplesmente a sua condição natural”²⁴⁶. Ele mostra que

[...] a reflexão teológica atual revaloriza o dado bíblico que ressalta a íntima união existente entre o ser humano e o mundo criado pelo amor de Deus. É fácil perceber que essa perspectiva que relaciona intimamente o ser humano com o cosmo exige, como pressuposto indispensável, uma

Ávila, p. 182.

²⁴⁶ GARCIA RUBIO, A., Unidade na pluralidade, p. 275.

visão integrada do ser humano. Junto com a visão integrada, em conexão com a superação dos racionalismos (não da racionalidade) antigos ou modernos, está em andamento, na antropologia teológica, uma revalorização do simbolismo, do mundo afetivo e do feminino. Igualmente, recuperam um lugar importante, como mediação da experiência de Deus, o cosmo, visto como morada do homem (*sic*) e também como morada do Logo divino, e a sensibilidade estética.²⁴⁷

De minha parte, também tenho procurado dedicar esforços nas reflexões e ações em defesa da visão integral do ser humano. Uma pergunta que está presente nos debates teológicos e pastorais e que na atualidade ganha maior relevo graças às implicações socioculturais do sistema econômico é: o que é o ser humano? Ou, em termos mais adequados, quem é o ser humano? No âmbito da antropologia teológica há uma concepção muito simples, uma afirmação em certo sentido singela, mas que possui forte densidade e que está em sintonia com os estudos da antropologia de modo geral. Trata-se da visão de que o ser humano não pode ser visto sozinho, isoladamente. Ele só vai ser humano se estabelecer relações concretas e de alteridade com as outras pessoas e seus corpos e com o mundo ao seu redor.

Há, em geral, quatro relações consideradas fundamentais para que possamos afirmar a humanidade; ou seja, para alcançá-las devemos ter a condição e a capacidade mínima de instituí-las, todas mediadas pela valorização do corpo. A teologia bíblica da criação e a antropologia teológica concebem que o ser humano se constitui como tal na medida em que estabelece as relações fundamentais: (i) com o “outro”, com o próximo, com o ser humano que nos é diferente (e aí são encontradas as intersubjetividades eu-tu, homem-mulher, homo-hétero, pobre-rico etc.); (ii) com o cosmo (história, sociedade e meio ambiente); (iii) consigo mesmo; e (iv) com Deus, primeira e última relação, que alicerça e abrange todas as demais.

A visão bíblica que sustenta a concepção integral do ser humano reafirma que corpo e alma não são realidades separadas. Como sabemos, a perspectiva bíblica a respeito do ser humano é integral, holística e não separa, por exemplo, dualisticamente o secular e o sagrado, ou o corpóreo e o espiritual. Conforme já referido, nas visões ocidentais que sofreram influência de certas filosofias gregas de caráter neoplatônico prevaleceu uma ênfase antropológica dicotômica, com as separações corpo e alma,

²⁴⁷ GARCIA RUBIO, A., *O humano integrado*, p. 280.

material e espiritual, chegando a crer que a morte é a libertação que a alma tem do corpo. Ora, essas diferentes percepções geraram forte conflito no cristianismo, em especial pela desvalorização do ser humano em sua totalidade, fruto da antropologia dicotômica grega. Ao contrário, García Rubio, seguindo os mais conceituados estudos de antropologia teológica, realça as bases bíblicas das dimensões humanas com os termos *nefesh*, *basar*, *rûah* e *leb*.

Quando aplicado ao ser humano, o termo hebraico *rûah* significa “respiração”, a força vital do homem (*sic*); com bastante frequência é referido a Iahweh para significar a sua força criadora que, comunica ao homem, confere-lhe dons e talentos diversos, concedidos para que este possa superar a importância e a fraqueza própria do *basar*, realizando, assim, tarefas especiais a serviço do desígnio salvífico de Iahweh; com a *rûah* descrevem-se também sentimentos, disposições e estado do coração humano e, mais especificamente, a força e a energia da vontade, em conexão com a ação e a força que vêm de Iahweh.²⁴⁸

Portanto, a visão bíblica acerca do ser humano possui uma dimensão concreta que valoriza a história, a experiência e a dimensão da corporeidade humana, ao contrário da visão abstrata, idealista e especulativa de certas correntes filosóficas. Nesse sentido, compreendemos a valorização da corporeidade como um imperativo bíblico. Ele, compreendido como graça, não pode ser visto meramente como *sarx* (o ser humano em sua debilidade), mas também como *soma* (dimensão físico-corpórea do humano) que ativa e mobiliza o ser humano para a vida.

A valorização do corpo pela fé cristã constitui-se em um elemento teológico que difere frontalmente das concepções religiosas correntes no cristianismo (e fora dele) que associam o corpo ao pecado. O encontro do humano com as dimensões de sua corporeidade representa especial fonte de espiritualidade.

Outro aspecto que construímos com a intervenção crítica, criativa e propositiva de García Rubio é o aprofundamento das reflexões sobre a alteridade a partir do confronto com a realidade humana, sobretudo com as fragilidades e fraquezas humanas, incluindo as nossas próprias e mais particulares limitações emocionais e corpóreas. Tal encontro talvez seja aquele que não desejamos ou, pelo menos, que não temos sido incentiva-

²⁴⁸ GARCIA RUBIO, A., Unidade na pluralidade, p. 260.

dos a tê-lo pelas experiências religiosas que vêm se tornando majoritárias no meio cristão.

Ora, se o corpo não é constitutivo da pessoa humana, não há por que dar muita importância (quando se trata dos outros, naturalmente!) às condições materiais miseráveis em que esta se encontra com tanta frequência. Certamente, não foi este o caminho palmilhado pelos santos e santas de todas as épocas. Lembremos o amor-serviço, vivido por eles e elas como enorme gratuidade e com tanta criatividade, em relação ao corpo dolorido e maltratado do doente, da criança abandonada, dos marginalizados de todo tipo.²⁴⁹

Portanto, a relação entre as noções de humano integrado, alteridade e compromisso social humanizador é de vital importância – e esses elementos estão profundamente amalgamados. Ela é resultante do gracioso e temeroso encontro com a realidade.

A percepção e o aprofundamento desse encontro também brotaram do Círculo do Rio e foram aprofundados especialmente a partir da obra, já referida, *O humano integrado: abordagens de antropologia teológica*, organizada por García Rubio. Uma síntese de muito boa qualidade do pensamento teoantropológico desse autor está presente no capítulo “Novos rumos da antropologia teológica cristã”, que encerra com maestria a obra. Ali, ele mostra: (i) a originalidade da visão cristã de Deus e do ser humano, em diálogo-confronto com o mundo cultural grego; (ii) os esforços que a teologia está realizando para se abrir, de maneira dialógica e crítica, ao mundo atual da ciência e da cultura; (iii) as interpelações dessa abertura para a tarefa teológica de se repensar a apresentação ao mundo da fé em Deus Criador e da confiança do ser humano criado à imagem divina; e (iv) as consequências do encontro entre a antropologia teológica cristã e a ciência e cultura pós-modernas. Com tais reflexões, fruto de análises detalhadas ao longo de sua trajetória teológica, García Rubio apresenta

[...] caminhos percorridos, atualmente, pela antropologia cristã no intuito de tornar significativa a boa-nova bíblico-cristã sobre o ser humano, entendido como liberdade e amor criativos, em ambientes condicionados pela visão científica do mundo e do ser humano, bem como no complexo universo cultural conhecido como pós-moderno.²⁵⁰

²⁴⁹ GARCIA RUBIO, A., Unidade na pluralidade, p. 258.

²⁵⁰ GARCIA RUBIO, A., O humano integrado, p. 261.

A minha contribuição nesse livro foi: “O ser humano diante de suas situações-limites: uma reflexão teológica em Paul Tillich”. Perguntas como “somos fracos ou somos fortes?” estão bem presentes no cotidiano das igrejas, dos movimentos sociais e da vida das pessoas em geral. Elas estão dentro do universo complexo dos movimentos religiosos atuais, que desafiam fortemente a teologia e a busca de formas autênticas de espiritualidade, especialmente na tarefa de refletir sobre o ser humano, seus limites e suas possibilidades. Há forte expansão de expressões religiosas que procuram ocultar as fragilidades e ambiguidades humanas, apresentando formas simplificadoras e reducionistas (religiosas ou não) como a solução para os problemas cotidianos. A aceitação, por parte do ser humano, dos limites da existência abre para possibilidades salvíficas, de compromisso com o outro e com a história, de horizontalidades e de alteridade.

O *princípio pluralista*, tal como tenho formulado e divulgado, bebeu dessas fontes, em especial para se pensar a pluralidade religiosa que, em geral, se diversifica em função da variedade de perspectivas antropológicas vista no contexto de cada grupo religioso. Além disso, temos dado destaque à alteridade. Entre as questões de fundo antropológico, e marcadamente presentes no contexto sociorreligioso latino-americano, está a maior ou a menor capacidade humana de se relacionar com o diferente. Portanto, as reflexões sobre a alteridade passaram a ser decisivas nessa formulação do *princípio pluralista*. A noção do humano integrado, associada à visão de alteridade, gera bases significativas para as perspectivas plurais e ecumênicas.

Nossa pressuposição teológica é que, diante do pluralismo religioso, faz-se necessária uma atenção especial à articulação entre a capacidade de diálogo dos grupos religiosos e os desafios em torno da valorização da vida, como a defesa dos direitos humanos, da cidadania e do cuidado com o meio ambiente, pressupondo que a espiritualidade ecumênica requer visão dialógica, profunda sensibilidade às questões que afetam a vida humana e inclinação para a promoção da paz e da justiça e da integridade da criação.

Outra base de nossas reflexões é que uma espiritualidade ecumênica que emerge do reconhecimento do pluralismo religioso terá, em geral, como valor a dimensão de alteridade, e isso incidirá nos processos religiosos e sociais, favorecendo perspectivas utópicas, democráticas e doadoras de sentido. Ressaltamos sempre o diálogo ecumênico como afirmação da vida, com as respectivas e concretas implicações no tocante à solidarie-

dade, à comunhão, ao conhecimento mútuo entre os grupos humanos e às iniciativas e projetos de humanização e de justiça social.²⁵¹

Com isso, nos propomos a falar do ser humano, tal como compreendemos que ele seja, tanto em suas contradições e ambiguidades quanto em sua abertura para a graça e a alteridade. Desejamos indicar o caminho, libertador por suposto, de olharmos para dentro de nós mesmos e para fora, de reconhecermos as situações-limite da vida humana e de buscar caminhos integradores de salvação, mas sem esperar que ela possa vir por ações e méritos humanos.

Espiritualidades integradas e integradoras

*Conhecer as manhas e as manhãs,
o sabor das massas e das maçãs.
É preciso amor pra poder pulsar.
É preciso paz pra poder sorrir
É preciso chuva para florir.*

“Tocando em frente”, canção de Renato Teixeira

*O Reino de Deus é semelhante ao fermento
que uma mulher tomou e escondeu em três
medidas de farinha, até tudo ficar levedado.*

Evangelho de Lucas 13.21

García Rubio também nos ajudou a aprofundar outros aspectos da espiritualidade. Com ele pude beber de agradáveis fontes e depois produzir muitas coisas, daí a minha profunda gratidão. Nesses vários pontos, há pressupostos importantes para a reflexão teológica acerca da doutrina da criação como: a conciliação entre Bíblia e ciências; a perspectiva trinitária que reforça a alteridade; o ser humano como coparticipante do ato criador contínuo de Deus; o conceito bíblico de pan-en-teísmo, que abre perspectivas ecumênicas, pois reafirma a noção de que Deus está em tudo e em todos; a concepção bíblica que afirma a integralidade do ser humano; e o conceito de transcendência, que valoriza e também redimensiona a vida, a historicidade e corporeidade.

Da mesma forma, García Rubio nos ajudou a pensar temas relevantes para o debate no campo da antropologia teológica, como a visão crítica

²⁵¹ RIBEIRO, C. de O., O princípio pluralista, p. 385.

acerca da concepção de pecado, a alteridade compreendida como base da fé cristã, o mal, a ambiguidade humana, a imagem de Deus no ser humano e o prazer e o descanso como expressão da vontade divina.

A motivação da apresentação de temas em torno da doutrina da criação e da antropologia teológica reside no fato de que, nas reflexões contemporâneas, tem sido cada vez mais necessária uma análise da condição humana atual na sua relação com a história, com a natureza e com o cosmo; e a teologia não pode se isentar disso. Da mesma forma, o estudo da cosmologia, das implicações teológicas das novas teorias científicas e filosóficas, da relação entre teologia e ecologia e do lugar da alteridade na experiência humana, entre outras questões, tem sido igualmente imperativo para a tarefa teológica. O mesmo vale em relação à visão holística de ser humano, como já referido. Olhar o humano como ser integral já havia sido para mim uma preocupação desde os primeiros tempos de formação teológica nos anos de 1980, e García Rubio continuou nos interpellando.

Na tarefa docente, procurei sempre realçar esses desafiadores aspectos. Um deles é que as formas de espiritualidade que valorizam e preservam a vida e os valores fundamentais da fé cristã como a justiça e a paz, a alteridade e a importância do ser humano e a integridade da criação não decorrem mecanicamente da leitura da Bíblia – pois esta pode ser feita a partir de ideologias, sem conexão profunda com o espírito divino –, mas encontram nela a fonte básica para o estabelecimento de suas bases essenciais. Isso explica por que podemos nos referir como espiritualidade bíblica ao conjunto de experiências, explicitamente religiosas ou não, pessoais ou coletivas, que expressam o núcleo central da fé, marcado especialmente pelo despojamento abraâmico, pela solidariedade profética e pelo senso de doação radical visto em Jesus e em seus seguidores.

Ter a Bíblia como fonte básica da reflexão teológica, embora não seja a única, é um pressuposto metodológico de importância singular na teologia moderna. Somam-se a ela a história da Igreja e a história da cultura e das ciências, inclusa aí a diversidade das experiências humanas nos distintos aspectos socioculturais, científicos e religiosos. Se todas essas dimensões oferecerem “alimento” às experiências de espiritualidade, um quadro cada vez mais humanizador será vislumbrado no campo religioso e humano.

A Bíblia, quando lida como “espelho” da fé – e não como manual dogmático –, interpela fundamentalmente a vida humana. Se ela é vista

como elemento simbólico profundamente arraigado na experiência humana, em vez de prontuário histórico de mero conhecimento, cada pessoa e cada grupo, ao adentrarem em sua leitura (ou escuta), se colocam também lá dentro. Com isso, nos fazemos novos Adão e Eva, novos Moisés, ainda que sem a mesma pujança de Jesus, mas com as condições mínimas e não isentas de contradições, para rever a vida, modificar rumos, perdoar e ser misericordiosos.

Esse é um caminho, um método – simples, embora profundamente desafiador – de leitura bíblica que ajuda na revitalização da experiência cristã, tanto pessoal como coletiva. Trata-se de sentir a presença viva de Deus na face do próximo e de toda a criação, ver a realidade ao nosso redor, com todos os meios racionais e científicos de que dispomos, interpretar tudo isso procurando discernir bíblica e teologicamente a vontade de Deus para o mundo e agir favoravelmente em prol de um “novo céu e nova terra”, ao semear os frutos de amor, de justiça e de paz. Por que não podemos seguir esse caminho?

Eu tive o prazer de indicar esses aspectos, que posteriormente contribuíram na formulação do *princípio pluralista*, em um texto que produzi para o Círculo do Rio, publicado no livro *Espiritualidade cristã em tempos de mudança*, já referido. No epílogo, García Rubio sumariza os obstáculos para o exercício de espiritualidades integradoras, humanizantes e libertadoras delineados nos capítulos do livro. A crítica é a

[...] uma vivência religiosa imediatista, comercializada, prisioneira do consumismo e acentuadamente individualista além de intimista; uma vivência religiosa que orienta para a alienação e a passividade, despreocupada dos problemas sociais e ecológicos; uma forma de religião que instrumentaliza o divino, ficando enredada na procura de inúmeras “eficácias” de tipo mágico; uma atitude religiosa que pretende, mais uma vez, apoderar-se do divino, como nos relata o famoso episódio da construção da Torre de Babel (cf. Gn 11,1-9). E como consequência, uma experiência religiosa incapaz de libertar e de oferecer a vida.²⁵²

Em vários textos do autor, e também no transcórre da obra que acabamos de citar, há indicações práticas que visam a superar o quadro negativo analisado. Destacam-se aí a valorização da vida comunitária, o desenvolvimento da subjetividade humana em termos saudáveis e integrado-

²⁵² GARCIA RUBIO, A., Epílogo. *Espiritualidade cristã em tempos de mudança*, p. 236.

res com as demais dimensões da vida, a importância da responsabilidade social e ecológica e de visões antropológicas e vivências sociais abertas, plurais e produtoras de bem-estar e felicidade.

Na obra, outros integrantes do Círculo do Rio enfatizam esses aspectos. Marcos Antônio de Santana, por exemplo, afirma:

[...] nossas comunidades e famílias são chamadas a ser escolas de solidariedade, justiça e comunhão. Impulsionados pelo Espírito, devemos educar pessoas novas para uma cultura nova. No seguimento de Jesus, que passou fazendo o bem (cf. At 10,38), devemos construir redes de solidariedade, por menores que sejam, diante da dor humana, seja ela qual for. Não podemos nos omitir, pois o Deus do Reino que Jesus revelou é amor-solidário.²⁵³

Em direção similar, Maria Carmen Avelar discute o tema da santidade. Como argumento pedagógico, questiona a visão de que santas seriam as pessoas que vivem em isolamento, em mortificação com negação da corporeidade e enredadas no cultivo de submissão irrestrita. Em contraposição a esses elementos negativos, são realçados o recolhimento interior como forma de intimidade com Deus, o cuidado pela vida e a prática evangélica da obediência. A autora nos chama a atenção para o fato de que

[...] o santo, na verdade, não é do mundo, ou seja, não compactua com a mentira, com o pecado, com a injustiça, com a deslealdade, com a malvadeza, com a corrupção, com a cultura da discriminação, com o império do poder que destrói a vida e impede a atuação do Espírito. O santo é de fato um batalhador. Ele sabe propor e defender os direitos humanos e gritar pela justiça, em atitude profética. Inserido no mundo, interage com as realidades terrestres, com esperança, fortaleza, ternura e cuidado. Acolhe a criação, a realidade, como dons. Integra-se, na missão de cuidar da natureza, dos seres criados, com amor e responsabilidade. Assume, mesmo entre ambiguidades, a construção da sociedade igualitária, fundamentada na justiça, na comunhão e na inclusão, no empenho com o desenvolvimento de pessoas saudáveis, felizes, fraternas.²⁵⁴

O meu texto nessa obra, com forte teor didático, assim como os demais que integram o livro, tem o título “Abrindo a Bíblia – saborear a

²⁵³ SANTANA, M. A., *Abra-te, vê e caminha – Reino de Deus e discipulado hoje*, p. 72.

²⁵⁴ AVELAR, Maria Carmen C., *No altar da vida – Santidade é vocação de todos*, p. 149.

Palavra de Deus nos dias de hoje”. Nele encontramos reflexões a respeito da espiritualidade cristã, tendo em vista as tensões entre racionalidade e subjetividade que marcam a atualidade. Além disso, são oferecidas indicações sobre a importância da centralidade da Bíblia na vida das comunidades cristãs e as formas consideradas mais adequadas de ela ser acolhida e interpretada.

Na formulação do *princípio pluralista*, procurei dar atenção especial à variedade de questões que pluralizam o leque de experiências no campo da espiritualidade (na esfera das ciências da religião) e, ao mesmo tempo, exercer hermenêuticas de cunho integrador e libertador no tocante às possibilidades de espiritualidades mais autênticas (na esfera da teologia).

Entre tantos aspectos da realidade social e eclesial que nos cerca, tenho indicado alguns que parecem nos desafiar mais intensamente nas reflexões sobre a espiritualidade. Enumero aqueles que eu considero mais urgentes:

1. A realidade precisa ser compreendida com profundidade, especialmente tendo em vista a complexidade social. A visão bipolar dominados x dominantes é insuficiente para se compreenderem as questões relativas ao contexto social.
2. É necessário interpretar, a partir de uma perspectiva libertadora, as questões que são suscitadas pelo povo em um contexto de “reajuste” socioeconômico, e não somente de libertação social.
3. É preciso compreender as implicações teológicas e pastorais advindas da relação entre comunidade e massa. Essa dialética possibilita abertura à cultura popular, por um lado, e autenticidade a partir dos valores básicos do Evangelho, por outro.
4. A teologia e a pastoral necessitam integrar e articular as linguagens de natureza “sapiencial-integrativa” e as de caráter “crítico-dialético-profético”. A criatividade que pode surgir dos entrelugares dessas linguagens não é pequena.
5. Há necessidade de se superarem os reducionismos antropológicos, que valorizam somente os aspectos mais racionais do ser humano, que podem também gerar formas de autoritarismos, idealismos e machismos.
6. Urge uma articulação (e não mera justaposição) de temas especificamente religiosos – como a salvação, o perdão, a escatologia, o louvor – com os políticos e sociais – como a atuação política dos cristãos, a solidariedade, a busca de cidadania, a defesa dos direitos humanos e da terra e outros.
7. Diante do crescimento e do fortalecimento dos movimentos religiosos, há necessidade de a teologia relativizar os “sagrados sociológicos” – em

que, a elementos meramente humanos, é atribuída artificialmente uma dimensão sagrada – e destacar o “sagrado religioso”, ainda que ele seja impenetrável e misterioso.

8. Destacar o horizonte ecumênico necessário para a relevância bíblica e teológica de toda e qualquer iniciativa nos campos prático e teológico, além da crescente valorização do pluralismo cultural e religioso.

Cada um desses pontos requer atenção particular e aprofundamento teórico em campos diversos do saber, especialmente o teológico. O *princípio pluralista*, em função de suas bases teóricas, representa fonte privilegiada de iluminação para o aprofundamento de tais pontos.²⁵⁵

O tema da criação prossegue na produção do Círculo do Rio. Trata-se do livro *Fé cristã e pensamento evolucionista*²⁵⁶, que destaca a relação entre teologia e ciências naturais, em especial os conflitos entre a visão científica evolucionista e a fé em um Deus criador, buscando reiterar que não precisa haver contradição entre elas. Os textos foram concebidos a partir da...

[...] convicção de que a resposta à pergunta pelo sentido possível da vida humana requer a colaboração aberta e leal de todos quantos se interessam pelo ser humano e pelo seu futuro, intimamente vinculado ao futuro do seu meio ambiente e do cosmo. Compartilhamos da convicção de todos aqueles que defendem que os diferentes saberes podem e devem colaborar na procura dessa resposta ou de respostas. E acreditamos firmemente que a teologia tem também uma palavra significativa a dizer nesta procura.²⁵⁷

García Rubio, no capítulo inicial intitulado “A teologia da criação desafiada pela visão evolucionista da vida e do cosmo”, mostra que...

[...] a necessidade e o acaso bem como o caos fazem parte do processo evolutivo. Tanto o acaso como a necessidade podem ser utilizados pela ação criadora divina para o propósito de criar um ser limitado, mas capaz de liberdade, de criatividade e de amor. A ação criadora divina respeita o acaso, o caótico, e necessidade e a liberdade! Na evolução há certeza, necessária para que exista ordem, mas também há incerteza e insegurança, indispensáveis para que se possa existir o novo, para que seja possível desenvolver a criatividade, a procura de novas possibilidades.²⁵⁸

²⁵⁵ RIBEIRO, C. de O., O princípio pluralista, p. 210.

²⁵⁶ GARCIA RUBIO, Alfonso; AMADO, Joel P. (orgs.). Fé cristã e pensamento evolucionista: aproximações teológico-pastorais a um tema desafiador.

²⁵⁷ GARCIA RUBIO A.; AMADO, Joel P. Introdução. Fé cristã e pensamento evolucionista, p. 13.

²⁵⁸ GARCIA RUBIO, A., A teologia da criação desafiada pela visão evolucionista da vida e do cosmo, p. 52.

Em diálogo com o pensamento de García Rubio, Celso Pinto Carias apresenta nessa obra as tensões entre fé cristã e visão evolucionista, enfatizando a necessidade de o pensamento teológico, sobretudo a escatologia, assumir as compreensões científicas atuais de tempo e de espaço, como a do universo em construção e expansão e a imprevisibilidade do futuro.

As concepções evolucionistas nos obrigam a repensar o processo pelo qual concebemos o itinerário da vida, e nela especificamente a humana, na direção de algo que vá além do conhecido pela ciência, sem uma posição de exclusão entre ciência e fé. Sem precisar negar uma ou outra. O nosso esforço é justamente o de apontar possibilidades de articulação entre ambas na perspectiva escatológica.²⁵⁹

Em direção similar, Marco Antônio Bonelli afirma que a

[...] ação de Deus no universo criado deve ser entendida como um processo contínuo, devido única e exclusivamente à iniciativa do próprio Deus, como ato de sua própria liberdade e, paradoxalmente, como uma ação que não constribe a autonomia do cosmo e do ser humano. [Trata-se] de uma presença divina que não anula os processos que a ciência descreve como dinamismos evolutivos da natureza, mas, ao contrário, vibra junto com esses dinamismos e através deles preserva tanto a autonomia do cosmo em sua evolução como também a liberdade do ser humano em constante transformação.²⁶⁰

O meu capítulo, intitulado “Por uma teologia da criação que supere os fundamentalismos” e construído em diálogo com García Rubio e com o grupo, aborda as tensões entre uma teologia da criação que pressupõe as perspectivas evolucionistas e busca caminhos de superação do que se denominou chamar de fundamentalismo bíblico. Ele trata da complexa relação entre a visão evolucionista da vida e os fundamentalismos, tanto no ambiente católico-romano quanto no protestante. Busquei com tais reflexões articular os temas da criação e da espiritualidade, uma vez que ambos reforçam o compromisso com a dignidade humana e com a sustentabilidade da vida. Essa perspectiva ecoou, posteriormente, na formulação do *princípio pluralista*.

²⁵⁹ CARIAS, C. P., O futuro que se abre ao presente em evolução, p. 288.

²⁶⁰ BONELLI, M. A. G., Pessoa humana: liberdade em processo de evolução dinamizado pela graça, p. 166.

As visões acerca da espiritualidade têm sido majoritariamente marcadas nas igrejas cristãs, e também em outros grupos religiosos, por forte concepção individualista e por um desprezo do cuidado com a natureza e com a criação como um todo, somados aí prejuízos nas relações sociais e comunitárias e no compromisso com a vida, com a justiça e com os destinos da história.

Nossa perspectiva teológica e prática, forjada sob o *princípio pluralista*, considera que para reverter o referido cenário é necessária a elucidação de uma perspectiva que realce a dimensão ampla e integral que a salvação possui. Obviamente, vários esforços teológicos precisam ser feitos, devidamente articulados com aspectos práticos que possibilitem essa nova visão. [...]

Desejamos, a partir dessas abordagens, vislumbrar uma espiritualidade que valorize a vida, seja sensível ao cuidado com a natureza, percebendo nela o lugar de salvação da mesma forma que olhamos para o humano. Trata-se de uma espiritualidade plural que por ser ecológica defende os pobres e aprende com eles e que se coloca aberta aos mistérios do universo e do mundo, relacionando-os com os desafios sociais e políticos que a vida nos apresenta.²⁶¹

Sou imensamente grato a García Rubio e aos colegas do Círculo do Rio por construirmos juntos esses caminhos teológicos.

Considerações finais

*Quero a utopia, quero tudo e mais
Quero a felicidade nos olhos de um pai
Quero a alegria muita gente feliz
Quero que a justiça reine em meu país*
“Coração civil”, canção de Milton Nascimento

*O reino dos céus é semelhante ao fermento,
que uma mulher toma e introduz
em três medidas de farinha,
até que tudo esteja levedado.*
Evangelho de Mateus 13.33

O propósito das reflexões apresentadas foi realçar o pensamento teológico de Alfonso García Rubio e a relevância que ele teve em minha formação, e também e especialmente no que pude extrair de sua produ-

²⁶¹ RIBEIRO, C. de O., O princípio pluralista, p. 434-435.

ção acadêmica para a formulação do *princípio pluralista*, elemento com o qual tenho moldado minha prática docente e de pesquisa nos estudos de religião.

Nesse sentido, procurei destacar algumas ênfases do trabalho teológico desse autor, sobretudo a importância que ele dá à relação entre teoria e prática, ao articular teologia e pastoral nas reflexões e produções acadêmicas que apresenta, e a sua perspectiva ecumênica e crítica no contexto da elaboração teológica. No âmbito dos conteúdos, foram enfatizadas a noção do humano integrado, a relevância da articulação da subjetividade no conjunto das experiências humanas, religiosas ou não, e a valorização da alteridade, da corporeidade e da responsabilidade social cristã, incluindo o aperfeiçoamento da vida comunitária e o cuidado com o meio ambiente.

Em certo sentido, procurei elaborar um amálgama entre aspectos do pensamento de García Rubio e a noção do *princípio pluralista*. Este, como tenho detalhado em outros trabalhos, foi formulado a partir de uma antropologia aberta, marcada por identidades em construção. Tal perspectiva realça a importância da alteridade e da vivência comunitária, e a elas estão integradas diferentes dimensões. Uma delas é a da comunhão, base da fé cristã, que constitui alternativa social de relevância, tendo em vista as lógicas individualistas, consumistas e de insensibilidade que marcam a cultura capitalista nos dias de hoje. Outra dimensão é a da gratuidade, que relativiza os esforços humanos e os mecanismos de autossalvação.

Com o *princípio pluralista*, advogamos o realce, a recriação e o fortalecimento da vida comunitária devido ao seu potencial utópico. Com isso, se atenuam as formas de imediatismos e de absolutismos e se estabelecem condições para expressões criativas de participação, de representação lúdica e de manifestação da graça. Integra também esse enorme desafio a dimensão da diaconia, que revela a expressão livre e gratuita do serviço ao outro e de empoderamento dos grupos empobrecidos, discriminados e subalternizados. Ela está associada à graça, e não a maneiras veladas de “salvação pelas obras”.

Uma contribuição teológica possível, estruturada com base no *princípio pluralista* e que compreendemos estar em sintonia com o pensamento teológico de García Rubio, se firma na visão de uma espiritualidade, imprescindível ao futuro da humanidade, que seja valorizadora da vida, sensível ao cuidado com a natureza e com os pobres, diga respeito ao todo, esteja aberta aos mistérios do universo e compromissada com desafios

sociais e políticos que reforcem o empoderamento dos grupos subalternos com vistas à paz com justiça. Com isso, pode-se perceber o mundo natural, material e humano como fontes vivas de energia e caminhar em direção à resposta ao chamado à comunhão entre eles.

A contribuição da fé cristã a uma ecoespiritualidade ecumênica é fundamental para as dimensões de integração pessoal, comunitária e ecológica, assim como é vital para a sobrevivência, a manutenção e a recriação da vida. Trata-se de uma espiritualidade centrada na realidade corporificada no cotidiano. Tal experiência se dá tanto nas dimensões de prazer quanto nas de dor, incluindo as mudanças e os processos do corpo, da vida pessoal e coletiva, da autoafirmação, igualmente pessoal e coletiva, que se conecta a compromissos sociais e a atividades políticas humanizadoras. Dessa espiritualidade surgem as possibilidades de afirmação do corpo, tanto em seu poder erótico quanto em seu poder criativo de dar a vida e de ser fonte de cura e de libertação social e pessoal. O *princípio pluralista*, portanto, favorece o estabelecimento ou o reforço de novas linguagens teológicas. Estas são forjadas nas expressões da corporeidade, da sexualidade e dos desejos humanos e associadas às dimensões lúdicas e místicas de formas de vida marcadas pelo despojamento, pela alteridade, pela afirmação da diferença e pelo empoderamento de grupos subalternizados que, nos entrelugares de suas culturas, revelam visões plurais e criativas de vida.

Como referido, a antropologia teológica desenvolvida por García Rubio contribuiu significativamente no processo de formulação de tais perspectivas. É certo que elas precisam ser melhor desenvolvidas por mim e que suas limitações e imprecisões são, seguramente, de minha conta. Lamento não poder estar seguro de que terei mais trinta anos pela frente (que é o tempo que separa a minha idade e a dele!) para realizar essa tarefa. Por ora, ressalto que o mais desejado por mim nesta reflexão foi destacar a contribuição conceitual e a dimensão humana reveladas por esse querido professor nesse processo e desejar que as novas gerações também possam desfrutar de tais visões.

Referências bibliográficas

AVELAR, Maria Carmen Castanheira. No altar da vida – Santidade é vocação de todos. In: GARCIA RUBIO, Alfonso; AMADO, Joel P. (orgs.). *Espiritualidade cristã em tempos de mudança: contribuições teológico-pastorais*. Petrópolis: Vozes, 2009.

BONELLI, Marco Antônio Gusmão. Pessoa humana: liberdade em processo de evolução di-

namizado pela graça. In: GARCIA RUBIO, Alfonso; AMADO, Joel P. (orgs.). *Fé cristã e pensamento evolucionista: aproximações teológico-pastorais a um tema desafiador*. São Paulo, Paulinas, 2012.

CARIAS, Celso Pinto. O futuro que se abre ao presente em evolução. In: GARCIA RUBIO, Alfonso; AMADO, Joel P. (orgs.). *Fé cristã e pensamento evolucionista: aproximações teológico-pastorais a um tema desafiador*. São Paulo, Paulinas, 2012.

GARCIA RUBIO, Alfonso. *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. São Paulo: Paulinas, 1989.

GARCIA RUBIO, Alfonso. Epílogo. In: GARCIA RUBIO, Alfonso; AMADO, Joel P. (orgs.). *Espiritualidade cristã em tempos de mudança: contribuições teológico-pastorais*. Petrópolis: Vozes, 2009.

GARCIA RUBIO, Alfonso. *Elementos de antropologia teológica*. Petrópolis: Vozes, 2004.

GARCIA RUBIO, Alfonso. *O humano integrado: abordagens de antropologia teológica*. Petrópolis: Vozes, 2007.

GARCIA RUBIO, Alfonso; AMADO, Joel P. (orgs.). *Fé cristã e pensamento evolucionista: aproximações teológico-pastorais a um tema desafiador*. São Paulo, Paulinas, 2012.

GARCIA RUBIO, Alfonso; AMADO, Joel P. Introdução. In: GARCIA RUBIO, Alfonso; AMADO, Joel P. (orgs.). *Fé cristã e pensamento evolucionista: aproximações teológico-pastorais a um tema desafiador*. São Paulo, Paulinas, 2012.

GARCIA RUBIO, Alfonso. A teologia da criação desafiada pela visão evolucionista da vida e do cosmo. In: GARCIA RUBIO, Alfonso; AMADO, Joel P. (orgs.). *Fé cristã e pensamento evolucionista: aproximações teológico-pastorais a um tema desafiador*. São Paulo, Paulinas, 2012.

PEDROSA-PÁDUA, Lúcia. Espiritualidade integradora: o testemunho privilegiado de Santa Teresa de Ávila. In: GARCIA RUBIO, Alfonso. *O humano integrado: abordagens de antropologia teológica*. Petrópolis: Vozes, 2007.

PINTO, Maria Joaquina Fernandes. Sexualidade e salvação: realidades opostas? In: GARCIA RUBIO, Alfonso. *O humano integrado: abordagens de antropologia teológica*. Petrópolis: Vozes, 2007.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. *O princípio pluralista*. São Paulo: Loyola, 2000.

SANTANA, Marcos Antônio. Abra-te, vê e caminha – Reino de Deus e discipulado hoje. In: GARCIA RUBIO, Alfonso; AMADO, Joel P. (orgs.). *Espiritualidade cristã em tempos de mudança: contribuições teológico-pastorais*. Petrópolis: Vozes, 2009.

Sexualidade e salvação: realidades opostas?

*Maria Joaquina Fernandes Pinto*²⁶²

Introdução

O objetivo deste artigo é apresentar uma reflexão que integre duas realidades humanas, a sexualidade e a salvação, comumente vistas como opostas e antagônicas, mas ambas centrais e importantes para a fé cristã.

Por sexualidade, compreende-se uma força de encontro, de comunhão e de criatividade que impregna toda a pessoa e que é constitutiva de todas as dimensões da condição humana, inscrita em cada célula do ser humano e presente durante toda a sua vida. Mesmo fora de qualquer atividade afetivo-sexual, o ser humano é totalmente sexuado em tudo o que faz e em tudo o que é. A sexualidade é um chamado, um desejo do outro para comunicar, intercambiar, comungar. Essa visão da sexualidade não esvazia a sua dimensão procriativa, mas relativiza-a e lhe dá sentido.

A fé e a tradição cristãs apresentam-nos Jesus Cristo como nosso salvador, como mediador da nossa salvação. Sua encarnação, vida, gestos e atitudes, o anúncio da Boa Notícia e, conseqüentemente, sua morte-ressurreição nos apresentam um caminho a seguir que possui uma tríplice vertente: alteridade, a humanização e a libertação. O processo de humanização de mulheres e homens passa indubitavelmente pelo Outro, pela experiência da Alteridade que induz ao encontro, à acolhida, à aceitação do diferente. Um encontro entre o Eu e o Outro, cuja tentação de torná-lo Outro-Mesmo vai sendo, paulatinamente, superada: é o caminho libertador, pressuposto para o desenvolvimento do processo de *humanização-libertação* e, portanto, salvífico.

Desenvolvemos esta reflexão apontando primeiramente a corporeidade como dom, sinal e presença de Deus, Templo do seu Espírito (1Cor

²⁶² Doutora em Teologia Sistemático-pastoral pela PUC-Rio, sob a orientação do Prof. Alfonso García Rubio. Este artigo foi publicado no livro *O Humano Integrado* – Abordagens de Antropologia Teológica, organizado pelo mestre Alfonso García Rubio e sintetiza a reflexão do meu doutorado, concluído em 2000.

6,19), mas paradoxalmente limite, fragilidade e diferença. Esta consciência marca a irreduzibilidade do Outro aos meus caprichos e desejos. Torna possível uma relação em que ele seja reconhecido, aceito e amado. O limite me faz perceber a diferença e respeitá-la. Coloca-me diante dela, enriquece-me e extasia-me. Pela interpelação que ela me faz, eu me humanizo.

O corpo é também morada do *desejo*, desejo este muitas vezes manipulado e confundido com *necessidade* pela mídia, pelo sistema econômico que vende e compra os nossos sonhos, o nosso tempo, a nossa aspiração mais profunda de felicidade e de prazer possibilitado pelo encontro, verdadeiramente humano, com o Outro. Em troca, oferecem o acesso cada vez mais desenfreado a bens materiais, a possuir coisas, subvertendo a lógica antropológica que deveria mover as relações: o ser humano deseja coisas e necessita de pessoas. Isto desenvolve uma nova ordem nos relacionamentos, dificultando a experiência da receptividade, do amor gratuito e, conseqüentemente, impossibilita uma verdadeira experiência da gratuidade do amor de Deus. *O amor não é uma possibilidade, ele não é devido à nossa iniciativa, ele é sem razão, ele nos invade e nos fere e, no entanto, o eu sobrevive nele.* A sexualidade nos faz experimentar na própria carne o que acontece quando recusamos a alteridade do outro, que também é sinal da nossa recusa à alteridade de Deus. Desta forma, estamos diante de um jogo fundamentalmente teológico, muitas vezes cruel: aceitar e acolher o Outro é aceitar e acolher o Todo-Outro. A negativa também é verdadeira. A sexualidade é portadora desse risco, por isso tão temida. Vista sob este prisma, a sexualidade insere-se no horizonte da *espiritualidade* e da *santificação*. É uma experiência espiritual porque envolve toda a nossa vida, nada fica de fora! O erotismo – energia desejante – permite viver no interior da intimidade conjugal, mas também fora dela, pois permeia todos os níveis de encontros humanos e relacionamentos, uma experiência mística vivida no amor e na doação aos outros, como expressão do amor-doação de Deus. Esta experiência pode ter caráter salvífico.

Por salvação, compreendemos a manifestação do amor de Deus ao mundo e a todas as suas criaturas, que teve seu início na Criação e culmina na encarnação de Jesus, seu Filho, nosso irmão, mediador único da autocomunicação do Pai. Jesus, sua imagem perfeita, chama-nos a ser como Ele, o primogênito da Criação. Nisto consiste a salvação: é um caminho que o ser humano percorre, paulatinamente, rumo à sua própria humanização

integral. Tornar-se humano é um processo *agraciado*, é presente de Deus e acolhida humana. A oferta de salvação envolve o ser humano todo, atinge todas as suas faculdades, proporcionando uma *nova* atividade a todos os seus membros: *uma novidade do Espírito, uma novidade corporificada*. Portanto, a salvação não está relegada ao âmbito do abstrato ou puramente espiritual. Jesus feito-carne-sexuada é nosso modelo e paradigma. Viveu intensamente seus sentimentos, cultivou amizades, sensibilizou-se com a alegria e a tristeza do Outro, tomou partido dos mais pobres, enfim viveu intensa e humanamente a sua sexualidade. Pautar a nossa vida segundo a dele, espelhar a nossa sexualidade tal como Jesus o fez, é, sem dúvida, fazer dela mediação salvífica. Mais que nunca se faz necessário, como imperativo ético-teológico, resgatar a imagem bonita e humana da sexualidade que, vivida no amor e na amizade, possa confirmar, também hoje, a satisfação do Criador de que *era muito bom!* (Gn 1, 31).

1 Corporeidade – sinal, dom e presença, diferença e limite

A nossa dimensão corpóreo-afetiva começa a ser valorizada hoje em nossa sociedade. O cuidado com o corpo, às vezes excessivo e patológico, com as relações humanas, com uma saúde integral – holística – se tem feito notar em diferentes âmbitos. Abordagens como afetividade, relação entre corpo e espiritualidade, corpo e política, corpo e relações de gênero, gênero e cultura, sexualidade e fé, a releitura de textos bíblicos nessa ótica, são alguns exemplos demonstrativos de que assuntos ligados ao corpo/sexualidade são alvo de interesse teológico. O Concílio Vaticano II deixou entrever novas perspectivas²⁶³. A Conferência Latino-Americana de Puebla confirma a importância do corpo e denuncia os humanos *rostos* desumanizados que caracterizam o povo latino-americano (DPb n. 31-39). No passado, negava-se relacionar o corpo com as *coisas de Deus*. O corpo era gerador de medo, vergonha, conflitos, culpas... A gênese dessa visão negativa do corpo é muito antiga e está enraizada na visão dicotômica do ser humano que penetrou de maneira muito forte no pensamento ocidental cristão²⁶⁴.

O corpo é tão importante que a fé cristã o identifica como morada do Espírito Santo (1Cor 6,19) daí a necessidade de superar a visão

²⁶³ A alusão ao sofrimento dos pobres indica a corporeidade como o lugar onde ele está radicado (GS n. 1).

²⁶⁴ Sobre este tema – tão profundamente enraizado na nossa cultura – ver: GARCIA RUBIO, A. Unidade na Pluralidade, p. 95-116, sobre a raiz deste problema.

reducionista que nos levou a ver o corpo como uma coisa que temos e, por isso, utilizamos. Somos o nosso corpo²⁶⁵, sempre sexuado; portanto sexualidade e corpo estão definitivamente ligados e desejo e sexualidade relacionam-se intimamente com a consciência do limite e da diferença. “A sexualidade significa nossa humanidade [...]. A diferença que a sexualidade afirma, afirma a nossa humanidade: nós não somos Deus”²⁶⁶. A diferença marca a irredutibilidade do outro aos meus caprichos e desejos. Torna possível uma relação em que o outro seja reconhecido, aceito e amado. Se, ao contrário, eu me nego a aceitar a *diferença*, tal negação reduz o outro a um corpo que é necessário conquistar, possuir, negar que ele seja palavra, alteridade. É preciso subjugá-lo à minha infantilidade. O *limite*, ao contrário, surge quando eu percebo a diferença e a respeito; quando diante dela eu me enriqueço e me extasio; quando com ela eu me humanizo pela interpelação que ela me faz.

A sexualidade humana pode ser ordenada ao reconhecimento da diferença e gerar vida, pode também ser vivida como exaltação idolátrica e provocar a morte. Para Fuchs, a primeira finalidade da sexualidade é a unidade dos parceiros, e essa pertence, portanto à ordem da relação e não, primeiramente, à ordem da procriação²⁶⁷. Isto é possível porque o desejo é sempre possibilidade de encontro que, pela união dos corpos²⁶⁸, simboliza e permite a unidade de duas presenças.

Assim, o desejo desempenha a sua função positiva, humanizada e humanizante quando é reconhecimento do outro, de sua peculiaridade e unicidade, da sua alteridade, isto é, quando possibilita a experiência do limite, porque eu só posso ser com o outro. A recusa do reconhecimento de ser criatura converte-se em lugar e meio de uma violência implícita ou explícita que reduz o ser humano aos seus impulsos, instrumentaliza seu corpo e o do outro, objetivando-o e destruindo sua presença. A sexualidade vivida assim exerce função contrária ao seu propósito: ela se desumaniza na indiferenciação do prazer, na ausência do rosto. Mas, por outro lado, recusar o prazer equivale à recusa da nossa precariedade, da nossa

²⁶⁵ FUCHS, E., *Le désir et la tendresse. Sources et histoire d'une éthique chrétienne de la sexualité et du mariage*, p. 48.

²⁶⁶ FUCHS, E., *Le désir et la tendresse*, p. 36.

²⁶⁷ FUCHS, E., *Le désir et la tendresse*, p. 39; CIC – Catecismo da Igreja Católica – n. 1601.

²⁶⁸ LE BRETON, D., *Adeus ao Corpo*, p. 123-137. Este artigo aborda de maneira assustadora a questão da sexualidade sob o prisma do *ciberespaço*, da *virtualidade*, ou seja, uma sexualidade que se transforma em textualidade, dispensando o encontro humano, a corporeidade; a excitação verbal é transmitida a todo o corpo, via internet, como terminal de prazer. *quet*

fragilidade. É em nosso corpo que experimentamos a dor, a enfermidade e a velhice; mas ao contrário, quando acolhemos o prazer como dom, afirmamos o gosto pela vida e sua vitória sobre o poder da morte.

2 Corpo: morada do desejo, experiência de gratuidade, ninho do prazer

O corpo adquiriu um sentido novo a partir da Modernidade, o qual está inserido num quadro em que a produção e o consumo ocupam o primeiro plano na atual conjuntura da globalização da economia imposta pelo sistema capitalista-liberal. Tal sistema não só estatiza o corpo como também o torna objeto de comercialização. O comércio se faz quando o sistema compra a sua força de trabalho e vende-lhe a ilusão de que, com o capital recebido, pode comprar tudo! Nessa forma, cada vez mais as pessoas comercializam seus sonhos, seus desejos, ao mesmo tempo que ele mercantiliza seus corpos. Não há lugar para a gratuidade...

O desejo humano que habita nosso corpo – com sua diversificada linguagem e formas de se expressar – é usado ideologicamente pelo sistema neoliberal e, portanto, manipulado. É conhecida a teoria freudiana de que os instintos sexuais estão, a princípio, ligados à satisfação dos instintos do *ego*, por isso, o ser humano tem originalmente dois objetos de desejo: ele mesmo e a mãe – ou a mulher que cuida dele²⁶⁹. Paralelamente, segundo a teoria de René Girard sobre o desejo mimético, desejamos sempre os desejos dos outros²⁷⁰. Já Éric Fuchs relaciona desejo e sexualidade e aponta para a possibilidade, que é também uma necessidade antropológica, da sua humanização. Para Lévinas o desejo está ligado à infinitude do infinito, a uma “des-medida”: pensar além do que é pensado.

A ética da alteridade deve ser instaurada a partir dessa base, a partir dessa desmedida, da infinitude do infinito. E o que seria esse pensamento senão o Desejo? A des-medida é o infinito do Desejo [...]. É o Desejo que garante a inapreensibilidade do rosto do outro; na relação com o infinito não existe saber, somente Desejo²⁷¹.

²⁶⁹ FREUD, S., Obras Completas. Vol. XIV. Sobre o narcisismo: uma introdução, p. 103-104.

²⁷⁰ “Eu reservo a palavra desejo para o que acontece em relação a apetites e necessidades, quando eles se contaminam como imitação ou mesmo quando totalmente deslocados por ela” (ASSMANN, H., René Girard com teólogos da libertação. Um diálogo sobre ídolos e sacrifícios, p. 118).

²⁷¹ MELO, N. V. de. A Ética da Alteridade em Emmanuel Lévinas, p. 115-116.

Uma das grandes dificuldades em viver a gratuidade nas relações talvez advenha do fato de que, em nossa cultura, o ato de *receber* seja, de certa forma um ato pequeno. A grandiosidade é atribuída às pessoas que *dão*, ainda que jamais façam a experiência do *dar-se*, pois *é dando que se recebe...* A ideologia do mercado, do *pagamento*, faz com que as pessoas encontrem sérias dificuldades em fazer a experiência da receptividade²⁷². A carência alojada nos corações humanos, a amargura estampada no olhar das pessoas, a petrificação do rosto pela ausência de um sorriso, da espontaneidade e da alegria, tudo isso parece ser pouco para que se perceba e se assuma a necessidade que se tem *do Outro* em nossa vida... E como seria gratificante, humanizante mesmo, abrimo-nos à riqueza que o outro nos oferece, à sua unicidade, ao seu carinho, ao seu cuidado, ao seu valor... gratuitamente...! Os cristãos parecem ter radicalizado a máxima cristã do *dar a própria vida*, do amor-doação – o que é necessário – mas não se deram conta de que é uma pista de mão dupla...

A experiência da receptividade ajuda-nos a sair do nosso egoísmo e da nossa autossuficiência, porque a cada instante somos convocados a fazer a experiência da graça-gratuidade de Deus, pois tudo é graça. Contudo, é no encontro humano que fazemos a maior das experiências; no encontro há troca, há reciprocidade – oferta/acolhida – dos nossos medos, conquistas e desapontamentos, incertezas e esperanças. O outro é objeto dos meus desejos, mas do desejo de ser-com-ele. “O encontro-graça encontra sua forma mais convincente no amor [...] ou o amor é gratuito ou não é amor”²⁷³. Não existe amor sem gratuidade. Amar o outro é dar sentido à sua vida, é fazê-lo sentir-se amado. “Amor e graça é uma redundância [...]”²⁷⁴ porque o fenômeno do amor só pode ser vivido e compreendido na dinâmica da gratuidade.

Eric Fromm ajuda-nos a compreender a dialética comercialização/gratuidade ao fazer a análise psicológica do egoísmo humano. Ele registra que o indivíduo moderno é motivado por interesses próprios, mas que sua vida é dedicada a ideais que não são seus. “A racionalidade do sistema de produção, em seus aspectos técnicos, é acompanhada pela irracionalidade

²⁷² Sobre este tema, ver: GARCIA RUBIO, A., Nova Evangelização e maturidade afetiva, p. 126-131. Sobre a ideologia do mercado e sua relação com o desejo sugerimos o livro de Jung Mo Sung, *Desejo, Mercado e Religião*, sobretudo p. 46-72.

²⁷³ BOFF, L., A Graça libertadora do mundo, p. 127.

²⁷⁴ BOFF, L., A Graça libertadora do mundo, p. 128.

de nosso sistema de produção em seus aspectos sociais”²⁷⁵. Isso equivale dizer: o ser humano construiu um mundo que não é seu. Alienou-se dele de tal forma que se tornou um instrumento para fins de sua própria máquina. Essa sensação de impotência é reforçada e confirmada nos relacionamentos humanos que perderam sua dimensão de gratuidade para assumir o caráter instrumental e manipulativo. Tudo pode ser comprado. O ser humano transforma-se em mercadoria e, mais que isso, considera-se como tal. Como acontece com qualquer objeto vendável, é o mercado que decide a qualidade dos objetos baseado na procura. Também é ele que decide o valor das qualidades humanas. A corporeidade humana passou a fazer parte de uma hiperestrutura comercial, consumível e descartável que deve atender também – como as coisas e os objetos – às exigências da produtividade, do mercado e da moda.

Diante de todas as ambiguidades geradas pela preconceituosa desinformação que se tem sobre a sexualidade, estamos convencidos da complexidade que paulatinamente esses temas vão apresentando, a qual é reveladora de uma riqueza muito grande porque não são excludentes, mas estão interligados.

O prazer que é a sensação obtida por um desejo realizado aninha-se em nossa corporeidade e a alimenta e quando acolhido e vivido na alegria do encontro é expressão da acolhida do outro. É receptividade e reconhecimento da sua alteridade e, conseqüentemente, da minha. O prazer como resposta ao desejo humano que o outro suscita – desejo de afeto, de carinho, de atenção e de ternura, de confirmação – e que eu acolho é também experiência de gratuidade. É o prazer recebido como dom, como graça, como presença em que o outro se torna *presente* para mim, uma presença sexuada, única, diferente. “A partir de ti, direi sim, direi sim ao mundo”²⁷⁶. Fuchs reitera que, para o cristão, este *tu* é também, de maneira particular, sua irredutibilidade e seu dom, um sinal do outro e de Deus, amor reconhecido como amor originante de todo amor e como esperança de que só ele pode evitar os laços mortais do egoísmo e da cobiça.

Quando o ser humano viver a sua sexualidade longe dos mecanismos ideológicos do mercado, onde nem os seus desejos nem os desejos do outro tenham valor meramente comercial, poder-se-á fazer então emergir a gratuidade nas relações – condição de felicidade – reveladora dos nossos

²⁷⁵ FROMM, E., O medo à liberdade, p. 101.

²⁷⁶ ELUARD apud FUCHS, E., Le désir et la tendresse, p. 173.

limites e da nossa fragilidade. Acolher essa fragilidade é um pressuposto para o verdadeiro exercício da alteridade que, em Lévinas²⁷⁷ possui algumas características que identificam de maneira inconfundível o Outro levinasiano²⁷⁸ como mediação inequívoca para a experiência com Aquele que estampou em nossa *carne* a sua imagem e semelhança.

3 Sexualidade e experiência de Deus

O transcendente sempre exerceu um imenso fascínio sobre o ser humano. Uma vontade de conhecê-lo persegue-o a ponto de se levantarem milhares de elocubrações na tentativa de compreender, quem sabe, e até mesmo aproximar-se desse ser – tenha ele o nome que queiram lhe dar – que mantém sobre as pessoas um processo contínuo de sedução²⁷⁹. Os cristãos chamam de Deus ao Pai de Jesus e nosso, a esse ser que desperta em nós o desejo de penetrar no sagrado e desvendar o seu mistério.

O profeta Jeremias já havia percebido o fascínio que Ele exerce: “Tu me seduziste, Iahweh, e eu me deixei seduzir, tu te tornaste forte demais para mim, tu me dominaste” (Jr 20,7). Qual será então a via de acesso que nos leva a esse Deus tão apaixonadamente sedutor? Numa linguagem mais formal, quais seriam o *processo* e a *técnica* para alcançar o objetivo da aprendizagem que, neste caso, é o conhecimento de Deus, ainda que conscientes da impossibilidade real que tal termo apresenta?

Para Eric Fuchs, Deus, ao criar a humanidade à sua imagem e semelhança, levou em conta a diferenciação sexual, ou seja, tal diferenciação tem alguma coisa a ver com a própria imagem do Criador. A experiência da alteridade que permite a diferença sexual reenvia e encontra seu sentido na experiência da alteridade de Deus²⁸⁰. Essa primordial bondade

²⁷⁷ Nossa pesquisa privilegiou a temática da Alteridade como fundamentação filosófica para a temática abordada: FERNANDES PINTO, Maria Joaquina. *Sexualidade e Salvação*. Reflexão antropológico-teológica sobre a importância da Sexualidade no processo salvífico, vivido na Alteridade, à luz dos pensamentos de Emmanuel Lévinas, Eric Fuchs e Enrique Dussel. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: PUC, 2001.

²⁷⁸ O Outro no pensamento de Emmanuel Lévinas adquire múltiplas interpretações que se entrelaçam e cada nuance são desdobramentos que somam riquezas à especial referência que o autor dá à categoria do Outro. Não é o que eu sou – não é um *alter ego* – mas é um *alter do ego*. É aquele que me visita, que se torna próximo, desperta um movimento metafísico, um desejo que está para além de tudo que pode simplesmente completá-lo. O próximo é o que vem da rua, tem Rosto, é revelação: é o pobre, o órfão, a viúva e o estrangeiro (LÉVINAS, Emmanuel. *Totalité et Infini. Essai sur l'Extériorité*).

²⁷⁹ BINGEMER, Maria Clara L., *Alteridade & Vulnerabilidade. Experiência de Deus e pluralismo religioso no moderno em crise*, p. 77. “Deus é, portanto para o homem a quem atrai a Si objeto de desejo e não de necessidade; da ordem do gratuito e não do necessário, do inteligível, do controlável!” (BINGEMER, Maria Clara L., *Alteridade & Vulnerabilidade*, p. 81).

²⁸⁰ FUCHS, E., *Le désir et la tendresse*, p. 39.

da sexualidade – que marca a diferença entre os seres humanos – marca também a diferença e a alteridade de Deus em relação às suas criaturas. Lamentavelmente durante muito tempo, a sexualidade foi colocada em relação direta com o pecado. A tradição cristã, apoiada na autoridade do Cristo, recupera o original sentido da sexualidade querida por Deus, logo, portadora de bondade e significado.

A sexualidade nos faz experimentar na própria carne o que acontece quando recusamos a alteridade do outro, que também é sinal de nossa recusa à alteridade de Deus. A sexualidade exprime, muitas vezes de forma cruel, o jogo – fundamentalmente teológico – da nossa existência: aceitar e acolher o outro é aceitar e acolher o Todo-Outro. A negativa também é verdadeira. A sexualidade é portadora desse risco, por isso tão temida.

Fuchs, em seus escritos, valoriza muito o espaço conjugal, todavia não exclui *outros lugares* ou *outros chamados* de Deus e, em todos eles, a mediação da sexualidade está presente e atuante para que o encontro humano, na alteridade, aconteça (1Cor 7). O exercício do amor humano, vivido em todas as suas diferentes formas e níveis, é pedagógico, é um exercício de aprendizagem, é um *preparar-se para amar*: Deus.

Em Mt 19,3-8, quando Jesus fala aos *duros de coração*, diante das perguntas embaraçosas e traiçoeiras dos fariseus sobre a licitude do repúdio às mulheres, ele lembra o relato da criação dizendo que *no começo* não era assim! Retoma o mandato divino para que vivam o amor na alteridade, tal qual foi sonhado por Deus. Viver a sexualidade no amor, no acolhimento ao outro, na ternura do encontro é, sem dúvida, *o jeito que Deus escolheu* para vivermos humanamente. Este desafio chama-se humanização: “[...] entre o desejo e a ternura se abre um caminho de humanização, no qual a ternura, que é reconhecimento maravilhado da alteridade do outro, diz o sentido do desejo, e em que o desejo que é força de vida e dom da alegria, se dá como fonte de toda ternura possível”²⁸¹.

O fio condutor que nos leva ao conhecimento/experiência de Deus – como é o nosso desejo – encontra-se nas palavras e na vida de Jesus de Nazaré (Jo 14,6-10). Nos evangelhos, toda a prática de Jesus leva sempre ao encontro com o outro, com a irmã e o irmão, na sua cotidianidade, nas tribulações diárias, nas manifestações em que a vida é celebrada, nas situações de não vida...

²⁸¹ FUCHS, E., *Le désir et la tendresse*, p. 2.

Esse encontro só se torna possível pela mediação corpórea, *lugar* onde cada ser humano é presença no mundo, respondendo às interpelações que lhe são colocadas. O amor mediatizado sempre pela sexualidade encontra seu *processo e técnica pedagógicos* para ser humanamente vivido na maneira de ser e de viver de Jesus de Nazaré.

Jesus assumiu de tal maneira a sua dimensão corpórea, a sua afetividade-sexualidade, que ela se tornou o horizonte de sentido que conduziu toda a sua prática libertadora²⁸². O corpo jamais foi relegado dualisticamente por Jesus a um plano inferior. Ele esteve atento à fome, à cegueira, à surdez, à deficiência dos paralíticos, à discriminação sentida *na carne* das crianças, dos doentes, das mulheres, dos estrangeiros. Jesus foi sensível à alegria, à dor, à festa e à morte. Celebrou com comida e bebida os eventos especiais que eram marcantes em sua cultura. Criou laços afetivos profundos. Divertiu-se em festas e chorou a morte do amigo. Passou pela experiência de solidão e do medo e chocou-se diante da certeza de sua morte. Enfim, todos os momentos e circunstâncias da vida que só podem ser vividos pela dimensão da nossa corporeidade não foram indiferentes a Jesus; ao contrário, foram por ele assumidos. Diante disso podemos afirmar que a sexualidade como força geradora da vida é a *pedagogia* em que Deus se dá a conhecer e que possibilita o seu descobrimento.

Estritamente ligadas, *pedagogia e parábola* são como que duas faces da mesma moeda. A pedagogia consiste na indicação do *como fazer* para se chegar a Deus, conhecê-lo e amá-lo. Por parábola, entendemos o que resulta dessa pedagogia: é o fruto e a consequência que o processo, quando bem implementado, faz desabrochar. Este aprendizado pode ser visto então como *signal*, já presente na história de um Deus que parecia inatingível, inacessível e escondido.

A sexualidade torna-se parábola da relação com Deus, se aceitamos ir ao encontro do outro, não para transformá-lo em um *eu-mesmo*, mas correndo o risco de realmente encontrá-lo e amá-lo²⁸³. É um risco porque, a exemplo do que aconteceu com Jesus, podemos não ser aceitos. A sexualidade é sinal desse dom, do amor originário que se fez Palavra e do qual mulheres e homens são portadores. Uma palavra que, quando humanizada, faz sobrevir um imprevisível apelo do Outro. Um para o outro,

²⁸² Uma reflexão sobre a afetividade de Jesus, sobre a maneira como conduziu a humanização do seu desejo pode ser encontrada em: FERNANDES PINTO, Maria Joaquina, Jesus Cristo a vivência da afetividade. Implicações para vivermos a nossa, p. 221-237.

²⁸³ FUCHS, E., Le désir et la tendresse, p. 42.

mulher e homem, na relação mais íntima que se possa ter, reconhecem-se portadores da alteridade última da Palavra.

No comentário da carta aos Efésios 5,21-33, R. Fabris fala do *contexto parabólico* no qual se inscreve o amor esponsal para ilustrar a relação entre Deus e o seu povo, citando a literatura profética – Os 1-3 e Ez 23 – para sua fundamentação. O amor humano serve como *comparação* que “[...] constitui uma espécie de parênese querigmática ou catequética sobre o processo salvífico, que torna a relação Cristo-Igreja uma espécie de parábola ou símbolo protótipo para o matrimônio cristão”²⁸⁴. Ora, se a relação Cristo-Igreja é espelho para a relação mulher-homem, a recíproca é verdadeira, visto que “[...] o projeto de amor esponsal que remonta à primeira criação é uma parábola da aliança salvífica manifestada agora na nova criação”²⁸⁵. Fora da perspectiva conjugal, também é possível perceber nas relações interpessoais, baseadas no respeito, na amizade e na *fraternura*, um sinal da presença de Deus e do seu Reino já acontecendo.

Moltmann nos fala do mundo como parábola, o qual é promessa e antecipação. Para ele, o mundo é parábola quando significa analogia ao Reino ao qual ele ainda não corresponde. As parábolas do Reino de Deus expressas por Jesus “[...] mostram a presença oculta do futuro do reino vindouro”²⁸⁶. Ele dá um salto qualitativo nessa visão da parábola como um sinal: “Se nós entendemos a parábola como a presença oculta de um futuro qualitativamente novo e salvífico nas experiências diárias deste mundo, então a parábola transforma-se em promessa”²⁸⁷.

As relações humanas, não obstante todas as dificuldades, podem ser parábolas daquilo que Jesus anunciou, como possibilidade, no presente, de um futuro escatológico. São sinais que se descortinam no hoje da história, mas que apontam para uma plenitude só encontrada em Deus. Assim, quando esse novo modo de se visibilizar, quando essa pedagogia se tornar uma prática fluente, estaremos diante de um futuro que se faz presente na história humana. Jesus, *parábola do Pai*²⁸⁸, tornou possível a compreensão de que “[...] o humano é o meio de possível revelação de Deus e que [...] a fé em Deus é impossível sem fé nos homens”²⁸⁹. A experiência de

²⁸⁴ FABRIS, R., As Cartas de Paulo III, p. 196.

²⁸⁵ FABRIS, R., As Cartas de Paulo III, p. 198.

²⁸⁶ MOLTSMANN, J., Deus na Criação. Doutrina ecológica da Criação, p. 99.

²⁸⁷ MOLTSMANN, J., Deus na Criação. Doutrina ecológica da Criação, p. 101.

²⁸⁸ Sobre esta temática ver: SCHILLEBEECKX, E., Jesus, la história de un viviente, p. 589-590.

²⁸⁹ SCHILLEBEECKX, E., História Humana: Revelação de Deus, p. 28.

Deus só é possível na corporeidade. E nessa experiência, o corpo e a sexualidade não permanecem alheios, fazem parte de todo o processo como parábola da promessa.

4 Erotismo, espiritualidade e santificação

O mundo é o lugar onde se faz a experiência da alteridade de Deus, ele pode tornar-se – juntamente com homens, mulheres e demais criaturas – parábolas do amor de Deus e da sua presença. Isso porque toda a sua criação é transparência real, é a profundidade e o sentido, é a imanente *presença* do seu Criador. Esta ideia é o fio condutor de uma *nova e específica* compreensão da sexualidade. Como ponto de acabamento de toda a criação (Gn 1, 31), ela se torna *o lugar* por excelência da apreensão da alteridade do outro e que, conseqüentemente, nos leva a fazer a experiência da alteridade com o Todo-Outro.

Essa alteridade máxima encontra-se inscrita no tempo e no espaço. Não é a-histórica, porque é mediatizada pelo humano. Daí que a sexualidade só revela a profundidade do *mistério* do outro quando se inscreve também num processo histórico, no tempo e no espaço; num projeto durável e fiel²⁹⁰. Isso porque a sexualidade não é uma realidade instintiva que se garante pelo simples fato de ser inerente ao ser humano e de ser praticada/vivida. Os casais sabem – ou deveriam saber – que é uma realidade a conquistar, na qual a sua densa e primordial opacidade vai aos poucos diminuindo e tornando-se transparente à diafania das presenças no aconchego da intimidade²⁹¹.

A intimidade conjugal/sexual pode ser inserida no seio da experiência mística e iluminada com o tema da *eleição*:

[...] ela é rica de um sentido espiritual que consiste em aprender a permitir o seu próprio e irredutível inacabamento e descobrir que essa é a feliz condição de acolhida do outro. Mais ainda, a intimidade permite verificar a força e o valor daquele velho tema teológico da eleição: antes de escolher, eu fui escolhido; antes de amar, eu fui amado.²⁹²

²⁹⁰ Estes requisitos – tempo/espaço e durabilidade/fidelidade – são necessários a todos os níveis de relacionamentos, mas são vividos de forma original no casamento.

²⁹¹ FUCHS, E., *Le désir et la tendresse*, p. 189; FUCHS, E., *Valeurs Spirituelles de l'intimité*, p. 6-8. Neste pequeno artigo, o autor coloca a intimidade como um grande valor espiritual, mediante o qual ela não é um fechamento sobre si mesmo, mas a experiência de um encontro com a alteridade por excelência, com Deus, o Todo-Outro

²⁹² FUCHS, E., *Le désir et la tendresse*.

Trata-se de defender a criatividade, da qual a sexualidade é portadora, levando-a a ser a realização do horizonte esperado e criado por Deus. É permitir que a mulher e o homem possam sentir, pelo seu enraizamento corpóreo, a boa criação de Deus, experimentando como um jogo-inventivo o não conformismo de seus desejos às regras e leis da existência presente. “É o jogo erótico que preserva o casal de enterrar-se na existência formal de uma relação sem alegria, puramente institucionalizada”²⁹³.

Falar em *jogo* é correr o risco de ser mal interpretado e ser levado para o tão moderno campo da técnica sexual e esta objetividade do corpo tenta reduzir a alteridade, enquanto o erotismo humanizado e terno exprime o reconhecimento do valor libertador e criador desta mesma alteridade.

Constata-se uma necessidade de organizar a relação, colocando uma presença carnal diante da outra, arriscando-se a cada instante a se recusar, por temor, à aventura de seu mútuo reconhecimento. O sentido do erotismo – nesta perspectiva – é o de repelir a banalidade da ordem das coisas que leva à tentação de viver uma relação como refúgio ou remédio, à solidão e ao desejo, e assim arriscar o amor conjugal.

O ideal moderno do matrimônio parece estar em crise. Perdeu-se a percepção de que o amor precisa inscrever-se no tempo e no espaço. Os casais ou parceiros *modernos*, não conseguem fecundar um projeto existencial, apostam em qualquer *eu te amo* e num mero contrato social. Por só aceitarem falar em prazer sem a perspectiva do dia seguinte, para esse tipo de relacionamentos, o amor é pura espontaneidade, sem projeto²⁹⁴.

Uma *nova ordem amorosa* é necessária como condição para um projeto global em que o prazer sexual e erótico possa ser criador. É necessário defender o amor em todos os seus componentes e compreender bem o *prazer* e o *erótico* como possibilidade de uma ordem de vida que é ao mesmo tempo pessoal e social. E este desafio-tarefa é o mesmo da ética cristã, “[...] implica que não se fale somente do casal como sentido da sexualidade, mas também da sexualidade como dom e promessa feitas ao casal humano para que ele possa viver e viver algo como a alegria prometida por Deus ao homem e à mulher”²⁹⁵. Este *reconhecimento espiritual do erotismo* implica em revalorizar o prazer e redimensionar o seu sentido.

²⁹³ FUCHS, E., *Le désir et la tendresse*, p. 189.

²⁹⁴ FUCHS, E., *Le désir et la tendresse*, p. 189-191.

²⁹⁵ FUCHS, E., *Le désir et la tendresse*, p. 191.

O prazer sexual – e todo prazer é sexuado – abre à mulher e ao homem uma consciência de quão profunda é a sua existência: ela é da ordem do espiritual. A união das pessoas não se reduz à união dos corpos. O casal pode descobrir que o espírito só é verdadeiramente acolhido quando o espaço carnal da existência não é negado, mas celebrado! O outro torna-se um corpo que eu posso prender e acolher nos meus braços, e é este o seu mistério: a irredutibilidade de sua presença. Os seres humanos podem, assim, celebrar na fragilidade de sua carne o mistério do mundo e o mistério de Deus...²⁹⁶

Mas a moral cristã desconfia do prazer. Ela tem visto a tentação sofrida pelo ser humano quando este se recusa a aceitar a sua condição mortal, recusa essa que termina sempre na negação do outro. O prazer pode exprimir-se pela negação do outro – daí a sua ambiguidade – negando-o como pessoa, objetivando-o como instrumento de prazer. Compreende-se, assim, algumas posturas da moral cristã em relação ao prazer, que são procedentes, pois o prazer pode constantemente transformar a presença do outro em objeto manipulável. Podem também levar à idolatria do real para encerrar Deus no seu mundo e, finalmente, gerar a morte pensando afirmar a vida.

A violência sofrida pelo ser humano moderno é inimaginável, por isso ele confunde o princípio do prazer com o princípio da realidade. O prazer, nessa confusão, é reivindicado como recusa do limite imposto pelo princípio da realidade, é a sua própria expressão. Nesta perspectiva, recusar o prazer e a alegria – como se tem feito há tanto tempo! – é recusar o corpo/a sexualidade e, de maneira inconsciente, o surgimento de um novo sujeito humano. É evitar o risco da própria fragilidade, muitas vezes em nome de uma pseudoespiritualidade²⁹⁷.

Apresenta-se fortemente nesta visão a perspectiva dualista. O corpo indica a precariedade; nele o ser humano faz a experiência da dor, da enfermidade, da velhice... Ainda estão presentes a recusa do corpo, a velha perversão gnóstica que recusa a criação e a situação de criaturas dos homens e das mulheres, corpóreos e sexuados. Ainda está presente a incapacidade humana de pensar, ou melhor, compreender o Cristo encarnado e crucificado.

Vivemos uma realidade de oposição/exclusão: a uma exaltação irresponsável do prazer, uma ascese que nega o seu valor. Em ambos os casos é a mesma recusa da fragilidade e da morte. Numa perspectiva teológica,

²⁹⁶ FUCHS, E., *Sexualité*, p. 1455-1456.

²⁹⁷ FUCHS, E., *Le désir et la tendresse*, p. 191-192.

o prazer só tem sentido no seu contraste, se fugitivo e ameaçado. Nessas circunstâncias, ele é permitido com a carga irresistível de um tempo que conduz à morte. Mas ele também aviva e torna possível ao ser humano o sabor da vida, vida que não lhe pertence, mas que lhe é dada por Deus. No ser humano, esse gosto pela vida é confirmado pela capacidade de *dizer sim* ao prazer que “[...] é o traço da Palavra que o funda e que ele não possui”²⁹⁸. Quando essa Palavra é então reconhecida, acontece a experiência alterativa e, com ela, a revelação de que é necessário morrer em todas as nossas ficções alienantes e mortíferas para chegar à ressurreição. Se excluirmos essa visão teológica do prazer, ele corre o risco de ser expressão de uma busca inútil – e muitas vezes violenta – de um poder que se obtém pela recusa da vulnerabilidade da vida e de toda abertura ao mundo.

Quando, pelo prazer, se acolhe o espírito e ao mesmo tempo verifica-se a palpável espessura carnal da existência, o mundo aparece em sua profundidade gratuita, em sua pluralidade de sentidos que a mulher e o homem aprendem a celebrar na frágil palavra de sua carne; o ato sexual torna-se, assim, expressão de amor e o lugar onde o mundo encontra sentido. Nessa intuição, podemos dizer que o amor se transforma em liturgia.

O erotismo é um canto para que os corpos celebrem a bondade da vida. Bondade que certamente está concentrada no corpo todo, e que, dada a sua proximidade, significa, ao mesmo tempo, acolhida do desejo, da ternura e do dom. É abertura ao mistério da vida.

Para se reconhecer o valor espiritual do prazer e o seu caminho de santidade, é indispensável que se reconheça o mistério do outro, que também na emoção erótica é um sinal a ser decifrado, uma expectativa a perceber, um dom a aceitar. É preciso evocar por metáforas aquilo que é dom *último* do outro: o seu corpo, o *ausente* que, no seu corpo, se torna *presente* para mim²⁹⁹. O erotismo vivido assim levará a mulher e o homem cristãos “[...] a verem no dom que o outro lhe faz da sua presença encarnada o sinal da vida vinda de Deus, esta vida oferecida sem aviso prévio, como o fez sobre a Cruz, vida esta mantida apesar da onipresença da morte, como o anuncia a Ressurreição”³⁰⁰. É a fragilidade da carne habitada de transparência e de santidade. É o peso da gravidade da vida e a beleza delicada da graça!

²⁹⁸ FUCHS, E., *Le désir et la tendresse*, p. 193.

²⁹⁹ FUCHS, E., *Le désir et la tendresse*, p. 200-201.

³⁰⁰ FUCHS, E., *Le désir et la tendresse*, p. 200.

5 Sexualidade e salvação: mais que possibilidade, um imperativo teológico

Jesus Cristo é o caminho que nos conduz à salvação. A fé cristã afirma mais que isto: em Jesus Cristo já estamos salvos! A salvação consiste num processo de humanização dinâmico, pautado pela experiência da alteridade, como o evidenciou – por sua vida e pregação – nosso mediador, Jesus Cristo.

A fé de Israel surgiu a partir da *experiência de encontro* com um Deus salvador, inserido dentro da história e a partir dela, um Deus que intervém para salvar o seu povo; Deus esse que *vê e ouve* o clamor dos oprimidos (Ex 3,7-10). Essa experiência da *ação libertadora* que originou a autocompreensão de Israel como povo e como *experiência de salvação*³⁰¹. A percepção de um Deus que salva é anterior à de um Deus que cria e a teologia posterior vai equacionar essa proposição afirmando que a Criação já é um ato salvífico de Deus³⁰². Desde o início o mundo é abraçado pela força criadora-redentora de Deus.

Podemos dizer que a salvação tem seu início na criação do mundo e do ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus. Essa imagem, cuja perfeição sonhada e modelar foi mostrada por Jesus de Nazaré, é chamada a ser *como* a dele. Nisto consiste a salvação: é um caminho que o ser humano percorre, paulatinamente, rumo à sua própria *humanização integral*. Tornar-se humano é um processo *agraciado*, é presente de Deus e acolhida humana. Deus é Amor e nos ama; quis dar-se aos seres humanos, a todos e sempre; isso é graça. É para isso que o ser humano existe: para ser amado por aquele que é o próprio Amor.

Ao ser criada livre, um ser consciente, amante e inteligente, a criatura humana pode assentir da mesma forma à oferta divina de doação de si mesmo. Essa *possibilidade de assentir* e o *assentimento em ato* são a *essência da sua liberdade*, o que há de mais humano; são a sua única razão de ser, sua vocação originária, ser imagem de Deus, realizada exemplarmente em Jesus Cristo. Isto é o que chamamos de *salvação*³⁰³. Graça é amor de Deus extravasado sobre a humanidade – do *início* ao *fim* cria tudo por amor, plenifica tudo por amor. Onde Deus quer chegar com tanto amor?

³⁰¹ GARCIA RUBIO, A., Unidade na Pluralidade, p. 118-121.

³⁰² GARCIA RUBIO, A., Unidade na Pluralidade, p. 144-158; VON RAD, G., Teologia do Antigo Testamento, p. 145.

³⁰³ RUIZ DE LA PEÑA, J. L., Criação, Graça, Salvação, p. 71-72.

Um amor assim objetiva a divinização do ser humano ou ser em Cristo como anuncia a fé neotestamentária. *Sereis como deuses* é a promessa, ainda que colocada na boca da serpente. É a promessa à qual corresponde o desejo humano... insaciável, às vezes desumano, desorientado, mas é desejo, e esse desejo só alcançará seu objetivo pela comunicação gratuita e amorosa desse mesmo objetivo. Essa é a dinâmica da libertação do desejo.

O grande paradoxo humano é este: “[...] aquilo que o ser humano é por criação – imagem de Deus – não lhe basta para chegar a ser o que deve ser – partícipe da condição divina – segundo o próprio criador”³⁰⁴. Deus criou um ser finito mas chamado à infinitude; essa distância será preenchida por Ele, logo o que o ser humano é *por natureza* será transcendido para o que *deve ser* por graça. Esta dinâmica pode ser chamada de salvação: a transcendência humana, o ser humano que quer ser, chega à plenitude. Quando falamos da libertação do desejo – e desejo como energia que leva a buscar o Outro/a Alteridade – falamos de salvação oferecida por Jesus Cristo – Ele é a salvação – pois a salvação cristã possui uma *vertente triplíce* coadunada uma à outra: a alteridade, a humanização e a libertação. O processo de humanização de mulheres e homens passa indubitavelmente pelo Outro, pela experiência da Alteridade que induz ao encontro, à acolhida, à aceitação do diferente. Um encontro entre o Eu e o Outro cuja tentação de fazer do Outro-Mesmo vai sendo paulatinamente superada: é caminho libertador, pressuposto para o desenvolvimento do processo de *humanização-libertação* e, portanto, salvífico.

Esse processo de libertação do desejo/sexualidade não elimina o prazer por ele suscitado, mas implica a construção da comunhão intersubjetiva entre as pessoas pela eliminação da opressão e exclusão do Outro e também um movimento de *re-criação* que exige do ser humano o estabelecimento de vínculos novos com a natureza. A alteridade de cada criatura – humana ou não – exige reconhecimento. A práxis libertadora que *possibilita* e *re-afirma* a salvação é uma luta constante para efetivar a complementaridade, a reciprocidade, a harmonia entre os seres, unificando-os, mas salvaguardando as diferenças.

A soteriologia cristã evidencia a necessidade de que o Evangelho chegue até o íntimo da pessoa, transformando-a interiormente e por inteiro. Se a missão dos discípulos é levar a Boa Notícia aos povos – expansão geográfica (Mt 28, 19-20) –, é igualmente missão fazer com que a palavra

³⁰⁴ RUIZ DE LA PEÑA, J. L., Criação, Graça e Salvação, p. 74.

da salvação penetre no profundo do ser humano e o converta, salvando-o³⁰⁵. O *profundo do ser humano* não se encontra *fora* dele, mas *dentro* dele, no seu corpo, que *o faz ser*. “[...] a pessoa considerada na sua unidade psicofísica e na pluralidade dos seus sentidos e das suas funções: é a ela que Deus em Jesus Cristo dirige seu convite de salvação”³⁰⁶. A oferta de salvação envolve o ser humano todo, estimulando os seus órgãos externos perceptivos, atinge as faculdades internas e determina, assim, uma *nova* atividade de todos os seus membros, *uma novidade do Espírito, uma novidade corporificada*³⁰⁷. A reflexão teológica cristã sobre a ressurreição afirma que o ser humano todo ressuscita, sua corporeidade sexuada, sua humanidade, de certo modo novo, transformado; um corpo que não perde a sua identidade corporal, ao contrário, plenifica-a e eterniza-a.

A salvação não está, portanto, relegada ao âmbito do abstrato ou do puramente espiritual. A sexualidade, tantas vezes mal interpretada e vista, é força integrante e constitutiva de todas as dimensões – ou potencialidades – humanas. É ela o componente dinamizador dos sentidos, das faculdades interiores, de toda a corporeidade humana. Pela sexualidade, o ser humano encarna, expressa o seu *ser-mulher*, o seu *ser-homem*, o seu *ser-pessoa*. Pela sexualidade, todos os seres humanos são capazes de ver, olhar, sentir, tocar, acariciar, amar... Mas só uma sexualidade humanizada capacita o ser humano a *ver* para além do mundo sensível; ver o rosto do Outro e nele o vestígio do Infinito...

A sexualidade humana – energia vital que move homens e mulheres – vivida na alteridade, é *mediação* para o encontro com a Alteridade Fundamental. Só ela permite que a alteridade vertical de Deus se encontre com a alteridade horizontal humana. Em Mateus 25,31-46, encontramos o imperativo teológico da salvação cristã: é muito claro e indiscutivelmente radical. O *espaço* desse encontro é a corporeidade humana, na qual Deus se encontra instalado, é hóspede. É no corpo humano sexuado que Deus se faz faminto, sedento, nu e encarcerado. O encontro, o *ir ao encontro* do pobre é o mesmo que ir ao encontro de Jesus, o Deus feito *sarx*! A parábola não deixa margem para possíveis *mas...* Ou *vamos e acolhemos* o Outro, sua alterida-

³⁰⁵ CASALEGNO, A., Salvação e corporeidade no Evangelho de Lucas, p. 191.

³⁰⁶ CASALEGNO, A., Salvação e corporeidade no Evangelho de Lucas.

³⁰⁷ Este é o título de um interessante artigo que mostra que o Espírito não tira o ser humano do chão da sua história, onde está plantado por sua carne e sua corporeidade, é um dinamismo que tende para o corpo (BINGEMER, Maria Clara L.; BRANDÃO, Margarida L. R., Novidade do Espírito: novidade “corporificada”, p. 2-9).

de-corporeidade-sexualidade, ou *ficamos e recusamos* o Outro e Deus! As situações de fome, nudez, sede e não liberdade expressam a precariedade e limitação que a própria caducidade da vida impõe. Nessas situações é que se faz a verdadeira experiência da Alteridade e de encontro com Deus.

Porém, se de alguma forma, ainda que imperfeitamente – mas movidos pelo amor, cuja fonte é Deus –, aproximarmos-nos do Outro para encontrá-lo, acolhê-lo e amá-lo dentro de um espaço humano de convivência fraterna, nos mais diferentes níveis de carisma e vocação, então Deus, que é a *misericórdia* e a *generosidade*, também irá acolher-nos.

Conclusão

Não é comum equacionarmos dois temas como sexualidade e salvação. A proposta desta reflexão é perceber que, sendo duas realidades, não são opostas, nem distintas, encontram-se relacionadas, dependentes, integradas, por que não dizer unidas?

O ser humano identifica-se também pela sua corporeidade. É corpo. Um corpo espiritualizado em um espírito corporificado. A sexualidade é um dinamismo que perpassa a corporeidade humana, estimulando-a, animando-a, impulsionando-a. Sexualidade é vida que pulsa num corpo. Nossa corporeidade-sexuada, portanto, é mais que matéria, é sinal de algo que nos transcende, é presença, é presente, dom e graça. É espaço-lugar do desejo, do prazer e dos sentimentos que nos diferenciam das demais criaturas que habitam o cosmos. Para a fé cristã, nosso corpo é lugar da habitação do Espírito de Deus (1Cor 6, 19).

O sonho que Deus sonhou para nós é a santidade, a salvação: *Sede santos como o vosso Pai do céu é santo* (Mt 5, 48; 1Pd 1,16; Lv 11,44 e 19,2). A experiência de Deus, da sua graça e misericórdia, não se faz em outro nível que o da alteridade, da consciência do Outro, da realidade corpóreo-sexuada, enfim, do humano. É na experiência humana do encontro com o Outro que se faz a experiência de Deus, portanto, a sexualidade vivida na Alteridade é caminho espiritual necessário à salvação. Humanizar a sexualidade é indispensável no processo ao rumo de conduzir o ser humano à perfeição.

É tempo de buscar, em meio a tanta depreciação, negativismo e desconfiança, em meio a tantos tabus e sofrimentos – gerados por uma mentalidade dicotômica – o que há de bom e santo na sexualidade humana.

Mulheres e homens são relevantes no Mistério Trinitário e na economia da salvação, por isso viver humana e castamente a sua sexualidade, fazendo do erotismo um caminho possível da experiência da alteridade, é acolher a salvação oferecida por Deus em Jesus Cristo. Essa alteridade, vivida em todos os possíveis níveis de relacionamentos e nas mais diferentes formas de vocação, é condição e possibilidade de encontro, de comunhão, de solidariedade, de criatividade e de partilha.

Emergem muitas questões para a teologia suscitadas por esta reflexão sobre a sexualidade. Algumas merecem destaque, pois partem da experiência pastoral das comunidades, da coerência no ensino teológico que busca fazer a experiência de escutar com o coração, da angústia e da alegria, da esperança e do desencanto, da partilha e da solidariedade. Apontamos primeiramente para a própria teologia: ela não pode negar-se, nem mesmo descuidar-se, diante da importância e da necessidade de uma orientação humana e coerente com os desafios atuais, muitos deles bem antigos e que ressurgem com novas feições, criadas pelo apelo do erotismo, do sensualismo tão comuns em nossa cultura hodierna.

Casos, nunca antes pensados, surgem aos nossos olhos como realidades que nos desafiam e questionam. Na área da sexualidade, a reivindicação da legitimidade das uniões homoafetivas, a busca pelo reconhecimento da população LGBTQIAPN+, os métodos sofisticadíssimos de fecundação humana, o mapeamento do DNA humano e todas as consequências que isto comporta, a utilização de células-tronco na medicina preventiva, o crescente aumento da violência doméstica, os feminicídios. Enfim, os diversos temas relativos à bioética, a galopante proliferação do abuso sexual e prostituição infantil são realidades que fazem parte da nossa cotidianidade, minimizadas na sua importância e gravidade pela sociedade e muitas vezes pela Igreja.

Respeitando a tradição da Igreja e o incontestável valor do celibato, cujos frutos de santidade podem ser colhidos em nossas comunidades, talvez seja o momento de se repensar a questão que une sacerdócio e celibato. Uma vez que celibato e matrimônio são diferentes maneiras de viver a vocação de encontro, que é mediatizada pela sexualidade, não se pode repensar a condição do celibato obrigatório para todos no acesso ao presbitério? Seria despropositado dizer que existem homens com o *dom* para o ministério ordenado, mas sem vocação para o *celibato*? Compreende-se todas as implicações teológico-pastorais de tal situação, mas o que

dizer de tantos leigos e leigas casados que desempenham com seriedade, amor e compromisso, seu ministério eclesial e suas funções de mães e pais responsáveis? Urge repensar a diferença entre o celibato como parte integrante da vida do presbítero, do seu ser pessoa, e o celibato como norma disciplinar, muitas vezes encarado apenas como a abstenção do ato sexual. Celibato é muito mais que isso.

E, finalmente, vale lembrar que fazemos parte de uma cultura patriarcal, androcêntrica e heteronormativa que acentua e valoriza o masculino. A conscientização das mulheres quanto aos seus direitos e à sua dignidade vem apontando novas perspectivas que podem ser interpretadas à luz da Palavra de Deus como denúncia e anúncio proféticos do direito e da justiça. Mas muito há que ser feito. A mulher é afetada por todos os desajustes provocados por tal realidade, mas é na área sexual que ela vive a sua mais desumanizante experiência. Como símbolo e objeto sexual, seja para causar prazer, seja para despertar desejos consumistas ou para reforçar estruturas de poder, a mulher é violentada literalmente na sua carne, na sua dignidade, às vezes de forma muito sutil, mas nem por isso menos aviltante. Lamentavelmente, na Igreja também podemos constatar estruturas machistas de poder e desafeição. Estamos certos de que somente o oficial reconhecimento da igualdade fundamental de todos os cristãos/ãs, ainda que fundamentado bíblico-teologicamente como têm feito seus documentos, não é suficiente para solucionar o problema. A experiência pastoral tem mostrado que, apesar de tudo isto, as mulheres vêm conquistando seu espaço próprio, um espaço quantitativamente superior ao dos homens e, especialmente nas Comunidades Eclesiais de Base – CEBs, a Igreja adquire traços cada vez mais femininos.

Concluimos afirmando que, se havia alguma dúvida sobre o modo de viver bem e humanamente a sexualidade, a vida de Jesus – Filho de Deus feito-carne-sexuada – é modelo e paradigma para todos. Viveu intensamente seus sentimentos, cultivou amizades, sensibilizou-se com os fatos que ocorriam ao seu redor, tomou partido dos mais fracos, integrou as dimensões do feminino e do masculino de tal forma que se tornou um homem terno e sensível, forte e dinâmico, receptivo e protetor. Jesus é um homem perfeito, modelo de humanidade, caminho de salvação. Pautar a nossa vida segundo a dele, espelhar a nossa sexualidade tal como Jesus o fez é, sem dúvida, fazer dela mediação salvífica, é afastar a hipótese de oposição-exclusão entre sexualidade e salvação.

Referências bibliográficas

- ASSMANN, Hugo (org.). *René Girard com teólogos da libertação*. Um diálogo sobre ídolos e sacrifícios. Petrópolis: Vozes / Piracicaba: Unimep, 1991.
- BINGEMER, Maria Clara Luchetti. *Alteridade & Vulnerabilidade*. Experiência de Deus e pluralismo religioso no moderno em crise. São Paulo: Loyola, 1993.
- BINGEMER, Maria Clara Luchetti; BRANDÃO, Margarida Luiza Ribeiro. Novidade do Espírito: novidade 'corporificada'. *Vida Pastoral*, n. 202, p. 2-9, 1998.
- BOFF, Leonardo. *A Graça libertadora do mundo*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- CASALEGNO, Alberto. Salvação e corporeidade no Evangelho de Lucas. *Perspectiva Teológica*, n. 75, p. 191-207, 1996.
- FABRIS, Rinaldo (trad. e comen.). *As Cartas de Paulo III*. São Paulo: Loyola, 1992.
- FERNANDES PINTO, Maria Joaquina. Jesus Cristo a vivência da afetividade. Implicações para vivermos a nossa. In: FRANÇA MIRANDA, M. (org.). *A pessoa e a mensagem de Jesus*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 221-237.
- FERNANDES PINTO, Maria Joaquina. *Sexualidade e Salvação*. Reflexão antropológico-teológica sobre a importância da Sexualidade no processo salvífico, vivido na Alteridade, à luz dos pensamentos de Emmanuel Lévinas, Eric Fuchs e Enrique Dussel. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2001.
- FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. Sobre o narcisismo: uma introdução. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- FROMM, Erich. *O medo à liberdade*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- FUCHS, Eric. *Le désir et la tendresse*. Sources et histoire d'une éthique chrétienne de la sexualité et du mariage. 6.ed. Genève: Labor et Fides, 1980.
- FUCHS, Eric. Sexualité. In: ENCYCLOPEDIE DU PROTESTANTISME. Paris-Genève: Cerf/Labor et Fides, 1995. p. 1447-1460.
- FUCHS, Eric. Valeurs Spirituelles de l'intimité. *Sexologies*, v. I, n.5, p. 6-8.
- GARCIA RUBIO, Alfonso. *Nova Evangelização e maturidade afetiva*. São Paulo: Paulinas, 1993.
- GARCIA RUBIO, Alfonso. *Unidade na Pluralidade*. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2001.
- JUNG MO SUNG. *Desejo, Mercado e Religião*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- LE BRETON, David. Adeus ao Corpo. In: NOVAES, Adauto (org.) *O Homem-Máquina*. A ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 123-137.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Totalité et Infini*. Essai sur l'Extériorité. LaHaye/Boston/Londres: Martinus Nijhoff Publishers, 1980.
- MELO, Nélio Vieira de. *A Ética da Alteridade em Emmanuel Lévinas*. INSAF/ EDIPUCRS: Recife: INSAF / Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- MOLTMANN, Jürgen. *Deus na Criação*. Doutrina ecológica da Criação. Petrópolis: Vozes, 1993.
- NOVAES, Adauto (org.). *O Homem-Máquina*. A ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *Criação, Graça, Salvação*. São Paulo: Loyola, 1998.
- SCHILLEBEECKX, Edward. *Jesus, la história de un viviente*. 2.ed. Madrid: Cristiandad, 1983.
- SCHILLEBEECKX, Edward. *História Humana: Revelação de Deus*. São Paulo: Paulus, 1994.
- VON RAD, Gerard. *Teologia do Antigo Testamento*. v. I. São Paulo: ASTE, 1973.

8

Reflexões sobre o perdão: inspirações teológicas a partir de uma experiência vivida em sala de aula

*Marco Antonio G. Bonelli*³⁰⁸

Introdução

O tema do perdão foi, desde as origens, um assunto muito presente e importante na fé cristã. A necessidade de superar tantas situações desumanizadoras, de sofrimento e injustiça parece mesmo uma realidade constante na história humana. Este é um problema que afeta todos nós, seja no contexto de cada pessoa em particular, seja num sentido mais amplo da vida coletiva da humanidade como um todo. Essa realidade dos males e sofrimentos que oprimem e tornam indigna a condição humana foi interpretada, pelas comunidades cristãs, como uma situação que afronta a vontade de Deus e se contrapõe à sua ação amorosa no mundo.

De fato, nós, seres humanos, podemos cuidar e zelar pelo planeta, como também podemos usar dos recursos naturais de forma predatória e irresponsável. Podemos tanto cultivar relações interpessoais de diálogo e respeito mútuo, como também relações de humilhação e exploração do outro. Podemos manter um diálogo filial e sincero com Deus, mas também podemos usar o fingimento e a falsidade neste diálogo, recorrendo a variados artifícios para disfarçar nossos egoísmos e más intenções.

É notável, portanto, a radical ambiguidade presente em nossa condição de seres humanos. Não somos perfeitos, é preciso admitir! Somos capazes de sublimes gestos de generosidade, como também das atitudes mais cruéis e egoístas. Isso tudo nos adverte que esbarramos de forma recorrente no problema do mal e do pecado.

Trazendo esta reflexão para as situações práticas da vida cotidiana, devemos considerar que essa recusa da vida em harmonia com o Criador

³⁰⁸ Marco Antonio G. Bonelli fez os estudos de graduação, mestrado e doutorado em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Trabalha, também na PUC-Rio, como professor de Cultura Religiosa.

deriva, em grande medida, das escolhas que fazemos, como também das arbitrariedades e injustiças que nós mesmos praticamos. Onde há a liberdade de agir no mundo, há também o risco de vir à tona a realidade do mal e do pecado. Tomando consciência de sua própria responsabilidade nesta realidade sofrida e injusta, o próprio ser humano acaba se reconhecendo como necessitado do perdão de Deus e da reconciliação com as vítimas de tais sofrimentos e injustiças.

Muitas perguntas podem surgir diante desta situação humana tão desafiadora e desconcertante. A força negativa das situações de sofrimento e morte, derivadas de tantas injustiças praticadas pelo próprio ser humano pode ser vencida pela força do bem? Afinal de contas, neste mundo de tantos males e pecados não estão atuando também o amor de Deus e a boa vontade de tantos homens e mulheres que lutam pela justiça, pelos direitos humanos e pela restauração da vida e da dignidade das pessoas mais sofridas? Ainda se pode falar, sem moralismos ingênuos, que o pecador sinceramente arrependido possui efetivamente chances de redenção, para começar uma vida nova, voltada para o bem, para a prática do amor e da justiça com o próximo e com a sociedade?

Como se pode ver, as perguntas são muitas e as respostas não são assim tão simples de se obter. Neste texto, pretendemos buscar informações que poderão contribuir para a análise do tema. Tomaremos como base uma experiência prática, vivida nas aulas de uma disciplina do setor de Cultura Religiosa da PUC-Rio, em diálogo com dados fornecidos pela própria reflexão teológica atual sobre o tema do perdão na ótica da fé cristã.

1 Debates e questionamentos sobre o tema do perdão produzidos no diálogo com estudantes universitários

Em minha trajetória como professor de Cultura Religiosa da PUC-Rio, sinto que pude obter um processo de ensino e aprendizagem muito rico e instrutivo. Nesse itinerário pedagógico, pude ensinar e aprender muito. Compartilho, a seguir, algumas observações e reflexões aprendidas nesse caminho percorrido com meus alunos.

Tomarei aqui alguns exemplos de matérias jornalísticas usadas em sala de aula, destacando o modo inteligente e criativo como nossos estudantes universitários analisaram as reportagens, relacionando seu conteúdo com a mensagem de Jesus sobre o tema do perdão.

Num primeiro momento, criamos para cada turma um “fórum virtual de debate” dentro do ambiente EAD da universidade³⁰⁹. Depois de organizar a turma em grupos de quatro alunos, solicitamos que cada grupo escolhesse livremente notícias de sites jornalísticos, abordando questões sociais relevantes da realidade brasileira atual. Neste exercício, a notícia escolhida por cada grupo deveria ser publicada e comentada no fórum de debates da turma.

Num segundo momento do exercício, pedimos que os grupos de alunos retomassem as notícias escolhidas, tentando relacioná-las com o tema do “perdão” e da superação do mal, vistos nas aulas como características importantes da mensagem e da atuação de Jesus. Os comentários dos alunos foram realmente muito interessantes. Vejamos alguns exemplos.

“Câmara aprova o Marco Temporal, que limita demarcação de terras e fragiliza direitos dos indígenas”³¹⁰

O abandono e a violação de direitos das comunidades indígenas no Brasil é um problema antigo, uma ferida, que aflige nossa nação desde o momento de seu nascimento. A colonização do Brasil, por parte das nações europeias deixou uma herança de violência, preconceito e negligência com os povos que previamente ocupavam o território. Estas são situações que permeiam a nossa sociedade até hoje. (alunos do Grupo 1)

Essa matéria se refere ao fato de a Câmara dos Deputados do Brasil ter aprovado um projeto de lei que propõe limitar a demarcação de terras indígenas no país. Essa medida foi criticada por grupos indígenas e organizações de direitos humanos, que alegam que ela vai enfraquecer os direitos dos povos indígenas e favorecer interesses econômicos em detrimento das comunidades tradicionais. Mais adiante, outra postagem publicada pelo mesmo grupo de alunos, comenta:

A situação descrita nessa matéria é, sem dúvida, preocupante e representa um retrocesso para nossa sociedade. É lamentável constatar que ainda

³⁰⁹ Há uma seção para cada turma, dentro do ambiente de educação a distância (EAD), no sítio da PUC-Rio na internet. A experiência relatada aqui se deu nas atividades e exercícios realizados com uma turma da disciplina Cristianismo e Problemas Sociais, no ano de 2023.

³¹⁰ Matéria publicada no portal de notícias do jornal *O Globo* em 30 de maio de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/05/30/camara-aprova-texto-base-de-projeto-que-limita-demarcacao-de-terras-e-fragiliza-direitos-dos-indigenas.ghtml> Acesso em: 4 fev 2024.

existem pessoas com uma mentalidade colonial, discriminatória e excessivamente voltada para o capitalismo. Essas ideias e práticas não apenas minam os direitos dos povos indígenas, mas também comprometem os princípios de justiça e igualdade que buscamos alcançar. É fundamental trabalharmos para promover uma sociedade inclusiva, respeitando e protegendo os direitos de todos os cidadãos, independentemente de sua origem étnica ou cultural. (Grupo 1)

Nota-se, nas respostas desses alunos, uma consciência crítica a respeito do modo como os povos indígenas foram historicamente agredidos e prejudicados em seus direitos. Além disso, a análise revela a percepção de que a restrição dos direitos das comunidades indígenas se apresenta como uma situação de desigualdade e injustiça, que precisa ser corrigida em nosso país. A reflexão dos alunos destaca a ideia da igualdade fundamental entre todos os cidadãos. Sim, é preciso recordar e enfatizar: os índios são *cidadãos*, possuem direitos previstos na Constituição brasileira. São também, do ponto de vista da fé cristã, *filhos de Deus*, criados à imagem e semelhança de Deus tanto como os brancos, os negros e as pessoas de todas raças, povos e culturas (Gn 1,26-27).

Se projetos de lei incentivam o predomínio de interesses de grupos econômicos e políticos sobre os direitos de grupos mais vulneráveis e menos representados no Congresso nacional, tal situação de fato acaba gerando um desequilíbrio, uma injustiça social, uma “ferida” que precisa ser compreendida e curada. Diante deste contexto, parece mesmo haver uma necessidade de superação do mal e do pecado, presentes tanto nas atitudes de indivíduos como também nas estruturas sociais e políticas brasileiras. Esta é, de fato, uma situação humana que necessita de “reparação”.

Poderíamos então fazer o seguinte questionamento: a transformação dessa realidade humana coletiva não se faz mesmo urgente e necessária para que possamos vislumbrar, de modo mais efetivo, o ideal de vida apresentado por Jesus quando dizia “Eu vim para que todos tenham vida e vida em abundância” (Jo 10,10)? Este parece um questionamento realmente oportuno e pertinente. Mas não é só nesse tema que podemos notar a articulação entre a realidade social brasileira e as exigências da fé cristã. Outras situações analisadas pelos alunos apontam para essa direção, indicando muitos outros males dos quais nós precisamos nos libertar.

“Aos 100, Disney lança Ariel negra e encara passado racista”³¹¹

Esta notícia foi também muito comentada pelos estudantes no fórum de debates do exercício proposto. A reportagem aborda um fato originado no contexto de uma produção de cinema estadunidense. No entanto, os estudantes da PUC-Rio notaram que o problema do racismo e do preconceito relatados na matéria está muito presente aqui mesmo na sociedade brasileira.

A problemática levantada pela estreia do filme (*live action*) *A pequena sereia* é relevante para o mundo. Mas falando especialmente do Brasil, a questão da representatividade racial é extremamente importante, considerando a diversidade étnica do país e as desigualdades históricas enfrentadas pela população negra. Essa “ferida social” se faz presente na sociedade brasileira desde o período da escravidão, com séculos de discriminação e exclusão que persistem até os dias de hoje.

A realidade social abordada na notícia afeta muito a vida das pessoas envolvidas, e também da população negra, que enfrentam a falta de representação em mídias e a perpetuação de estereótipos raciais. A representatividade é importante para a construção de uma identidade positiva e para combater o impacto negativo do racismo. Ao ler a matéria escolhida, podemos perceber como o racismo ainda é uma pauta muito atual, infelizmente. (Grupo 2).

Impressiona muito, realmente, o fato de o filme ter despertado tantas críticas racistas, apenas por ser a protagonista uma mulher negra e alguns indivíduos não terem gostado da escalção dela para o papel principal. É um absurdo e revoltante por diversos motivos. Um deles se baseia em que, enquanto insistem em ofender a atriz escolhida pela Disney, milhões mais sofrem junto com ela, milhões mais se sentem ofendidos por ela e carregam o peso de tantos anos de preconceito e exclusão social. E nesse contexto, o perdão surge como um tema complexo, controverso e muito relevante que iremos abordar a seguir.

Embora tenhamos discutido em sala de aula sobre perdão e sua importância, muitas vezes parece difícil ou até impossível perdoar pessoas e grupos que promovem preconceitos e atitudes racistas na sociedade. Pensando no caso específico das ofensas lançadas sobre a atriz e o filme aqui analisados, é extremamente compreensível que ela e a população

³¹¹ Matéria publicada no portal de notícias da emissora *Deutsche Welle* em 20 de fevereiro de 2023. Disponível em: ao texto da reportagem - <https://amp.dw.com/pt-br/aos-100-disney-lanca-ariel-negra-e-encara-passado-racista/a-64768429> Acesso em: 10 jan 2024.

negra hesitem em perdoar os ofensores. Entretanto, vale a pena carregar o peso da raiva e do ressentimento, mesmo que justificáveis, principalmente aqueles que já sofreram com tantas feridas sociais e históricas ao longo dos anos? Se Halle Bailey absorver todos os comentários preconceituosos que recebeu e infelizmente ainda receberá, sua vida não se tornará pesada e obscura? (Grupo 3)

Após tantos anos de escravidão e preconceitos, feridas históricas causadas por uma sociedade racista, a reflexão sobre o perdão poderia parecer ingênua e ineficaz. No entanto, observando a questão por outro ângulo, a mensagem cristã sobre perdão e reconciliação talvez possa oferecer uma nova perspectiva de análise. Isto será válido, desde que não seja uma forma de “disfarce” para mascarar ou ocultar os sofrimentos causados pelo racismo. Este problema social precisa ser corretamente diagnosticado, o mal deve ser tratado, superado e não escondido. Neste sentido, é bem interessante a observação indicada pelos alunos deste grupo.

Afinal, o perdão nesse caso não significa aceitar ou justificar o racismo, muito menos esquecer os danos causados por ele, mas sim agir como uma forma de buscar a própria paz interior e libertar-se do peso emocional causado por sentimentos negativos e pessoas de má fé. Dessa forma, ao escolher perdoar, a pessoa afetada pode encontrar um caminho para curar suas próprias feridas, aliviar o fardo que o racismo impõe e focar em objetivos maiores, como a mudança social e a reparação histórica que, apesar de lenta, está acontecendo. Portanto, o perdão não deve ser confundido com tolerância ao racismo, mas sim como uma escolha pessoal para superar os efeitos negativos causados pelo preconceito.

Em conclusão: enfrentar o racismo e trabalhar em prol da igualdade requer coragem, resiliência e determinação. E o perdão, como discutimos em aula, pode ser um componente importante desse processo, permitindo que as vítimas do racismo se libertem emocionalmente e se concentrem na busca por justiça e mudança. (Grupo 3)

E segue o comentário de uma aluna:

Complementando o que mencionei no comentário acima, também vemos a importância do perdão na parábola do “filho pródigo” (Lc 15, 11-32), discutida em aula, em que mesmo após o filho mais novo ter agido de forma egoísta e irresponsável, abandonando seu pai e partido com a herança, ao voltar para casa com fome e mãos vazias, seu pai o perdoa e acolhe sem nenhum ressentimento. Mesmo tendo motivos para sequer

recebê-lo de volta em sua casa, o pai teve compaixão e talvez consciência de que ao perdoar o filho ele não estaria apenas ganhando o filho de volta, mas também sua própria paz de espírito. O irmão mais velho, por exemplo, ao guardar rancor do irmão caçula e de suas atitudes passadas, acaba carregando o peso de um sentimento ruim que se não propriamente resolvido pode afetar a relação com sua família e consigo mesmo, sendo muito prejudicial. O ato de perdoar, como dito anteriormente, não significa esquecer ou tolerar os erros, que no caso da parábola foram as atitudes do filho mais novo, mas sim escolher um caminho libertador mais leve, amoroso e empático com os outros e com nós mesmos. (aluna do grupo 3)

Nestas mensagens, mostra-se, de maneira expressiva e bonita, a capacidade dos estudantes em relacionar a famosa parábola contada por Jesus com a questão do racismo presente, tanto no episódio envolvendo o filme citado, como também na história do Brasil, marcada por três séculos de escravidão e exploração de pessoas negras originárias do continente africano. Foi bem interessante notar que, na visão dos alunos, a possibilidade de perdoar pessoas e grupos que adotaram discursos e práticas racistas não deve ser vista como uma atitude de “passar pano”, como dizem os jovens. Não se pode adotar uma postura de fingimento, ou de falsa reconciliação, diante de um problema social tão sério e profundo como o racismo, seja no Brasil, seja nos Estados Unidos, ou em qualquer outro lugar. Ao comentar sobre esta complexa questão, os estudantes mostram o entendimento de que para haver uma experiência autêntica de perdão, que possa de fato reconciliar quem ofendeu com quem foi ofendido, faz-se necessário uma *transformação real das práticas e atitudes*, de modo que se possa *inaugurar relações humanas realmente novas*.

De um lado, a pessoa que foi vítima de ofensas e injúrias possui marcas de sofrimentos e humilhações que precisam ser sanadas. Mas para que possa recuperar a paz e retomar a vida normal, precisa ter sua dignidade restaurada e reconhecida, de modo especial por aqueles que causaram o dano e proferiram as ofensas. Coloca-se, dessa forma, a importância de temas fundamentais como o reconhecimento do sofrimento imposto ao outro, além da revisão de vida, com o arrependimento sincero das más atitudes e das práticas preconceituosas. Mas isso ainda não será suficiente se não chegarmos ao passo seguinte, ou seja, à busca de mecanismos individuais e coletivos para promover uma realidade nova, em que o preconceito e o racismo possam ser reparados e corrigidos. Este sim, seria

um gesto efetivo e decisivo para um processo realmente transformador dos corações, das atitudes e também das estruturas sociais que promovem e sustentam, há tanto tempo, o racismo no Brasil.

Por outro lado, com suas abordagens e reflexões, os alunos ajudam o professor a compreender que uma autêntica experiência de perdão e reconciliação (entre negros e brancos por exemplo) precisa passar pela promoção de relações humanas novas, incentivando a sociedade como um todo a assumir uma vida mais justa, fraterna e abençoada por Deus. Para que isso ocorra de fato, serão necessárias mudanças também nas instituições culturais e sociais, de modo que pessoas negras possam assumir protagonismo nas telas de cinema, como também nas universidades, nos postos de liderança nas empresas, nos poderes públicos, nos espaços onde são tomadas as decisões políticas, legislativas e jurídicas realmente importantes, capazes de criar um futuro novo, com uma realidade social também nova, mais condizente com a paz e a fraternidade universal afirmadas na mensagem cristã.

Depois dessa retrospectiva do trabalho feito em sala de aula com alunos na PUC-Rio, que ensinamentos conseguiremos extrair? Será possível concluir que a experiência do perdão e da superação do mal ocorre tanto no nível da consciência individual como também no plano das relações sociais? Podemos encontrar, na Bíblia e na reflexão teológica atual, fundamentos para justificar e embasar essa união entre a mensagem de Jesus sobre o perdão dos pecados e as iniciativas de transformação e superação das injustiças estruturalmente presentes na sociedade brasileira? Este tema tão importante é o que precisamos avaliar agora, na sequência dos argumentos apresentados até aqui.

Breves notas sobre o problema do mal e do pecado na revelação bíblica

Reflexões suscitadas no Antigo Testamento

A teologia bíblica da criação afirma que o universo, assim como o ser humano criado à imagem e semelhança de Deus são essencialmente bons (Gn 1-3). A realidade mesma da criação, com toda a riqueza de dinamismos de vida na natureza e no ser humano, é concebida na tradição bíblica como dádiva divina. São dons oferecidos por Deus que interpelam os seres humanos, convidando-os a um cuidado generoso e responsável com a

natureza e o mundo criado. E é aqui que surge o imenso problema para a fé e a reflexão teológica cristãs. Se o mal surge na vida do ser humano e no interior de um mundo essencialmente bons, o Deus que a ambos criou poderia, ao menos em tese, ser acusado de ser o responsável pelo surgimento do mal encontrado no ser humano e no mundo.

No entanto, a fé no Deus Criador, sustentada tanto no Antigo como no Novo Testamento, parece contradizer e refutar essa suposição. Os dois Testamentos têm como pressuposto básico a afirmação de que Deus é bom e de que sua ação no mundo visa sempre o bem e a salvação do ser humano por ele criado. O mal e o pecado podem ocorrer, mas isso não deriva da intenção originária de Deus. Esta, como se vê na revelação bíblica, sempre foi uma proposição generosa de vida e de comunhão entre o Deus criador e o universo criado.

De um modo muito especial percebemos, já na criação, um desejo e um desígnio de comunhão e salvação partindo de Deus, como convite e interpelação dirigida ao ser humano como alguém dotado de liberdade. Considerando essa capacidade de resposta do ser humano, (também ela um dom do infinito amor de Deus), somos levados à conclusão de que o mal surge como um desvio da proposta de comunhão originária, provinda de Deus. Esta foi a perspectiva que norteou as considerações bíblicas sobre a origem do mal como recusa humana ao projeto de Deus.

A reflexão que se segue, no livro do Gênesis, por exemplo, parece confirmar essa perspectiva. Caim e Abel (Gn 4), o dilúvio (Gn 6-9), a torre de Babel (Gn 11,1-9), são apenas algumas das histórias do Antigo Testamento a indicar o mal e o sofrimento como realidades derivadas de decisões e escolhas feitas pelo próprio ser humano no âmbito de sua liberdade. A ruptura na relação de diálogo e comunhão com Deus acarreta como consequência a deturpação e a desumanização nas relações do ser humano com seus semelhantes, assim como também nas relações do ser humano com a natureza.

O caso mais emblemático é o de Adão e Eva. Enquanto se orientam numa atitude de diálogo sincero e agradecido na relação com o Criador, o célebre casal bíblico desfruta da natureza criada como um ambiente harmonioso, que provê seu alimento e sua condição digna e feliz de existência. A partir do momento em que a orientação dos personagens muda para uma atitude arrogante e pretenciosa de obter “mais poder”, de fazer escolhas sem considerar as recomendações divinas, tudo muda e as condições

de vida se invertem completamente. Marido e mulher se acusam mutuamente como culpados pela desobediência da ordem divina. O trabalho do homem para a obtenção do alimento, assim como a gestação e o parto da mulher tornam-se realidades exaustivas e penosas. O cenário paradisíaco se desfaz. A condição de criatura, ou seja, o ser humano “criado à imagem e semelhança de Deus” não desapareceu completamente, mas foi substancialmente adulterada porque a comunhão amorosa entre Deus e o ser humano foi rompida (Gn 3).

A história e os personagens são já bem conhecidos. Importa aqui apenas destacar o significado desse famoso relato bíblico para a reflexão teológica sobre as origens do mal e do pecado, indicando o seu impacto na vida humana.

Uma primeira lição oferecida na interpretação do texto é que, desde o início, a vida e a história dos seres humanos foram marcadas pela ambiguidade. Adão e Eva (representando a humanidade inteira) são convidados para um projeto amoroso a ser cultivado por relações dialógicas com Deus, um com o outro, com a natureza etc. Ocorre que, sendo criados e convidados por um Deus infinitamente bom e amoroso, homem e mulher (Adão e Eva) gozam de verdadeira liberdade nessa relação com o Criador. O projeto é de comunhão com Deus e de corresponsabilidade com o mundo criado. Trata-se de um dom gratuito, um convite para uma aliança de vida e não uma imposição arbitrária.

Isso traz, como consequência necessária, o dom da liberdade do ser humano criado à imagem e semelhança de Deus. Liberdade esta que implica sempre na ambivalência e no risco da aceitação e da recusa, da colaboração generosa com plano de criação e salvação proposto por Deus, bem como da possibilidade trágica e enganosa de contrariar a proposta divina. Lamentavelmente, prevaleceu a escolha do mal em vez do bem, a opção pela vontade ambiciosa de poder em vez da vontade generosa de cooperação com a aliança de vida oferecida pelo Deus criador e salvador. A liberdade oferecida como dom e meio de felicidade e harmonia para o ser humano tornou-se causa de fechamento egoísta e degradação das relações humanas.

Uma segunda lição, transmitida no dramático episódio protagonizado simbolicamente por Adão e Eva, é a de que a opção pelo pecado e pela rejeição ao plano proposto por Deus gerou consequências graves, que afetaram profundamente a vida do ser humano. Os efeitos imediatos sobre os

personagens protagonistas da história foram expressados como uma “queda”, ou seja, uma perda da condição original de harmonia nas relações com Deus, com a natureza e com o próximo. Adão e Eva “expulsos do paraíso” (segundo o simbolismo bíblico) representam uma situação humana diferente, marcada de uma forma profundamente negativa pelo pecado.

O ensinamento do Magistério eclesial, desenvolvido ao longo de séculos de reflexão nos concílios da Igreja, produziu, como se sabe, vários estudos e interpretações sobre a atitude negativa de Adão e Eva, que resultaram na doutrina do Pecado Original. Não é necessário detalhar aqui o itinerário histórico percorrido para produzir o famoso dogma cristão. Há vasta literatura teológica disponível para o estudo do tema³¹². De modo bem mais simples, pretendemos apenas indicar as consequências do mal e do pecado que, desde a origem da história humana, estiveram presentes, gerando efeitos que marcaram profundamente, de forma bastante negativa, a existência do ser humano.

Neste sentido, o ponto que estamos aqui indicando é que, de certo modo, essa realidade negativa registrada nos “primórdios” da humanidade não foi uma realidade exclusiva do primeiro casal humano. As histórias de outras situações de pecado subsequentes, indicadas no próprio livro do Gênesis, parecem confirmar a compreensão de que esta carga de negatividade produzida em consequência do pecado foi reproduzida muitas outras vezes em variadas situações e contextos da história humana. Isso demonstra que, para além de Adão e Eva, as experiências de mal e pecado se apresentam como um dado antropológico e teológico que não devemos ignorar. Ou seja, o mal e o pecado constituem uma realidade muito ampla e complexa, que não é algo simples de ser explicado racionalmente e que, no entanto, se pode sentir e notar constantemente na vida concreta de todos nós, como uma situação de “não salvação” da qual todo ser humano que nasce neste mundo precisa se libertar.

Dados apresentados no Novo Testamento

Os estudos sobre o Novo Testamento demonstram que há uma variedade de estilos literários e formas de abordar a obra de salvação realizada por Jesus Cristo. Para o aspecto específico considerado aqui, ou seja, a urgente necessidade de vencer o mal, que marcou a história humana desde

³¹² Note-se, por exemplo, o estudo e a bibliografia sobre este tema, apresentados por A. García Rubio, em *Unidade na Pluralidade*, p. 623-636.

suas origens, Rm 5,12-21 é um texto fundamental e paradigmático. Nele se reconhece o caráter radicalmente doloroso e mortal do mal como um problema inescapável, com o qual todo indivíduo tem que se defrontar. Ao mesmo tempo, este famoso texto da Carta aos Romanos apresenta a atuação redentora de Jesus Cristo, como força efetivamente universal e superior, capaz de vencer o mal e o pecado. Tudo isso coloca esse momento notável da reflexão teológica paulina como um ponto realmente iluminador para a questão que necessitamos aqui abordar.

É importante recordar que, neste trecho da carta, se estabelece uma relação de comparação e contraposição entre Adão e Jesus. Com efeito, o autor nos avisa que Adão está sendo apresentado aos leitores da epístola como “figura daquele que devia vir”, ou seja, como uma prefiguração do Cristo (Rm 5,14).

O paralelismo entre Adão e Cristo tem uma intenção teológica bem definida: mostrar que só Jesus conseguiu atender positivamente ao convite de Deus, contrastando com a tentativa fracassada de Adão. Os dois personagens são vistos como duas referências opostas. O “velho homem” é Adão, modelo da atitude de rejeição ao projeto salvífico de Deus. Em contrapartida, Jesus Cristo é o “homem novo”, modelo da acolhida à salvação que Deus oferece a todo ser humano. A mensagem de fé que o autor pretende comunicar fica bem expressiva e destacada nessa comparação. “Ora a Lei interveio para que avultasse a falta; mas onde avultou o pecado, a graça superabundou, para que, como imperou o pecado na morte [caso exemplar de Adão], assim também imperasse a graça por meio da justiça, para a vida eterna, através de Jesus Cristo, nosso Senhor” (Rm 5,20-21).

A realidade de tanto mal e sofrimento, gerados pelo pecado indicado na atitude de Adão, foi também repetida e ampliada por tantas novas situações de pecado, criadas pelas gerações posteriores ao longo de toda a história humana até os dias atuais.

Felizmente para nós, Deus, em sua infinita bondade ao enviar Jesus ao mundo, concedeu-nos um caminho de salvação e de vida nova capaz de superar esse mal que se acumulou ao longo da história humana. Se foi grande a cumplicidade entre os egoísmos, injustiças e sofrimentos que causamos (individual e coletivamente), maior e mais potente foi a força de perdão, de transformação, de justiça, paz e bondade produzidas no mundo por Jesus Cristo, por meio de sua atitude tão humanizada e tão fiel a Deus.

Esses dados provenientes da Sagrada Escritura indicam que é fundamental a ação misericordiosa e libertadora de Deus para que possamos superar o pecado e o mal presentes no mundo. Como oportunamente observou o teólogo Alfonso García Rubio: sem a graça santificante e a revelação de Deus, “como é que o ser humano seria capaz de abrir-se e confiar em Deus experimentando-o como Pai, amigo e libertador? Na ambiguidade da existência, penetrada de tantos sofrimentos e contradições, o ser humano sem a graça e a revelação de Deus mediante Jesus Cristo, como poderia descobrir o Deus-Ágape e se comprometer vitalmente com Ele?”³¹³.

De fato, nossas evidentes limitações e fraquezas humanas, diante das situações de mal e pecado, são facilmente percebidas como um fato recorrente. Ignorá-lo seria uma atitude ingênua e perigosa, diante da nossa própria vida e diante da história humana. Diante desse quadro tão grave e difícil, o texto da Carta aos Romanos fornece uma visão bastante realista sobre o problema, juntamente com uma potente e luminosa esperança, afirmando a fé na obra redentora realizada por Jesus Cristo. Qual a fonte dessa esperança de redenção? Há, nas atitudes concretas do Jesus histórico, base real para essa alegre e feliz esperança de superação do pecado, promovida pelo Cristo ressuscitado anunciado na teologia paulina? Alguns dados provenientes da vida pública de Jesus, relatada nos evangelhos, respondem positivamente a essa pergunta. Basta recordar alguns exemplos.

O Evangelho de Marcos guardou a memória da atuação de Jesus curando doentes e perdoando seus pecados como um “sinal” da realização do Reino de Deus. “Quando viu a fé daqueles homens, Jesus disse ao paralítico: Filho, os teus pecados estão perdoados” (Mc 2,5). O texto registra a controvérsia provocada pela atitude de Jesus e a contrariedade dos escribas presentes, alegando que ao oferecer gratuitamente o perdão para os pecadores, Jesus estaria exorbitando em suas pretensões, reivindicando para si uma atribuição que seria exclusivamente de Deus. Em resposta a esta crítica, Marcos oferece aos seus leitores a confirmação da ousada atitude de Jesus: “Pois bem, para que saibais que o Filho do Homem tem poder de perdoar pecados na terra, eu te ordeno – disse ele ao paralítico – levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa” (Mc 2,10-11). O autor do Evangelho reforça, pelo discurso, a prática (curativa e redentora) de Jesus. Mostra, assim, aos seus leitores que há uma coerência fundamental entre

³¹³ GARCIA RUBIO, A., *Unidade na Pluralidade*, p. 644.

a palavra e a atitude do Cristo, como anunciador e efetivo “distribuidor” da misericórdia divina, oferecida por ele como caminho seguro e eficaz de reconciliação com Deus.

Há ainda muitos outros relatos que mostram Jesus atuando para sanar os sofrimentos das pessoas e manifestar a misericórdia divina em benefício dos pecadores. A mulher que estava prestes a ser condenada à morte, acusada de adultério (Jo 8,1-11); a outra conhecida publicamente como “pecadora” que “ungia” os pés de Jesus com lágrimas, beijos e perfume (Lc 7,36-50), foi igualmente acolhida e perdoada. Tal atuação em vista da superação do mal e do pecado, de modo especial na vida concreta da “gente excluída e de má fama”, é dado historicamente seguro. Há tempos isso é confirmado pelos exegetas do Novo Testamento.

Na oração do Pai Nosso, Jesus orienta seus discípulos a confiar sempre na bondade infinita do Pai. Recomenda que eles rezem suplicando a Deus o perdão dos pecados, mas simultaneamente indica a atitude de gratidão a Deus, que deve se manifestar na disposição de perdoar as “ofensas” ocorridas nas relações com as outras pessoas (Mt 6,12). Essa recomendação de agir com o próximo com a mesma misericórdia e generosidade que Deus pratica com cada um de nós foi muito bem sintetizada no Evangelho de Lucas – “Sejam misericordiosos como vosso Pai é misericordioso. Não julgueis, para não serdes julgados; não condeneis, para não serdes condenados; perdoai e vos será perdoado (...) pois com a medida com que medirdes sereis medidos também” (Lc 6,36-38).

Esses e muitos outros textos bíblicos nos indicam um ensinamento nítido e profundo de Jesus. O perdão é um dom de Deus; uma dádiva sempre disponível a todos que necessitam. Mas é também uma “dinâmica de vida nova”, na qual somos convidados a entrar. Quem foi tocado pela ação misericordiosa de Deus e recebeu o seu perdão deve também agir movido pela compaixão e inaugurar novas relações, assim como uma nova qualidade de vida. As antigas relações de dominação, baseadas nos interesses particulares, preconceitos, sede de poder etc., não podem mais ser aceitas e nem praticadas. O Deus de Jesus Cristo é santo e infinitamente bondoso. Justamente por isso, não vem propor uma falsa reconciliação de meias palavras e atitudes enganosas. É conversão para valer que ele nos pede. É vida nova de verdade o que ele nos propõe. Se aceitamos seu convite, seu perdão e sua ação amorosa em nossa vida, precisamos construir atitudes e relações novas, libertas do mal e do pecado.

4 O perdão dado por Deus mediante Jesus Cristo: experiência pessoal e também social

As informações provenientes da Sagrada Escritura levam-nos a uma conclusão importante: essa dinâmica do perdão e da vida nova que Jesus anuncia e realiza implica necessariamente no reconhecimento dos próprios erros, mentiras, atitudes egoístas e interesseiras que deixam tantas marcas negativas nas relações interpessoais. Neste caso, estamos nos referindo à “dimensão pessoal do pecado”, que é real e precisa mesmo ser redimida e superada.

No entanto, precisamos notar que há também uma “dimensão social-estrutural do pecado”, que pode ser percebida nos contextos históricos de opressão que pesam sobre grupos sociais, e até sobre povos e nações inteiras. Neste aspecto, vale a pena recordar, aqui, os problemas sociais, econômicos e políticos abordados pelos estudantes da PUC-Rio no exercício mencionado no início de nossa comunicação. Podemos estabelecer um diálogo e uma conexão das análises feitas pelos alunos sobre situações bem concretas da realidade brasileira, com a mensagem bíblica sobre a superação do mal e do pecado, possibilitadas pela obra redentora de Cristo.

É impossível não sermos afetados pelas variadas formas de injustiça, sofrimento e morte presentes na sociedade em que estamos inseridos. A realidade da ação de grupos econômica e politicamente poderosos, impondo restrições sobre os territórios e os direitos dos povos indígenas no Brasil, não deveria mesmo interpelar a consciência e a reflexão dos cristãos? O problema do racismo e da injusta desigualdade racial, entranhado na sociedade brasileira desde as suas origens coloniais, não deveria ser visto como expressão do mal e do pecado, registrados na revelação bíblica? Estas situações pesquisadas e debatidas pelos alunos não estariam também situadas no âmbito daquela realidade perversa e pecaminosa da qual os seres humanos precisam ser libertados mediante a redenção realizada por Jesus Cristo? Essas perguntas são muito oportunas e se conectam de forma muito atual com a fé e a reflexão teológica cristãs.

Essa reflexão nos sugere que é necessário compreender, de forma teórica e prática, a experiência de reconciliação com Deus, mediante a conversão pessoal e a superação dos pecados cometidos individualmente, articulando essa “vivência pessoal” da fé com a experiência de perdão e

reconciliação com Deus através da superação dos pecados presentes nas estruturas sociais tão perversas e injustas, que moldaram no passado e formam ainda hoje a sociedade brasileira.

Por um lado, é importante destacar que o pecado possui mesmo um sentido pessoal, situado no âmbito da consciência e dos atos de cada indivíduo. A realidade do mal se manifesta na vida concreta do ser humano que, seguindo os impulsos de uma autossuficiência ilusória, acaba rejeitando o projeto amoroso de Deus, cometendo atos contrários à salvação que Deus sempre quis e quer lhe oferecer. Neste aspecto, é bem oportuna e correta a recomendação da Igreja no tocante ao amadurecimento da própria consciência mediante o sacramento da penitência, com a busca de reparação pelos males praticados por cada pessoa etc.

Por outro lado, se pararmos neste nível de reflexão estritamente pessoal, acabaremos ignorando a realidade aviltante do pecado em nível social e estrutural que, como vimos, constitui um problema gravíssimo presente na vida humana em escala mundial. Ao final das contas, uma concepção meramente individualista do pecado torna-se mais uma “ideologia”, revestida de argumentos religiosos, usada para justificar e fortalecer estruturas sociais injustas. Isso mostra, uma vez mais, a importância de compreendermos bem a dimensão social-estrutural do pecado. Também aqui se faz necessária (e muito!) a atuação da graça divina oferecida por Jesus Cristo, em vista da salvação e da libertação do ser humano. Neste quesito, são bem esclarecedoras as observações de A. García Rubio:

O pecado social é muito mais do que a soma dos pecados pessoais, é o vínculo poderoso que une todos os pecados e possui uma força e um dinamismo próprios. O pecado social possui uma força mortífera superior ao pecado individual. Vai criando uma “ordem” do mal, com seu dinamismo e sua eficácia própria, muito além da eficácia do pecado individual. O pecado pessoal alimenta a força do pecado social e este, por sua vez, condiciona e inclina ao primeiro.³¹⁴

Dá para notar, a partir destas informações, que há uma dialética de reforço recíproco entre o pecado pessoal e o pecado social, confirmando a complexidade do problema e a gravidade da situação humana dele de-

³¹⁴ GARCIA RUBIO, A., *Elementos de Antropologia Teológica: salvação cristã: salvos de quê e para quê?*, p. 283.

corrente. A realidade do mal e da recusa ao amor salvífico de Deus vai se fortalecendo e tomando forma concreta nas estruturas políticas, econômicas e ideológicas da sociedade.

Enquanto criações humanas, estas estruturas são também marcadas pela ambiguidade. Podem ser úteis para os serviços necessários à população e para organizar a vida coletiva, dado que o ser humano é um ser social. Mas, ao mesmo tempo, estas mesmas instituições e organizações da vida coletiva são frequentemente usadas para defender privilégios, criar grupos de exercício do poder político e econômico que exploram, iludem e manipulam amplas parcelas dos povos nos diversos países do mundo. Ao considerarmos esta situação tão ambígua e complexa, não é difícil perceber que essas instituições e estruturas sociais precisam ser avaliadas, criticadas e transformadas, à luz da fé cristã em Deus, lembrando que se trata do Deus que criou o ser humano para a vida nova e plena (livre de todo mal e de todo pecado) manifestada por Jesus.

O Magistério da Igreja reconhece essa urgência de enfrentar o pecado social – estrutural – manifestando-se claramente sobre esse tema em várias ocasiões. Apenas a título de ilustração, mencionamos aqui algumas referências. No Documento de Puebla, a Igreja afirma ter consciência de que sua missão de anunciar Jesus Cristo e seu projeto de salvação exige que ela esteja encarnada na realidade social latino-americana, corrigindo e depurando suas estruturas para que sejam libertadas do pecado.

Através da ação de cristãos evangelicamente comprometidos, a Igreja pode completar sua missão de Sacramento de salvação tornando-se instrumento do Senhor, que dinamize eficazmente em direção a Ele a história dos homens e dos povos.

A realização histórica desse serviço evangelizador será sempre árdua e dramática, porque o pecado, força de ruptura, há de impedir constantemente o crescimento no amor e a comunhão tanto a partir do coração dos homens, como a partir das diversas estruturas por eles criadas, nas quais o pecado de seus autores imprimiu sua marca destruidora. Neste sentido, a situação de miséria, marginalidade, injustiça e corrupção que fere nosso Continente, exige do Povo de Deus e de cada cristão um autêntico heroísmo em seu compromisso evangelizador, a fim de poder superar semelhantes obstáculos. Diante de tal desafio, a Igreja sabe que é limitada e pequena, mas se sente animada pelo Espírito e protegida por Maria. Sua poderosa intercessão lhe permitirá superar as “estruturas do pecado” na

vida pessoal e social e lhe obterá a “verdadeira libertação”, que vem de Cristo Jesus. (DP n. 280-281)

Podemos notar que a força destas palavras não ficou perdida no passado. Em tempos mais recentes, no contexto da preocupante crise ambiental e ecológica que marca o século XXI, o papa Francisco manifestou, na encíclica *Laudato Si'*, percepções e preocupações semelhantes.

A destruição do ambiente humano é um fato muito grave, porque, por um lado, a própria vida humana é um dom que deve ser protegido de várias formas de degradação. Toda pretensão de cuidar e melhorar o mundo requer mudanças profundas “nos estilos de vida, nos modelos de produção e de consumo, nas estruturas consolidadas de poder que hoje regem as sociedades”. O progresso humano autêntico possui um caráter moral e pressupõe o pleno respeito pela pessoa humana, mas deve prestar atenção também ao mundo natural e “ter em conta a natureza de cada ser e as ligações mútuas entre todos, num sistema ordenado”. Assim a capacidade do ser humano transformar a realidade deve desenvolver-se com base na doação originária das coisas por parte de Deus. (LS n. 5)

Muitas outras referências poderiam ser apresentadas, para confirmar que de fato se consolidou a consciência da Igreja, no âmbito do Magistério Eclesial, a respeito dessa presença do pecado social no mundo. Neste mesmo movimento, aprofundou-se compreensão sobre a urgente necessidade de enfrentar essa realidade, incentivando a encarnação da fé cristã nas variadas realidades sociais, de modo a transformar as estruturas da sociedade segundo os critérios e valores do Evangelho.

Os exemplos aqui indicados já bastam para demonstrar que a poderosa articulação entre pecados pessoais-individuais juntamente com pecados em nível social-estrutural exige uma vivência da fé cristã, também articulada em diferentes níveis da vida humana. Esta exigência se manifesta, por certo, também na experiência que fazemos da salvação e do perdão dos pecados, fruto da redenção que nos é oferecida por Jesus Cristo.

Sim, é verdade que esse projeto de salvação é “uno” e inteiro, conduzido do início ao fim pelo amor infinito de Deus, que criou o ser humano para a vida em plenitude, fruto da comunhão com Ele. No entanto, no âmbito da realização concreta desse projeto de salvação, no interior da história humana profundamente marcada pelo pecado, a graça divina que

perdoa e transforma os seres humanos está atuando em ambos os níveis da existência humana.

Se consideramos que todos nós fomos atingidos por essa realidade, haveremos de concluir que, no nível pessoal e também no nível social-estrutural, necessitamos todos do perdão, da libertação e da superação do mal e do pecado, que somente Deus pode nos oferecer. Sabemos bem, pelos dados da revelação bíblica, que a nossa redenção e reconciliação com Deus foi realizada por Jesus Cristo mediante seu imenso amor por nós, manifestado na “vida nova” que ele nos concedeu, por seu modo de viver tão humanizado e fiel à vontade do Pai, que culminou com sua morte de cruz e sua gloriosa ressurreição.

Essa obra de redenção, (que teve na paixão de Cristo seu momento máximo de plena explicitação), revelou para nós que a vida inteira de Jesus, desde seu nascimento até sua morte, foi vivida no amor-fidelidade ao Pai e também na doação de si em benefício dos irmãos. Essa perfeita manifestação do amor Deus, através da vida de seu Filho Jesus Cristo, certamente atinge a todos nós, manifesta-se em nossa realidade atual e nos toca profundamente a partir de dentro, no mais íntimo de nossa existência.

Essa é a feliz “Boa Nova” que o Evangelho nos comunica. Ela é, sem dúvida, fonte de nossa esperança humana de que a vida seja mais forte do que a morte. Apesar de tantos males e pecados no mundo, há um caminho de salvação. Somos perdoados, Cristo nos redime! Mas a experiência humana desse perdão divino e dessa redenção, no plano da existência histórica de cada um de nós, se dá em todos os âmbitos da vida. Podemos vivenciar existencialmente esse perdão que Deus nos oferece mediante Jesus Cristo, tanto no âmbito da vida pessoal, quanto no âmbito da vida social e comunitária. Em cada um desses níveis, nossa existência humana vai sendo dinamizada e conduzida pelo amor misericordioso de Deus.

Conclusão

Terminando essa exposição argumentativa, chegamos às considerações finais, no diálogo proposto em nossa reflexão. Partindo de uma atividade específica com estudantes universitários, demos início a um estudo mais amplo sobre o tema do perdão, como expressão do

projeto amoroso de Deus que, por sua livre e generosa vontade decide criar e salvar o ser humano, mesmo que para isso seja necessário abrir caminhos de salvação, por entre ações humanas e estruturas sociais marcadas pelo pecado.

Procuramos reunir informações suficientes para justificar e fundamentar a ideia básica aqui apresentada. Enquanto realidade vivida histórica e existencialmente, esse perdão que ajuda o ser humano a superar o mal e se reconciliar com Deus se configura como uma experiência humana pessoal e simultaneamente social. Tanto as ações singulares de cada pessoa particular, como as relações sociais que formam estruturas e grupos coletivos formam realidades humanas afetadas pelo pecado que, nessa condição, necessitam da ação corretiva e reparadora de Deus.

Neste sentido o projeto de vida nova, oferecido gratuitamente por Jesus Cristo, abriu para a humanidade inteira e para cada ser humano em particular um caminho de salvação. Em ambas as frentes de luta a graça divina criou condições de vitória sobre o mal. Tanto no âmbito do pecado pessoal, como ao nível do pecado social, a redenção e o perdão concedidos mediante Jesus Cristo estão atuando de modo eficaz e universal.

Como fundamentação teórica para essa reflexão, recorreremos a algumas obras do notável teólogo Alfonso García Rubio, como se pode ver nas notas e na bibliografia indicadas nessa comunicação. Seu ensino teológico, na universidade e fora dela, contribuiu muito na formação de várias gerações de estudiosos da teologia e abriu horizontes promissores na pesquisa teológica produzida no Brasil.

As ideias aqui apresentadas sobre o tema do perdão, são também uma singela forma de reconhecimento e gratidão, por seu trabalho no ensino da teologia em nosso país. Quando vemos jovens estudantes universitários, percebendo e valorizando o perdão como experiência humana, que deve ser articulada tanto nas relações interpessoais como ao nível das estruturas da vida social, podemos ver aí um sinal positivo e promissor. A fé cristã no amor salvífico e redentor de Deus, segue dialogando com a cultura da juventude, lançando luzes sobre a vida de muitas pessoas e comunidades humanas diferentes. E isso talvez já seja (mais um) um bom motivo de esperança e de gratidão a Deus.

Referências bibliográficas

BARBIERI, Luis Felipe; CLAVERY, Elisa. Câmara aprova o Marco Temporal, que limita demarcação de terras e fragiliza direitos dos indígenas. G1, portal de notícias do jornal *O Globo*, em 30 de maio de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/05/30/camara-aprova-texto-base-de-projeto-que-limita-demarcacao-de-terras-e-fragiliza-direitos-dos-indigenas.ghtml> Acesso em: 4 nov 2023.

CELAM. *Documento de Puebla*. São Paulo: Loyola, 1979.

FRANCISCO. *Laudato Si'*. São Paulo: Paulus, 2015.

GARCIA RUBIO, Alfonso. *Unidade na Pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. São Paulo: Paulus, 2001.

GARCIA RUBIO, Alfonso. *Elementos de Antropologia Teológica: salvação cristã: salvos de quê e para quê?* Petrópolis: Vozes, 2004.

HITZ, Julia; BREUER, Rayna. Aos 100, Disney lança Ariel negra e encara passado racista. *Deutsche Welle* em 20 de fevereiro de 2023. Disponível em: <https://amp.dw.com/pt-br/aos-100-disney-lanca-ariel-negra-e-encara-passado-racista/a-64768429> Acesso em: 6 nov 2023.

9

No altar da vida: santidade é vocação de todos

*Maria Carmen Castanheira Avelar*³¹⁵

Introdução

A Sagrada Escritura refere-se, muitas vezes, à vocação à santidade: *pois esta é a vontade de Deus: a vossa santificação* (Ef 1,4; 1 Tess 4,3 e outros). Hoje, existem diferentes indagações sobre o assunto. Alguns revelam forte interesse pelo aprofundamento da experiência cristã, enquanto outros até evitam as palavras santidade, mística, espiritualidade. Esta reação vem de longe e permanece em nossos dias, apesar da ocorrência, nas últimas décadas, de inúmeros processos de canonização, beatificação e venerabilidade.

Ao escrever este capítulo, sintonizo-me com as pessoas que perguntam: afinal, o que é santidade? Como identificar os santos? Vale a pena acreditar neles? Por que são reconhecidos quase sempre depois da morte? – *não é porque já morreu, mas, ele era realmente santo!* Por que não reconhecê-los em vida? Será santidade sinônimo de perfeição? Santo é quem faz milagres, quem está sempre contrariando a própria vontade? Como falar sobre santidade hoje? Procurarei vislumbrar alguma resposta e também despertar inquietações a respeito do chamado de todos e todas à santidade.

Para falar dos santos do altar é preciso falar dos santos da vida. Interessa-me o projeto de vida cristã, vivido na radicalidade do seguimento de Jesus Cristo. Interessam-me inumeráveis santos do Povo de Deus que chegarão a *144.000 assinalados de todas as tribos de Israel* (Ap 7,4).

³¹⁵ Professora em cursos de extensão em Teologia e espiritualidade e de Pedagogia no ISE-CENSA / Irmãs Salesianas de Campos, RJ. Religiosa Salesiana. Doutorou-se em Teologia Sistemático-Pastoral (PUC-Rio). Mestre em Psicologia da Educação/ FGV. Especialização em Espiritualidade pela Univ. Pontificia Salesiana de Roma. É autora de artigos e capítulos em livros. Foi professora de Cultura Religiosa da PUC-Rio por 25 anos. Cofundadora, coordenadora (1996-2003) e professora no Curso de Iniciação Teológica à Distância na PUC-Rio. Participa do Círculo do Rio.

* Este texto foi originalmente publicado no livro *Espiritualidade Cristã em tempo de Mudança. Contribuições teológico-pastorais*, organizado por Alfonso García Rubio e Joel Portella Amado. Relançado nesta obra, com pequenas mudanças, em homenagem ao professor Alfonso García Rubio.

Uma grande multidão, que ninguém poderá contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas. Aqueles e aquelas de vestes brancas, com palmas nas mãos, vencedores pela força do Cordeiro (Ap 7,9). Como a glória de Deus é a santidade, a vida em plenitude deste povo, o tema não pode passar despercebido aos que se inserem no itinerário de maturidade cristã.

1 Santos e santas existem

Poderia iniciar com definições tradicionais na Igreja: da Bíblia, do Magistério, sobretudo do Concílio Vaticano II (1962-1965) ou dos compêndios e dicionários de Espiritualidade. Prefiro, porém, começar pela vida porque a santidade se faz no cotidiano. Foi justamente isto que descobri na convivência com uma religiosa, falecida há cerca de 30 anos. É impossível esquecê-la: mulher comum, de feições sulcadas pelas rugas. Desajeitada no andar. Catequista dedicada. Educadora exímia. Evangelizadora sábia. Professora competente. Já em vida havia consenso a respeito da santidade de Ir. Zilda Castro³¹⁶. Que diferencial distinguia suas opções, atitudes, ações? Não havia limites para ela quando se tratava de fazer o bem. Residia em Campos dos Goitacazes, estado do Rio, mas percorria cidades circunvizinhas em nome da evangelização.

Havia sido missionária no Nordeste, mas a conheci em Campos: dia e noite, fazendo o bem. Já idosa, próxima aos 70 anos, dava aulas e coordenava a Escola Noturna, fundada por ela. Atendia domésticas, trabalhadores, os mais necessitados. Durante o dia, fazia picolés, pirulitos, maçãs do amor para conseguir recursos. Seus dedos deslizavam também agulhas de tricô e contas do terço. Abrigava desabrigados. Atendia, orientava a quem lhe pedia auxílio. Antes do Concílio Vaticano II, colaborou com a Diocese de Campos (RJ), assumindo a missão de madrinha durante o processo de formação de vários seminaristas. Depois, devido a divergências com algumas pessoas em relação ao Vaticano II, teve que descobrir outro caminho: conseguir recursos para jovens que cursavam Medicina em Campos.

Para evangelizar, Zilda Castro utilizava ônibus em péssima condição, caminhava a pé ou aceitava caronas. Mulher destemida, não tinha medo. Quando lhe ocorriam dúvidas ou dificuldades, dialogava, francamente, com o amigo Jesus Cristo. Eram muitas as horas de oração, de meditação

³¹⁶ Irmã Zilda Castro, salesiana de Dom Bosco, mineira de Ponte Nova (1904), missionou no Nordeste e trabalhou durante muitos anos em Campos dos Goitacazes (RJ), onde faleceu em 1976.

da Palavra e outras tantas de ação, ou melhor: dedicando-se aos outros, não parava de orar. Disse-me um dia que conversava abertamente com Jesus Cristo: agradecia, mas também solicitava – e quase exigia do Amigo – ajuda em favor dos necessitados. Mulher de convivência, sabia fazer amigos e aglutinar pessoas em redes de solidariedade.

Que diferencial marcava o jeito de ser desta mulher?

Sinceramente, não sei dizer até hoje, mas que era santa, era. Mulher comum como nós, comia como nós. Não usava cilícios. De temperamento forte, era naturalmente mortificada: aceitava o que lhe ofereciam. Não tinha vaidades. Nada de pieguismos, nem de estrelismos, nem de perfeccionismos. Mas, por meio de Zilda Castro, o Espírito do Senhor se fazia presente, estimulando os que conviviam com ela a transcender a mesmice do cotidiano e a encontrar novos sentidos para a vida. Parecia viver segundo o Espírito: muito amor a Deus, a Jesus Cristo, à Maria e convivência fraterna em comunidade. Mantinha-se distante de fofocas, murmurações e do mau humor. Havia nela uma constância no seguimento: fazer o bem, cuidar, promover e acolher todos, sentir e amar como Jesus. Mulher forte, respeitava as autoridades, mas sabia divergir, dialogando e argumentando.

Um inesperado tumor no cérebro a impediu de prosseguir na missão de tornar visível o cuidado de Deus para com as pessoas concretas. Mas seu testemunho de perseverança amorosa no seguimento de Jesus Cristo permanece inesquecível. Sobretudo não esquecem Zilda Castro os que tantas vezes a viram arrastando as sandálias pelas ruas campistas, como boa samaritana, caminhando ao encontro do irmão. Mulher de Deus, mulher da Igreja, mulher do povo, não se deixou intimidar por normas e formalidades. Soube transgredir na medida justa do amor que a impelia a encontrar estratégias de renovação da vida.

Santos e santas existem. Se a Zilda Castro conseguiu pautar sua vida no seguimento de Jesus Cristo que passou fazendo o bem (At 10,47) no cotidiano, por que não tentar? O amor de Deus bate constantemente à porta do coração: “Eis que venho e bato” (Ap 3,20). Os santos são aqueles que abrem a porta, pelo lado de dentro do coração e deixam o amor atuar, numa resposta livre e generosa. Arriscou amar como Jesus, mesmo não sabendo em que direção a vida mudaria.

2 Os santos não são fabricados em série

Zilda Castro e todos os outros santos não são modelos a serem seguidos cegamente. Apenas nos indicam que é possível abraçar a proposta da primazia do amor, da alteridade, da abertura para Deus, para os outros, para a natureza: “Não é possível ser feliz sozinho!” como nos afirma o Prof. Alfonso Rubio no cap.4 desta obra.

Não há fôrmas que moldem santos. Aliás, é indispensável estar de bem consigo, aceitar a própria vida e possibilidades, como dons de Deus, para que seja criado o clima interior de receptividade ao amor gratuito de Deus. Alguns chamam de humildade esta atitude de reconhecimento da própria verdade, incluindo limites e dons: aqui começa o itinerário da maturidade cristã.

Existe um único santo: Jesus Cristo. Os demais – que somos todos nós – participamos da santidade dele, que se entregou para que o povo de Deus (a Igreja) se santificasse (Ef 5,25-26). Pois “esta é a vontade de Deus: a santificação de todos/as” (1 Tess 4,3; Ef 1,4). Todos somos movidos pelo Espírito Santo que distribui dons diversificados para o bem do povo de Deus: “Na casa de meu Pai existem muitas moradas” (Jo 14,10).

A vocação à santidade é universal (*Lumen Gentium* n. 40). Não há restrições, nem privilégios. É dom que, uma vez acolhido, move a pessoa a amar a Deus/*Agape de todo coração, com toda a mente e com toda força* (Mc 12,30) e a amar os irmãos e irmãs, como a si mesmo e como Jesus Cristo amou. Não há matrizes para determinar respostas. O exercício desta santidade única – *amor a Deus e amor aos outros como a si mesmo* – é multiforme. “No seguimento de Jesus Cristo, cada qual deve avançar, sem hesitação, segundo os próprios dons e cargos, pelo caminho da fé viva, que excita a esperança e opera a caridade” (LG n. 40-41). Cada santo revela uma faceta da multiforme sabedoria de Deus Criador/Salvador. Estar de bem consigo mesmo, contribuindo com os próprios dons para o enriquecimento e aprofundamento da comunidade no seguimento de Jesus Cristo, pode ser um indicativo de santidade.

3 Ambiguidades no caminho da santificação

Existem muitas incompreensões a respeito da santidade. E dos santos também. Algumas coleções hagiográficas – sobre vida dos santos – são responsáveis por uma perspectiva dicotômica e até mesmo deturpada.

Muitos exageros foram cometidos na escolha de itinerários de santificação, como por exemplo: visão reducionista da ascese do aniquilamento, da renúncia de si, provocando até a rejeição da própria identidade. Quanto pessimismo, alienação e fuga da realidade! Alguns destes equívocos continuam presentes, apesar de esforços insistentes para o desenvolvimento de uma espiritualidade integrada e integradora³¹⁷. Felizmente, orientadores espirituais da atualidade têm ajudado, por meio de uma perspectiva mais humanizadora, a superar influências negativas de tendências unilaterais. Passo, então, a considerar certas ambiguidades que prejudicaram o projeto de maturidade cristã, deixando sequelas ainda constatadas em nossos dias. Junto com as reflexões sobre estes descaminhos, procurarei indicar melhores formas de crescer no caminho espiritual, mostrando outras perspectivas que dão dinamismo às reflexões.

3.1 Isolamento ou recolhimento interior, união com o Pai?

Quanto mais distante dos outros, demonstrando capacidade em suportar o isolamento, mais santo, supunham alguns. Lembro-me de uma oração que me ensinaram e que propunha alto ideal de santidade: “[...] e que eu seja, com exceção de vós, Senhor, esquecida por todos”! Ser esquecida de todos: isolamento excessivo, pouquíssima ou nenhuma comunicação indicava, para alguns, empenho no caminho da perfeição. A pergunta “É possível ser feliz sozinho?”³¹⁸ pode ser, neste contexto, respondida positivamente. O silêncio, cultivado exageradamente, era uma das marcas dos santos e santas monges/monjas, religiosos. Santos sérios, frios, provavelmente com dificuldades de lidar com as próprias emoções, eram citados como exemplos para quem acolhia a proposta de santidade. Diante desta constatação, mas a partir de uma visão humanizadora, pergunto: seriam eles desumanos, porque pouco abertos às relações interpessoais, à troca de afetos, à comunicação enriquecedora? O afastamento dos outros, a prioridade do silêncio são de fato distintivos de radicalidade no seguimento de Jesus Cristo? É este o exemplo que Ele nos deixou? Seriam estes seus principais sentimentos?

É claro que não temos o direito de julgar quem assumiu este itinerário de santificação. Além do mais, reconheço que o silêncio, muito va-

³¹⁷ GARCIA RUBIO, A., *O Humano Integrado*.

³¹⁸ GARCIA RUBIO, A., *O Humano Integrado*.

lorizado, especialmente, na vocação monacal, pacífica e unifica o ser, o predis põe a relações de profundidade, sendo muito necessário ao amadurecimento cristão. Com certeza, o silêncio do coração, no sentido ascético de apaziguamento e de liberdade interior, é determinante na edificação do homem e da mulher novos: “Não se perturbe e nem se intimide o vosso coração” (Jo 14,27).

Sabemos que Jesus Cristo retirou-se muitas vezes para orar, no silêncio, longe do burburinho das multidões: “[...] e, deixando-os, ele foi à montanha para orar” (Mc 6,46). Estes momentos estavam inseridos na vida dele, no contexto de sua vocação de ser humano integrado, revelador do amor do Pai, sempre disposto ao convívio enriquecedor, libertador, salvador. Homem da comunicação, Jesus Cristo não mediu esforços para transmitir a boa nova do amor gratuito do Pai de modo inculturado e concreto.

Quando se retirava em oração de confiança e de abandono – Abba, Paizinho! –, Jesus Cristo tornava visível a atitude constante de concentração interior, comumente chamada de união com Deus. Estes momentos de recolhimento na oração não eram fugas dos compromissos históricos, nem refúgio, diante das dificuldades de relacionamento. Tinham em vista a recuperação de energias, o aprofundamento da união com o Pai, eixo regulador de sua missão, para comunicar melhor o rosto bondoso do Deus/Amor: “Durante o dia, Ele ensinava no Templo, mas passava as noites ao relento, no monte chamado das Oliveiras. E todo o povo madrugava junto com ele no Templo, para ouvi-lo” (Lc 21, 37-38).

3.2 Mortificação como negação da corporeidade ou cuidado pela vida?

A elogiada atitude mortificada de alguns santos, notáveis pelo controle exagerado de emoções e sentimentos, tem sido questionada. Não é humano o projeto que exclui o cuidado com a vida, com a corporeidade, com o desabrochar da capacidade de amar e com as demonstrações de afeto, ternura e reciprocidade. Parece-me também desumano satanizar certas manifestações de ira, de medo e cansaço tão comuns na trajetória existencial. Não é cristão – e muito menos santo – o projeto de vida que subestima emoções, o corpo, criatura de Deus, necessário meio de comunicação entre a pessoa e os outros e o grande Outro, Amor / Agape.

A teoria dualista gnóstica que classifica o corpo de mau penetrou no contexto cristão e nele permaneceu durante muitos séculos da história do Cristianismo. Daí resultou uma certa prática ascética reducionista de des-

prezo ao corpo e às suas manifestações: comer, ver, sentir, tocar etc. que passaram a ser vistas como inimigas no processo de “perfeição cristã”, males necessários, enquanto a alma estiver “encarcerada” no corpo.

É possível constatar, hoje, os inconvenientes desta ascese reducionista que dificulta assumir atitudes humanizadoras quanto à alimentação equilibrada, aos cuidados próprios da higiene, à saúde física e mental, às emoções e sentimentos.

Alguns santos compreenderam a importância de um trato integrado, equilibrado do corpo. Santa Teresa de Ávila, por exemplo, reconhecia a necessidade de uma alimentação saudável para que o corpo se dispusesse bem ao exercício da oração. É muito interessante também o procedimento pedagógico de São João Bosco, que pediu para prepararem melhor a comida servida aos jovens e religiosos em dias de retiro espiritual. Aliás, tornou-se tradição, por muito tempo, nas escolas salesianas, a iniciativa de dedicar um dia na semana para passeios junto à natureza, com caminhadas e atividades recreativas que ajudassem a recuperar energias físicas e psíquicas. Intuições sábias de santos que perceberam o inegável papel da corporeidade na constituição de um humano integrado, harmônico, saudável, alegre.

É desconcertante o clima de receio e constrangimentos criado ao longo dos tempos, por exemplo, a respeito da sexualidade, de manifestações profundas da alteridade, da intersubjetividade. Enquanto as ciências, humanas ou não, propõem a constituição do humano integrado, incluindo na dinâmica pessoal todas as dimensões do ser, inclusive as emoções, até mesmo as consideradas negativas, algumas biografias não conseguiram captar a riqueza da humanidade de muitos santos e santas. Pelo contrário, exageraram, quase chegando a destituí-los de corpo, emoções e sentimentos e carregando nas cores da insensibilidade, do horror à sexualidade, das reticências à afetividade.

Se o mandamento que salva é o amor, efetivo e afetivo, o santo precisa trilhar este caminho com todo o seu ser: Deus nos criou, soprando-nos o espírito de vida e consagrando o humano na sua inteireza. O corpo é dom de Deus, tanto quanto a realidade concreta, o mundo criado. Esta percepção nos é comprovada pelo santo da ternura e da cordialidade: Francisco de Assis. Em contraposição, temos notícias de congregações religiosas femininas que proibiam as religiosas de segurar crianças, para evitar que fossem tentadas pelos impulsos próprios da maternidade e, logo, pelos

instintos sexuais. E onde ficava a beleza da feminilidade? E tudo isto em nome da perfeição religiosa. Hoje, compreendemos que o ser mulher, o ser homem, de modo harmônico e integrado, é item relevante em todo projeto de espiritualidade cristã, de santidade. Naturalmente, consideramos oportuno lembrar que os excessos do culto ao corpo podem indicar esvaziamento espiritual e superficialidade.

3.3 Cultivo da submissão irrestrita ou prática evangélica da obediência?

Assim como aconteceu com o corpo humano e suas manifestações, algumas hagiografias também deturparam a concepção de santidade ao destituir os santos da capacidade de pensar, de decidir, reagir e argumentar. A obediência cega e irrestrita passou a ser também indicador de perfeição cristã. Será que Deus nos quer mesmo incapazes de autodecisão, de reflexão, de argumentação e de tomada de posições? Podemos imaginar quanto empobrecimento pessoal e comunitário resultou desta insistência no valor da renúncia incondicional à própria opinião e vontade. A obediência cega aos pais, aos superiores, à Igreja não podia faltar no cardápio dos santos.

Reconhecemos o valor, a necessidade da autoridade enquanto vivida em espírito de serviço. Em toda comunidade é de real importância a atuação de uma liderança, ao mesmo tempo, dialogante, humanizadora e decidida. Neste contexto, a obediência que santifica é a que procura ouvir, com o coração aberto, os apelos de Deus e da História, discernindo e decidindo em conjunto o que interessa ao bem comum, à vida renovada das pessoas e dos grupos. O que indicamos como negativo no itinerário da santidade cristã é o exercício autoritário do poder que leva à passividade, à acomodação. É a falta de espaço para projetos e sonhos pessoais. Negativos eram os contextos em que a virtude consistia em não perguntar, em falar o menos possível. Quanto menos projetos e sonhos... melhor. Estaria, aqui, a base da incapacidade de conjugação entre ciência e fé, entre competência e santidade? Não parece, pois, os santos do altar da vida testemunharam e testemunham vontade, determinação na concretização de seus projetos pessoais e comunitários. Conhecemos as inúmeras dificuldades enfrentadas, com ousadia e lucidez, por Teresa de Ávila, Dom Bosco, Dom Helder, na realização de suas intuições libertadoras, em vista da revitalização da experiência cristã e do projeto de Jesus Cristo.

O exagero na inclinação do pêndulo para o lado da passividade prejudica a riqueza de um humano integrado que sabe distinguir e atuar conforme as oportunidades que aparecem. Há tempo para tudo e, naturalmente, o santo aprende a comportar-se, em cada momento, com equilíbrio e ponderação, sensatez e franqueza, mansidão e firmeza, atuando no agora, com sabedoria e discernimento. Mais que dizer sim, o santo precisa exercitar a capacidade de dialogar, argumentar, discernir e escolher. Somente assim crescerá em sabedoria no sentido humano e bíblico também. Algumas vezes, deverá ceder, para aceitar opiniões alheias mais lúcidas e verdadeiras. Em outros momentos, terá de reagir e até mesmo resistir, em clima de respeito e desprendimento. Mesmo sabendo que não é dono da verdade, o santo que cultiva a interioridade e o discernimento, que busca valores e caminhos verdadeiros, impulsionado pelo Espírito, pode contribuir com reflexões e descobertas para que a comunidade possa tomar decisões mais sábias e geradoras de vida.

Quantas vezes a submissão absoluta indicou insegurança nas próprias opções, incapacidade de assumir responsabilidade e de fazer história, camuflando acomodação, medo e descompromisso! Por isto, parece-me importante considerar que, hoje, a santidade passa pelo caminho da interação, do diálogo fraterno, das divergências respeitadas, da busca em comum da verdade que liberta e promove a vida. Não existem senhores e servos. Existe, sim, uma comunidade fraterna que ora, que reflete e discerne, que decide em conjunto, promovendo a colaboração responsável de todos. O santo sabe participar desta roda de interações interpessoais, na alegria, com o coração aberto e receptivo, oferecendo e recebendo contribuições com simplicidade e gratidão. Este é o clima evangélico que gera santos e que confirma a importância de autoridades comprometidas com o projeto de Jesus Cristo: “Para que todos tenham vida abundante” (Jo 10,10).

3.4 Desprezo e fuga do mundo ou inserção na realidade?

A palavra de Jesus Cristo, apresentada com ênfase no Evangelho de João sobre a relação dos discípulos com o mundo, foi, muitas vezes, interpretada inadequadamente: “porque não sois do mundo e minha escolha vos separou do mundo, o mundo, por isso, vos odeia” (Jo 15,19). Muitos manuais e itinerários de espiritualidade enfatizaram o distanciamento e a separação das realidades terrestres como condição prioritária para o cres-

cimento na vida espiritual: “Se o mundo vos odeia, sabeis que, primeiro, me odiou a mim” (Jo 15,18). A santidade estaria, segundo interpretação literal destas palavras, do outro lado dos muros dos conventos, na reclusão em desertos e em eremitérios. Provavelmente deve ser por isto que a vida religiosa consagrada, de preferência conventual e enclausurada, foi considerada a vida dos perfeitos e dos santos. A santidade vista como propriedade de monges e monjas está confirmada na referência que se faz à vida religiosa como estado de perfeição.

Que injustiça, meu Deus! Enquanto milhares de homens e mulheres, pais e mães de família dedicados, fervorosos seguidores de Jesus Cristo, lutadores no cotidiano da existência, comprometidos com a defesa da vida, da justiça e das pessoas, não foram, em alguns contextos, reconhecidos dignos do caminho de santidade, outros seres humanos – e somente eles, vivendo protegidos nos conventos, distantes das preocupações sociais e políticas, eram apontados como os verdadeiros heróis e fiéis seguidores de Jesus Cristo. O Concílio Vaticano II ajudou a reparar este desvio ao confirmar o chamado universal à santidade (LG cap V) e ao convocar todo o povo de Deus a estar solidário com as angústias, com as dores, esperanças e alegrias da humanidade (GS cap IV).

O santo, na verdade, não é do mundo, ou seja, não compactua com o pecado, com a injustiça, com a deslealdade, com a malvadeza, com a corrupção, com a cultura da mentira e da discriminação, com o império do poder que destrói a vida e impede a atuação do Espírito. O santo é de fato um batalhador. Ele sabe propor e defender os direitos humanos e gritar pela justiça, em atitude profética. Inserido no mundo, interage com as realidades terrestres, com esperança, fortaleza, ternura e cuidado. Acolhe a criação, a realidade como dons. Integra-se, responsabilmente, na missão de cuidar da natureza, dos seres criados, com determinação, justiça e competência. Assume, ainda que em meio a ambiguidades, a construção da sociedade igualitária, fundamentada na justiça, na comunhão e na inclusão, no empenho com o desenvolvimento de homens e mulheres saudáveis, felizes, fraternos. No seguimento de Jesus Cristo, o santo colabora para que o Reino de Deus aconteça, ainda que em semente, desde agora. O projeto libertador de Jesus Cristo é integral. Logo, não se justifica a fuga das realidades terrenas, por medo, defesa ou comodismo. Estas realidades não são empecilhos à vida de comunhão amorosa com o Pai e com os irmãos. Antes, elas são o cenário onde o amor de

Deus se revela e é nele que diferentes carismas suscitados pelo Espírito devem ser frutificados, colocados a serviço de uma sociedade igualitária, do Reino de Deus, vivenciado no aqui e no agora. Os santos são protagonistas nestas realidades, onde devem revelar o amor misericordioso de Deus *Ágape* que salva, que defende pequenos e necessitados. Não há como escapar deste compromisso:

Os homens e as mulheres que, quando lutam para a sustentação de sua vida e da família, exercem suas atividades de tal modo que sirvam bem à sociedade, podem legitimamente julgar que desenvolvem, com seu trabalho, a obra do Criador, ocupam-se dos interesses de seus irmãos e contribuem com sua ação pessoal para a execução do plano divino na história. [...] Donde aparece que a mensagem cristã não desvia os homens da construção do mundo nem os leva a negligenciar o bem de seus semelhantes, mas antes os obriga mais estritamente por dever a realizar tais coisas. (GS n. 34)

4 Como escolhidos de Deus, amados e realmente santos

No item anterior, apresentei reflexões sobre algumas ambiguidades identificadas no caminho da santidade cristã, em tempos passados, mas com ressonâncias nos dias de hoje. Concomitantemente, apresentei elementos que se contrapõem a esta perspectiva reducionista do caminho da santidade cristã e que podem indicar uma visão mais integradora do projeto de santificação cristã. Neste item 4, tentarei indicar elementos imprescindíveis aos itinerários de santidade vivenciada no hoje da história em perspectiva bíblica, no seguimento de Jesus Cristo, e que podem ajudar na superação de dicotomias reducionistas.

4.1 Santidade e primazia do amor

Sobre todos enviou o Espírito Santo para interiormente os mover a amarem a Deus com todo o coração, toda a alma e toda a sua força (Mc 12,30) e para que se amassem mutuamente como Cristo os amou. (Jo 13,34; 15,12)

Para que o humano seja realmente integrado, é preciso ter a sabedoria de articular as diferentes dimensões da pessoa, tendo em vista a vida nova em Jesus Cristo. O ponto de partida, porém, é a abertura ao projeto de amor gratuito de Deus. Aqui começa o processo de santifi-

cação: render-se, terna, decidida e corajosamente à proposta do amor gratuito de Deus. Acolhendo e deixando-se envolver por este amor, santos e santas poderão testemunhar a bondade misericordiosa de Deus que ama de modo incondicional. As obras que forem realizadas em resposta a este dom serão transbordamento do Amor: “E nós temos reconhecido o amor de Deus por nós, e nele acreditamos. Deus é Amor: aquele que permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele” (1Jo 4,16).

Somos chamados à recepção do amor e à distribuição dele, pois o amor de Deus acolhido expande-se na comunicação com os outros: “No entardecer da vida, sereis julgados pelo amor” (João da Cruz). Por isto, todo programa de santidade precisa ter como eixo integrador o amor: “Ninguém jamais contemplou a Deus. Se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós e o seu Amor em nós é levado à perfeição” (1Jo 4, 12).

O santo que assume o seguimento de Jesus Cristo não perde de vista nem a vida, nem o amor. Assume sua própria realidade e, por meio dela, interage com os outros. A transcendência ocorre quando meu ser inteiro abre-se em direção à alteridade, no encontro com Deus amor/ágape, na intercomunicação com irmãos e irmãs e na relação responsável e amorosa com o meio ambiente, incluindo razão, corpo, afeto, sentimentos, sexualidade, ética³¹⁹. Com certeza, o santo vive o ser-relação, orando, acolhendo, dialogando, servindo, amando, lutando, refazendo o caminho, esperando. Vai haver o momento do silêncio e da palavra, o momento da solidão fecunda e da comunicação amorosa e transformadora. Vai haver muita oração, acolhida do amor no silêncio fecundo do próprio castelo interior, sempre bem articulada com o amor/serviço, com a presença afetuosa e solidária, com a luta pela promoção da vida, pela transformação da realidade:

Todos os fiéis cristãos nas condições, ofícios ou circunstâncias de sua vida, e através disto tudo, dia a dia mais se santificarão, se, com fé, aceitam e cooperam com a vontade divina, manifestando a todos, no próprio serviço temporal, a caridade com que Deus amou o mundo. (LG n. 41).

³¹⁹ GARCIA RUBIO, A., Unidade na Pluralidade; GARCIA RUBIO, A., O Humano Integrado.

É claro que este itinerário amoroso *até às fontes de água viva* implica o exercício da ascese que lhe é concomitante. Teresa de Ávila destaca o amor de *uns pelos outros, o desapego de tudo o que é material e a humildade* (enquanto conhecimento e aceitação de si) como pré-requisitos desta caminhada de aprofundamento no amor misericordioso de Deus. Mas é a vida de Jesus Cristo que nos comprova a primazia do amor no projeto cristão, ao entregar sua vida por nós. Indicou-nos o caminho com o testemunho de vida e com as palavras: “Vós sois meus amigos, se praticais o que vos mando (Jo 15,14). Isto vos mando: amai-vos uns aos outros” (Jo 15,17).

Paulo, o apóstolo fiel e dedicado, realça, em diversas cartas, o amor pelos outros, manifestado no respeito, na solidariedade que move a carregar os fardos dos fracos, agradando o próximo em vista do bem, para edificar a comunhão e a paz: acolher os outros como Jesus acolheu todos, sentir e amar como Jesus Cristo, sendo sábios para o bem e sem malícia para o mal (Rm 16). Por isto, a exortação à vivência do amor gratuito que inclui amigos e inimigos:

Abençoi os que vos perseguem; abençoi e não amaldiçoeis. Alegrai-vos com os que se alegram, chorai com os que choram. Tende a mesma estima uns pelos outros, sem pretensões de grandeza, mas sentindo-vos solidários com os mais humildes, A ninguém pagueis o mal com o mal; seja vossa preocupação fazer o que é bem para todos os homens, procurando, se possível, viver em paz com todos, por quanto de vós depende. [...] se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer, se tiver sede, dá-lhe de beber. [...] Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem. (Rm 12,14-21)

4.2 Discipulado vivido na comunidade

A dimensão eclesial/comunitária é outro elemento essencial da santidade cristã. Paulo, que assimilou com clareza o mandamento de Jesus Cristo: “Para que todos sejam um” (Jo 17,22), insiste na importância da constituição de comunidades fraternas, solidárias, unidas sobre o alicerce Jesus Cristo e comprometidas com vida de comunhão: “Eu vos exorto, irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo: guardai a concórdia uns com os outros, de sorte que não haja divisões entre vós; sede estritamente unidos no mesmo espírito e no mesmo modo de pensar” (1Cor 1,10-11).

A comunidade exerce um papel preponderante na experiência de santidade. Assim como é impossível ser feliz sozinho, também é impossível ser santo sozinho. Não dá para fugir do outro. Não dá para encastelar-se nos próprios medos, com a desculpa de que a dissipação não favorece a contemplação. Cada comunidade deveria ser verdadeiro útero gerador dos mais diferentes carismas, suscitados pelo Espírito conforme as urgências dos tempos e dos lugares. Comunidade que favoreça a manifestação criativa e personalizada da multiforme sabedoria do amor de Deus, em cada um dos seus membros. Somente num ambiente em que predominam relações de alteridade, de respeito, acolhida e valorização do diferente é que poderá florescer a santidade que seja portadora de amor que liberta e salva. Aí, a lei terá seu sentido e seu valor, somente enquanto reguladora da harmonia comunitária. Uma vez estabelecido o amor verdadeiro e sólido, será a caridade a articuladora das relações. A função da ascese será a de ajudar a pessoa a ser livre para o amor, para o exercício da ética da justiça e da solidariedade. Sempre haverá espaço para os profetas, para aqueles que, dotados de maior perspicácia, percebem os desvios do caminho e denunciam, apontando novos horizontes. Sempre haverá espaço para a ética, entrelaçada ao amor. Mas é no espaço comunitário, impregnado de amor, que a vocação profética tem sentido e finalidade.

Quanto poderá ajudar uma comunidade santa, geradora e incentivadora de santos, homens e mulheres, apaixonados, resistentes, perseverantes no seguimento de Jesus Cristo! Uma comunidade que acolhe, que cultiva os filhos e filhas de Deus, santos de hoje, inseridos no século XXI. Santos que amam, sentem, vivem, agem como Jesus Cristo no cotidiano. É de Jesus Cristo, alicerces da espiritualidade cristã, que brota a importância da santidade samaritana sobre a qual apresento algumas reflexões.

4.3 A urgência de uma santidade samaritana alicerçada na experiência de Deus

A maior parte da vida de Jesus, a quem deve o santo seguir, aconteceu em meio ao pó das estradas da Judeia, Samaria e Galileia. Vida dinamizada pelo contato com as pessoas, pela atividade missionária evangelizadora, por relações de amizade, atitudes de amor-serviço, visando a promoção da pessoa, da liberdade e dignidade dos seus contemporâneos: “Eu vim para que tenham vida e a tenham de modo abundante” (Jo 10,10).

A inserção na comunidade, de modo receptivo, alegre, para colaborar, promover, amar, nem sempre é fácil. Mas o Espírito Santo de Amor impulsiona à abertura, ao acolhimento, à comunicação amorosa. Santos que tiveram profundas experiências místicas, de união com o Amado, sentiram-se fortemente impulsionados ao amor efetivo para com irmãos e irmãs: O amor não pode ser entendido sem as obras, nos ensina Teresa de Jesus³²⁰.

No coração do Evangelho, encontra-se justamente o Bom Samaritano, indicando-nos uma santidade samaritana: “Vai e também tu faze o mesmo” (Lc 10,37), ou seja, procura viver a experiência de Deus, na estrada, exercendo a solidariedade e o amor/serviço, sobretudo para com os mais necessitados. A experiência de Deus, cultivada por Maria, irmã de Marta “ela escolheu a melhor parte” (Lc 10,42), a experiência de amor, a atenção ao Senhor, há de transbordar na vivência do amor concreto do samaritano. A santidade que nos comove é a do cotidiano, efetivada no caminho, junto aos caídos e necessitados: “O samaritano chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão. Aproximou-se e cuidou de suas chagas” (Lc 10,33-34).

Com certeza, existe a primazia da graça, da atuação do Espírito que sopra onde e quando quer. Uma vez acolhido o dom, na abertura generosa do coração, obras de amor, de justiça e de reconciliação hão de surgir. A atitude amorosa e acolhedora de Maria (Lc 10,42) casa-se, perfeitamente, com a solidariedade, com o amor/serviço do samaritano (Lc 10,29-37). E o Bom Samaritano, por excelência, é Jesus Cristo, protótipo do humano integrado.

Quem está atento ao amor de Deus e o acolhe, generosamente, saberá fazer uma síntese integradora entre ser-contemplar-amar-servir. Por isto, é necessário cuidar para que o pêndulo não aponte, exageradamente, para Maria desconectada do samaritano, ou vice-versa. Se isto acontecer, os resultados serão desastrosos para a experiência cristã. Aí se enquadram os tipos de oração alienada que falsamente aproxima de Deus, pois enclosura a pessoa no próprio eu, na solidão estéril, no distanciamento da realidade e do próximo. No campo da santidade, sabemos que a oração ocupa um lugar primordial. O que desejamos ressaltar é a oração/contemplação, aquela que brota da acolhida e da sintonia com o amor primeiro, que transforma e liberta. Interessa-nos a oração que pervade a vida toda e que é imprescindível a todo itinerário de santidade.

³²⁰ TERESA DE JESUS, Caminho de Perfeição 32,7.

Na santidade samaritana, não pode faltar o óleo do amor gratuito que jorra de um coração impregnado do amor de Deus: melhor parte que Maria vivenciou. Daí é que brotam os verdadeiros gestos de generosidade, abertura-diálogo com os outros. Uma autêntica atitude samaritana tem os traços da solidariedade, apoio e ajuda, luta pela justiça, partilha de afeto e de vida. Gestos que não são expressão de fuga, de busca excessiva de realização pessoal, mas que revelam amor recebido e partilhado em clima de gratuidade.

É preciso compreender bem o que Jesus Cristo indica, propondo a perfeição como objetivo aos discípulos. O “sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito” (Mt 5,48) não se refere à observância minuciosas da lei pela lei. Antes, exige outro tipo de empenho: vivência efetiva da misericórdia e do amor (Lc 6,36). Longe de nós, porém, desvalorizar toda dedicação e generosidade de tantos santos e santas que trilharam o caminho da ascese, da abnegação, da renúncia, com despojamento e reta intenção. Fizeram o que puderam e o que pensaram ser melhor. Contudo, é bom insistir que a virtude está no meio, no ponto de equilíbrio, na articulação de Maria e do Samaritano que expressam a mesma atitude de acolhida e de explicitação do amor generoso e salvador de Deus/Ágape. O santo, movido pelo Espírito, consegue esta articulação.

4.4 Ser santo com os tempos e os lugares

Cada tempo pede um tipo de santidade, mas, cada pessoa tem seu modo de vivê-la. O amor de Deus é criativo e renovador. O Espírito Santo é pródigo na concessão de dons variados e complementares: profetas, diáconos, presbíteros, leitores, (LG n. 39). Como na comunidade dos seguidores de Jesus Cristo, existem muitas moradas, diferentes são as percepções e os modos de vivência, de concretização do amor. Assim como Zilda Castro, a heroína do início deste capítulo, cada qual acolhe as interpelações do amor segundo a medida dos próprios dons.

Nenhum santo consegue esgotar as insondáveis riquezas do amor de Deus. Na multiplicidade dos dons, podemos apreciar o infinito potencial da graça. Em Maria, contemplamos a profundidade da contemplação: “Ela conservava tudo no próprio coração” (Lc 2,41). E falo de Maria, Mãe de Jesus, mulher do Sim – disponibilidade, acolhida, compromisso – e mulher do Não – resistência, coragem, determinação. Nela, constatamos

o silêncio gerador de vida e também a ousadia em assumir o projeto do Pai: “aqui estou!” (Lc 1,38), em disponibilidade irreversível e em solidariedade aos pequenos e oprimidos: “Abate os poderosos dos seus tronos e eleva os humildes” (Lc 1,52).

Em Simão Pedro, contemplamos a coragem de recomeçar, o zelo na evangelização, no testemunho da fé que se fortaleceu no amor. Em Teresa de Ávila, o arrebatamento do amor que envolve e produz obras de renovação. Em Inácio de Loyola, a contemplação na ação que leva a discernir as moções do Espírito para nele pautar as opções pessoais, a serviço da Igreja. Em Domingos de Gusmão, o zelo pela verdade. Em João Bosco, alegria, bondade e amor efetivo e afetivo que cria relações transformadoras. Isto para citar alguns, lembrando que cada época tem seus santos. E, em todos, a primazia do amor é o eixo articulador de opções e ações, como em Teresa de Calcutá, que persistiu, não sem dificuldades (ascese), no amor/serviço, no seguimento de Jesus Cristo, promovendo a esperança: “para que todos tenham vida” (Jo 10,10) e para que prevaleça o amor (mística), concretizando a santidade samaritana do cotidiano.

É bom lembrar que em todos estes reconhecidos santos, houve ambiguidades, noites escuras, crises existenciais, dúvidas, lutas interiores, momentos de dor e de fracasso. O diferencial encontra-se na acolhida do dom de Deus e persistência no amor, na entrega da vida, na dedicação ao amor/serviço, para a renovação de homens e mulheres em Jesus Cristo: filhos e irmãos no Espírito.

Mas santo mesmo é Jesus Cristo das estradas da Palestina, sensível e comprometido com a gente do seu tempo, comunicador exímio no anúncio do Reino de Deus, coerente até as últimas consequências com o projeto do Pai, amoroso com amigos, marginalizados e desprezados. Jesus Cristo em constante e perfeita sintonia com o Pai, solidário com o povo até a morte de cruz. Jesus Cristo vivo e ressuscitado, vencedor do medo, da opressão, da injustiça, da morte. Jesus Cristo das bem-aventuranças, profeta da libertação, da humanidade renovada no amor.

Conclusão

Acredito que não dê para formular uma receita para “fazer” santos. Não sei como dosar misericórdia, ternura, senso de justiça, espírito de solidariedade, compromisso com a palavra, com a ação missionária ética

e transformadora. O importante é abrir-se ao dom do Espírito e deixar que Ele atue, transformando homens e mulheres em discípulos e discípulas do único verdadeiramente santo, Jesus Cristo.

Afinal, existem santos? Existem sim, santos e santas de Deus que, no cotidiano da existência demonstram fidelidade inquebrantável e dinâmica ao projeto amoroso do Pai, no seguimento de Jesus Cristo. Existem, sim, santos que fazem história, colaboram na transformação da realidade, na construção de uma sociedade mais justa e fraternamente estruturada. Santos e santas que desenvolvem um coração misericordioso junto com a lucidez da mente e sabedoria de vida e que, pela força do Espírito, vão tecendo relações vitais, transformadoras. O santo marca presença. É missionário: o Espírito age por meio dele. Como filho/a e irmão/ã, é santo para os outros. Não dá para ser santo sozinho e isolado, pois a santidade se constrói na dinâmica histórica do cotidiano comunitário.

O itinerário é muito longo e cheio de percalços. Podemos ir acompanhando Paulo, crescendo no discipulado de Jesus Cristo, na experiência do amor de Deus, na configuração a Jesus Cristo: “Para mim viver é Jesus Cristo” (Flp 1,21). Definição simples e essencial da santidade. A santidade cristã é cristológica: viver, sentir, amar, relacionar-se, agir como Jesus Cristo. Este é o verdadeiro itinerário de santidade do discípulo de Jesus Cristo.

Referências bibliográficas

GARCIA RUBIO, Alfonso. *Unidade na Pluralidade*. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. São Paulo: Paulinas, 1989.

GARCIA RUBIO, Alfonso (org.). *O humano integrado*. Abordagens de antropologia teológica. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium*. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html Acesso em: 12 set 2023.

TERESA DE JESUS. Caminho de Perfeição. In: TERESA DE JESUS. *Obras Completas*. 8.ed. São Paulo: Carmelitanas/Loyola, 2021. p. 221-313.

10

Vida e morte: dois lados da mesma moeda

*Celso Pinto Carias*³²¹

Introdução

Com este capítulo, queremos apresentar uma reflexão que hoje tem estado um tanto quanto à margem das conversas cotidianas: a morte e suas possíveis consequências eternas.

O objetivo é apontar para uma vida na qual se constate as angústias verificadas nas situações de morte, mas que ao mesmo tempo indique uma vida na qual essa experiência possa ser vivida sem traumas ou alienações, tomando a proposta cristã de vida eterna como capaz de oferecer esperança aos simples, ainda que ela não seja incompatível com elementos conceituais das ciências modernas.

Para alcançar o nosso objetivo em um primeiro momento, ajudados pelo escritor português José Saramago, criaremos um cenário imaginário no qual o leitor e a leitora percebam o papel social e biológico da morte.

No segundo momento, identificaremos brevemente a situação cultural, social, política e econômica na qual a experiência da morte é constatada, apresentando inclusive a experiência do próprio autor do capítulo por ocasião da morte de seus pais.

Depois, serão indicadas algumas questões de fundo, de ordem filosófica e antropológica, subjacente ao ato de morrer, que acompanham a história da humanidade, apontando para a proposta cristã que será apresentada no quarto momento.

Finalmente, no quinto e último momento, o capítulo será fechado com uma reflexão sobre as expressões simbólicas que têm perpassado a tradição cristã ao longo de vários séculos. No interior destas expressões, constataremos uma mensagem de esperança com um enorme potencial humanizador.

³²¹ Doutor em teologia pela PUC-Rio e professor no Setor de Cultura Religiosa do Departamento de Teologia da PUC-Rio. Orientado pelo professor Alfonso García Rubio no mestrado e no doutorado.

* Este capítulo foi publicado originariamente no livro *Espiritualidade Cristã em tempo de Mudança*, organizado por Alfonso García Rubio e Joel Portella Amado. Relançado nesta obra, com pequenas mudanças, pois continua atual, em homenagem ao professor Alfonso García Rubio. Foi seu aluno em sete disciplinas entre graduação e pós-graduação.

1 E se não morrêssemos?

O desejo que os seres humanos possuem de nunca morrer está presente em todas as culturas. O medo, e até certo terror, invade vidas humanas quando se trata de encarar a morte. No entanto, morrer é inerente à nossa biologia. Não há como evitar. Hoje podemos até prorrogá-la um pouco, mas interromper o ciclo natural do nascer, viver e morrer não é possível.

Para ilustrar o desejo da imortalidade, o escritor português José Saramago escreve um romance interessante³²², no qual cria um país imaginário onde, a partir de um determinado momento, ninguém morre mais: “No dia seguinte ninguém morreu”³²³ – assim é a primeira frase da obra.

Diversas situações inusitadas vão aparecendo, uma a uma. Doentes em estado terminal veem prolongado seu sofrimento; mãe e filho em parto que os conduziria à morte ficam na penumbra da eternidade, sem morrer ou viver; a rainha-mãe, do país imaginário, em idade avançada, tem a sua morte interrompida às 23h59min, um minuto antes do dia em que a *morte* decidiu não mais matar.

O país é obrigado a repensar sua organização. Governo, empresas, a Igreja (no romance, a Igreja Católica) enfrentam, cada um a seu modo, os desafios da nova realidade. Como gerenciar um país com hospitais onde os doentes ficam permanentemente na UTI? As funerárias entram em colapso, pois perderam a razão fundamental de sua existência: enterrar os mortos. Como poderia a Igreja manter os fiéis se o medo da morte não existe mais?³²⁴

Realmente, Saramago nos coloca diante de uma situação na qual o fim da morte não dá conta dos problemas. Outros problemas, não relacionados pelo romancista, poderiam ser listados, porém o que importa aqui é chamar atenção para um dado inevitável que pode ser verificado na seguinte frase do autor: “(...) Antes, no tempo em que se morria, nas poucas vezes que me encontrei diante de pessoas que haviam falecido, nunca imaginei que a morte delas fosse a mesma de que eu um dia viria a morrer”³²⁵. Parece que temos muita dificuldade quando precisamos encarar a nossa própria morte de frente.

³²² SARAMAGO, J., *As intermitências da morte*.

³²³ SARAMAGO, J., *As intermitências da morte*, p. 11.

³²⁴ Não concordamos com o autor do romance quanto ao ter na morte o ponto de partida da fé. No entanto, infelizmente muitas vezes, a catequese cristã corre o risco de usar tal estratégia.

³²⁵ SARAMAGO, J., *As intermitências da morte*, p. 73.

Imaginemos em nossa realidade como seria viver sem morrer? Façamos um exercício mental para descrever o mundo sem este fenômeno inerente à vida humana. E os milhões de cadáveres do genocídio nazista? Como seria enfrentada uma epidemia ou pandemia como a do Sars-CoV-2 (Covid-19)? Como ficaríamos diante das vítimas de acidentes e catástrofes? Por mais que seja traumático, morrer é uma necessidade imperativa da condição humana.

O romance segue o seu itinerário, conduzido por um ateu convicto, abordando com certo humor irônico aquele estado de vida o qual todo ser humano, seja qual for a idade, um dia encontrará. Saramago cria um personagem chamado *morte*, mas na nossa vida é uma realidade que nos atinge, inexoravelmente, de muitos modos. É verdade que a complexidade da sociedade faz com que, muitas vezes, tenhamos um quadro bastante desolador. Contudo, morremos, e precisamos encarar tal fato com dignidade. Precisamos estar diante da morte como o apóstolo Paulo, que exclamava: “Morte, onde está a tua vitória?” (1Cor 15,55); ou como Francisco de Assis, que chamava a morte de irmã.

2 Mas, morremos

Nesta seção, iniciaremos a reflexão com fatos da vida real, na qual o próprio autor tem participação ativa. Serão relatados fatos da vida do autor, mas que com certeza foram construídos na relação. Como diz a filósofa espanhola Adela Cortina, fazendo menção ao mito do Gênesis: “Porque o que existiu no início não foi o indivíduo sozinho, tampouco a comunidade, mas a pessoa em relação com a outra pessoa”³²⁶. Aqui não existirá ficção, romance ou imaginação. Talvez seja interessante que os leitores e leitoras façam o exercício de também se colocarem diante de situações similares.

Moro na Baixada Fluminense, região do estado do Rio de Janeiro, há muitos anos. A Baixada é mais conhecida pela miséria e pela violência. Encontrei-me com a morte em muitas ocasiões, pois além da morte por doenças e pela violência do trânsito, existe um tipo de crime cometido pelos chamados grupos de extermínio – ou por milicianos, como hoje se configura. Este tipo de assassinato faz com que em muitos lugares nos deparemos com cadáveres no meio da rua.³²⁷ Também ainda acontece de

³²⁶ CORTINA, Adela, Aliança e Contrato – Política, ética e religião, p. 14.

³²⁷ ALVES, J. C. S., Dos Barões ao Extermínio – Uma história da violência na Baixada Fluminense..

alguém bater na porta de nossas casas pedindo dinheiro para o enterro de um parente. Enterrar é caro. Muitos pobres abandonam o corpo de um ente querido no hospital por não terem condições de pagar o funeral, e isto não acontece somente na Baixada, mas em muitas regiões do Brasil.

Meu pai e minha mãe já morreram. Fato natural, pois nossos pais, em geral, morrem primeiro. No entanto, a situação na qual a morte deles aconteceu fez com que sentíssemos um pouco a grave situação da saúde no Brasil. Meu pai morreu aos 54 anos de idade. Tinha uma hérnia e não conseguia tempo para realizar o tratamento cirúrgico, pois não tirava férias. Quando consegui, foi operado quatro vezes, em tempos diferentes, mas sem sucesso. Na quinta e última vez, foi internado de emergência, após peregrinar por vários hospitais, e não resistiu. Minha mãe morreu de infarto fulminante aos 62 de idade, dentro de um transporte público. Quando chegou ao hospital, levada pelo próprio motorista da linha de ônibus, não havia mais o que fazer.

No enterro de minha mãe, muitos estranharam o fato de eu não chorar. Algo semelhante já tinha acontecido alguns anos antes no enterro do pai (em casa chamávamos assim, e não “papai”). Evidentemente que forte dor e a saudade já começavam a aparecer naquele momento, e chorar também não seria nenhum absurdo. Todavia, tratava-se, por causa da fé, da celebração da esperança, do prolongamento da vida, como veremos à frente. No enterro da mãe, pedi, quando a urna era depositada, que todos batessem palmas para a vida de Laudelina Pinto Carias, que muito sofreu na vida. Naquele momento, celebrávamos sua entrada na vida que não sofre mais, na vida eterna. A dor da saudade não pode ser maior que a esperança de estar eternamente com o autor da felicidade: Deus.

A realidade pessoal descrita acima é apenas um fato concreto de algo que acontece em escala muito maior na sociedade brasileira e em muitas outras. Não cabe aqui realizar uma longa narrativa em torno do muito que poderia ser evitado em torno das amarguras que a morte produz, se vivêssemos, por exemplo, em uma sociedade com maior justiça social. Certamente não se resolve a angústia humana do morrer apenas com justiça social, mas se pode evitar um conjunto de fatores que, com certeza, dariam maiores condições para enfrentar este momento. Meu pai, por exemplo, não teria morrido de uma patologia facilmente tratada e poderia ter ficado no seio da família ainda por alguns anos. Uma morte por “bala perdida”, causadora de muita dor, pois muitas vezes a vítima é uma criança, não

seria comum se a segurança pública fosse tratada com a seriedade de uma visão política abrangente, sem os reducionismos grosseiros de tratar a violência com mais violência.

Porém, ampliando o olhar, podemos observar o quanto a sociedade se mobiliza com a ida ao túmulo. Dependendo da cultura, a atitude diante da morte sofre muitas variações. A vida em comunidade é fator determinante para o tipo de experiência que fazemos com essa situação inevitável.³²⁸ Ela pode se dar de forma mais tranquila ou mais desesperadora. Pode ser um momento de fortalecimento da fé, de forte dúvida, ou de abandono da fé. Pode até ser, dependendo da cultura, um momento de festa.

Em muitos casos, pessoas encontram consolo no enraizamento da vida em expressões artísticas. O falecido cantor e compositor brasileiro, o sambista João Nogueira, foi mestre em narrar a saudade de um ente querido, com muita sensibilidade, quando, por exemplo, cantava:

O corpo a morte leva
A voz some na brisa
A dor sobe pra'as trevas
O nome a obra immortaliza
A morte benze o espírito
A brisa traz a música
Que na vida é sempre a luz mais forte
Ilumina a gente além da morte
Venha a mim, oh, música
Vem no ar
Ouve de onde estás a minha súplica
Que eu bem sei talvez não seja a única
Venha a mim, oh, música
Vem secar do povo as lágrimas
Que todos já sofrem demais
Ajuda o povo a viver me paz. (*Súplica*)

O mesmo autor acima compôs outra, por conta da morte do pai, muito bonita, mas longa para colocar em nosso capítulo. A canção se chama *Espelho*.

Nesta altura de nossa reflexão, alguém poderá perguntar: onde entra a teologia cristã diante do exposto? Aqui começaremos a ser convidados

³²⁸ Nesse sentido é interessante consultar uma obra que faz uma abordagem muito expressiva do processo de morrer nas diversas sociedades constituídas pela humanidade: FEITOSA, Charles. *Explicando a Filosofia com Arte*.

e convidadas a deslocarmos um pouco o modelo que se tornou tradicional para expressar a esperança eterna no cristianismo. Até bem pouco tempo, era a abordagem conhecida como *os novíssimos*. Mas ela foi perdendo a força em comunicar o núcleo fundamental da fé cristã.

O cristianismo tem uma mensagem extremamente libertadora e capaz de dar sentido à vida e à morte. Todavia, ao longo da história, muitas vezes setores cristãos se deixaram influenciar por modelos culturais que não ajudavam a resgatar tal dimensão libertadora. Imagens de terror, de castigo aterrador e não de misericórdia e amor, como revelou Jesus Cristo.

Mas o conteúdo da chamada *escatologia cristã*, isto é, a reflexão teológica que vislumbra o futuro eterno em perspectiva esperançosa, possui grande riqueza antropológica. E o mundo de hoje, por incrível que pareça, oferece-nos muitos elementos que ajudam a resgatar o núcleo fundamental de tal riqueza. Vamos então, dialogando com a mentalidade atual, começar a construir aquilo que se espera vivamente para quem segue o Caminho de Jesus Cristo.

3 Quem não assume o morrer tampouco não sabe viver

Especificamente, escatologia é a reflexão teológica que aprofunda as questões em torno da morte, da vida eterna, céu, inferno, purgatório etc. Chama-se escatologia porque a palavra, de origem grega, quer dizer as coisas relativas ao futuro (*escaton*). Mas não é simplesmente um futuro cronológico, no sentido do tempo humano histórico (ontem, hoje e amanhã), e sim no sentido qualitativo, isto é, um tempo novo e redimensionado. No grego bíblico, existem duas palavras para indicar o tempo: uma é *chronos* (tempo contabilizado) e outra é *kairós* (uma situação em que o tempo é a qualidade de vida, que os cristãos entenderam como vida em Deus – tempo de salvação). É no sentido de *kairós* que se deve interpretar a escatologia.

Por ser um assunto que remete para uma situação a qual estamos limitados para descrever, a reflexão escatológica se torna um tanto quanto complexa. Existem vários elementos culturais que se interpõem nas conclusões, acarretando, no caso cristão, o perigo de se desviar do núcleo básico daquilo que se depreende do próprio Jesus Cristo. Identificamos três razões básicas que provocam esta situação:

- a) a primeira se refere justamente ao entendimento que temos quanto ao conceito de tempo e de espaço. Nossa mentalidade construída na concretude da vida, e não poderia ser diferente, toma a referência *tempo* de maneira muito cronológica e *espaço* como uma questão de medidas bem objetivas. Por isso, temos dificuldades de perceber a novidade que é a vida eterna.
- b) a segunda se refere ao modo como compreendemos o ser humano, pois somos fortemente influenciados pela filosofia greco-platônica que o divide em duas partes distintas e opostas, como se o corpo fosse inferior à alma. O ser humano, na visão cristã, é uma pessoa com duas dimensões (espiritual e corporal) mutuamente relacionadas.³²⁹ Não existe, portanto, uma alma isolada do conjunto da vida.
- c) E a terceira razão diz respeito ao ambiente no qual a reflexão sobre o futuro ganhou maior desenvolvimento, o ambiente medieval, repleto de simbolismo apocalíptico, como fornalhas, tridentes e ameaças de uma vida de sofrimento eterno.

As razões apresentadas acima não compõem a estrutura central da mensagem cristã. Portanto, podemos empregar novas perspectivas sem alterar essa mensagem. A física, a biologia, a antropologia, a psicologia, entre outros saberes, oferecem hoje muito material com o qual podemos dialogar. E este material permite não somente uma atualização da mensagem cristã, mas de certa forma até sermos mais fiéis a ela.

Devemos concluir: não adianta fugir da morte. O movimento de fuga advindo da sociedade atual só tem prejudicado a dignidade da vida humana. Falar da morte é falar do sentido da vida. É na morte que se revela, de modo definitivo, aquilo que o ser humano é. Então, o desejo de prolongar infinitamente a vida que se tem por intermédio de procedimentos científicos é, simplesmente, o medo de se encontrar consigo mesmo.³³⁰ Viver

³²⁹ Para aprofundar a influência do dualismo platônico na cultura ocidental e no cristianismo, recomenda-se o livro: GARCIA RUBIO, A., *Unidade na pluralidade*. O presente trabalho não tem condição de aprofundar a questão e também não é o seu objetivo. O autor deste capítulo, quando entrou em contato com tal explicação, vislumbrou a necessidade de superar tal dualismo. Hoje, 2024, junto ao nosso mestre Rubio, constatamos que esta superação ainda está longe de acontecer.

³³⁰ Quando se analisa a situação de doentes terminais percebe-se muito bem o que está sendo dito acima. E quem se debruça sobre a temática da morte não poderá deixar de consultar a importante obra de KÜBLER-ROSS, Elisabeth, *Sobre a Morte e o Morrer*. Esta autora desenvolveu bem as fases pelas quais geralmente passa a pessoa que tem consciência da própria morte: negação e isolamento, a raiva, a barganha, a depressão e finalmente a aceitação.

é aprender a morrer. Não adianta reprimir a reflexão sobre a morte, pois fazendo isto se está reprimindo, na verdade, uma questão central para a vida.³³¹

Na verdade, a morte esconde e revela, ao mesmo tempo, a pergunta fundamental que todo ser humano faz a si próprio: qual o sentido da vida? A morte possui um caráter definitivo.

Nada mais pode ser alterado.

Nada mais pode ser mudado. A dinâmica cíclica daquilo que se chama vida chegou a um fim. É fim duplo no seguinte sentido: a) Não posso mais mudar nenhum dos meus atos nem nenhuma das consequências de meus atos realizados durante a vida; b) não posso mais mudar nada na minha própria personalidade.³³²

A nossa energia se esgota e nos encontramos face a face com aquilo que fizemos da vida. Porém, a consciência da realidade da nossa história não é para transformar a crença na vida após a morte em um *terror*, e sim para buscar um sentido último de nosso itinerário. É esse o contexto no qual devemos começar a colocar as questões teológicas que perpassam o ato de morrer na nossa fé.

4 A transformação

A ação evangelizadora não deveria apresentar uma imagem de Deus que provoque diante da morte uma atitude de medo, até mesmo de verdadeiro desespero para muitos. Em sintonia com a realidade do Deus de Jesus Cristo, é preciso buscar o verdadeiro sentido da morte no contexto de um Deus que dá sentido à vida. Assim, a teologia hoje procurará falar uma linguagem capaz de atingir o ser humano na situação em que ele vive, levando em consideração as circunstâncias nas quais a humanidade se encontra. Não basta repetir formulações doutrinárias do passado, que possuíam relevância no contexto em que foram elaboradas, mas que não comunicam hoje com a mesma força.

Na catequese, por exemplo, deve ser evitada a formulação de um ensinamento que construa atitudes como: tentação de formular mensagem

³³¹ As reflexões que virão a seguir estão fortemente influenciadas pela obra de BLANK, Renold J. *Escatologia da pessoa – vida morte e ressurreição*. E, em menor escala, por HENNEZEL, Marie de; LELOUP, Jean-Yves. *A arte de morrer*.

³³² BLANK, R., *Escatologia da pessoa – vida morte e ressurreição*, p. 53.

puramente de consolo; o perigo de se perder a dimensão transcendente da mensagem; também o perigo de se habituar à morte brutal, provocada por crimes e guerras ou em hospitais lotados; e o de se contentar com as respostas e fórmulas habituais (ex.: é o destino, tinha que ser assim... etc.). Tais atitudes não ajudam na percepção da mensagem libertadora do cristianismo.

É necessário abrir espaço para anunciar a vida eterna dentro de uma direção que, de fato, seja fiel ao Deus de Jesus Cristo. Assim, a fé cristã, em diálogo com as questões do ser humano de hoje, que faz a experiência da morte em sua totalidade, buscará apresentar a eternidade como possibilidade que não tem nada de absurdo.

A morte, na verdade, pode e deve ser apresentada como um novo nascimento. Morre-se para uma realidade e se nasce para outra. A morte, simbolicamente, é como o processo de transformação da lagarta em borboleta. Existe uma espécie de metamorfose na qual somos jogados para outra dimensão de uma mesma vida. É interessante observar que até mesmo na ciência física atual se constata que o universo está pulsando, isto é, está num constante processo de evolução e transformação. Por isso, como diz Blank, “aquele potencial energético que diz EU, não pode desaparecer”³³³. A Física Quântica revolucionou o conceito de tempo e espaço. Por isso, aquela dificuldade observada no item anterior, quanto a concretude histórica de tempo e espaço, pode ser vencida pelas novas conclusões da ciência moderna.

Assim sendo, devemos afirmar que a morte e a vida após a morte empenham a pessoa humana em sua totalidade. Quando falamos de vida eterna devemos envolver a pessoa humana na totalidade de seu viver. Na verdade, deve-se falar na continuidade da vida que teve apenas um começo e não terá fim. Deus não se preocupa com almas isoladas, mas sim com seres humanos inteiros. Por isso o Novo Testamento afirma que *Deus é o Deus da vida e não dos mortos!* (Lc 20,38; Mt 22,32; Mc 12,27). Para o cristianismo, a salvação é um acontecimento que se dá desde o começo da vida. É na história atual que começa o processo definitivo de salvação. Portanto, a morte é mais uma etapa deste processo. Não devemos encará-la com medo ou culpa, ainda que muitas vezes ela represente um grande sofrimento.

Infelizmente, ao longo do tempo, muitas vezes, pregou-se uma relação com Deus carregada de culpa e de medo. É certo que a crença no amor

³³³ BLANK, R., Escatologia da pessoa – vida morte e ressurreição, p. 71.

eterno de Deus me leva ao confronto com aquilo que faço da vida, mas não para transformá-la em uma vida de medo e culpa. Somos seres limitados, e mais do que isso, pecadores, mas o nosso pecado pode ser vencido pelo amor: “Acima de tudo, cultivai, com todo ardor, o amor mútuo, porque o amor cobre uma multidão de pecados” (1Pd 4,8).

Hoje ainda vivemos certo tipo de religiosidade cristã que se transmite de maneira muito opressiva e assustadora. Muitos se tornam religiosos apenas motivados por medo da morte e do inferno. Este fato pode trazer consequências negativas para o anúncio e a prática do cristianismo no mundo, pois se temos uma imagem de Deus como carrasco, corremos o forte risco de sermos carrascos para os nossos semelhantes.

O inferno não pode ser pregado como uma arma para assustar pessoas de outras religiões ou ateus, como foi durante muito tempo. É preciso superar a força opressiva do inferno neste mundo para poder lutar contra os *infernos* que começam aqui, ainda que exista a possibilidade, como afirma a Igreja, de um inferno eterno. Mas é preciso construir uma fé com esperança. Uma esperança que é um movimento dinâmico, de transformação, que não se conforma em trabalhar pensando apenas *num outro mundo*, mas que atua desde já, na esperança de realizar o encontro definitivo com Deus na eternidade.

Superado o medo e o complexo de culpa presentes, muitas vezes, em nossa experiência de morte, podemos vislumbrar um pouco daquilo que a fé cristã coloca sobre este momento. É na morte que, de fato, poderemos encontrar Deus face a face (1Cor 13,12). E, sendo assim, ela não é um momento estático. Quando chegamos a essa situação final da vida terrestre, podemos afirmar que chegamos ao *estado de morte*. Um estado transitório que nos levará a uma realidade final. Quando passamos pela morte não há mais possibilidade de ficarmos indiferentes frente ao convite do Deus da vida. Portanto, se não passarmos pela morte não poderemos nos encontrar, definitivamente, com Deus. Esta é a verdade das verdades na trajetória humana.

É na morte que, finalmente, o ser humano poderá encontrar Deus como fim último de sua existência. Apesar de nossa limitação, de nosso pecado, o encontro com Deus é encontro de amor. É um encontro no qual a pessoa humana reconhece o que, na realidade, Deus pretendia com a totalidade de sua vida. Então, pode-se experimentar quão pouco se realiza daquele projeto humano que Deus tem para todos.

A morte é a única situação na qual o ser humano se encontra, de fato, sem instrumento de segurança, sem defesa ou justificativas que encubram aquilo que realmente ele é. Na morte, existe um estado de pobreza absoluta, estado necessário para se encontrar diante de Deus. Trata-se daquela pobreza que Francisco de Assis experimentou, isto é, um estado de vida esvaziado de poder e preenchido pelo único poder capaz de salvar: o AMOR. Constata-se, com evidência, que nada do que foi adquirido na experiência anterior serve para barganhar a sua realização final. Aqui, o ser humano estará, finalmente, em condições de amar, pois amar significa *ser com o outro*. É aqui que a existência humana encontrará, ou não, verdadeiramente, a razão última de sua existência.

A morte é um ato incondicional de fé em Deus, pois nela poderemos perceber que se não fosse pelo amor de Deus não teríamos condições de salvação. Mesmo as “boas obras” podem ser feitas por interesse próprio. É claro que isso não significa a rejeição à transformação da história. Ao contrário, é a radicalização, pois deveremos nos colocar a serviço do outro gratuitamente, pois Deus nos ama de modo absolutamente gratuito. É ato de fé porque a salvação de Deus não pode ser nem forçada e nem tomada à força. Devemos, na morte, finalmente aceitar Deus. Aceitar Deus como ele é. A fé cristã nos remete justamente à percepção desta direção. No entanto, o ser humano, em sua fragilidade, influenciado pelo pecado, pode rejeitar Deus e seu projeto de amor na condução da história humana. E o que isto pode significar?

5 No final dos tempos

Estamos chegando ao final da exposição sobre os últimos acontecimentos de nossa vida. Preparado o caminho com as reflexões anteriores, podemos entender melhor o que a doutrina cristã diz a respeito do futuro eterno. Vamos começar com o purgatório e o inferno e depois chegaremos ao céu e ao juízo final. É preciso relembrar que não podemos tratar céu, inferno, purgatório etc. como lugares e sim com uma situação de vida em que os nossos conceitos de tempo e espaço histórico devem ser redimensionados.

Começemos com o purgatório, muito questionado, mas que revela uma profunda teologia. Teologia que fala para toda e qualquer

pessoa, ainda que se possam ter dúvidas ou mesmo não acreditar nos pressupostos cristãos. A partir de tal reflexão, se pode facilmente alcançar as outras dimensões simbólicas. A doutrina do *purgatório* demorou um pouco a ser estabelecida na Igreja. Ela surge no contexto da pergunta sobre a justiça de Deus e sobre a salvação: poderia alguém não ser salvo? Alguns teólogos dos primeiros tempos (Padres da Igreja) chegaram a defender a salvação universal de todos no juízo final (eles o chamaram de *apokatástasis*). Contudo, retirados os exageros e tomando com cuidado a simbologia apocalíptica que ronda esta questão (também para o inferno e o céu), alguns elementos podem ser destacados:³³⁴

– O purgatório nos ensina que há uma profunda ligação entre perdão e conversão, por isso, até mesmo na morte haverá uma relação entre aquilo que fizemos de nossa vida e o perdão misericordioso de Deus que exigirá de nós conversão. Conversão também pelo fato da nossa vida estar no contexto histórico, e, por isso, a salvação está submetida ao conjunto dos acontecimentos estruturais que perpassam a vida.

– Na morte, o ser humano será posto perante a necessidade de última conversão. A morte não elimina a possibilidade de evoluirmos frente ao conhecimento de Deus e isto pode representar certo esforço.

– Como na morte existe ainda conversão, isto pode significar um processo doloroso: “Viver esta última conversão, porém, superar radicalmente tudo aquilo que tem ainda de orgulho e de egoísmo na personalidade do homem, abdicar de todos os seus poderes e aceitar sua própria nulidade, gritando a Deus para que ele o salve, todo este processo de conversão pode se tornar experiência muito dolorosa”³³⁵. E todos sabem que a dor de consciência pode ser muito maior que a dor física. Nada de *almas se purificando em um lugar sombrio e doloroso*.

° O purgatório não tem duração de tempo, nem é lugar. Devemos ter em mente sempre, como já mencionamos anteriormente, que a noção de tempo e espaço está vinculada à nossa experiência terrestre. Propriamente, somos nós que esperamos, e não quem morre. Apesar da dor, o purgatório é uma experiência de amor. O amor é a experiência mais profunda do ser humano, mas que pode trazer sofrimento.

³³⁴ Aqui, estamos seguindo de perto a obra de R. BLANK já citada.

³³⁵ BLANK, R., Escatologia da pessoa – vida morte e ressurreição, p. 207.

Contudo, apesar da infinita misericórdia de Deus, “também na morte, o homem tem a possibilidade de recusar o amor de Deus”³³⁶. Existe a possibilidade de dizer não ao convite salvífico de Deus. Neste caso, o ser humano ficaria fixado na situação de morte. Seria uma espécie de *morte viva*. É viver *eternamente* sem participar do projeto amoroso de Deus. Porque a morte não termina com o discernimento humano, e é este último momento que será eternizado. E é aqui que se dá o inferno. O “caldeirão de fogo” é apenas um símbolo para dizer infelicidade eterna: viver sem Deus.

Então, haveria alguém na situação de inferno? Se pensarmos a situação de eternidade com os nossos conceitos de justiça distributiva certamente poderíamos fazer uma lista de condenados ao inferno. Mas o amor de Deus é ilimitado, e nós, que amamos de maneira limitada, temos a pretensão de controlar o amor de Deus, de nos colocar no lugar de Deus. Assim, o inferno só pode ser apresentado como uma possibilidade real. Por isso, a Igreja, sabiamente, nunca afirmou oficialmente quem está na situação de inferno, pois o amor de Deus é infinito e pode, apesar da necessidade de purificação, libertar o ser humano de sua própria condenação.

Assim sendo, é preciso resgatar uma imagem de Deus que não nos oprima, de um Deus que não se impõe pela força, mas que nos diz com carinho como disse à Maria: “Não tenhas medo, Maria, porque encontraste graça diante de Deus” (Lc 1,30). A nossa pregação e vida deve se basear no amor de Deus e não no medo do inferno.

Enfim, chegamos no “começo do fim”. Derrubadas as barreiras que não nos permitem perceber o futuro em Deus como as realizações completas de uma trajetória de amor, podemos vislumbrar o caminho que a tradição cristã chama de juízo final, ressurreição e céu.

O juízo final representa a dimensão comunitária. É na morte que poderemos constatar, de imediato, como fica a história da humanidade diante do mistério de Deus. É sempre bom lembrar, pois estamos muito arraigados no tempo e no espaço histórico, que na eternidade não há nem antes nem depois, por isso a dimensão de espera é sempre para quem fica, e na eternidade se “espera” pela salvação daqueles que ficaram.

O cristianismo apresenta a realidade humana como uma *rede* de relações da qual ninguém está fora. Todos os nossos atos humanos possuem repercussão social, por menores que sejam. O que fiz com a minha vida implica sempre o que eu fiz com a vida dos outros.

³³⁶ BLANK, R., Escatologia da pessoa – vida morte e ressurreição, p. 244.

O juízo final é constatação de que toda opressão, toda forma de dominação humana é um pecado frente ao projeto amoroso de Deus em salvar toda humanidade. Em fazer com a humanidade uma parceria eterna. E como não existe humanidade fora do contexto global da natureza, do universo, a salvação tem também uma dimensão cósmica. A natureza não está aí para ser destruída e sim para ser instrumento de salvação.

Assim, diante deste juízo, estaremos ressuscitando, imediatamente, com toda a nossa vida. Como é a vida ressuscitada? Só podemos responder a esta pergunta usando símbolos que nos permitam uma aproximação, pois, como insistimos, muitas vezes, a eternidade não pode ser medida com as nossas categorias de tempo e espaço. Com o apóstolo Paulo só podemos dizer: “(...) semeado corruptível, o corpo ressuscita incorruptível” (1Cor 15,35-44).

De tudo que foi colocado, ainda que sinteticamente, depreende-se que o céu, obviamente não é um lugar, e sim um estado de vida. Um estado de vida no qual o amor será elevado à perfeição (1Cor 13). *Céu: viver eternamente com Deus, esta é a felicidade.*

Não se pode propor Deus à humanidade como uma ameaça, baseado numa *ideologia do medo*. Deus não é um carrasco que fica esperando a agonia de suas vítimas. E, além disso, para onde nos levou a teologia da ameaça do *fogo do inferno*? Depois de dois milênios de cristianismo se conseguiu superar, sensivelmente, os infernos de nossa história? Na verdade, a reflexão escatológica nos leva a concluir que para vivermos com Deus devemos estar em um contínuo processo de conversão, no qual a morte é o ápice, o ponto culminante deste processo.

Não podemos falar da continuidade eterna da vida se não nos colocarmos, desde já, a serviço da superação das situações que atrapalham experimentar Deus como o Autor da Vida. Assim, colocar-se a caminho da eternidade é ser capaz de viver a contradição, é ser capaz de conviver com os nossos limites e colocar o que somos a serviço da vida, da nossa vida e da vida dos outros. É preciso correr nesta direção. Como diria São Bento:

Correi enquanto tendes a luz da vida.
Correi no caminho dos mandamentos de Deus.
Cumpre correr e agir agora de forma que nos
aproveite para sempre.

Conclusão

Embora o último item já possua um caráter conclusivo, queremos realizar ainda algumas observações. Uma teologia da esperança, como procuramos indicar ao longo deste capítulo, levanta a necessidade de estarmos atentos e atentas para uma série de desafios que se colocam à nossa frente nos dias atuais.

Aquilo que os cristãos chamam de *evangelização* precisa tomar cuidado para não absorver, ao longo do tempo, elementos que não ajudam na transparência do núcleo fundamental da fé cristã.

É preciso questionar profundamente uma teologia do medo, da coerção, da culpa, que convida a uma submissão aterradora e não à partilha do amor de Deus revelado em Jesus Cristo.

Enquanto escrevia este capítulo, um amigo experimentou a morte se seu pai. Ele é médico, mas como qualquer ser humano, sofre quando alguém que ama se despede definitivamente. Então, enviei a ele o capítulo praticamente pronto, na tentativa de ser solidário com palavras que eu não poderia dizer diretamente. Ele respondeu agradecendo e enviou-me um pequeno poema para expressar o que sentia:

Não à morte

Não temo a morte
Mas a quero distante
Eterno é a obra
Do ser que finda.
Na vida feliz
Os seres humanos
Constroem e destroem
Sem muito saber
Que tudo que fazem
Será sempre lembrado

Jesus é exemplo
De obra importante
Deu paz para sempre
A todos presentes

Meu pai é Jesus
Ensinou-me a viver
Com simplicidade,
Honra e vontade
Obrigado meu pai,
Será sempre lembrado. (*Alberto Daflon*)

Muitos são os desafios. Mas podemos enfrentá-los. É possível uma Pastoral da Esperança fundamentada em bases teológicas e antropológicas capazes de falar a linguagem de hoje. Um trabalho catequético feito desde a infância com uma iniciação cristã capaz de ir ao encontro do Mistério, onde se experimente a serenidade da vida que passa pela morte. Que o Senhor nos ajude e ilumine para ousarmos renovar o caminho, que não caiamos na tentação de propor uma pastoral ameaçadora ou que se esgote no ter da busca moderna por felicidade. Que possamos responder, verdadeiramente, como no ritual católico para os velórios:

*Nenhum de nós vive para si / e ninguém
morre para si.*

Se vivemos, / vivemos para o Senhor.

Se morremos, / morremos para o Senhor.

Quer vivamos, / quer morramos, / pertencemos ao Senhor.

P.S. Minha irmã mais nova, Rosemere Pinto Carias, falecida aos 46 anos, no dia de seu aniversário, em 29 de junho de 2012, foi ao lançamento do livro no qual este texto foi publicado. Algum tempo depois de sua morte, meu cunhado me devolveu o exemplar que ela adquirira na época. Para minha surpresa, o capítulo estava todo marcado em amarelo, com frases em que ela parecia vislumbrar o seu futuro. Destaco apenas uma: “Viver é aprender a morrer”. Até a eternidade.

Referências bibliográficas

- ALVES, J. Cláudio Souza. *Dos Barões ao Extermínio* – Uma história da violência na Baixada Fluminense. Duque de Caxias: APPH, CLIO, 2003.
- BLANK, Renold J. *Escatologia da pessoa* – vida morte e ressurreição. São Paulo: Paulus, 2000.
- CORTINA, Adela. *Aliança e Contrato* – Política, ética e religião. São Paulo: Loyola, 2008.
- FEITOSA, Charles. *Explicando a Filosofia com Arte*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- GARCIA RUBIO, Alfonso. *Unidade na pluralidade*. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. São Paulo: Paulinas, 1989.
- HENZEZEL, Marie de.; LELOUP, Jean-Yves. *A arte de morrer*: 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- KÜBLER-ROSS, Elisabeth, *Sobre a Morte e o Morrer*. 8.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- SARAMAGO, José. *As intermitências da morte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

11

Uma Igreja em Kénose O lugar da humildade como condição para o diálogo com o pensamento evolucionista

Ana Maria Tepedino³³⁷

Introdução

Temos refletido sobre as interpelações que o evolucionismo está trazendo para a teologia. Dois desafios básicos aparecem para a reflexão atual. O primeiro é a tarefa de repensar a imagem de Deus, com consequências para a imagem do ser humano e das relações entre todos(as). O segundo, a prioridade concedida ao futuro. Os dois desafios incidem diretamente sobre a realidade que é a Igreja. O fato de Deus ser compreendido a partir da *Kénose*, entendida como o “esvaziar-se”, “rebaixar-se” e que se refere ao amor autoesvaziado de Deus para se encarnar na humanidade, significa que se trata de um Deus que, sendo todo-poderoso, exerce seu poder mediante o amor humilde, nunca mediante a dominação e coerção. Um Deus relacional, efusão da bondade e do amor, essa é a essência da revelação.

Esta compreensão de Deus tão própria da Revelação torna-se referência contínua para a compreensão da Igreja em todos os seus aspectos, especialmente, no que diz respeito ao exercício do poder e à relação com o passado³³⁸. Não existem tempo nem lugar ideais para a Igreja, pois ela é sempre convocada a rever-se no caminho da fidelidade àquele a quem anuncia. É o que acontece, atualmente, na medida em que a Igreja se depara com o Pensamento Evolucionista. Em nossos

³³⁷ Nota dos organizadores: Ana Maria Tepedino foi participante da primeira hora do Círculo do Rio. Doutora em Teologia Sistemático-Pastoral pela PUC-Rio, com a tese *Espiritualidade e Ética: Jesus Cristo e a história da comunidade joanina*, orientada por Alfonso García Rubio e defendida em 1993, Ana Maria foi professora de Eclesiologia e de Sacramentos na PUC-Rio. Ela nos deixou em 2018, após lutar apaixonadamente pela vida. Consideramos que a valiosa contribuição que ela deu ao grupo não poderia deixar de estar presente nesta obra. Para isso, selecionamos o texto que ela produziu para o livro *Fé cristã e pensamento evolucionista*, organizado por García Rubio e Joel Portella Amado, com textos dos integrantes do Círculo do Rio. Fizemos pequenas adaptações para facilitar a leitura na atualidade.

³³⁸ HAUGHT, J. F., Cristianismo e ciência, para uma Teologia da natureza, p. 69-79.

dias, a Igreja é desafiada a viver também a *Kénose*, sendo solicitada a modificar a sua posição diante das interpelações dos povos e das culturas. É urgente desenvolver uma nova imagem de Igreja, mais frágil, mais humilde, mais ágil, mais vulnerável, mais aberta ao futuro. Certamente, ao se encarnar neste tempo novo, o desafio para a Igreja é não perder sua identidade mais profunda³³⁹.

A Igreja se concretiza em diversos modelos. O modelo de cristandade, que tem dificuldade de dialogar com o pensamento evolucionista, não é o único. Para responder ao novo momento, tão rico em interpelações, é preciso encontrar um outro modelo. Essa busca não pode ser vista como heresia. Ao contrário, faz parte integrante do próprio ser da Igreja sempre em transformação. No momento histórico atual, esta revisão e reforma são necessárias por vários motivos: a urgência de uma inculturação real no mundo moderno/pós-moderno, os desafios da globalização, a superação de perspectivas teológico-pastorais de Cristandade, os questionamentos da ciência. Entre estes, sobressai, de modo especial, a interpelação que a visão evolucionista da vida e do cosmo levanta para toda expressão teológica. A visão evolucionista é mais um importante motivo que torna urgente a tarefa de empreender reformas dentro da Igreja³⁴⁰.

O objetivo deste capítulo é refletir sobre a mudança de perspectiva que o pensamento evolucionista provoca na autocompreensão da Igreja e para isso vou seguir os seguintes passos:

- a) O contexto atual visto a partir do documento da Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (Aparecida, 2007) e de alguns teólogos e sociólogos da atualidade.
- b) Breve panorama histórico: mudanças nas imagens da Igreja, explicitando os principais modelos eclesiológicos presentes na história.
- c) A reviravolta do Concílio Vaticano II (1962-1965) e da Igreja na América Latina.
- d) Perspectivas para a Igreja atual.

³³⁹ DUQUOC, C., *Creo en la Iglesia. Reino de Dios y precariedad institucional*, p. 65.

³⁴⁰ DUQUOC, C., *Creo en la Iglesia. Reino de Dios y precariedad institucional*, p. 17.

1 Contexto atual visto a partir do documento da Conferência Geral Episcopal Latino-Americana de Aparecida e de alguns teólogos e sociólogos da atualidade

No documento final da Conferência Episcopal Latino-Americana de Aparecida (DAP), encontramos uma visão panorâmica dos desafios que a Igreja é chamada a enfrentar hoje. Vivemos, atualmente, uma mudança de época contraditória, paradoxal. Para compreendê-la, é preciso olhar o real, como ele aparece, e não como gostaríamos que fosse. Um *saber encarnado*, que parte da experiência, e da observação das vidas concretas com suas éticas variadas. Trata-se de buscar, na complexidade viva, as pequenas verdades cotidianas, que constituem o pluralismo cultural. A Modernidade que considerávamos tão sólida se desmancha no ar! Igrejas, famílias, sistemas jurídico, educacional, econômico, político e religioso se encontram fortemente abalados. A constatação desta realidade exige de nós uma abertura ao novo, um *olhar empático*, que valorize as experiências, as emoções comuns, as relações e afetos. Não dá para ficarmos parados na mera lamentação por causa do abalo das instituições (DAP n. 35). Estes grandes desafios afetam nossas vidas (DAP n. 33), especialmente, porque apresentam um caráter global atingindo o mundo inteiro, com sua capacidade de criar redes de comunicação de alcance mundial, que integram em tempo real não obstante as distâncias geográficas (DAP n. 34).

A realidade se torna mais complexa, a rede de informações aumenta e precisamos ser humildes diante deste novo contexto que nos interpela. Tomamos consciência de um grande pluralismo cultural. As visões globais entram em crise. Parece que só podemos dispor de verdades parciais, que possam ajudar-nos a entender o que existe. Diante desta realidade fragmentada e limitada, muitas pessoas ficam decepcionadas³⁴¹, angustiadas, ansiosas, inseguras (DAP n. 36), com uma forte sensação de mal-estar. Isto provoca uma crise de sentido do global da existência, aquele que dá unidade à vida das pessoas, o sentido religioso (DAP n. 37).

A Igreja Católica, mediante a qual recebemos e acolhemos a Revelação, manifesta-se burocratizada e encontra dificuldades para enfrentar seus problemas pastorais e institucionais. Como consequência, muitos fiéis entram em crise e abandonam a Igreja e, muitas vezes, a fé católica³⁴².

³⁴¹ LIPOVETSKY, G., *A era do vazio*, p. 8.

³⁴² CERIS, *Desafios do catolicismo na cidade*, p. 61-69. Estudo apresenta a mobilidade religiosa em curso no país. No censo de 1980, 88% da população brasileira se declarava católica; em 1990, 76,2%; em 1994,

Atualmente, a experiência religiosa é difícil de ser transmitida em família, através da educação e das tradições culturais. Os meios de comunicação ocupam os espaços que antes eram ocupados pelas conversas familiares. Além disto, nossas tradições culturais não são mais transmitidas de uma geração à outra, isto inclui a experiência religiosa e eclesial, o que afeta poderosamente as relações familiares, que não conseguem mais passar seus valores (DAp n. 38-39).

Vivemos uma mudança epocal cujo eixo mais profundo é o cultural. Dissolve-se a compreensão integral do ser humano, sua relação com o mundo e com Deus. O consumismo entra nas igrejas, e percebe-se que as relações dos fiéis são mais de freguesia do que de membresia. Frequentam as igrejas para sentirem-se bem, como visitantes, quando precisam de um serviço religioso, mas sem nenhum compromisso grupal, como se fosse uma loja comercial, onde consomem os bens sagrados e se vão. O que vale é o que é importante para mim naquele momento! Enfatiza-se o individualismo e, ao mesmo tempo, acentuam-se as emoções comuns, o olhar estético, propondo uma mudança de tempo e espaço, dando papel primordial ao imaginário (DAp n. 44). O que vale é o tempo presente, vivido aqui e agora de forma intensa, junto com outros. Projetos de futuro não interessam, passou o tempo do compromisso sociotransformador. Hoje é tempo de gozar, de aproveitar a vida. Deixa-se de lado a preocupação com o bem comum (*indiferenci-ção*³⁴³) e falta atenção à alteridade, para dar lugar à realização imediata dos próprios desejos, sem preocupação ética. Esta depende da situação, não obedece a uma regra geral³⁴⁴. Nada é seguro a priori, nada é sabido de uma vez por todas, tudo se ajusta passo a passo, daí a ambivalência do imediato, a impermanência.

A ciência e a técnica são colocadas quase exclusivamente a serviço do mercado, valorizando apenas a eficácia, a rentabilidade e o funcional, criando, desta forma, uma nova visão da realidade. A utilização dos meios de comunicação de massa está introduzindo um sentido novo de felicidade, um novo sentido estético, uma percepção da realidade e uma linguagem, que querem impor-se como a autêntica cultura (DAp n. 45). As relações humanas pessoais e coletivas tendem a desvalorizar-se, consi-

74,9%; em 1999, quando foi feita a pesquisa, já havia caído para 67%. Ao mesmo tempo cresce a adesão ao Pentecostalismo.

³⁴³ BAUMANN, Z., *La vie en miettes, Expérience postmoderne et moralité*, p. 330-338; LIPOVETSKY, G., *A era do vazio*, p. 33-46.

³⁴⁴ MAFFESOLI, M., *O tempo das tribos*, p. 102-104.

deradas objetos de consumo, o que prejudica as relações afetivas, que tendem a ser descomprometidas, irresponsáveis e passageiras (DAp n. 46). As pessoas que sofrem mais são sempre as mulheres, que, desde crianças e adolescentes, são submetidas a múltiplas formas de violência dentro e fora de casa: tráfico, violação, escravização e assédio sexual. As desigualdades continuam fortemente presentes na esfera pessoal, no trabalho, na economia; elas são exploradas pela publicidade por parte da mídia, que as tratam como objeto de lucro (DAp n. 48).

A avidez do mercado, através da publicidade, descontrola o desejo das crianças e dos adultos (DAp n. 50). Os jovens, especialmente, são afetados por essa cultura do consumo. Participam da *lógica da vida como espetáculo*, considerando o corpo e a moda como pontos de referência de sua realidade presente. Crescem sem referência aos valores religiosos.

Por outro lado, em meio à realidade de mudança cultural, emergem novos sujeitos, com novos estilos, maneiras de pensar, de sentir e de perceber e com novas formas de se relacionar. São produtores e atores de uma nova cultura (DAp n. 51). Por isso, podemos afirmar que nem tudo está perdido, pois dentro da mudança cultural global, aparece, também, o valor fundamental da pessoa, de sua consciência e experiência. Para dar resposta mais profunda à busca do significado da vida, o fracasso das ideologias dominantes acabou por fazer surgir, como valor, uma simplicidade e um reconhecimento do fraco e do pequeno (DAp n. 52). Os grupos, denominados tribos³⁴⁵, reúnem-se pelo afeto, por interesses comuns (música, esporte etc.), ou para se proteger. Escolhem um lugar de encontro, um espaço dentro da geografia da cidade, praticam rituais que consolidam a pertença ao grupo.

Esta segunda orientação da sensibilidade pós-moderna busca articular o pensamento lógico com o afetivo, com o sensível, com o senso comum, com a intuição, com a imaginação, numa chave relacional que ajuda na conexão entre as pessoas, seja virtual, seja real³⁴⁶. A necessidade de construir o próprio destino e o desejo de encontrar-se com outros e de compartilhar o vivido, a experiência pessoal, tudo isso faz com que se reúnam. Neste espaço, o testemunho pode colaborar para a vivência da fé (DAp n. 55)³⁴⁷.

³⁴⁵ MAFFESOLI, M., O tempo das Tribos. O declínio do individualismo nas sociedades de massa, p. 126-170.

³⁴⁶ MAFFESOLI, M., Elogio da razão sensível, p. 159-176.

³⁴⁷ HERVIEU-LÉGER, D. ; CHAMPION, F., Vers un nouveau christianisme, p.153.

As culturas autóctones, indígenas e afro-latino-americanas, camponesas e mestiças, mais os antigos colonizadores e os posteriores imigrantes europeus, coexistem em condições desiguais com a cultura globalizada. Aquelas são mais comunitárias, valorizam a família, são abertas ao Transcendente e à solidariedade (DAP n. 57).

As culturas urbanas são híbridas, dinâmicas e mutáveis, pois constituem um amálgama de múltiplas formas, valores e estilos de vida que afetam todas as coletividades. As culturas suburbanas são fruto de grandes migrações de população, em sua maioria pobre, que se estabeleceu ao redor das cidades, criando cinturões de miséria, onde os problemas de identidade e pertença, de relações, de espaço vital, de lar são cada vez mais complexos (DAP n. 58). Toda esta diversidade cultural tende a superar os discursos que pretendem uniformizar a cultura, com enfoques baseados em modelos únicos (DAP n. 59), e desafia a experiência eclesial.

Considerando o quadro acima, percebe-se um desinteresse pelo institucional e uma ênfase no subjetivismo, naquilo que é bom para mim. Este subjetivismo afeta negativamente o compromisso ético, o compromisso com o outro³⁴⁸. Novas experiências, novas vivências são mais atrativas, especialmente se respondem ao presente imediato, à vida cotidiana, à materialidade de estar junto. De acordo com o tempo atual, predomina um tipo de sensibilidade, um tipo de estilo destinado a especificar as relações que estabelecemos com os outros, mais do tipo fusão no grupo, uma relação táctil: porque na massa nos cruzamos, interações se estabelecem, grupos se formam, acentuando a dimensão afetiva e sensível. Apesar da insensibilidade em relação ao outro, dentro do tempo contraditório atual, se conseguem ver redes de solidariedade, redes de sintonia, que se fazem, desfazem, refazem, dependendo do envolvimento emocional. Nelas, as pessoas representam papéis, mudando seu figurino. Elas assumem seu lugar nas diversas peças do *theatrum mundi*³⁴⁹.

A estética é não só um meio de experimentar, de sentir em comum, mas, também, um meio de reconhecer-se. Por exemplo, na Igreja atual logo se reconhecem grupos, como, por exemplo, os Atrios do Evangelho ou a Toca de Assis. Junto com a desinstitucionalização, desenvolve-se uma religião que articula intimamente o emocional e a expressão religio-

³⁴⁸ LIPOVETSKY, G., A era do vazio, p. 9-14.

³⁴⁹ LIPOVETSKY, G., A era do vazio, 133.

sa³⁵⁰. Max Weber, seguido por D. Hervieu Leger, fala em “comunidades emocionais”, comunidades de vizinhança, que apresentam uma pluralidade e instabilidade de expressões, embora exista uma propensão ao reagrupamento.

O quadro é fragmentário e contraditório. Dentro dele, como vamos expressar nossa fé, como a Igreja poderá atuar? Talvez olhar um pouco de história nos ajude a entender melhor.

2 Rápida panorâmica histórica

Observando a topografia da Igreja, nos primeiros tempos, percebemos que sua imagem não é fixa, seu conceito não é estático, mas muda de acordo com cada contexto, com cada grupo social e geográfico, de modo que podemos afirmar que há uma evolução do olhar e do sentir a experiência eclesial que contempla sua existência histórica. Cada comunidade revelada pelos evangelistas demonstra uma autonomia e independência com relação às outras, embora o eixo central seja, sempre, a presença do Jesus Cristo e do Espírito Santo, junto com uma experiência encarnada na história e solidária com os pobres. Estas características estão presentes em todas as épocas³⁵¹.

A Igreja toma diferentes formas, de tempos em tempos, conforme a imagem e a figura histórica que melhor podem representá-la. A este respeito, o teólogo Christian Duquoc chama a atenção para as tensões entre o conteúdo da fé eclesial e sua visibilidade histórica³⁵².

Nos primeiros séculos (II a IV), os Santos Padres utilizam imagens que expressam o sentir de sua experiência: repetem as imagens paulinas de Povo de Deus, Corpo de Cristo, Templo do Espírito, e acrescentam as imagens da Mãe, coluna da verdade, *mysterium lunae*, a metáfora do navio (nau de) Pedro, e ainda a de *casta meretrix* isto é, santa e pecadora. Esta tentativa de falar em imagens que expressam a experiência de fé, a dinâmica do momento e a *ligação forte da comunidade com o Espírito Santo, faz com que esta época seja chamada de Igreja-Mistério*: diversa, variada, plural em suas concretizações. Esta visão é bem diferente daquela que posteriormente vai preponderar, a de uma Igreja monolítica e uniforme.

³⁵⁰ LIPOVETSKY, G., A era do vazio, p. 134; HERVIEU- LÈGER, D., De l'émotion en religion, p. 51.

³⁵¹ BROWN, R., A Igreja dos apóstolos, p. 84.

³⁵² DUQUOC, C., Creo en la Iglesia. Precariedade eclesial e visibilidade histórica, p. 21-33.

Quando a Igreja sai do mundo semita e entra no mundo grego, opera-se uma mudança. Nela vai dar-se o encontro da Revelação cristã com a cultura helenística mediterrânea³⁵³. Quando o imperador Constantino proclama a religião cristã como *Religio licita*, ela sai das catacumbas. E quando o imperador Teodósio passa a considerá-la a *religião oficial do Império Romano*, ela vai ser considerada Igreja-Império. Sua imagem passará a ser *Domina et Imperatrix* (senhora e imperatriz). O papa torna-se o segundo homem do Império, e o Imperador intenta influir na Igreja. Desaparece a distinção com relação ao mundo, pois o mundo se torna cristão. *A eclesiologia dominante passa a ser a da Igreja-massa, igreja de cristandade. Populus Dei é igual a populus christianum e este se transforma num conceito cultural, sociológico e político. Este processo de institucionalização tende a desvirtuar os aspectos mais profundos da mensagem cristã, não apenas da vida interna, mas de sua presença na ordem temporal. Os novos membros não entram no cristianismo por conversão pessoal, mas por nascimento.*

Por outro lado, no século IV, ocorre uma reação profética a este modelo unificado. Outra experiência eclesial tomava forma. Santo Antão junto com muitos cristãos partem para o deserto e fundam-se mosteiros com a finalidade de viver a radicalidade cristã, uma vida mais evangélica, *uma igreja-sinal*, em contraposição com a corrente principal. Expressavam o desejo de uma vida cristã em continuidade com os mártires.

No século XI, desencadeou-se um movimento que levou à *prevalência do Sacerdotium contra o Imperium*, do papado contra os imperadores (papacesarismo). Este modelo faz alusão à reforma ligada ao mosteiro de Cluny, que, baseada na regra de São Bento, buscava a libertação da decadência moral e religiosa. Esta reforma tomou força, especialmente por causa do monge Hildebrando, que se tornou o papa Gregório VII (+1085), e implementou uma profunda e radical transformação na Igreja. O papa reivindicava ser *origo, caput, et radix* – origem, cabeça e raiz – de todo o poder³⁵⁴. Inicia-se o *modelo gregoriano de Igreja*, que só vai mudar com o Vaticano II³⁵⁵.

Mesmo nesta época de absolutismo, a outra eclesiologia (igreja-sinal) reage contra o centralismo, o clericalismo, a mundanização e aparece

³⁵³ LAFONT, G., *Imaginar a Igreja Católica*, p. 25.

³⁵⁴ FRIES, H., *Modificação e evolução histórico e dogmática da imagem da Igreja*, p. 21.

³⁵⁵ LAFONT, G., *Imaginar a Igreja Católica*, p. 73.

uma série de movimentos, na maioria, leigos e populares, que insistem na volta à pobreza evangélica, à comunidade, à palavra de Deus. Com forte componente espiritual, escatológico, anti-institucional, foram alguns considerados heréticos, como os cátaros, os valdenses, os albigenses. As ordens mendicantes, franciscanos e dominicanos, pertencem a estes movimentos e coincidem com muitas das suas aspirações em direção a uma igreja mais pobre, comunitária e evangélica, mas se diferenciam dos anteriores por sua obediência e vinculação ao papa.

Deixando de lado certo pessimismo platônico, aos poucos começa a emergir a consciência do mundo como criação, bom em si mesmo, dado aos homens, animados pela realidade do progresso. Embora ainda se estivesse na Idade Média, inicia-se a primeira etapa da Modernidade, a Antropológica (século XI), valorizando a razão humana para avaliar e aprofundar os valores e definir a partir deles a prática e a técnica. Ao lado da civilização rural e tradicional, novas relações se desenvolvem entre os homens e mulheres e a natureza, entre eles e elas, entre si e com Deus³⁵⁶. A segunda etapa modifica a ideia de espaço. É a virada cosmológica. O sistema solar substitui a imagem clássica do mundo (Galileu). Esta ideia rejeita a visão das mediações ascendentes e descendentes que unem Céu e Terra. Na terceira etapa, (século XVIII), a ideia de tempo sofre a mudança e traz o desenvolvimento da história, da liberdade e do político. A razão humana adquire uma importância, até então desconhecida, e a autonomia da ciência, junto com a realidade histórica, passam a ser governadas pela liberdade, em conexão com o nascimento de formas políticas chamadas democráticas³⁵⁷. A Igreja, opondo-se à modernidade, que não mais podia governar, vai atribuir-se a imagem *de Mater et Magistra*, dentro de um modelo de Igreja que se considerava Sociedade Perfeita. A Modernidade, com suas instituições, entra em crise na metade do século XX, porque não conseguiu realizar as promessas messiânicas a que se propunha.

Este breve panorama mostra o quanto foram mudando as imagens da Igreja até chegar ao Concílio Vaticano II, com esperanças de um lado e preocupações de outro, estando sempre presentes as várias eclesiologias.

³⁵⁶ LAFONT, G., *Imaginar a Igreja Católica*, p. 74.

³⁵⁷ LAFONT, G., *Imaginar a Igreja Católica*, p. 85.

3 A reviravolta do Concílio Vaticano II

O teólogo G. Lafont³⁵⁸ comenta que a instituição eclesial se apresentava, na metade do século XX, atravessada por movimentos opostos: não vacila sobre sua fé primeira e a experiência fundante, mas se atrapalha no modo de expressá-las, num contexto em que vê diminuir sua influência³⁵⁹. A fratura entre o exercício da autoridade e o desejo dos cristãos provoca deserção e também sedução de espiritualidades descomprometidas³⁶⁰. Esta crise de sentido afeta todos os aspectos da vida humana e social.

Neste contexto de angústia e mal-estar, o papa João XXIII resolve, em 1959, convocar o Concílio Vaticano II, para refletir sobre a renovação da Igreja Católica e para tentar descobrir o que ela poderia, junto com outras instituições internacionais, fazer pelo mundo. Deixa de viver em função de si mesma e se coloca a serviço dos/as outros/as. Ela reconhece que sua missão é a solidariedade, a salvação e libertação integral de todos os homens e mulheres, cristãos e não cristãos. O mundo muda e o modelo de Igreja conhecido, *Mater et Magistra*, mãe e mestra, que vinha desde o século das Luzes, perde sua força.

O Concílio Vaticano II suscitou, por um lado, muitas esperanças e, por outro, muitas críticas. Nele, duas correntes, “a igreja sinal” e “a igreja de cristandade”, de que já falamos, reaparecem. A ala mais otimista e esperançosa (Igreja sinal) afirma que o Vaticano II foi uma revolução, uma reviravolta que a Igreja deu sobre si mesma, para encarar o mundo, valorizar as realidades terrestres na sua autonomia, fazendo aparecer uma nova forma eclesiológica, mais participativa e comunitária. Trata-se de uma profunda conversão eclesial: de uma Igreja em que se valorizava primeiro a hierarquia, passa-se a uma compreensão de Igreja entendida como nos primórdios, como Povo de Deus. Nesta compreensão, todos e todas são iguais graças ao “sacerdócio comum dos fiéis” concedido pelo sacramento do batismo (embora com carismas, ministérios e funções diversificadas) e onde todos(as) são chamados(as) a viver sua vocação e sua missão de levar ao mundo a Boa Nova de Jesus.

Uma Igreja que deseja servir e aprender do homem, da mulher e do mundo, atuando de forma dinâmica, ágil, humilde; que descobre a importância de viver o amor e a misericórdia. Uma Igreja sinal vivo do Reino de

³⁵⁸ LAFONT, G., Imaginar a Igreja Católica.

³⁵⁹ DUQUOC, C., Creio en la Iglesia. Precariedade eclesial e visibilidade histórica, p. 21.

³⁶⁰ DUQUOC, C., Creio en la Iglesia. Precariedade eclesial e visibilidade histórica, p. 23.

Deus, que valoriza as pessoas comuns em suas vidas cotidianas, tentando buscar solução para seus pequenos e grandes problemas. O Concílio realizou um movimento de conversão radical: a ligação ao impulso do Deus que age desde a criação, do Deus que é Espírito, do Deus que nos chama para frente. Naquela ocasião, a Igreja Católica sentiu a necessidade de se libertar do peso negativo de sua história, e do seu autocentramento para reencontrar a inspiração da Bíblia, do Evangelho e da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

O Vaticano II viveu, entusiasticamente, a dinâmica: memória-identidade-projeto, voltou às origens, ressignificou a Igreja primitiva e operou várias transformações, entre elas mudou a linguagem. Considerou como melhor forma de comunicação *a simbólica* e voltou a falar em *metáforas*: o redil, a lavoura, a família tão comuns nos primeiros tempos da Igreja, que haviam sido deixadas de lado, a favor de uma linguagem conceitual e filosófica³⁶¹. Acentua o Mistério de Comunhão e, para falar de Deus, utiliza a linguagem trinitária, fala do Pai, do Filho e do Espírito Santo (LG n. 1) e sublinha a categoria da *relacionalidade*, das relações entre eles e nós e entre nós, uma linguagem que aponta para as relações como o eixo central para a antropologia e para a epistemologia³⁶². O Vaticano II apresentou a Igreja como sinal de salvação, como sacramento que aponta para uma outra realidade, que abre simbolicamente um futuro de esperança.

O Concílio foi reinterpretado na América Latina de forma criativa, através das Conferências episcopais, que lhe deram um colorido todo especial, procurando respostas novas para o contexto latino-americano e caribenho. Na América Latina, a Conferência de Medellín (1968) busca colocar em prática a Igreja que fazia opção pelos pobres e procurava novas respostas para a transformação de si mesma e da sociedade, descobrindo e valorizando novos ministérios e serviços, articulados com outras instituições da sociedade civil. Esta perspectiva eclesial latino-americana é continuada através das outras Conferências episcopais: de Puebla (1979), com sua eclesiologia de comunhão que buscava a participação de todos(as); de Santo Domingo (1992), preocupada com a inculturação e as grandes cidades; e de Aparecida (2007), chamando-nos para sermos discípulos(as) e missionários(as) para anunciar a Boa Nova de Jesus.

³⁶¹ LAFONT, G., Imaginar a Igreja Católica p. 95.

³⁶² LAFONT, G., Imaginar a Igreja Católica, p. 96.

No entanto, até hoje, passados praticamente 50 anos do Concílio Vaticano II, ele ainda não foi vivido em sua plenitude. Muita coisa aconteceu, porém a renovação eclesial não pode ocorrer de forma plena, pois a eclesiologia de cristandade criou muitos obstáculos!

A evangelização necessita ser criativa e dinâmica, que se desinstale, que olhe de frente para muitas de suas estruturas obsoletas³⁶³, e recupere a confiança das pessoas. Algo tem que morrer para que algo novo possa nascer. A instituição experimenta um paradoxo: apesar de viver a missão através de movimentos apostólicos sensíveis à conjuntura humana, de buscar a santidade com exemplos de vidas com qualidade cristã e apostólica; uma época rica da inteligência e reflexão (desde o século XVIII até meados do século XX), progredindo tanto na teologia, como na Bíblia e nas ciências humanas, ela parece não iluminar mais o mundo dos homens. Perde seus membros, se torna minoritária, não é mais arauto do Evangelho para a humanidade!³⁶⁴

Na segunda metade do século XX, vive-se um momento de mudança onde é transformada a perspectiva do poder, a mudança de uma Igreja que se considerava “uma sociedade perfeita” para uma Igreja *frágil, humilde*, que reconhece seus problemas e desafios e busca se transformar; que assume a criação, o cosmo, preocupada com a vida de todos os seres e do mundo, que vive sob a luz do Espírito, assumindo que somos vasos de barro, que contêm um líquido precioso. Por isso, nossa precariedade institucional nos leva a questionar, a reconhecer e a buscar mudar nossas estruturas obsoletas. Portanto, perguntamos que estruturas deveria a Igreja adotar para ser fiel a sua missão evangelizadora e para ajudar a comunidade humana a inventar suas próprias organizações, em vista de uma unidade de convergências de suas diversidades?

4 Perspectivas para o momento atual

Não é sobre a Igreja que devemos nos apoiar, mas, sim, sobre quem constitui o apoio da própria Igreja, a única fonte de sua força, o Espírito de Deus, que a chama constantemente à conversão. A Igreja não tem sua razão de ser em si mesma. Só pode viver em relação ao Reino, esvaziando-se de si mesma, renunciando a si mesma para que o Espírito Santo a

³⁶³ DUQUOC, C., Creio en la Iglesia. Precariedade eclesial e visibilidade histórica, p. 23.

³⁶⁴ LAFONT, C., Imaginar a Igreja Católica, p. 89.

inspire, impulsione, preencha, a exemplo de Jesus Cristo (Fl 2,5-11), viver para fora, viver para outros e outras, vivenciar missão, colocar o Evangelho no coração da sua ação transformadora, respondendo aos desafios que a realidade atual apresenta.

De forma generalizada, o agir da Igreja exige de nós, teólogos, teólogas e agentes de pastoral, uma postura positiva, não de crítica ou recriminações. Exige de nós colaboração no tão necessário processo de transformação institucional para poder corresponder aos desafios do tempo presente.

Tomamos consciência do grande pluralismo cultural. Por causa da fragmentação, cada grupo cultural, fê tradicional, progressistas, transgressores, novas experiência, comunidades e movimentos pobres em geral precisam encontrar um espaço para ser ouvidos e compreendidos, o que não acontecia na modernidade, com seu pensamento racional homogêneo.

O teólogo Agenor Brighenti aponta três características para uma renovação institucional: saber inovar, ou seja, ter uma mentalidade de mudança, que nos permita relativizar a verdade identificada. Saber desconstruir, desmontar o obsoleto, o a-histórico, as estruturas defasadas pelo tempo, senão é impossível se abrir ao novo. “Desconstruir é potenciar um futuro, já no presente, alicerçado nos sólidos fundamentos da experiência do passado”³⁶⁵. Saber reconstruir é sempre uma busca e discernimento conjunto.

Foi isso que o Vaticano II procurou realizar. Não utiliza os grandes relatos, mas o pequeno relato e o poema, uma vez que o discurso cristão é objetivo e subjetivo, pois a Igreja é algo fora de nós, mas também dentro do mais íntimo de nós. Remete ao passado, às experiências vividas, não para se fixar nelas, mas para ajudar a descobrir a identidade hoje, e ajudar a pensar no futuro. Portanto, a memória é necessária para a inteligência do presente e do futuro que é esperado e que dá o sentido definitivo: a volta de Cristo e a comunhão com Deus³⁶⁶.

A ação do Espírito Santo continua, hoje, a nos inspirar, impulsionar, encorajar; pessoal e comunitariamente. O Espírito nos revela que o amor de Deus esteve, está e estará presente no processo do devir histórico da humanidade rumo a um caminho de futuridade aberto pela ressurreição de Jesus³⁶⁷. Temos convicção da presença do Espírito Santo nesta nossa

³⁶⁵ BRIGHENTI, A., A Igreja perplexa, a novas perguntas, novas respostas, p.142.

³⁶⁶ BRIGHENTI, A., A Igreja perplexa, a novas perguntas, novas respostas, p. 97.

³⁶⁷ HAUGHT, J. F., Cristianismo e ciência, para uma Teologia da natureza, p. 72.

realidade por causa da promessa “Ele permanecerá convosco até os fins dos tempos” (Jo 14,16).

A um Deus poderoso apenas no Amor, a um filho de Deus que se encarna para nos ensinar a viver (GS n. 22), a um homem-mulher comuns, que se preocupam, especialmente, com a vida cotidiana, a um pensamento considerado *debole*³⁶⁸, porque valoriza a sensibilidade, a emoção, a intuição junto da razão, corresponde uma Igreja humilde, frágil, *kenótica*. A fé descobre outra perspectiva histórica, isto é, a humildade, para buscar parceiros nas outras ciências, pois é um tempo de interdisciplinaridade. A cada dia é mais importante e possível o diálogo fé-ciência. Humildade e respeito para buscar diálogo com as outras religiões, para descobrir um caminho comum. Portanto, humildade para superar a tendência a possuir a verdade, assim como uma certa tendência restauradora; o perigo da nostalgia de uma época imaginária de perfeição e a predominância concedida ao passado³⁶⁹ são tentações sempre presentes. É tempo de arriscar!

Olhando com amor esclarecido as instituições clássicas que organizam a socialização dos católicos – paróquias, movimentos de devoção, congregações –, verificamos que se apresentam em crise³⁷⁰. Assim, o documento de Aparecida aponta como a sociabilidade católica está presente em pequenos grupos, fraternidades de partilha espiritual, grupos de oração, em redes reais e virtuais, ora de maneira meio solta, ora em estruturas organizadas: movimentos espirituais, novas comunidades de vida, CEBs, variadas iniciativas autogeradas, ONGs cristãs, centros de devoção, peregrinações. Pessoas unidas por características afetivas, interesses, solidariedades e afinidades testemunham suas experiências de conversão. Nestes centros de comunhão, testemunham e aprofundam a fé. Falam sobre o que mudou em suas vidas, sentem necessidade de partilhar com outros, a fim de contar a revelação que lhes abriu os olhos. O testemunho é uma peça-chave para ajudar a despertar uma novidade! Essa Boa-Nova da vida, concretizada na família, nos grupos, na espiritualidade vivida pessoal e comunitariamente, na formação tu a tu, que respeita o tempo dos processos pessoais, e concretizada, sobretudo, numa Igreja Samaritana, que quer ser casa dos pobres. O documento enfatiza o afeto na hora das opções pastorais, afirmando que temos que ser amigos dos pobres!

³⁶⁸ VATTIMO, G., O fim da modernidade: nihilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna.

³⁶⁹ HAUGHT, J. F., Cristianismo e ciência, para uma Teologia da natureza, p. 151-153.

³⁷⁰ HERVIEU-LÉGER, D., Catholicisme. La fin d'un monde, p. 276. A autora apresenta um quadro bastante mais sombrio da realidade francesa.

Entre as várias experiências pastorais, um fenômeno contemporâneo com duas vertentes chama nossa atenção: os movimentos pentecostais e carismáticos. A imagem que aparece nestas experiências é a proximidade pessoal com o Sagrado, sem mediações, possibilitando um crescimento na autoestima.

Também se percebe a mobilidade, a aleatoriedade, a autonomia, a não institucionalização, a contingência, o se deixar levar pela correnteza. Todas estas características apontam para o processo, para uma dinâmica evolutiva. Ficou para trás a imagem parada no passado! Trata-se de uma explosão, que muda o tempo e o espaço, as relações e as convicções. Porém, é o que atrai e congrega. Neste tempo de fragmentação, as características dos grupos se constituem, se desfazem, se refazem, isto é, se disseminam, mas sem alarde. Por toda parte, existem pequenos grupos espalhados, mas certamente não estão nos lugares que a Igreja, teólogos, teólogas e agentes de pastoral os esperam.

A socióloga D. Hervieu-Léger³⁷¹ apresenta uma religiosidade plástica, que atravessa as delimitações confessionais e se impõe no coração do catolicismo, bem dentro da característica pós-moderna de produzir por si mesmo as significações da sua própria existência através da diversidade de experiências. Se o caminho faz sentido, a pessoa continua neste grupo, nesta rede, mas sabendo que outros encontros podem reorientar o percurso em outras direções. Nossa autora afirma que o discurso sobre a fé, que é elaborado, é fluido; ao mesmo tempo, que a incerteza das pertencas comunitárias às quais pode dar lugar é frágil³⁷².

No entanto, nesta paisagem contraditória, percebe-se a presença constante de leigos(as), que realizam o papel de fundadores, ou de “educadores pastorais”³⁷³, personagens que orientam a prática comunitária e o caminho individual dos adeptos³⁷⁴. O Vaticano II começou a valorizar os leigos(as), estes(as) têm grande relevância para o momento atual, pois realizam um papel fundamental na constituição deste novo modelo que está surgindo. Hervieu-Léger chama de “jogo do carisma” ao dom que estas pessoas possuem, e afirma ser um traço de renovação, de grande pertinência para o tema que estamos tratando. É algo que ocorre no interior

³⁷¹ HERVIEU-LÉGER, D., *Le pèlerin et Le converti. La religion en mouvement*, p. 29.

³⁷² HERVIEU-LEGER, D.; CHAMPION, F., *Vers un nouveau cristianisme*, p. 139-186.

³⁷³ Esta expressão foi cunhada por Cássia Quelho Tavares em sua tese de doutorado *Sexualidade humana: educação para o amor*, 2011.

³⁷⁴ HERVIER-LEGER, D.; CHAMPION F., *Vers un nouveau cristianisme*, p. 343.

mesmo das grandes Igrejas³⁷⁵; dentro dos movimentos carismáticos, nas paróquias, movimentos, organizações, obras nas quais os responsáveis, clero ou leigos, atraem com seus dons pessoais e através de uma pedagogia respeitosa da alteridade, de uma linguagem e experiência aderente ao grupo e para fazer caminho juntos na experiência de Deus (mistagogia). Poderíamos falar de “uma eclesiologia da alteridade”.

Nossa socióloga afirma que não se trata de um fenômeno novo no cristianismo, porque é o papel que tiveram os profetas, os renovadores, os fundadores de ordens, os iniciadores de missões, que apresentam estes traços carismáticos³⁷⁶. Esta é a Igreja-sinal que emerge, de mansinho, sem fazer alarde, ou, quem sabe, fazendo muito barulho, mas presente e atuante. A fé está descobrindo outra perspectiva histórica. O carisma só opera através dos fenômenos de adesão que ele produz. Ao redor do portador do carisma profético se agrega o grupo de discípulos que Max Weber designa como uma “comunidade emocional”³⁷⁷. As características que apresentam são: religião de grupos voluntários, onde se entra por uma escolha explícita, o que não implica uma conversão³⁷⁸, mas supõe um acolhimento, um acompanhamento e um engajamento no grupo. Esta adesão fortemente personalizada tem na dimensão afetiva, relacional, uma dimensão muito importante no caso de comunidades. Nesta mesma linha, H. Léger enfatiza a importância da emoção para a religião. Ocorre uma interiorização afetiva do divino³⁷⁹, experimentada individual e coletivamente, promovida por um profeta que cria laços fortes com a comunidade e entre cada um dos seus membros; cada encontro, cada reunião, é uma reafirmação pública desta escolha, livre, enraizada na experiência do interessado. Algumas destas comunidades têm a prática dos cantos, da dança, da glossolalia, da oração corporal etc., que provocam um grau de excitação coletiva, próxima do transe³⁸⁰.

Hoje, o Pentecostalismo protestante (já celebrando 100 anos no Brasil) e o católico, a Renovação Carismática (já com quase 50 anos), encontram grande acolhida entre os fiéis, e vivem um expressivo desenvolvimento baseado na experiência da oração, da bênção e do batismo no

³⁷⁵ HERVIER-LEGER, D.; CHAMPION F., *Vers un nouveau christianisme*, p. 345.

³⁷⁶ HERVIER-LEGER, D.; CHAMPION F., *Vers un nouveau christianisme*.

³⁷⁷ WEBER, M., *Économie et société*, p. 251.

³⁷⁸ Conversão para D. Hervieu Léger significa uma opção buscada e encontrada no processo de mobilidade religiosa, através de um caminho longo e sinuoso que se estabiliza. (HERVIEU-LÉGER, D., *Le pèlerin et Le converti. La religion en mouvement*, p. 119-155)

³⁷⁹ HERVIEU-LÉGER, D., *La religion en miettes, ou la question des sectes*, p. 115.

³⁸⁰ HERVIER-LEGER, D.; CHAMPION F., *Vers un nouveau christianisme*, p. 350; CARRANZA, B., *Renovação Carismática Católica, origens, mudanças, tendências*, p. 24.

Espírito, na reza dos salmos, que transforma os crentes em “novas criaturas” e em missionários audaciosos, falando, com coragem e sem pudor, da experiência que vivenciaram! A Renovação Carismática Católica (RCC) se espalha com um crescente dinamismo desde 1967 e tem um grande significado para nosso tempo. Sem dúvida, é uma resposta ao formalismo religioso da Igreja Católica, uma explosão do espaço institucional. O Espírito Santo está falando nesta fluência e na contingência destes movimentos, apontando para a vida, morte e Ressurreição de Jesus e trazendo, para o hoje, sinais de ressurreição.

Essa mobilidade toda apresenta pontos positivos, mas também deficiências graves, como a falta de compromisso social e político. Na tentativa de abertura ao futuro, sem saber muito como, a Igreja redescobre sua origem e seu lugar natural: procede do Deus humilde e é chamada a participar da sua ação, como instrumento disponível e fiel. A imagem atual para a Igreja que expressa melhor sua realidade talvez seja a do “mar”, onde não há caminhos, mas correntezas. Uma Igreja que vive a esperança de forma ativa, buscando as correntezas por onde nadar, ou quem sabe se entregar, sabendo esperar os acontecimentos.

Conclusões

Na verdade, hoje, como na Igreja primitiva, somos chamados(as) a redescobrir um modelo de Igreja inspirado pelo Espírito Santo, apto a dialogar com o pluralismo, a mobilidade e o pensamento evolucionista. Não se trata de negar a importância da autoridade e da institucionalização na Igreja, mas de repensar a sua prática: uma autoridade humilde, amorosa, a serviço das pessoas concretas, uma autoridade que aponte para o Deus da *Kénose* e para o esvaziamento do Senhor Jesus Cristo.

Ao que tudo indica, a nova configuração da Igreja, que está para surgir, é chamada a valorizar ainda mais *a relacionalidade que respeita a alteridade, que não busca dominar, mas possibilitar ao-à outro-a, distinto de mim, ser ele-ela mesmo-a*. Esta perspectiva é dinâmica, processual, evolutiva e corajosa, não dominadora nem marginalizadora. Redescobre a perspectiva kenótica, que aponta para o futuro. Uma Igreja encarnada na história, atenta aos sinais do Espírito Santo, especialmente, às necessidades daqueles(as) que são considerados(as) “insignificantes”³⁸¹, os excluídos, os pobres.

³⁸¹ Expressão cunhada por Gustavo Gutierrez em *Beber no próprio poço*.

Nesta rodada epocal da evolução há muita ambiguidade. Como viver uma missão nova, como nos solicita o Documento de Aparecida, com estruturas velhas? A mudança de época que está aí apresenta uns contornos claro-escuros esfumados, semelhantes a um quadro barroco. Neste quadro barroco da Igreja, semelhante a um útero onde todos cabem, há diferentes grupos. Neles percebe-se a evolução, se valoriza a adesão, o primado da experiência, do acolhimento e do acompanhamento; uma autonomia que gera um novo tempo e um novo espaço; testemunho, oração, ritos, numa subjetivação das crenças e fluidez de engajamentos comunitários. A solidariedade está presente, não como compromisso continuado, mas respondendo aos desastres e desafios do momento. O presente vivido junto é o que vale, a vida cotidiana é o que conta, a vida na América Latina, especialmente dos pobres (fala-se da nova face da pobreza), com seus grandes e pequenos problemas e alegrias que marcam o fim da religiosidade meramente herdada e valorizam a opção religiosa, onde os crentes se identificam e se agrupam numa dinâmica de inovação religiosa.

Nesta pós-modernidade sem utopia, o cristianismo parece estar em suspenso, sem saber como aproveitar estas estruturas novas, com capacidade de oferecer acolhimento contra os medos, as nostalgias, as esperas. A expansão da religião das comunidades emocionais corresponde à busca de um novo tipo de compromisso, no terreno da realização pessoal. Não podemos deixar de lado estas experiências e sim aproveitá-las para fazer emergir o vinho novo, a comunidade de Deus sem fronteiras, fraterna e solidária. Pneumática, dialogante, ministerial, valorizadora dos diferentes carismas, humilde e frágil, amorosa e mistagógica, profética, audaciosa, mais focada na vida do que na doutrina, mais simbólica, mais celebrativa, mais lúdica, mais alegre, mais aberta às interpelações da realidade, mais plural, mais misericordiosa³⁸².

Então, como afeta a Igreja o paradigma da evolução? O que ela é chamada a fazer? Não nos esqueçamos do desafio que a visão evolucionista coloca para a eclesiologia: uma nova imagem de Deus e a abertura ao futuro. O paradigma da evolução nos fez perceber melhor que esta é a Igreja que precisamos hoje! Uma Igreja com olhos e ouvidos abertos ao momento atual, que aprenda das pessoas e dos contextos, que vá evoluindo na compreensão própria e que valoriza o passado, mas se projeta no futuro. Uma Igreja humilde, que reconhece não saber todas as respostas,

³⁸² BOFF, C., Uma Igreja para o próximo milênio.

por isso, sempre e cada vez mais, tem que se colocar à escuta do Espírito para poder seguir a correnteza em busca de sinalizar que Deus está presente neste mundo (o Deus Trindade, o Deus da *Kénose*), vivendo constantemente alimentada pela esperança.

“Sem nenhum medo, pois o Senhor está presente. Um novo tempo começou”³⁸³.

Referências bibliográficas

- BAUMANN, Z. *La vie en miettes, Expérience postmoderne et moralité*. Paris : Hachette, 2003.
- BOFF, C. *Uma Igreja para o próximo milênio*. São Paulo: Paulus, 1978.
- BRIGHENTI, A. *A Igreja perplexa, a novas perguntas, novas respostas*. São Paulo: Soter/ Paulinas, 2004.
- BROWN, R. *A Igreja dos apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- CARRANZA, B. *Renovação Carismática Católica, origens, mudanças, tendências*. São Paulo: Aparecida, 2000.
- CELAM. *Documento de Aparecida (DAp)*. Texto Conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2007.
- CERIS. *Desafios do catolicismo na cidade*. São Paulo: Paulus 2002.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html Acesso em: 4 nov 2023.
- DUQUOC, C. *Creo en la Iglesia*. Reino de Dios y precariedade institucional. Santander: Sal Terrae, 1999.
- DUQUOC, C. *Creo en la Iglesia*. Precariedade eclesial e visibilidade histórica. Santander: Sal Terrae, 2001.
- FRIES, H. Modificação e evolução histórico e dogmática da imagem da Igreja. In: FEINER, Johannes; LOEHRER, Magnus (orgs.). *Mysterium Salutis*: compêndio de dogmática histórico salvífica. v. IV/2. Petrópolis: Vozes, 1975.
- GUTIERREZ, G. *Beber no próprio poço*. Petrópolis, Vozes, 1985.
- HAUGHT, J. F. *Cristianismo e ciência, para uma Teologia da natureza*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- HERVIEU- LÉGER, D. *De l'émotion en religion*. Paris: Cerf, 1990.
- HERVIEU-LÉGER, D. ; CHAMPION, F. *Vers un nouveau christianisme*. Paris: Cerf, 2008.
- HERVIEU-LÉGER, D. *La religion en miettes, ou la question des sectes*. Paris: Calmann-Lévy, 2001.
- HERVIEU-LÉGER, D. *Le pèlerin et Le converti*. La religion en mouvement. Paris: Flammarion, 1999.
- HERVIEU-LÉGER, D. *Catholicisme. La fin d'un monde*. Paris: Bayard, 2003.
- JOÃO XXIII. *Alocução de abertura do Concílio Vaticano II*. Roma, 1962.
- LAFONT, G. *Imaginar a Igreja Católica*. São Paulo: Loyola, 2002.

³⁸³ JOÃO XXIII, alocução de abertura do Concílio Vaticano II, Roma 1962.

LIPOVETSKY, G. *A era do vazio*. Lisboa: Relógio d' Água, 1983.

MAFFESOLI, M. *Elogio da razão sensível*. Petrópolis: Vozes, 1996.

MAFFESOLI, M. *O tempo das Tribos*. O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

TAVARES, Cássia Quelho. *Sexualidade humana: educação para o amor*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2011.

VATTIMO, G. *O fim da modernidade: nihilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WEBER, M. *Économie et société*. t.1. cap. V, Sociologie de la religion. Paris: Plon, 1971.

PARTE III
Depoimentos

1

Décadas de dedicação ao ensino e ao despertar da fé de tantas pessoas e comunidades

*Dom Zanoni Demettino Castro*³⁸⁴

O querido professor Pe. Alfonso García Rubio, orientador do meu mestrado em teologia sistemática na PUC-Rio, completou, em janeiro de 2024, noventa anos de sua existência. São décadas de dedicação ao ensino e ao despertar da fé de tantas pessoas e comunidades. Neste momento, agradeço ao Senhor da Vida e da Bondade por este discípulo fiel que com sua sabedoria e ensinamento, suas obras e sua vida testemunhada marcaram profundamente a minha vida e ministério.

O Prof. Alfonso nos ensinou que é preciso refletir a realidade a partir de uma antropologia integradora. Ele nos alertava sobre o perigo do dualismo, esta terrível distorção, insistindo que nossa tarefa não consiste somente na transmissão de verdades e conceitos e que, para tocar no corações das pessoas, tornando conhecidas as verdades fundamentais da fé cristã a um mundo indiferente, não mais católico como no passado, o ponto de partida da reflexão cristológica e antropológica deve ser a humanidade nova de Jesus – o carpinteiro nazareno, o pregador itinerante que cativa os ouvintes com sua pregação sobre o Reino de Deus.

Ele nos ensinou que a reflexão teológica deverá estar em constante diálogo com a realidade que nos desafia e aberta às perguntas radicais do homem. A sua obra de antropologia teológica aborda temas relevantes para compreender o ser humano à luz da fé cristã, sublinhando que as pastorais e os movimentos não podem ser avessos ao compromisso social e político. Este tem sido o ensinamento do papa Francisco. A Igreja não pode fechar-se em si mesma, pois os problemas internos das nossas comunidades não devem impedir que nos empenhemos em contribuir com a construção da justiça social, da paz e da liberdade, questões que afligem a humanidade inteira.

Por ocasião do meu encontro com o Santo Padre na minha última *Visita ad Limina*, num momento fraterno de partilha e confiança, pude

³⁸⁴ Arcebispo Metropolitano de Feira de Santana, BA.

agradecer, juntamente com os irmãos bispos do regional nordeste 3, o seu protagonismo, nos ensinando, com gestos concretos, a sermos uma Igreja em saída. Agradei também por ser essa referência segura neste mundo em crise, com tantos conflitos e polarizações. Disse ao Santo Padre que o seu diálogo com os movimentos sociais, o convite que nos foi feito a não sermos indiferentes às situações concretas em que os pobres vivem, nos alegrou muito e confirmou nossa caminhada pastoral. Nos sentimos contemplados quando o papa, naquele profético encontro, disse: “Não se entende que o amor pelos pobres está no centro do Evangelho. Terra, Teto e Trabalho – isso pelo qual vocês lutam – são direitos sagrados. Reivindicar isso não é nada raro, é a Doutrina Social da Igreja”.

Muito obrigado Pe. Alfonso por insistir que é necessário falar de Jesus Cristo e da pessoa humana de modo significativo, profeticamente nos preparando para acolher com o coração aberto a belíssima novidade do pontificado do papa Francisco. Suas aulas, palestras, o seu ensinamento, contribuíram muito para que eu assumisse com alegria e disposição o mandato evangelizador do mestre Jesus que me foi confiado. Aprendi com o senhor que a ação do homem para sua libertação integral, o seu empenho na busca de uma sociedade mais solidária e fraterna e, sobretudo, as lutas pela justiça e construção da paz são elementos constitutivos da ação evangelizadora da Igreja.

Nestes 37 anos de ministério pastoral, como pároco, professor de teologia, vivendo e convivendo com tantas pessoas das nossas comunidades eclesiais, de outras igrejas cristãs, dialogando com pessoas de outras profissões de fé, embora, a grande maioria dos fiéis, que participa das nossas Igrejas, que frequenta assiduamente as celebrações litúrgicas, não admite que a fé cristã tenha uma dimensão social e política. Mesmo que muitos insistam em praticar uma fé desligada dos problemas concretos do cotidiano, vivida no âmbito meramente privado, tive a graça de deparar-me com pessoas que se engajaram nos movimentos populares, nos partidos políticos, nos sindicatos e associações de moradores; homens e mulheres que se empenharam na luta pela terra e pela moradia digna, por melhores salários e educação para todos. Irmãos e irmãs, fundamentados na Doutrina Social da Igreja, comprometeram-se na luta antirracista e defendem que, para conhecer os valores culturais, a história e as tradições dos afro-americanos, entrar em diálogo fraterno e respeitoso com sua cultura, origem e tradição, é preciso descolonizar as mentes e o conhecimento.

Quantos testemunhos de homens e mulheres que, vivendo na fidelidade incondicional ao Evangelho, tornaram-se anunciadores da fé, comprometidos com a situação de miséria, de exploração e de terrível perseguição em que viviam seus irmãos e irmãs. Muitos destes, por causa de sua fidelidade, tiveram o mesmo destino do Profeta de Nazaré, Jesus Cristo, a testemunha fiel. Obrigado, Pe. García, por nos ensinar que nossa responsabilidade consiste em conseguir que os valores do Reino de Deus sejam fermento no processo de gestação de um mundo novo.

2

Caríssimo professor Pe. Dr. Alfonso García Rubio!

*Dom José Roberto Fortes Palau*³⁸⁵

Parabéns pelos noventa anos de uma vida tão fecunda a serviço do bem e da vida. Quero, logo de início, agradecer, de modo muito especial, seu amor pelo nosso país. Como jovem sacerdote, há sessenta cinco anos atrás, escolheu o Brasil para, aqui, com muito amor colocar-se ao serviço da Igreja, assistindo aos pobres, aos mais necessitados, mas também muito contribuindo, como educador, teólogo e pastoralista, para a boa formação de lideranças leigas e de várias gerações de sacerdotes. Bem sabemos de sua importância para a faculdade de teologia da PUC-Rio, hoje um grande centro de formação de teólogos e teólogas para o Brasil.

Meu primeiro contato com você aconteceu no ano de 1990, na cidade de Taubaté, mais precisamente nas aulas de antropologia teológica no Instituto Teológico Sagrado Coração de Jesus, hoje Faculdade Dehoniana. Esse encontro aconteceu através de seus escritos, mais precisamente com sua mais conhecida obra teológica, *Unidade na Pluralidade*. Esse tratado de antropologia teológica muito me estimulou a crescer no interesse pela teologia, despertou em mim o amor pela vida acadêmica, pela pesquisa científica, permeada pela fé, que avança na reta compreensão da verdade revelada por Deus.

No início do ano de 2003, ao iniciar os créditos para o curso de doutorado em teologia, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, tive a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente e, mais ainda, a satisfação de tê-lo como meu orientador. Além de sua inteligência aguda, de sua vasta cultura, chamou-me muito a atenção seu bom senso de humor. Como eram divertidos, alegres e muito proveitosos os encontros de mestrandos e doutorandos por ti orientados. Nossos encontros mensais, em grupo, eram muito ricos e alegres. Quantas sugestões surgidas no grupo ajudaram-me imensamente na elaboração de minha tese de doutorado. Hoje,

³⁸⁵ Bispo Diocesano de Limeira/SP.

entendo que, naquela época, já aplicávamos uma dimensão tão discutida e valorizada atualmente, pela Igreja, a sinodalidade. Aprendemos com você, professor García Rubio, a falar, a expor nossos pensamentos, mas também a escutar com atenção e carinho o que os outros têm a dizer.

Além da riqueza teológica, seu bom humor, como já destaquei, Professor García Rubio, era o diferencial desses encontros. É muito bom conviver com pessoas alegres, divertidas. Na exortação apostólica *Gaudete et Exsultate*, o papa Francisco descreve a importância da alegria e do sentido de humor para uma vida saudável. E afirma que a consequência da caridade é a alegria; e esta é sempre acompanhada pelo bom humor³⁸⁶. Quem não gosta de estar próximo de pessoas bem-humoradas? Certamente um dos motivos que te torna uma pessoa tão querida é seu bom humor, sua alegria espontânea.

Ainda quero destacar o quanto sua orientação firme e segura ajudou-me imensamente na elaboração de minha tese de doutorado. Sou muito grato. Não me esqueço de uma instrução dada por ti, em um de nossos encontros de grupo de mestrandos e doutorandos, quando afirmaste que uma tese de doutorado deve sempre orientar-se por dois critérios básicos: pertinência teológica e relevância pastoral. Não basta aprofundar-se na compreensão do Mistério Divino, mas também como essa compreensão afeta nossa vida cotidiana, nossa experiência de fé. Não adianta gastar tempo com requintadas elucubrações teológicas que depois nada acrescentarão à fé de nosso povo. Uma boa tese de doutorado é aquela que ajuda nosso povo a crescer na fé, a colocar-se, cada vez mais entusiasmado, a serviço do Reino de Deus.

Enfim, mais uma vez, professor Pe. Dr. Alfonso García Rubio, parabéns! Que Deus te abençoe, te conceda muita saúde, paz e alegria! Um fraterno abraço, de teu ex-aluno e admirador,

Dom José Roberto Fortes Palau
Bispo Diocesano de Limeira/SP

³⁸⁶ FRANCISCO. *Gaudete et Exsultate*, n. 122-128, Brasília: Edições CNBB, 2018.

3

El privilegio de contar con el Padre Alfonso García Rubio

*Fábio Antunes do Nascimento*³⁸⁷

El Centro bíblico, teológico y pastoral de América Latina (Cebitepal) fue desde sus Orígenes el corazón formativo del Consejo Episcopal Latinoamericano, que abrió sus puertas hace ya 50 años para acompañar en el crecimiento de la fe de todos los miembros de la Iglesia de la región.

Durante muchos años este centro tuvo el privilegio de contar con el Padre Alfonso García Rubio quien formó parte del cuerpo de profesores al frente de la escuela teológica y la licenciatura canónica en teología. Fue un sacerdote que siempre se distinguió no solo por su profesionalismo, sino también por el interés y carisma en el desarrollo de los cursos que dictó a tantos estudiantes provenientes de diversos sitios de América Latina.

En este transcurso, el Padre Alfonso fue revelando a sus alumnos la importancia de sintetizar en la propia vida la práctica de un magisterio siempre acompañado por el trabajo pastoral en los sectores populares. Con esta forma de vida y opciones, demostraba su profundo compromiso como hijo arraigado en la Iglesia latinoamericana que es pobre y para pobres.

En este año de jubileo para el Cebitepal, nos alegramos y con corazón agradecido nos unimos a las celebraciones por la vida del Padre Alfonso y su generosa entrega. Dios lo bendiga siempre.

Nuestra memoria y felicitación.

Fábio Antunes do Nascimento
Director del Cebitepal

Bogotá, 31 de enero de 2024

³⁸⁷ CELAM / Cebitepal - Centro bíblico, teológico y pastoral de América Latina.

4

Carta de agradecimento da Comunidade da Capela de São Pedro ao amigo especial Alfonso García Rubio

Comunidade da Capela de São Pedro, por ocasião da Eucaristia em Ação de Graças pelos 90 anos do Pe. Alfonso



Sim amigo Alfonso, hoje nos dirigimos a você com essa intimidade que foi construída há muitos anos. Sempre que celebramos datas especiais começamos com relatos do passado, lembrando a história construída da comunidade de São Pedro após sua chegada em março de 1991. Pois bem, dessa vez faremos diferente, não porque o passado não tenha tamanha importância, sim tem MUITA! Mas, essa história já foi tão lembrada que certamente está gravada em nossos corações.

Hoje, queremos falar da pessoa que você é para cada um de nós. Falaremos do amigo que faz parte de nossas vidas há quase 33 anos e que ainda se preocupa em saber como estamos caminhando. Gostaríamos de falar da admiração que sentimos pelo amigo Mestre, que tanto nos ensina a cada homilia nas celebrações das missas, nos encontros dos Amigos de Jesus, nas reuniões dos conselhos da comunidade, nos retiros de aprofundamentos na fé, nas orientações das pastorais catequese, batismo, crisma,

música, círculos bíblicos, visitas aos enfermos e tantas outras atividades pastorais e sociais.

Falamos hoje para você, Alfonso, que no ano de 2023 nos deu exemplos de como persistir, insistir e nunca desistir diante das dificuldades. Saiba que estávamos ao seu lado em todos os momentos em que enfrentou dificuldades. Nossos pensamentos e orações estavam voltados para seu bem-estar. Durante todo esse período, pudemos ver o quanto você foi forte, mesmo parecendo tão fragilizado. A cada dificuldade superada por você, tínhamos certeza de que estávamos diante de uma pessoa que ama tanto a comunidade de São Pedro que foi capaz de enfrentar, por amor a ela, muitas dores físicas e, porque não dizer, dores emocionais. Sua dedicação ao seu *sacerdócio* só aumenta nossa admiração por você e por tudo que construiu durante todos esses anos.

Esta comunidade jamais esquecerá do quanto foi transformada a partir da sua chegada. Sabemos que, em nossa caminhada na vida cristã, as dúvidas e questionamentos surgem, e certamente você, Alfonso, deve ter passado por esses momentos, mas saiba que sua dedicação ao seu ministério transformou vidas! Sua forma de transmitir a palavra de Deus através dos Evangelhos permitiu que muitos corações fechados se abrissem para o amor serviço, percebendo, assim, o quanto são amados pelo Deus todo poderoso no Amor. Um Deus tão amoroso, bondoso e compassivo que foi capaz de nos presentear com seu filho Jesus Cristo.

Celebrar seus 90 anos de vida é uma honra para essa comunidade. Jamais poderíamos imaginar que sua chegada naquela pequena capelinha iria crescer e dar tantos frutos bons. Sua missão está mais que cumprida e será eternizada em nossos corações e na história de transformação da comunidade da Capela de São Pedro. Vivíamos naquele tempo num deserto, e você nos apresentou um poço. Nos deu um rio de *Água Viva* e um sopro de *esperança*. Receba agora, amigo Alfonso, nossa homenagem de admiração, amizade, carinho e amor por tudo que você representa para todas e todos dessa comunidade. Obrigada Querido Amigo! Que Deus continue abençoando sua vida e seu sacerdócio.

Finalizamos a homenagem com essa música que você tanto gosta...

Existe um poço no meio do deserto, o povo passa perto, dá sede a reclamar... eu quero um rio de água viva, eu quero um sopro de esperança, minha alma segue e não se cansa de caminhar, de caminhar... se tu soubesses quem pode dar-te a vida, seria dissolvida a mágoa mais cruel... eu

quero um rio de água viva, eu quero um sopro de esperança, minha alma segue e não se cansa de caminhar... Jesus é vida vencendo toda morte, mudando a nossa sorte, livrando-nos do mal... eu quero um rio de água viva, eu quero um sopro de esperança, minha alma segue e não se cansa de caminhar.

Jesus Cristo é para nós um Rio de Água Viva, um sopro de Esperança.
Amigo, agradecemos a você que nos apresentou o Cristo Vivo!
Jesus é para nós um Rio de Água Viva, um sopro de Esperança!

Comunidade de São Pedro do Canal do Anil
Rio de Janeiro, 21 de janeiro de 2024

Celebração 90 anos de vida do padre Alfonso García Rubio



Comunidade Capela de São Pedro Canal do Anil

5

A importância de Pe. Alfonso na comunidade de São Pedro do Canal do Anil

*Isabel Maria Fernandes da Silva*³⁸⁸

Participo da comunidade de São Pedro desde 1985. Nesta época tínhamos uma pequena capelinha, com missa aos domingos e algumas pastorais. O espaço das celebrações estava muito precário, mas era o único que tínhamos à disposição. Com o passar dos anos, o prédio foi se deteriorando cada vez mais, ao ponto de haver risco de desabamento. Em março de 1991, Pe. Alfonso chegou trazendo esperança para nossa comunidade, além de muitos amigos e amigas, na maioria alunas, alunos, bem como ex-alunos do curso de teologia da PUC-Rio. Em pouco tempo, nossa comunidade começou a crescer em números de participantes nas celebrações e nas pastorais. Logo começaram os encontros para falar sobre a necessidade de um novo templo, mas, para iniciar as obras para a construção da nova capela, precisávamos de um espaço onde pudéssemos celebrar as missas e continuar as atividades pastorais. O casal Teresa e Antonio, de forma generosa, ofereceu o terraço de sua casa por tempo indeterminado. E assim nossa igreja foi seguindo sua caminhada nas pastorais e celebrações, aguardando a construção da nova capela. Foi um período de muita luta e conquistas, sempre com a liderança de padre Alfonso, que não media esforços para ver nossa comunidade crescendo e dando frutos. Lembro-me que antes da chegada dele, nossa igreja seguia na caminhada, mas a *esperança* de ter uma comunidade *viva* só surgiu a partir do trabalho *evangelizador* de Alfonso García Rubio. Eu sou a prova viva desse trabalho. Antes era uma mera participante que achava que assistindo às missas dominicais e participando da comunhão estava de fato sendo seguidora de Jesus. Não. Só encontrei o Jesus verdadeiro quando tomei consciência de que precisava amadurecer na *fé*. Aos poucos, e com a ajuda de padre Alfonso, que considero um amigo, fui me transformando, tomando consciência de que precisava abrir meu coração e deixar o Deus misericordioso

³⁸⁸ Comunidade de São Pedro do Canal do Anil.

no Amor entrar na minha vida. Lembro-me até hoje de uma frase que ele sempre me dizia – “Isabel você é uma flor que desabrochou”. Fico muito emocionada quando lembro da forma com que ele sempre me ouvia e me aconselhava. Esses são apenas relatos pessoais, de como o amigo Alfonso mudou a vida das pessoas através da sua evangelização. As mudanças e transformações também se estenderam para a comunidade do Canal do Anil, principalmente após a enchente de 1996. Foi um tempo difícil para a população, mas foi a partir desse acontecimento que a comunidade uniu forças para buscar melhorias nas áreas de educação, saúde, saneamento básico, moradia, entre outras necessidades. Houve uma grande mobilização das lideranças da Comunidade do Canal do Anil, entre elas a Capela de São Pedro, sempre com o apoio de padre Alfonso. Posso afirmar que a participação das irmãs e irmãos da capela foi de muita relevância para conscientizar as pessoas da necessidade de unir forças para lutar por uma melhor qualidade de vida. Durante todos esses anos, a comunidade de São Pedro foi, e continua sendo, parceira nos trabalhos sociais desenvolvidos por várias instituições não governamentais, incluindo recentemente a Prefeitura do município do Rio de Janeiro, através da Secretaria da Juventude. Padre Alfonso sempre nos deu liberdade e apoio para desenvolver tais trabalhos. Hoje, eu e Marta coordenamos os trabalhos sociais e pastorais. Estamos nos reestruturando após 2 anos de muitas dificuldades por conta da pandemia da Covid-19. A Comunidade de São Pedro celebra, em março de 2024, 33 anos da presença do nosso estimado amigo em nossas vidas. São anos de um trabalho evangelizador que continua nos convidando a nos abirmos para um Deus que é amoroso, bondoso e compassivo. Querido amigo Alfonso, neste momento celebramos seus 90 anos de *Vida...* o presente foi Deus que nos deu: a sua dedicação e generosidade a essa comunidade que tanto *ama*. Receba hoje e sempre nossa *gratidão* eterna!

A Isabel transformada deixou de ser mulher velha para agir como mulher nova. Obrigada.

6

Uma nova caminhada

*Sadi Herculano Filho*³⁸⁹

Meu nome é Sadi Herculano Filho, tenho 59 anos. Agradeço a Deus por ter cruzado com Pe. Alfonso García Rubio em meu caminho. Depois de caminhar por décadas na escuridão, esse padre me apresentou um Jesus libertador e amoroso, nossa luz, por quem me apaixonei. Iniciei, então, uma nova caminhada.

O padre Alfonso me acolheu junto à comunidade de São Pedro do Canal do Anil. Quando adolescente, eu caminhava por ali com meu pai. Retornei depois de 33 anos, quando tive a oportunidade de vivenciar a vida em comunidade. A satisfação foi tanta que resolvi voltar a estudar e me formei em teologia. Aprendi um pouco, na universidade, mas a verdadeira teologia tive a oportunidade de experimentar ao conviver com o padre Alfonso e com a comunidade. Passei a frequentar a pastoral do batismo, prestando meu serviço junto com outros irmãos nessa pastoral. Esse foi o tema do meu trabalho de conclusão de curso na universidade: Batismo por tradição e a evasão após o sacramento. Percebi que havia nesse serviço uma oportunidade de apresentar esse Jesus amoroso, misericordioso e libertador para as pessoas que nos procuram em busca do sacramento do batismo.

Fui convidado, pelo Pe. Alfonso, também a participar como Ministro Extraordinário da Eucaristia e, numa ocasião, falei com ele que eu estava muito feliz porque iria “levar Jesus para as pessoas”. Ele me disse, então, que eu não iria levar Jesus às pessoas. O que eu deveria fazer, em primeiro lugar, era ajudar as pessoas a recuperar a sua dignidade e fazer com que percebessem que Jesus está junto delas, sempre.

Outro momento muito significativo para a minha caminhada na fé se deu em um dos nossos encontros dos Amigos de Jesus, quando líamos e meditávamos sobre a parábola da colheita da vinha. Eu sempre trabalhei como gerente de produção. Meu foco sempre foi na produtividade, na efi-

³⁸⁹ Comunidade de São Pedro do Canal do Anil.

ciência e o salário sempre foi pensado como resultado da produtividade. Foi muito difícil entender e aceitar que a justiça de Deus, graças a Deus, não é igual a nossa. Um trabalhador chegou às 3 da manhã, outro às 12 horas, outro às 15 horas e outro no final do expediente e o patrão, que no caso é Deus, deu o mesmo salário. Para esse patrão – que no caso é Deus –, todos precisavam levar o sustento para casa. Foi um grande aprendizado pra mim. Numa outra ocasião em que eu ajudava na pastoral do Dízimo, comentei, sem citar nomes, com Pe. Alfonso, que me incomodava ver tanta ingratidão para com Ele. Foi então que Pe. Alfonso olhou nos meus olhos e me perguntou: você acha que Jesus não conhecia Pedro? Onde fica a misericórdia? Só me resta orar como Jesus orou por Pedro, e ter fé que se convertam. No final, Pedro se converteu e, desse dia em diante, quanto mais incompreensão eu recebia, só me restava calar e orar pelo irmão. Perdoar sempre não é fácil, mas todos nós precisamos de conversão.

Nessa caminhada junto com o padre Alfonso acabei chegando à oficina de oração e vida do frei Ignácio Larranaga. Iniciei esse processo antes da pandemia e estou concluindo a formação para servir como guia de oficina de Oração e Vida. Temos que seguir a metodologia da escola, mas sempre haverá algo a acrescentar – do que aprendi com o padre Alfonso.

Certa vez, em nossos encontros de Amigos de Jesus, ele comentou conosco que achava que deveria ter feito mais junto aos excluídos e abandonados da comunidade. Eu falei para ele que cada um tem uma missão na vida da Igreja, e que a dele é formar discípulos para serem sempre mais fiéis à proposta de Jesus.

Sou imensamente grato a Deus por ter colocado o padre Alfonso em meu caminho. Em fevereiro de 2024, fui enviado para missão que Jesus deixou como Boa Nova. Sem o padre Alfonso e a convivência na comunidade eu não teria chegado até aqui. Nem sei mesmo se estaria vivo hoje. Pretendo caminhar sendo mais um que ele ajudou a formar como discípulo de Jesus, sendo fiel ao Evangelho até o fim da minha vida. Gratidão, Pe. Alfonso!!!

7

Alfonso García: um amigo indescritível e presença teologal no Povo de Deus

*Medoro de Oliveira Souza Neto*³⁹⁰

Há 45 anos atrás – exatamente na metade de seus fecundos 90 Anos –, fui acolhido pelo Pe. Alfonso no Seminário Arquidiocesano do Rio de Janeiro, quando ele era diretor espiritual dos estudantes de teologia. Na época do Seminário, Pe. García era uma pessoa humana indescritível para conosco, seminaristas: uma pessoa tão madura, que impactou positivamente todos nós: quebrava todas as formalidades que pudessem criar distâncias ou criar máscaras de um relacionamento meramente funcional, formal. Formava todos, mas “fazendo-se um de nós”. Sempre teve, para com todos nós, palavras encharcadas de sapiência, e sua presença sempre foi pedagogicamente fraternal. Sempre se manifestava com ímpar sabedoria e inigualável simplicidade: antes de seminaristas, fomos todos acolhidos como irmãos! Na proximidade, nos permitimos chamá-lo por seu sobrenome: García.

Assim começou na época do Seminário e manteve-se a nossa convivência: proximidade, acolhimento, descontração, humor e “puxões de orelhas”, quando fosse necessário. Éramos semanalmente enriquecidos com sua homilia e também por sua meditação, formadora de cristãos mais amadurecidos, para quando viéssemos a assumir o ministério pastoral. Diariamente, passava por nossos quartos individuais e quase sempre, humoradamente, retirava-nos da sala de TV para estudarmos ou realizarmos conversas geradoras de uma convivência saudável; depois, recolhia-se para as leituras acadêmicas, como também de espiritualidade e de crescimento cultural. Tive o privilégio de tê-lo como diretor espiritual e tenho a graça de, ainda hoje, ser por ele acompanhado.

Na PUC, como professor de tempo contínuo, era dedicadíssimo ao

³⁹⁰ Pároco da Paróquia de São José Operário - Três Rios (RJ). É licenciado em Letras (FAFIVA – Valença, RJ), Filosofia (Instituto Aluisiano – Rio de Janeiro, RJ) e Teologia pela PUC-Rio, e Doutor em Teologia pela PUC-Rio. É membro da Articulação Leste 1 das CEBs-Comunidades Eclesiais de Base e Coordenador da Comissão Diocesana das CEBs.

estudo, às pesquisas e ao diálogo acadêmico, também interdisciplinar. Os frutos estão aí nos seus vários livros – destaco *Unidade na pluralidade*³⁹¹, que muito nos ajudou e ainda ajuda, com sua perspectiva unitária e integrada do ser humano. Acompanhava *pessoalmente* cada um de nós, alunos – inclusive corrigindo de forma crítica e motivadora nossas provas e nossos trabalhos, com suas correções e sugestões pontuais e sinceras por escrito. E foi assim que me “obrigou” a fazer o mestrado e o doutorado – sim: nunca estudei por prazer, sempre por dever. E, por esse cuidado para comigo e pela minha vida acadêmica, acolheu-me na época como um filho em seu apartamento, para que eu conseguisse terminar todas as etapas do doutorado. Que saudade desse acolhimento, de sua fraternura! E hoje somos muitos: padres, leigas e leigos, religiosos e religiosas, seus ex-alunos, a serviço da pastoral e do amor-serviço à inteligência da fé e, ao mesmo tempo, amigos e amigas, para além da academia, beneficiários de sua amizade.

Aproveito para ilustrar essa inclusão pessoal e acadêmica com o episódio imediatamente antes da minha defesa de tese doutoral, à entrada da sala de defesa. Chamou-me de lado, como um dos leitores críticos, para tranquilizar-me, “esperançando-me” frente ao desafio em que me encontrava. Só tenho o que agradecer, agradecer, agradecer!!! E como é salutar e vivificador poder desfrutar plenamente da sua graciosa amizade e de sua ímpar sabedoria, mesmo à distância! Como gostaria de poder tê-lo fisicamente sempre por perto!

E, como se tudo isso não bastasse, quero ressaltar uma vez mais a sua presença integral e marcadamente teologal na Igreja como um todo – mas, mais especificamente, na Igreja do Brasil e de toda a América Latina. Nas últimas seis décadas, Pe. García ajudou todo o povo de Deus, formando pastores e teólogos para uma Igreja de comunidades “em saída” – obedecendo à ordem carinhosa e fraterna do papa Francisco³⁹². Sem a sua vivência e o seu discernimento, a teologia latino-americana – *teologia da libertação* – certamente não teria a pertinência e relevância que tanto ajudou e vem ajudando na formação de místicos cristãos comprometidos

³⁹¹ GARCIA RUBIO, A., *Unidade na Pluralidade*.

³⁹² Conferir, por exemplo: “O apelo espiritual do Papa porque ‘a Igreja não existe por si mesma, mas para levar Cristo ao mundo, para proclamar o Evangelho às nações’. Uma obra laboriosa quando toca as feridas profundas das pessoas, mas o Senhor sempre dá sua luz”. Em: PESCE, Francesco. *Francisco e a Igreja em saída*, para estar próximo da dor e do mundo inteiro. *Vatican News*. Disponível em: <https://www.vatican-news.va/pt/papa/news/2023-03/francisco-e-a-igreja-em-saida-para-estar-proximo-da-dor-do-mund.html>. Publicado em 13 de março de 2023. Acesso em: 14 jan 2024.

com a fé e com a busca de uma vida plena para todos e todas. A opção pelos pobres não se deixou corromper ideologicamente e é confirmada como prioridade de uma “Igreja-Comunidade de Comunidades” a serviço do Reino de Deus.

Nesse horizonte eclesiológico de comunhão e de riqueza na diversidade, Pe. García muito colaborou, antropologicamente, na persistente luta pela superação da dicotomia clero/laicato. Nesse espaço eclesiológico defendido por Pe. García ao longo de toda a sua vida pastoral, o clericalismo eclesiástico é superado pela ministerialidade de todo o povo de Deus: os ministérios ordenados não substituem o rico pluralismo dos demais ministros batizados, mas ao contrário: promovem o desabrochar e o discernimento dos carismas de todos os fiéis, integrando-os na comunhão de amor-serviço de um povo que busca mais e mais ser um povo diaconal. E, nessa mesma perspectiva unitária e integradora, Pe. García sempre foi voz profética para a superação do clericalismo machista e excludente da mulher.

É incontável o número dos que leem suas obras e experimentam uma fé amadurecida e diaconal e também os que ainda hoje são beneficiados com seus cursos e retiros por esse imenso Brasil. E nós, seus amigos discípulos, não temos palavras adequadas para exprimir a nossa eterna gratidão! Assim, espero que esse pequeno e humilde depoimento seja um “dar as mãos” a todos e todas que, agradecidos e agradecidas, amamos e queremos parabenizar nosso querido mestre. A sua pessoa encarna a mística de Jesus, que “não tentou ficar igual a Deus. Pelo contrário, ele abriu mão de tudo e tomou a natureza de servo” (Fl 2,6).

8

Testimonio sobre el Prof. Alfonso García Rubio

*Orlando Oscar Espín*³⁹³

Yo vivía en la República Dominicana cuando decidí estudiar para un doctorado en teología. Durante una década trabajé en varias regiones del país, pero sobre todo en el suroeste y en la zona norte de la frontera con Haití. Era imposible vivir y trabajar en esas regiones sin frecuentemente encontrar religiones de origen africano. Mi interés por la teología no eran las doctrinas europeas sino la posibilidad de entender y entrar en diálogo con las religiones de origen africano que estaba encontrando entre la población de la República Dominicana.

Cuando por fin decidí estudiar para llegar al doctorado descubrí que pocas universidades en el mundo ofrecían la posibilidad de doctorarse en teología desde una perspectiva popular, y en aquel momento la PUC-Rio era la mejor posibilidad-- estaba en Brasil, con numerosa población de origen africano y donde todavía se practican religiones yoruba y fon, como en las Antillas hispanas (República Dominicana, Cuba y Puerto Rico). Decidí ir a estudiar a Río de Janeiro.

En 1980 llegué a la PUC-Rio y en 1984 recibí el doctorado. Tuve el privilegio (y fue, sin duda, un privilegio) de que el Prof. Alfonso García Rubio guiara mis estudios y tesis sobre la evangelización de las religiones africanas en República Dominicana. Cuarenta años después (2024) tengo de nuevo el privilegio de aplaudir y agradecer a Alfonso García Rubio y a la PUC-Rio por la oportunidad de hacer allá el doctorado y por haberme dado las herramientas intelectuales que hasta hoy me han permitido contribuir a las comunidades latinas inmigrantes en Estados Unidos, y también poder desarrollar una teología nacida desde la experiencia de quienes más necesitan solidaridad.

Tras unos años enseñando en República Dominicana y en el estado de Florida en Estados Unidos, en 1990 vine a la Universidad de San Diego

³⁹³ Universidad de San Diego en California.

* Nota dos organizadores: Orlando O. Espín defendeu a primeira tese doutoral do Departamento de Teologia da PUC-Rio, tendo sido orientado pelo Prof. Alfonso García Rubio.

(USD), en la frontera de California y México. En USD permanecí hasta mi jubilación en 2019. Y sigo viviendo en esta frontera. Tras diez libros (todos sobre catolicismo popular) y tras muchos artículos, sigo agradeciendo al P. García Rubio haberme enseñado a hacer teología desde el pueblo (ahora desde el pueblo latino en Estados Unidos, especialmente en esta frontera con el mayor número de cruces e inmigrantes en todo el mundo). Mi último libro, recién publicado, está dedicado a García Rubio.³⁹⁴

¿Cuáles fueron las herramientas intelectuales que aprendí de García Rubio? La primera y más importante: comprometerme y convivir con el pueblo, porque sólo así se puede realmente escuchar. Y una vez que se comience a escuchar es que se puede llegar a entender y explicar – en otras palabras: para hacer teología (que es comprensión y explicación) primero hay que convivir y escuchar. Esta perspectiva ha marcado y moldeado mi trabajo teológico y mi vida.

Una segunda herramienta importante que aprendí de García Rubio fue la necesidad de discernir lo escuchado para evitar los dualismos – especialmente (aunque no sólo) el dualismo entre alma y cuerpo, porque esto lleva a desenfatar la importancia indispensable de lo corporal, y con ello a desenfatar la pobreza y marginación impuestas a la mayoría de la humanidad (ya que la pobreza y marginación se experimentan y viven en realidades históricas “corporales”).

Y la tercera herramienta que García Rubio me enseñó fue reconocer la falsa oposición entre lo sagrado y lo profano. Todo lo humano, porque es humano, es cultural e inevitablemente limitado. Las categorías “sagrado” y “profano” son humanas y por eso, también, son culturalmente creadas, definidas y experimentadas. En otras palabras, es imposible sostener, culturalmente, el dualismo entre lo sagrado y lo profano al igual que es imposible mantener el dualismo entre alma y cuerpo.

La teología que aprendí de García Rubio (y de otros profesores de la PUC-Rio) quiere entender y explicar, superando dualismos, y creo que he podido hacerlo a lo largo de cuarenta años porque nunca he olvidado a convivir y comprometerme con las comunidades obreras entre quienes vivo.

Éstas son las principales y más fundamentales herramientas que el Prof. García Rubio me enseñó. Aunque no las únicas. Evidentemente, él

³⁹⁴ ESPÍN, Orlando O. *Pentecost at Tepeyac? Pneumatologies from the People*. Maryknoll: Orbis Books, 2024.

también me mostró a desarrollar un argumento teológico, y a construirlo a partir de lo convivido y escuchado, además de cómo aprovechar intuiciones y fuentes teológicas de otros autores. Y también me motivó a prestar atención a la obra filosófica de Antonio Gramsci, que ha sido muy importante para mi teología.

Todas estas herramientas fueron, como era de esperar, reflejo de la teología de la liberación, en auge durante mis estudios en Río de Janeiro.

Quizás el Prof. García Rubio no sepa que a lo largo de estos cuarenta años su herencia y sus enseñanzas ha alcanzado y beneficiado a mis estudiantes de la Universidad de San Diego y a otros a quienes también he enseñado. Y también se reflejan en mis libros y artículos.

Tuvo mucha paciencia conmigo. Cuando llegué a Río de Janeiro yo no hablaba portugués, y el *sotaque carioca* lo hacía más difícil de entender. Pero García Rubio me ayudó a llegar a entender, leer y escribir el portugués. Especialmente, me permitió escribir mi tesis doctoral en español. Esto me ayudó muchísimo y siempre se lo he agradecido. Gracias a él, por su comprensión y apoyo, pude completar exitosamente mis estudios doctorales. En consecuencia y también gracias a él, mi experiencia en Río de Janeiro ha marcado positivamente mi vida.

Durante mis años en la PUC-Rio, García Rubio siempre fue un guía comprometido con mi trabajo y comprometido con mi futuro como teólogo. Las herramientas intelectuales que me enseñó han sido invaluable e indispensables, así como también las herramientas éticas que como teólogo y cristiano él siempre mostraba. Gracias a él, hoy creo que fundan mi teología, mi enseñanza y mi vida. El Prof. Alfonso García Rubio siempre demostró, en su vida y enseñanza, lo que es ser y lo que se requiere de un teólogo comprometido y ético. Para mí él ha sido un modelo a seguir, y que he tratado de seguir. Gracias a Dios que encontré a este hombre brillante, humano y comprometido en la PUC/RJ.

¡Gracias, profesor! Y felicidades por tantos años de vida, siempre haciendo el bien comprometidamente.

9

Meu encontro com Alfonso García Rubio

*Cesar Kuzma*³⁹⁵

É com imensa alegria que compartilho este texto-homenagem, trazendo em palavras um pouco da minha experiência e encontro com o padre, professor e amigo Alfonso García Rubio, ou, como eu gosto de chamar, García. Falar sobre ele remete à minha juventude, no tempo das igrejas, pastorais e comunidades eclesiais de base em Curitiba, cidade onde nasci e vivi grande parte da minha vida e de onde trago a herança de um compromisso comunitário e de missão. Naquela época, nossos encontros de formação eram construídos pela leitura popular da Bíblia, impulsionada pelos cadernos e livros de Carlos Mesters, que se somava a práticas pastorais com migrantes, jovens e diversas experiências comunitárias. Vem com isso a lembrança da minha mãe, que formou pastorais e coordenou comunidades, e mesmo sendo uma pessoa simples e com pouca formação transportava uma vivência e devoção fortes.

Entre os anos de 1990 e 2000, García esteve inúmeras vezes em Curitiba, atuando nesses cursos de formação, oferecendo uma maneira nova e leve de apresentar Jesus, o Cristo, convidando todos nós a um encontro vivo. Sim, esta era a intenção dos dias de formação que ocorriam neste período, que traziam um livro como a grande referência, um marco de sua pessoa e exposição: *O encontro com Jesus Cristo vivo*, de 1994, publicado pela Editora Paulinas. Histórias sobre o modo de suas palestras circulam até hoje entre comunidades e agentes de pastorais, leigos, clérigos e até com o bispo emérito, Dom Pedro Fedalto. Como de costume, as ideias do García se multiplicaram, e não apenas as ideias, algumas pessoas se tornaram multiplicadores, passando a oferecer cursos de formação em cristologia, tendo como base o livro do García, introduzindo inclusive as suas histórias e modos de falar. Foi assim que eu tive o meu primeiro encontro com o García e com a sua forma de fazer teologia, pois participei

³⁹⁵ Teólogo leigo, casado e pai de dois filhos. Doutor em teologia e professor do Departamento de Teologia da PUC-Rio.

de um curso que teve este livro como referência, o qual ganhei de presente da minha mãe e trago comigo até hoje. Anos mais tarde, em 2005, participei da banca para entrar no mestrado em teologia na PUC-Rio e ele e a professora Tereza Cavalcanti estavam na minha banca. Este foi um segundo encontro, quando o autor do livro se tornou pessoa concreta na minha frente. Em 2006, já estudante de pós-graduação na PUC-Rio e seu aluno de cristologia e antropologia, tive acesso à sua própria interpretação e narrativa, inclusive as histórias, muitas delas iguais ou próximas àquelas que eu escutava e que foram vividas por outros. Deste período, trago com carinho este primeiro livro assinado por ele, com as seguintes palavras: “Cesar: sim, vale a pena aprofundar o significado desse encontro. Com estima, Alfonso García Rubio” (2006).

Os anos seguiram e fui novamente seu aluno em 2008, já no doutorado; e, em dezembro de 2012, fui contratado como professor do Departamento de Teologia da PUC-Rio e de aluno passei a ser colega, mas sempre tendo García como uma referência, de quem sempre aprendi e ouvi um modo certo e livre de pensar e teologizar. Nesse período, García já era professor-emérito, então os contatos não eram frequentes, mas me recordo com carinho de algumas caminhadas que tivemos pelo campus, de algumas conversas, de bancas e eventos. Eram encontros afetuosos, pois como colega pude perceber a humildade que sempre demonstrou ter em aula, com todos, sempre aberto, disposto e sorrindo. Dois momentos ainda marcam esta experiência, todos eles vividos em 2022, quando eu passava por tribulações e com ele pude conversar. Uma vez na residência dos jesuítas, ao lado da PUC, e outra em sua própria casa, em Jacarepaguá, onde me recebeu e acolheu com um abraço fraterno.

O que digo com isso, nestas poucas palavras, é que trago a experiência de encontros que se intensificaram e nos fizeram ser próximos. O autor que se tornou professor, do professor que se tornou colega, do colega que se tornou amigo. Acredito que esta é a essência da vida e é o que realmente vale a pena. Parafraseando o que ele mesmo diz na introdução do seu livro (*O encontro com Cristo vivo*), ousou dizer: ficamos admirados diante de suas opções e de suas prioridades, porque fomos cativados por sua liberdade e maneira de ser, em relação à fé, à teologia, à Igreja e à sociedade. Em todos estes encontros, você se manteve fiel, e isso liberta! Obrigado!

10

Uma estrela na minha vida

Ivana Bartl

Meu primeiro contato com padre Alfonso foi no curso de Teologia para Leigos do Centro Loyola de Fé e Cultura: foi meu professor de cristologia no ano de 1996. Sua proposta à época era fazer uma caminhada ao lado de Jesus como se fossemos um dos discípulos. E foi exatamente assim que eu me senti ao longo daquela matéria. Como professor ele tem uma didática que eu qualificaria como libertadora, pois tira muitas “traves” dos olhos e ilumina e foca no que verdadeiramente liberta e amadurece para a vida: o encontro com a pessoa viva de Jesus. Jesus não é apresentado como mero personagem do passado, mas vivo e falando no aqui e agora, nunca “naquele tempo”. O Evangelho é palavra viva e a espiritualidade cristã precisa estar encarnada, ou seja, não posso viver minha fé num compartimento diferente de onde vivo meu dia a dia.

Além de ser professor dedicado, ele também leva muito a sério e tem uma atenção toda especial com os grupos de reflexão que orienta. Eu participo de grupos desde 2003. Até 2016 fiz parte de um grupo que se reunia toda quarta-feira à noite na casa dele. Em 2017, com minha mudança para São Paulo, passei para um grupo que tinha reuniões mensais na Barra da Tijuca em dia de sábado. Com isso, passei a vir ao Rio de Janeiro pelo menos uma vez por mês para esses encontros. Mesmo depois de anos nesses grupos, vez ou outra, ainda me pego admirada com a atenção e cuidado que Pe. Alfonso tem na condução da reunião. Por exemplo: costumo fazer o resumo dos encontros do Grupo da Barra e, mais de uma vez, me encantei durante a preparação do resumo – já em casa lendo as anotações feitas – com a sagacidade do Pe. Alfonso. Em como ele havia captado com sensibilidade tudo que cada pessoa foi partilhando (e que estava lá nas minhas anotações) e, no momento de sua colocação final, ele havia arrematado com maestria todos os pontos levantados por cada pessoa. E, de lambuja, ainda nos fez ir mais fundo na mensagem do texto lido. Real-

mente muito bacana perceber sua orientação espiritual sempre focada no amadurecimento afetivo, humano e de fé de cada pessoa.

Outro momento admirável que não posso deixar de mencionar aqui foi o período tão difícil da pandemia de 2020/2021, quando o isolamento impedia a celebração das missas e as reuniões dos diversos grupos. Para manter o contato e o pastoreio da Comunidade de S. Pedro do Canal do Anil ele resolveu gravar áudios de reflexão sobre o Evangelho de cada domingo. Inicialmente o áudio era distribuído apenas às pessoas da Comunidade através do WhatsApp. Posteriormente, passou a ser disponibilizado também no Facebook da Comunidade de S. Pedro. Mas todos os grupos queriam esses áudios. Então, por sugestão de alguns amigos do meu grupo, criei um canal no Youtube (*Pe. Alfonso García Rubio - Reflexões*) para armazenar e facilitar a distribuição das reflexões. Eu passei a receber o áudio dias antes e adicionava imagens e o texto do áudio, gerando um vídeo que era disponibilizado no sábado com a reflexão do Evangelho do domingo. A divulgação desses vídeos cresceu tanto que ultrapassou as fronteiras do país e foi parar nos EUA e na Espanha. Junto disso, usando a tecnologia de videoconferência disponível na época, os diversos grupos foram se reconectando com o Pe. Alfonso e voltaram às reuniões no modo online. Outro momento importante foi quando ele voltou a celebrar as missas no Canal do Anil, mas com número reduzido de pessoas. Os jovens da Comunidade de S. Pedro se mobilizaram para transmiti-las do celular, através de *lives* no Facebook. Nessa época, todo domingo eu me punha a postos no meu computador em casa e me preparava para divulgar o link de acesso à missa online tão logo ele se tornava disponível. Havia inúmeras pessoas interessadas nas celebrações, mas que não sabiam como encontrar a *live*. Era uma alegria estar em comunhão com a Comunidade de S. Pedro e com tantas pessoas queridas que conheci através do Pe. Alfonso naqueles domingos de isolamento...

Agora, lembrando tantas coisas, sinto crescer no coração uma gratidão enorme a Deus pelo dom da vida do Pe. Alfonso. E gratidão também pela generosidade e dedicação desse meu mestre e amigo tão querido, que não esconde nem guarda para si a luz da sabedoria recebida como graça de Deus, mas a coloca bem alto, como verdadeira estrela luminosa. E com muita coragem e disposição segue apontando o caminho para o encontro salvador com o Deus que ele proclama como o Deus do Amor-Gratuito, do Amor-Serviço, o Deus Todo-Poderoso no Amor! Obrigada, Pe. Alfonso!!

11

Ao mestre, toda a minha gratidão!

*Jari Furtado*³⁹⁶

Ao receber o convite para fazer um depoimento sobre a importância que o Pe. Alfonso teve em minha vida, imediatamente pensei: – Será que em meu vocabulário terei palavras para descrever essa realidade?

Quando tive o privilégio de conhecer o Pe. Alfonso, eu pertencia ao corpo gerencial de uma grande empresa multinacional e sentia-me realizado por tudo que, profissionalmente, havia galgado. Entretanto, existia um vazio existencial que não conseguia identificar. Na Igreja católica que frequentava com a minha família, as minhas atividades resumiam-se em participar da missa dominical e de algumas participações com a minha esposa, Maria Cristina, nos Encontros de Casais com Cristo.

Mas tudo mudou quando a minha esposa e minha filha mais velha começaram a fazer o curso de Teologia para Leigos, no Centro de Loyola de Fé e Cultura. Ambas ficaram tão empolgadas com o curso, que passaram a me incentivar para também me matricular nele. Na época, elas tinham aula com o Pe. Alfonso, e não paravam de falar sobre ele e o conteúdo profundo de suas aulas. Não resisti, e logo que foi possível, tornei-me seu aluno. Saía do trabalho no centro da cidade do Rio de Janeiro e dirigia-me ao Centro Loyola, na Gávea.

O primeiro contato que tive com o Pe. Alfonso foi através de suas aulas de cristologia, que me trouxeram uma nova realidade sobre ser cristão. Através delas, eu descobri que não era só acreditar em fatos que ocorrem há mais de dois mil anos, mas experimentar esse Cristo que está vivo em nós. Esta descoberta trouxe um novo sentido para a minha vida.

Após terminar o curso no Loyola, a vontade de me aprofundar era tão grande que fui fazer a Faculdade de Teologia na PUC-Rio. Então, posso dizer que fui transportado da cadeira de executivo de uma grande empresa para a cadeira de aluno.

³⁹⁶ Jari tem 84 anos e se apresenta como amigo e eterno aprendiz do Pe. Alfonso. Economista (PUC-RS), ex-aluno da teologia da PUC-Rio, Grupo EPA.

Na PUC, além de passar por excelentes professores, e rever alguns do curso no Loyola, tive a oportunidade de ter, novamente, o Pe. Alfonso como professor, agora em antropologia teológica, o que foi extremamente importante para a compreensão da teologia, e minha, como ser humano.

O que eu vivenciava e aprendia com o Pe. Alfonso não era possível guardar só para mim. Tive, então, a oportunidade – e abracei com muito empenho – de formar grupos, na paróquia São Francisco de Paula (Barra da Tijuca – Rio), para dar aulas, junto com a minha esposa, sobre o que havia aprendido. Na PUC-Rio, também tive oportunidade de vivenciar diversos retiros, coordenados pelo Pe. Alfonso, onde o silêncio estava presente, levando-nos não apenas a profundas reflexões cognitivas, mas também à profundidade do nosso interior. Essas experiências despertaram o meu interesse sobre a prática da oração contemplativa, e acabei por conhecer e experienciar a Meditação cristã. Logo tornei-me praticante e, com a concordância do pároco, na época, da Paróquia São Francisco de Paula, frei Dino, formei um grupo de meditação cristã que coordeno até hoje. Nessa mesma época, unido a amigos especiais, ajudei a organizar, também na Barra, o grupo EPA, coordenado pelo Pe. Alfonso. Esse grupo nos leva, mensalmente, a ter o privilégio de continuar convivendo e aprendendo com o mestre sobre o Mestre.

Quero também registrar que uma das coisas que mais me impressionaram, em todos esses anos de convivência, foi o respeito e reconhecimento que o Pe. Alfonso possui entre alunos, professores e teólogos das diversas partes do mundo. Sem dúvida, ele merece!

Hoje, quando celebramos os seus 90 anos, continuo a ser “seu aprendiz”, e finalizo com uma frase que reflete um pouco do que trago em meu coração, fruto desses anos de convivência:

“As montanhas se tornam mais íngremes quanto mais nos aproximamos do cume, mas em contrapartida, a visão se torna cada vez mais maravilhosa! Entretanto, isso requer de nós mais força e humildade porque somos peregrinos, e precisamos estar sempre no caminho”.

Grande abraço,

Jari Furtado

12

O encontro que mudou minha vida

Sonia Maria Marques de Souza Cosentino

Conheci o Alfonso em 1996, quando fui fazer o Curso de Teologia para Leigos do Centro Loyola de Fé e Cultura. Ele foi o primeiro professor que tive neste curso e a matéria que ele ministrava era cristologia. Lembro-me que, a cada dia que o escutava, minha vontade era de aplaudi-lo de pé, calorosa e efusivamente!!! Saía de cada aula radiante, pois meu coração estava pronto para receber a semente do saber teológico, que ele tão bem sabia e sabe transmitir.

Eu, pessoa introvertida e reflexiva, não fazia nenhuma pergunta em aula, só o escutava com toda atenção, pois estava sempre esperando que minha dúvida fosse, mais para a frente, elucidada. Esta mesma postura eu a tinha em minha vida de oração através dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio. Sempre esperando resolver minhas inquietações de fé e aguardando que isso aconteceria mais cedo ou mais tarde. Quando rezava um texto bíblico que não estava em consonância com minha *experiência de fé*, colocava-o de lado, esperando que seu sentido me fosse revelado. Não “batia de frente” com o que a narrativa me apresentava. Um exemplo bem claro disto foi quando me deparei com o relato em que Deus pede a Abraão que sacrifique seu filho como prova de seu temor (Gn 22,1-19). Sentia, no fundo de meu coração, que Deus jamais pediria a nenhum de seus filhos e filhas tal sacrifício. Entretanto, não encontrava uma explicação para o que a narrativa bíblica afirmava. E foi exatamente neste momento de minha vida que fui fazer o curso de cristologia com o Alfonso. Lentamente, ele foi me ajudando a *Encontrar Jesus Cristo Vivo e o Deus revelado Nele e por Ele*. Eu sabia que era por esse caminho que muitas de minhas dúvidas seriam esclarecidas. Claro que nem tudo foi resolvido com o curso de cristologia, mas foi a partir daí que fui encontrando *razões para a fé* que estava enraizada no fundo de meu ser.

O Alfonso tornou-se para mim o modelo de teólogo e de professor de teologia. Ele, com sua *irreverência instigante*, chegava a meu coração

sedento de conteúdos teológicos para embasar minha fé. Sua grande preocupação, nesse curso, pelo menos eu sentia assim em suas colocações, era com a *evangelização das cristãs e cristãos para que pudessem exercer um trabalho pastoral condizente com a pessoa de Jesus Cristo*. Ele estimulava o grupo de alunas e alunos a seguir em frente no curso, para que nos tornássemos um *laicato lúcido* e não “ovelhinhas cegas que dizem ‘sim’ a tudo, sem nada questionar”. Incentivava-nos a comprar bons livros para nossos párocos e não ficar reclamando da homilia fraca que ouvíamos, ou criticando a postura do clericalismo do poder que encontrávamos em nossas paróquias.

Devido a todo o encorajamento pastoral que recebi de todos os professores e professoras do Centro Loyola, eu dei, na Paróquia Nossa Senhora da Conceição da Tijuca, um curso de cristologia, baseado no livro deste grande mestre³⁹⁷. Foi minha primeira turma de teologia!

Fiquei tão encantada com o curso do Centro Loyola de Fé e Cultura que, em 1998, convidada pela querida amiga e saudosa professora Ana Maria Tepedino, fui fazer a graduação em teologia na PUC-Rio. Minha intenção ao fazer o curso era a de continuar dando razões para minha fé. Nunca pensei em poder um dia vir a ser professora de teologia.

Já na PUC, encontro-me novamente com o Alfonso, sendo que agora aprofundando a cristologia iniciada no Centro Loyola, e mais para frente como aluna dele em antropologia. Fico cada vez mais encantada por tudo o que aprendo com ele, e lembro-me que ia e vinha para as aulas com um grupo de colegas. Durante todo o percurso, só falávamos das aulas do Alfonso e de sua pedagogia que nos levava a refletir sem aceitar fórmulas prontas que já estavam ultrapassadas. Apontávamos dúvidas, descobertas, inquietações e íamos discutindo e refletindo sobre nossa fé. Neste período, percebia no Alfonso uma grande preocupação com o *conteúdo teológico*. Claro que ele precisava formar-nos com uma sólida base teológica.

Já no final da graduação, aproximadamente em 2005, comecei a participar, como tutora, do projeto de Teologia a Distância da PUC-Rio. Cresci muito com esta experiência e sou muito grata a todos os professores e professoras que me incentivaram a aceitar tal desafio, em particular à Maria Carmen Avelar.

Fiquei tão entusiasmada com o curso de graduação em teologia e com a Teologia à Distância que posteriormente ingressei no mestrado. Lá,

³⁹⁷ GARCIA RUBIO, A., O Encontro com Jesus Cristo Vivo: um ensaio de Cristologia para nossos dias.

escolhia todas as matérias em que o Alfonso era o professor. Foi muito enriquecedor refletir sobre outros *temas* e outros *autores* que ele nos apresentava. Em 2008, terminei o mestrado.

O tempo passou e eu tomei conhecimento que o Alfonso mantinha um curso de teologia no Colégio Santa Teresa, na Tijuca. Na ocasião, eu tinha uma turma de teologia no mesmo dia e horário desse curso, o que me impedia de participar dele. Mas, em 2012, pude começar a frequentar esse grupo, onde reencontrei com o Alfonso e seu *humor ácido*, que na maioria das vezes nos *choca e desconcerta!* Ele com seu extenso conhecimento teológico e experiência pastoral seleciona para nossa reflexão o que há de mais *atual em várias áreas da teologia*.

Percebo a cada dia que sua preocupação com esse grupo é cada vez mais *existencial*. Se no Centro Loyola sua ênfase era na *pastoral* e na PUC era no *conteúdo teológico*, agora o sinto muito focado em nosso crescimento como seres humanos, afirmando para nós que a salvação se encontra em nosso *processo de humanização*. Ele nos lembra sempre que não adianta conhecer muito bem determinado tema da teologia se não o colocamos em *prática na nossa vida*.

Obrigada Alfonso por fazer parte de minha vida e de me conduzir ao Encontro com Jesus Cristo Vivo, encontro que transformou minha vida e me ajuda, a cada dia, a ser uma *pessoa mais humana!!!*

13

Um grande amigo

*Lúcia Alcoforado*³⁹⁸

Minha caminhada ao lado do padre Alfonso vem de muitos anos, marcada por encontros, cursos e grupos de vivência promovidos pela Igreja e pelo Movimento Familiar Cristão. Nesse período, nossa relação evoluiu, transformando-se em uma amizade impregnada de respeito, carinho e admiração.

A figura de Alfonso se destaca de maneira singular, irradiando ternura, intensidade e um grande senso de humor. Suas analogias, habilmente empregadas, conferem leveza e graça mesmo a situações e colocações árduas e desafiadoras.

Ao longo dessa caminhada, pude conhecer um novo Jesus, que se aproximou de mim de maneira cativante, revelando a possibilidade de tê-lo como companheiro de aventura, compreendendo que viver é, por essência, aventurar. Afinal, “Jesus mantendo sua condição divina, fez-se homem como nós, exceto no pecado”, como afirma a Bíblia em Hebreus 4,15.

Através da orientação e do exemplo, consigo ver Jesus me convidando: “Ei, vamos juntos!”. Alfonso me levou a reconhecer e aceitar minhas limitações. Ao invés de ser paralisada por elas, sua abordagem hábil e compassiva incitou-me a buscar superá-las sem a angústia de considerar que o esforço foi em vão.

Uma das maiores contribuições de Alfonso é sua maestria em promover a dinâmica do crescimento, tornando-nos audaciosos para alçar voos cada vez mais altos. Sua percepção da ação de Deus em nossas vidas é encantadora. Lembro-me, por exemplo, que durante uma crise aguda de imigrantes na Europa, permeada por mortes e intolerância, provocamos: “Onde está Deus?”. Ele pontuou que não basta olhar para apenas um lado, para incerteza no mar, mas sim para as pessoas amorosamente acolhedoras na praia, ali é onde Deus se manifesta.

³⁹⁸ Participante do Grupo de Vivência.

Alfonso também nos inspira a sermos presentes na vida de irmãos, amigos e pessoas carentes. Seus ensinamentos valorizam a importância da presença com palavras, gestos e até mesmo o silêncio. Além disso, nos inspira por sua atuação pastoral que reflete um compromisso prioritário com os pobres e necessitados, proporcionando um conforto concreto, uma vez que atua no que é necessário, no momento certo.

Além de sua influência pessoal, Alfonso exerce uma liderança autêntica em sua atividade pastoral, pois ele incentiva a capacitação da comunidade. E assim, com entusiasmo e emoção, nos vemos mais autônomos a cada dia, sob os cuidados de nosso atento pastor, que, em caso de necessidade, deixa 99 ovelhas para dedicar-se à busca de uma que se perdeu, tal qual a passagem bíblica registrada em Mateus 18,12.

Ficou perceptível à minha volta a transformação que faz com suas provocações. Participar de cursos e encontros com Alfonso faz da experiência de leitura uma verdadeira reflexão. Seu olhar profundo enriquece os textos, evidencia uma compreensão mais abrangente e significativa.

Destaco ainda a notável capacidade de Alfonso em acolher o “diferente”, fora dos padrões da sociedade. Ele mantém uma postura de respeito e admiração em relação ao novo que se apresenta e demonstra sua crença no bem intrínseco de cada pessoa. Assim, espelha a atitude de Jesus que, ao se deparar com a mulher cercada para ser apedrejada, enxergou sua potencialidade interior, muito além do “pecado”, e possibilitou sua transformação (João 8,1-11).

Minha caminhada ao lado de padre Alfonso é uma narrativa de crescimento moldado por sua sabedoria, empatia e compromisso genuíno com o próximo. Sua influência transcende momentos de cursos, encontros: ela permeia minha vida de maneira profunda e transformadora.

Obrigada, padre Alfonso.

14

Alfonso García Rubio: humano integrado

*Bruno da Silveira Albuquerque*³⁹⁹

*Certamente, a relação com Deus é a dimensão
constitutiva mais radical do ser humano.*

*Ele é criatura de Deus, a Ele referido,
incompreensível na sua mais profunda
realidade sem esta referência.*

Alfonso García Rubio, Unidade na Pluralidade

O presente depoimento é sobre a gratidão pela companhia do grande teólogo e líder eclesial Alfonso García Rubio, ou simplesmente padre García, por ocasião da celebração de seus 90 anos de vida.

A princípio, posso recordar dois fatos que marcaram minha história. Um deles: García foi meu primeiríssimo professor na PUC-Rio. No dia 14 de março de 2012, na aula de ingresso como mestrando em teologia sistemático-pastoral, estava conosco aquele homem, de sotaque característico, tom de voz grave, cabelos brancos e um jeito sereno, respeitoso, ousado, sarcástico e enérgico em conduzir palavras. Outro fato marcante: ter elaborado a dissertação de mestrado⁴⁰⁰ sobre o pentecostalismo brasileiro, pesquisando a produção teológica de García sobre o dualismo antropológico como meu objeto formal. Defendi a dissertação em abril de 2014. Tudo sob a orientação de um grande teólogo próximo a ele: Dom Joel Portella Amado, que foi também o meu orientador no doutorado. Então, posso dizer que o pensamento de padre García me acompanhou durante todo o meu mestrado, do início ao fim, mesmo depois que ele se tornou professor emérito em meio a esse percurso.

Caminhei ainda pelo doutorado, e lá estavam, novamente, ele e eu, seus livros e minhas suspeitas, às voltas com o tema da superação do dualismo, o qual demarcou diversos pontos e críticas em minha tese⁴⁰¹, defendida em

³⁹⁹ Professor de Teologia e Ensino Religioso.

⁴⁰⁰ ALBUQUERQUE, B. S. *O pentecostalismo integrado? A contribuição de Alfonso García Rubio para a superação do dualismo antropológico*. Dissertação de mestrado em Teologia. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2014.

⁴⁰¹ ALBUQUERQUE, B. S. *Política, púlpito e poder. A relação entre as dimensões cúltica e sociopolítica da fé nas Assembleias de Deus no Brasil*. Tese de doutorado em Teologia. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2019.

2019, sobre culto e política nas Assembleias de Deus no Brasil. Tanto no texto de conclusão da dissertação quanto naquele da tese, minhas palavras de encerramento foram “unidade na pluralidade”. Essa expressão é bem conhecida, como título daquela obra de García que, creio, resume grande parte de seu legado teológico-pastoral, bem como é um dos textos mais ricos e lúcidos sobre antropologia teológica em língua portuguesa que eu poderia indicar. Esse tributo, eu fiz questão de enunciar nas conclusões dos dois textos.

Sendo assim, durante cerca de sete anos, na condição de pesquisador no mestrado e no doutorado na PUC-Rio, fui aprendendo a consolidar ideias e experiências segundo as quais a Igreja é chamada a uma vivência integral do Evangelho em cada época histórica. Não como uma religião do fetiche, das ideologias, da alienação, do infantilismo e do fechamento ao dom gratuito de Deus salvador-criador. Ao contrário, com García, aprendemos que somos chamados ao diálogo da Igreja com cada grupo social, com as ciências, com os desafios do tempo presente. Somos orientados a dizer sim a uma pastoral servidora, inclusiva, integrada, amadurecida, aberta ao futuro, que se propõe a agir no mundo segundo o exemplo de Jesus Cristo (Jo 13,15). Por essas e outras razões, desejo que mais pessoas encontrem na teologia de García Rubio pistas valiosas para novos projetos de pesquisa acadêmica e inspiração para ações pastorais enriquecedoras.

Padre e teólogo, pastor, mestre e companheiro de caminhada teológica e ministerial, através de seus escritos e reflexões muitas, Alfonso García Rubio sempre me aparece como um atento leitor da realidade, para além de seu tempo, um atento e inquieto ser humano, que não se deixa intimidar pelos olhares de superioridade, que, às vezes, percebe em seus ouvintes. Nem se encanta com as linguagens complicadas dos acadêmicos, com o simplismo ou com a falsa modéstia atribuída ao *corpo* em relação à *alma*. Ele sabe que todos nós somos, simultaneamente, *trigo* e *joio*. Ele não se incomoda em levantar da cadeira de mestre e autoridade, a fim de desconstruir mais um pouco do que lhe idealizaram. Assim, pode caminhar entre nós livremente.

Este é o depoimento de um teólogo cristão protestante da Baixada Fluminense, que se identifica com o pentecostalismo, que luta em favor do diálogo ecumênico e inter-religioso, e que acredita que o verdadeiro poder do Evangelho de Jesus Cristo é expresso na vivência do amor-serviço, tendo os pobres do mundo como seus primeiros destinatários.

15

Mestre e comunicador, pastor, amava as gentes das comunidades

*Jonathan Bahia*⁴⁰²

Em épocas de crise, é ainda mais necessária a referência contínua a Jesus Cristo. Seguir fielmente o caminho percorrido por ele é indispensável para que a Igreja possa superar, evangelicamente, os graves impasses com que hoje se defronta.

Alfonso García Rubio. O encontro com Jesus Cristo vivo: um ensaio de Cristologia para nossos dias

Permitam-me uma breve apresentação: tenho 52 anos, casado, três filhas de 24, 23, e 22 anos, lindas mulheres de minha vida, e pastor batista na cidade de São Gonçalo, município da região metropolitana do Rio de Janeiro, com cerca de 900 mil habitantes, segundo dados do Censo do IBGE de 2022, e com importante concentração de igrejas cristãs, católicas e evangélicas.

Meu encontro com o professor García Rubio e sua obra se deu em um percurso de muita inquietação. Uma delas relacionada com a maneira como percebi a vivência da vida na comunidade onde me converti. Em julho de 1987, com 16 anos, iniciei minha participação em uma Igreja Batista. A visão de mundo daquela comunidade trazia o desafio sempre constante de “estar no mundo, sem ser do mundo”. Compromisso baseado no entendimento sobre as palavras de Jesus em sua oração no capítulo 17:14-16 do Evangelho de João: “Dei-lhes a tua palavra, mas o mundo os odeia, porque eles não são do mundo, como também eu não sou do mundo. Não peço que os tires do mundo, mas sim que os preserves do mal. Eles não são do mundo, como também eu não sou do mundo”. A palavra do apóstolo Paulo em Romanos 12:2, traduzida por “não se amoldar aos padrões do mundo”, era compreendida sobre a ótica de rejeitar tudo que parecia não ter relação com Deus. E de modo grosseiro, tudo na vida que

⁴⁰² Mestre em Teologia.

não pudesse ser relacionado com atividades religiosas sofria certa rejeição. A vida dividida em esferas específicas: espiritual e secular, sagrado e mundano. Estar na igreja e realizar atividades inerentes à comunidade cristã era espiritual. Estudar, trabalhar, ganhar o sustento eram coisas seculares, por exemplo. Daí o prazer, o esporte, o lazer, a sociedade, a política, a economia, a segurança pública, enfim, a vida em seu todo, eram vistos com suspeita. Para Deus, somente o louvor, as orações, e tudo mais realizado, sobretudo, naquele espaço geográfico.

Estas vivências traziam como consequência uma postura escapista em relação à vida. A salvação vista como fuga do mundo. Fortíssima desvalorização da criação, da Terra como planeta e do meio ambiente. Desvalorização da sociedade em geral. Evangelização e atuação social caminhando em lados opostos e até excludentes. Uma espiritualidade excessivamente verticalizada, e uma santidade sanitária, isto é, que cria categorias de “puro” e “impuro” como no Antigo Testamento. Por isso, também, o afastamento da cultura brasileira. Ainda, profunda dificuldade de articular a questão da sexualidade, sempre vista com certo negativismo.

Ao mesmo tempo, importante crítica surgia no cenário evangélico, motivada pelo discurso da chamada Teologia da Missão Integral. Essa perspectiva surge, para mim, na década de 1990. Sem me aprofundar sobre a pertinência e os desafios de tal movimento, o fato é que havia preocupação sincera e militante, no meio protestante, de combater uma espiritualidade desencarnada e desintegrada, alienada das questões humanas, sociais, políticas, econômicas, afetivas, da sexualidade, em suma, da vida.

Contudo, no início dos anos 2000, o crescimento das igrejas neopentecostais e da chamada Teologia da Prosperidade e sua força de mercado parecem ter se afirmado suficientemente para transformar-se em fenômeno transconfessional, moldando a relação da igreja com a cultura, e a vida em seus aspectos. Reverdeceram velhos e graves desencontros.

Nessa inquietação de alma, surge em minha vida a presença abençoadora, cristã e corajosa do padre Alfonso García Rubio. Primeiro contato com as obras do nosso professor foi no curso de Teologia e Espiritualidade, dirigido por Frei Neylor José Tonin em 2007, ministrado em Niterói-RJ. Curso direcionado a catequistas da Igreja Católica, mas graciousamente disponível a quem desejasse participar. Ali adquiri o livro *O encontro com o Jesus Cristo vivo*⁴⁰³. Sua simplicidade e capacidade como mestre e

⁴⁰³ GARCIA RUBIO, A., *O encontro com Jesus Cristo vivo*, 2003.

comunicador, sua vivência ministerial como padre diocesano, seu amor pelas gentes das comunidades que pastoreou na cidade do Rio de Janeiro, logo saltaram naquelas aulas. As chaves de leitura dos Evangelhos, e a maneira profunda, afetiva e paciente com que nos conduziu ao caminho de Jesus foram e ainda são de uma relevância ímpar em minha vida.

Em 2014, cativado, decidi me candidatar ao mestrado em teologia na PUC-Rio. Não fui seu aluno, mas tive o privilégio de ser orientado por uma de suas brilhantes alunas, a professora Lúcia Pedrosa-Pádua. Resolvi pesquisar nas obras do professor García Rubio o sentido de corporeidade no cristianismo. Mostrar que a dificuldade que se deu no ambiente cristão, sobretudo evangélico, em lidar com dimensões materiais da vida, sempre desvalorizadas, teve o próprio corpo humano e sua profunda incompreensão como fundamento desde processo. Isso punha como opositores elementos constitutivos do ser humano, o corpo e a alma, resultando em uma visão do humano gravemente comprometida.⁴⁰⁴

A questão da corporeidade é tema transversal em sua obra. Compreensão fundamentada na revelação bíblico-cristã, a partir da autorrevelação do Deus criador e salvador que cria o ser humano à sua imagem e semelhança. Imagem plenamente revelada na pessoa de Jesus Cristo. Por isto, ao se falar sobre o corpo, pretendeu-se a afirmação de uma determinada visão do ser humano como ser concreto, histórico, que se faz presente pelo corpo e assim se relaciona com o todo da existência. Sem esta devida compreensão, por certo surgirão posturas – como de fato surgiram – de extrema violência e desvalorização do todo da vida.

A contribuição do padre Alfonso García Rubio à fé cristã e à vida humana é de valor inestimável.

Ao mestre, meu agradecimento.

⁴⁰⁴ Pensamento devidamente abordado em GARCIA RUBIO, A., *Unidade na Pluralidade*.

16

García Rubio, o teólogo da antropologia de integração

*Júlio da Costa Santa Bárbara*⁴⁰⁵

O professor Alfonso García Rubio nasceu na Espanha e desde 1959 abraçou o Brasil como sua terra e chão de sua teologia. E, de fato, sempre soube unir o labor acadêmico-teológico ao trabalho em comunidades populares, tornando a sua reflexão sempre mais atual e concreta, ligada à caminhada do povo de Deus.

Tivemos a oportunidade de participar de várias aulas do professor García Rubio. Encantava sempre o seu bom humor e senso crítico diante do mundo e da Igreja. Mostrava que era um homem de fé, de relações significativas, bem como tinha profundo conhecimento da teologia. Conhecia os clássicos e os citava na justa medida, ao mesmo tempo que sempre fez uma rica hermenêutica dos textos e autores da tradição teológica, mostrando-nos a vivacidade da Tradição e do Magistério da Igreja.

García Rubio acredita que o fazer teológico não deve se basear em afirmações superficiais ou achismos, bem como em repetições vagas, mas em uma busca constante de aprofundamento, atento à realidade e articulado com outros saberes. Sem dúvidas, a teologia avança na medida em que se apresenta atenta aos sinais dos tempos e reflete sobre as práticas pastorais atuais, com o intuito de oferecer à comunidade de fé uma reflexão segura e um verdadeiro discernimento cristão.

Depois do mestrado em teologia sistemático-pastoral, na PUC-Rio, centro universitário e teológico repleto de memórias de García Rubio, sua casa por várias décadas, partimos para o doutorado em teologia, na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), assumindo o teólogo espanhol como um dos autores de pesquisa.

Ingressamos no doutorado com a pesquisa “O mistério da pessoa humana no mistério de Cristo: recepção e interpretação da *Gaudium et Spes* nas antropologias latino-americanas”, com o objetivo de verificar como o

⁴⁰⁵ Doutor e professor – Faculdade Católica de Feira de Santana (BA).

princípio cristocêntrico da antropologia da Constituição Pastoral foi recebido e interpretado pela reflexão teológica latino-americana. Assim, escolhe-mos, além de Juan Luis Segundo e José Comblin, Alfonso García Rubio, por diversas razões, que evidenciam que ele articulou cristologia e antropologia em seu fazer teológico, superando o problema do dualismo antropológico.

Com efeito, García Rubio desenvolveu uma antropologia integradora, ao passo que aprofundou que o humano e o mundano não são alheios à fé; que o corpo não pode ser desprezado na pregação cristã; que a Igreja e o mundo não podem se relacionar de modo hostil e dicotômico; e que a oração e a ação devem se harmonizar na caminhada espiritual.

A reflexão do teólogo espanhol foi marcada profundamente, como a caminhada da Igreja, no período pós-conciliar, pela *Gaudium et Spes*, uma vez que ele pautou o seu fazer teológico antropológico a partir do princípio fundamental, traçado pela Constituição Pastoral, que é o mistério de Cristo, que elucida a dignidade humana e a vocação de cada pessoa para a unidade na pluralidade.

A abordagem do princípio de integração, do professor García Rubio, foi extremamente relevante para a verificação de que mesmo com a retomada e a superação do extrinsecismo da graça pela antropologia conciliar, o dualismo antropológico permanece em muitas experiências de fé e práticas pastorais. Isso se dá dessa maneira porque se apresenta ainda de modo dicotômico e conflitivo a relação entre fé e razão, história do mundo e história da salvação, Reino de Deus e progresso humano, vida eterna e construção histórica, entre outros binômios.

A antropologia unitária do teólogo espanhol integrou as principais dimensões que constituem o ser humano, de acordo com a dinâmica vivida por Cristo de encarnação-desprendimento-serviço, e assumida pelo Concílio Vaticano II diante do mundo moderno e seus desafios para a fé cristã e para a reflexão teológica.

A antropologia de integração elaborada por García Rubio pretende contribuir para a humanização das pessoas. Assim, é preciso voltar-se para a atitude fundamental, que pautou a existência do Mestre de Nazaré, Jesus Cristo. É necessário também que a teologia cristã tenha um olhar crítico ante a pluralidade de discursos antropológicos, a fim de se manter no caminho da verdadeira libertação do ser humano, de sua humanização-divinização.

A visão unitária do ser humano, amplamente defendida por García Rubio, explicita-se na relação de integração-inclusão entre criação e evo-

lução (historicidade, cultura, trabalho, compromisso social), entre corpo e alma; nas relações interpessoais (intersubjetividade), no encontro homem-mulher (sexualidade), no âmbito sociopolítico (salvação, promoção humana), na abertura (cuidado) ao meio ambiente, na integração entre fé e religião e no enfrentamento do mal e do pecado.

A construção do projeto de unidade do ser humano requer a superação de tudo que dificulta a vivência da vida nova oferecida por Deus, em Cristo; exige “a libertação da nossa liberdade para poder amar”⁴⁰⁶. Assim, é necessário libertar-se do mal e de todo pecado, indo de encontro a todo processo de desumanização, atitude de desamor, dominação, violência, ruptura das relações humanas, mentira e absolutização do próprio interesse.

Destacamos que o específico da abordagem de García Rubio não é simplesmente a enumeração das dimensões que constituem o ser humano, mas a necessidade de articulação entre elas, a fim de que a pessoa seja mais bem compreendida na perspectiva da antropologia de integração. Dessa forma, o teólogo espanhol postula que uma visão fragmentada do ser humano influencia na compreensão de si mesmo, do outro, da história, da natureza e de Deus.

García Rubio afirma, reiteradamente, que o ser humano deve caminhar para a sua vocação pessoal unitária. Nisso está a sua dimensão de interiorização e abertura, de imanência e transcendência. O teólogo radicado no Brasil critica o dualismo antropológico, mas defende a dualidade, sem a qual não há articulação possível. “A partir da experiência unitária da pessoa, integram-se corporeidade e espiritualidade superando-se, assim, o dualismo, sem, por isso, sacrificar as diferenças existentes entre estas duas dimensões do ser humano”⁴⁰⁷.

Finalmente, na vida ministerial e no magistério teológico de García Rubio, encontramos a realização de uma existência. De fato, ele viveu o caminho cristocêntrico que propôs para fazer teologia, expresso na dinâmica de encarnação-desprendimento-serviço. Por essa razão, fez do seu vasto conhecimento teológico e de mundo uma sabedoria para melhor viver e uma teologia genuflexa. Indubitavelmente, a vida, a obra e a missão de Alfonso García Rubio revelam que a Igreja continua precisando da vocação do teólogo para compreender sempre mais a sua vocação e missão.

⁴⁰⁶ GARCIA RUBIO, A., Elementos de antropologia teológica: salvação cristã: salvos de quê e para quê?, p. 277.

⁴⁰⁷ GARCIA RUBIO, A., Unidade na Pluralidade, p. 319.

Mais do que uma referência, uma inspiração

Joel Sávio⁴⁰⁸

Conheci o professor Alfonso García Rubio na universidade. Não foi de forma presencial, mas através de suas obras. Durante a graduação em teologia na Faculdade Católica de Santa Catarina – FACASC, em Florianópolis, na disciplina de Antropologia Teológica, o livro *Unidade na pluralidade* era amplamente utilizado. Além de ser um excelente manual, chamava-me a atenção o fato de ser de um teólogo brasileiro. Embora Rubio tenha nascido na Espanha, sua carreira acadêmica foi desenvolvida toda em terreno tupiniquim, e isso nos enchia de orgulho, pois, para aqueles que viam nos autores estrangeiros o suprassumo da doutrina e tradição, um autor autóctone era uma grande surpresa.

Ao escolher o tema para a dissertação do mestrado na PUCRS, logo o nome de Rubio me veio à memória. Desejava pesquisar sobre a integridade do ser humano, tão desafiada em tempos de virtualização e/ou fragmentação. A *cibercultura* mal interpretada pode nos oferecer um engano: o ser humano está partido. No entanto, não existem dois humanos, mas um só, presente em atmosferas diferentes, interagindo de forma desigual, utilizando-se de interfaces díspares. No fundo da questão, a pessoa não se fragmenta, ela se torna plural, mantendo a sua unidade. Nesse sentido, os trabalhos do professor Alfonso são muito claros, objetivos e de fácil compreensão. Sua forma suave de literatura nos aproxima dos conceitos doutrinários com tanta leveza que nos traz a imagem de estarmos em segurança, navegando em águas tranquilas.

Um ponto que muito me agrada na biografia do professor Alfonso é a sua descrição. Encontrar imagens ou publicações dele no ambiente virtual é como garimpar uma pedra preciosa em terreno profundo. São poucas fotos, poucos vídeos e raríssimas manifestações de opinião. É alguém que construiu todo seu profícuo trabalho sem reclamar das longas horas de leitura e dos muitos anos de ministério acadêmico. Não tive a graça – ainda – de conhecê-lo pessoalmente, mas tenho a impressão de que é muito

⁴⁰⁸ Padre da Diocese de Criciúma (SC).

discreto, não é vaidoso com a sua imagem física e não desperdiça tempo com frivolidades. Pode ser um julgamento audacioso; porém, sincero.

Na esteira da atividade acadêmica, agora parto para o doutoramento em teologia sistemática. Com certeza, os conteúdos bibliográficos, os discursos e entrevistas publicadas do professor Alfonso serão de grande ajuda nessa fase de construção de uma nova tese acadêmica. Inspira-me a maneira leve e clara como o referido autor expõe suas ideias, o modo sutil como apresenta as críticas aos anteriores autores da área e a maneira positiva como vislumbra a realidade hodierna e futura. Ele foi e sempre será uma inspiração para aqueles que se aventuram pelas vias dos estudos antropológicos.

18

O legado ecumênico da vida e obra de Alfonso García Rubio

*Carlos André Mariano de Oliveira*⁴⁰⁹

Falar sobre a obra e a influência do Prof. Pe. Alfonso García Rubio é um desafio e ao mesmo tempo um prazer. Um desafio, pois qualquer testemunho sobre alguém que foi fundamental para a construção de uma reflexão teológico-antropológica nova para mim é, por si, uma tarefa de muita responsabilidade. Mas trata-se também de uma tarefa prazerosa, uma vez que tal reflexão trouxe consigo a descoberta de que é possível conceber uma antropologia integradora, profunda e preocupada com a humanidade.

Meu contato com as obras do professor García Rubio acabou sendo o desdobramento de uma inquietação particular com a antiga e engessada visão antropológica presente em boa parte da tradição cristã, em especial entre os protestantes históricos do evangelicalismo brasileiro e, na minha realidade em especial, os batistas.

A divisão entre as perspectivas antropológicas tricotomistas ou dicotomistas nunca trouxeram completude de sentido em minhas reflexões teológico-pastorais. Sempre as achei distantes da realidade pastoral e da humanidade presente em Cristo, onde a união sempre precedeu qualquer possibilidade de divisão. Na minha busca por fontes teológicas, fui apresentado a um trecho da maior obra de Pe. Alfonso, *Unidade na pluralidade*. Ali começou meu encantamento e admiração pelo professor García. Ao longo da pesquisa de mestrado, a cada contato com sua obra, mais a identificação com o autor e sua obra crescia.

Particularmente importante foi o contato com as obras do professor García para o desenvolvimento da minha pesquisa de mestrado na PUC-Rio, onde tive o privilégio de abordar parte de sua obra, com o seguinte tema: “Conceitos de antropologia integral na Igreja confes-

⁴⁰⁹ Pastor batista.

sante”⁴¹⁰. A pesquisa trouxe uma mudança significativa em minha prática pastoral e também na reflexão teológica. Penso que é um privilégio ser moldado pelo exemplo e ensinamentos de um autor com tanta relevância. Mesmo sem ter tido o privilégio de conhecê-lo, a sensação ao ler suas palavras é de ser pastoreado e orientado com amor e erudição precisamente alinhados.

A respeito do pastoreio, suas palavras reverberavam em minha mente quando lidava com dilemas pastorais de pessoas em intenso sofrimento por estarem presas às estruturas antropológicas de oposição, de exclusão e separação dos modelos antropológicos que dominam muitos cenários eclesiais. A valorização do indivíduo, com suas lutas, com suas dores e demandas particulares tornou-se uma característica ministerial sob sua influência. De fato, aprendi que esse ser humano único, ímpar, detém uma singularidade semelhante à singularidade do próprio criador, que o fez, e nos fez, cada um de nós, à sua imagem e semelhança.

A influência de García Rubio em minha vida também alcançou a própria maneira de ler e lidar com as Sagradas Escrituras, fazendo com que a percepção dessa visão unitária do ser humano, que é presente em toda a Bíblia Sagrada, pudesse permear inclusive a aplicação das Escrituras na vida cotidiana. Ao falar sobre a pessoalidade, García nos ajuda a valorizar cada indivíduo, até mesmo em suas diferenças e experiências.

Na tradição evangélica de que sou adepto, o dualismo acrescido de um fundamentalismo exacerbado em algumas vertentes traz grande peso, culpa e dor em muitas circunstâncias, e a compreensão integradora do autor é ferramenta fundamental para lidarmos com as tensões existentes, para aprendermos a valorizar o outro mesmo que isso nos seja desagradável ou estranho em um primeiro contato.

Aqui, penso que cabe um testemunho muito particular. No fim do ano de 2023, passei por dois lutos na família: a perda de um tio e de meu pai, em um período de apenas quatro meses. Minha família, por parte de meu pai, é majoritariamente adepta de religiões de matriz africana, inclusive meus dois irmãos. Durante as duas cerimônias fúnebres, pude perceber o quanto o aprendizado sobre o ser humano, legado por García Rubio, foi

⁴¹⁰ OLIVEIRA, Carlos A. M. Conceitos de Antropologia Integral na Igreja Confessante - Uma análise da Declaração de Barmen em diálogo com a obra de Alfonso García Rubio. Dissertação de mestrado em Teologia. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2022. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/62064/62064.PDF> Acesso em: 3 jan 2024.

útil para lidar com a dor e me permitir ser de alguma forma, instrumento de consolo e graça de Deus na vida dos meus familiares, independente da fé que cada um professe.

Em outra extensão de meu ministério, o professor García trouxe também valiosa contribuição. Há alguns anos dedico-me à docência teológica em alguns seminários e faculdades evangélicas do Rio de Janeiro, e por um breve período também no estado do Espírito Santo. A proposta ecumênica da obra de García, uma vez que as verdades ensinadas e a hermenêutica bem aplicada aos textos sagrados fazem de sua obra uma contribuição interdenominacional, faz o seu legado antropológico-teológico ser assegurado por muitos anos.

Muitos de meus alunos foram apresentados a alguns de seus livros, o que certamente enriqueceu a experiência de aprendizado e especialmente contribuiu para seus ministérios e igrejas, com a construção, ou melhor, o resgate de uma perspectiva antropológica alinhada aos textos bíblicos e ao que Deus revelou ao seu povo. Formar novos pastores, novos conselheiros, professores de Escola Bíblica Dominical, líderes de células ou pequenos grupos é estender à comunidade de cristãos em que servimos e à comunidade servida por esses cristãos um pouco da valiosa contribuição de padre Alfonso.

Há outra dimensão de sua obra que acredito ser particularmente especial para este depoimento, que é o alcance social que suas reflexões e ensinamentos perpassam. Com uma visão além de seu tempo, padre García aborda temas que hoje dominam as discussões em diversos níveis. Sua contribuição promove uma reflexão sobre a relação que nós temos com o meio-ambiente, com os processos de desumanização que são pertencentes ao mundo contemporâneo, com a polarização política e outras pautas.

A crise ecológica, a pobreza, a opressão, o racismo e toda forma de preconceito, a polarização político-ideológica que causa afastamento e divisão em diversas esferas sociais, todas essas demandas são percebidas e compreendidas pelo autor como resultantes do processo de desumanização que ele identifica, problematiza e critica em suas obras. Contudo, sem se contentar em revelar a origem do problema, suas obras propõem solução e reflexão, tornando-se cada vez mais relevantes e oportunas aos desafios dos novos tempos que lidamos.

Concluindo, tenho profunda admiração pelo professor García Rubio por todos os motivos já descritos: sua sólida contribuição teológica, sua

importância no estudo da antropologia-teológica, seu ineditismo e sua relevância ainda hoje, entre outros, mas acredito que o mais significativo é o legado que professor García construiu em minha vida.

Penso que a grande satisfação de um mestre, um autor, um professor é a de alguma forma deixar uma marca através do ensino. Curiosamente, a palavra ensino traz consigo a herança etimológica de origem latina, o vocábulo *insignare*, cujo significado pode ser compreendido como “marcar com um sinal”. Certamente levarei comigo o sinal indelével da vida, obra e testemunho do mestre Pe. Alfonso García Rubio, compartilhando-o em minhas relações pessoais, profissionais e ministeriais como resultado da compreensão do valor de uma antropologia de integração. Por fim, deixo registrada minha profunda gratidão por sua vida e obra. Obrigado, mestre. Obrigado.



Pe. A. Benkő e Pe. Alfonso García Rubio em frente à Basílica de São Pedro (Vaticano), quando do reconhecimento da Teologia da PUC-Rio como Faculdade Eclesiástica, em 1972.

Já em 1966, o Pe. A. Benkő SJ procurou os responsáveis pela formação do Seminário S. José solicitando a nossa colaboração para fundar uma Faculdade de Teologia na PUC-Rio. (...) Houve vários encontros dele com os formadores do Seminário, durante 1966 e 1967, para viabilizar a criação do curso de Teologia na PUC-Rio. Junto com o Pe. Benkő, no projeto de implantação desse curso, também participaram, por parte do Seminário, o Pe. Gilson da Silveira, Pe. Castro Pinto e Pe. Celso Pinto e eu mesmo, todos nós então professores e formadores no teologado do Seminário Arquidiocesano do Rio de Janeiro.

O Curso de graduação em Teologia na PUC/Rio começou a funcionar em 1968, com a primeira turma composta, em grande parte, pelos estudantes de teologia do Seminário S. José. A abertura e o diálogo com o mundo, preconizados pelo Concílio, estavam em andamento. O Curso de graduação e pós-graduação em Teologia da PUC-Rio foi reconhecido pela Santa Sé, em 1972, como Faculdade Eclesiástica. Lembro que, nesse mesmo ano, acompanhei o Pe. Benkő, ao Vaticano, na visita oficial feita ao cardeal Garrone, então responsável pelas Universidades Católicas, para agradecer esse reconhecimento. O cardeal mostrou-se bom conhecedor da realidade brasileira. Nessa entrevista, muito cordial, ele enfatizou que uma finalidade fundamental da Faculdade de Teologia deveria ser o estudo das realidades da Igreja e da sociedade brasileiras, bem como o desenvolvimento de uma presença viva da reflexão teológica no âmbito da Universidade.

Pe. Alfonso García Rubio